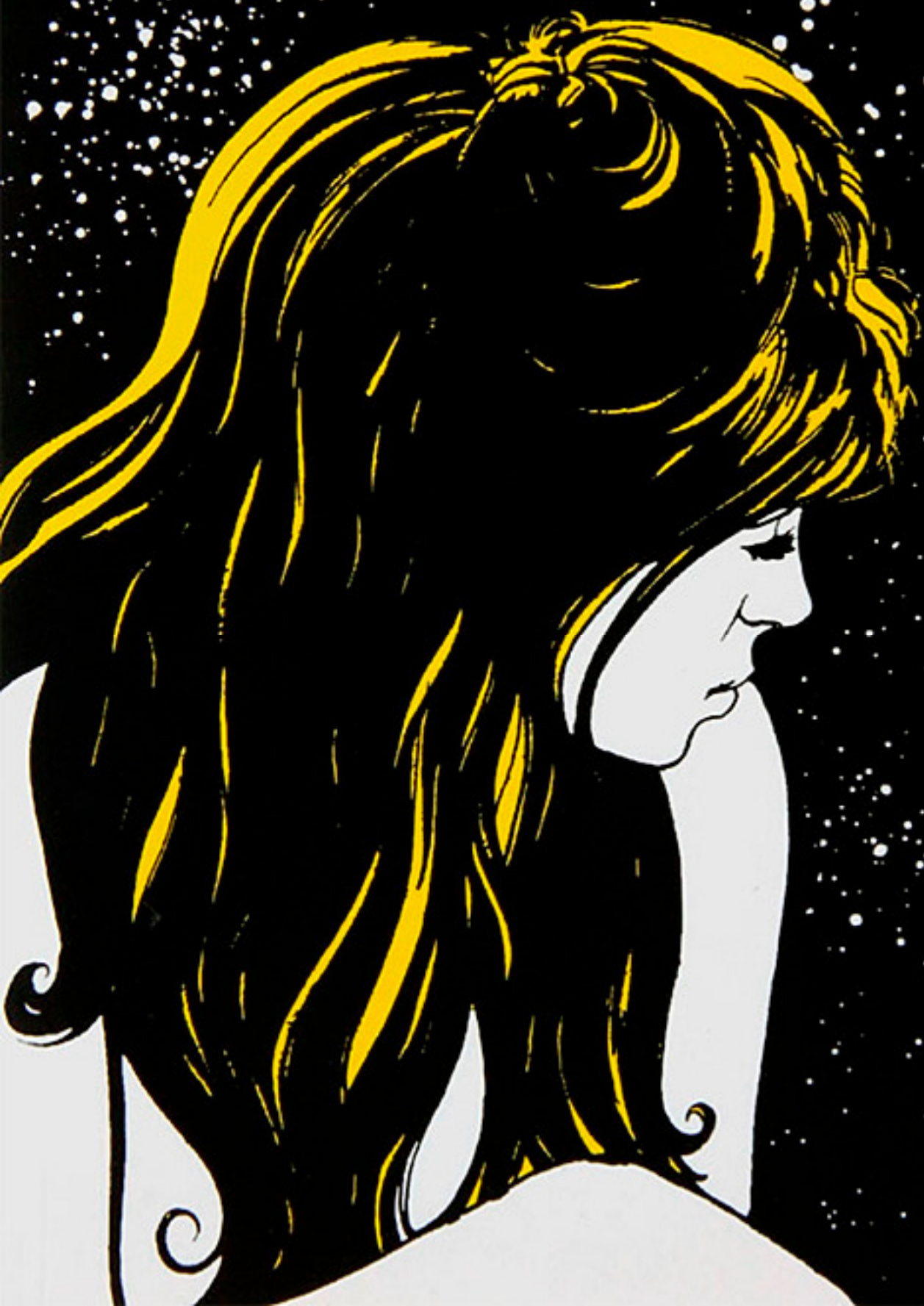


ESTELA

CAMILLE FLAMMARION



feb

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Camille Flammarion

Estela

*Traduzido do Francês
Camille Flammarion - Stella
Paris – (1897)*

Conteúdo resumido

A presente obra é um romance que denota toda a alma sensível do autor. Nela Flammarion narra a história de Rafael e Estela, um casal de jovens profundamente unidos pelo mais puro amor numa sintonia perfeita, em busca do conhecimento do céu, onde na verdade todos nós vivemos. Ele se consagra ao estudo dos astros do céu, com o objetivo de vulgarizar esse conhecimento através de suas obras; Estela, compreendendo a grandeza desse trabalho, o acompanha, sintonizando-se com o seu amado na busca do conhecimento dos astros do Universo.

Aborda a importância da Astronomia na busca da verdade através do estudo dedicado dessas almas gêmeas, Rafael e Estela, dois seres que denotam elevada compreensão das questões espirituais.

A

James Gordon Bennet

Diretor do “New York Herald”

Meu caro amigo:

Sois um espírito livre, independente, liberto de preconceitos, amigo do Progresso e da Ciência. Tais espíritos são raros em nossa Humanidade terrestre.

Permiti que vos dedique este livro.

Camille Flammarion

Sumário

Prefácio	5
I – Depois do baile	7
II – O mundo e a Igreja	13
III – O jantar de Epicuro	18
IV – Esponsais mundanos	31
V – No domínio do desconhecido	43
VI – Senhorita Eva	55
VII – Período de transição	68
VIII – Os Pirineus	81
IX – Crítica e discussão	87
X – O Solitário	99
XI – O céu estrelado	111
XII – Os outros mundos	123
XIII – Estela a Cecília (1ª carta)	137
XIV – Cecília a Estela (1ª carta)	141
XV – Estela a Cecília (2ª carta)	143
XVI – Cecília a Estela (2ª carta)	146
XVII – Estela a Cecília (3ª carta)	149
XVIII – A fagulha	151
XIX – Duque e duquesa	161
XX – A ciência, a honra e o amor	167
XXI – Heróica abnegação	177
XXII – “Ad augusta per angusta”	182
XXIII – Felicidade suprema	188
XXIV – A vida de casal	197
XXV – A vida de casal continua	201
XXVI – A vida de casal se perpetua	211
XXVII – Onde se parte de Lourdes para chegar a Deus	226
XXVIII – Pleno céu	242
XXIX – Ciência – Verdade – Felicidade	254
XXX – Cecília a Estela (3ª carta)	264
XXXI – Adriana a Estela	267

XXXII – Solange a Estela	270
XXXIII – Viagem de férias	272
XXIV – Espíritos celestes – poeira terrestre	286
XXXV – Eternidade – Infinito	294

Prefácio

Encontram-se na vida, certas vezes, alguns seres que impressionam pela perfeição das idéias, pela nobreza dos sentimentos, profundidade e extensão do saber, pela impecável segurança dos julgamentos, evidente superioridade sobre o comum dos seus contemporâneos, e ante a quais se é levado a desejar assemelhar-se-lhes, pensar igual a eles, viver do modo pelo qual vivem, ser feliz da sua mesma felicidade. Esses seres privilegiados sobrepujam, de bem longe, o seu século e pairam muito acima da raça humana que pulula em nosso planeta. São grandes pelo espírito, bons e indulgentes de coração, desinteressados de todas as vaidades terrestres.

Dos dois heróis da história que vai ser narrada, um me havia mostrado esse aspecto de caráter. Possuía, em grau supremo, a força moral e intelectual, e se consagrara especialmente ao estudo do céu, tendo extraído dos conhecimentos astronômicos uma filosofia religiosa, na qual muitos dos seus discípulos acreditaram pressentir a religião do futuro. Ouvindo-o, ou lendo seus escritos, ou ainda quando o encontrava, repetidas vezes disse a mim próprio: Eis o filósofo que eu quisera ser.¹

Tipo de superior intelectualidade, exerceu durante toda a sua vida grande influência sobre meu espírito e por vezes parece continuar a agir sobre mim, depois do seu retorno das regiões etéreas.

“Ela” era mais sublime ainda. Infatigável curiosa dos grandes problemas, olhar aberto para o Desconhecido, seu encanto juvenil e cativante impressionava a todos que dela se aproximavam. Tanto quanto ele, vivia no céu, mas era particularmente dotada dessa idealidade sutil e misteriosa à qual o homem jamais atinge, e parece reservada, na Terra, às delicadezas do sistema nervoso da mulher. Sua voz era musical; a beleza mais angélica do que material, e sua alma, dir-se-ia, luz interior que, transparecendo através dos olhos, iluminava longe. Ela compreendeu a grandeza, a magnificência da Astronomia.

Educada pelo mundo e para o mundo, de acordo com a instrução religiosa em um internato de freiras muito da moda, apercebeu-se de que suas crenças não estavam alicerçadas em base sólida; de que as descobertas da Ciência as modificavam gradualmente, transformando-as; de que, no mundo, quase tudo era mentira em seu redor: hipocrisia, ambições, intrigas, ignorância e coisas fúteis. A nulidade intelectual das pessoas distintas que a cercavam, associada à adoração cínica do – bezerro de ouro – revoltaram sua esclarecida consciência. Então, não hesitou em abandonar as primitivas idéias, a fortuna, o luxo, os prazeres, a ociosidade, as alegrias mundanas, e preferir uma vida simples, estudiosa e contemplativa, e consagrar-se, na solitude, àquele que lhe apareceu qual um apóstolo da Verdade. E com ele viveu enlevada na contemplação das inenarráveis maravilhas do Universo.

Jamais conheci criaturas mais perfeitamente felizes do que Rafael e Estela. Seu Espírito era alimentado pela Ciência; seus corações vibravam uníssonos; sua vida foi um cântico de amor.

I

Depois do baile

Chegando ao aposento, enquanto próximo ainda se faziam ouvir o rodar da carruagem e o patear cadenciado dos cavalos, Estela atirou o pesado casaco de peles sobre uma poltrona e permaneceu de pé, frente à lareira, onde crepitavam tocos de boa lenha, unindo seu cálido clarão à luz dos candelabros de velas.

Loura, olhos pretos, talhe médio, algo esguio, era elegante, realmente bela.

Não pôde conter um indefinível sorriso feminino, ao rever no espelho as espáduas, de acentuada alvura, seu busto admiravelmente modelado, um gracioso lunar no pescoço e os cachos um tanto vaporosos da opulenta cabeleira de louro veneziano, por onde passavam os tons fulvos do oriente.

De súbito, porém, em seu espírito uma imagem perpassou, acendendo-lhe repentino rubor nas faces e fazendo-a levar as mãos à altura do coração, como que a comprimir o acelerado palpitar. Depois, sentou-se no leito, pendeu a cabeça, apalpando-a nas mãos, cotovelos encostados ao peito, e assim permaneceu esquecida de despir-se, toda entregue os devaneios, abandonada a um voluptuoso langor.

Esse longo baile, que a envolvera em seus turbilhões durante quase seis horas, não a fatigara, porém muito a excitara.

Sentir-se, pela primeira vez, embriagada na vertigem da valsa; pela primeira vez, sentir-se conduzida por uma criatura mais forte do que ela, e nos braços da qual deixara parte do seu ser!

Em virtude de um hábito mundano encantador e de uma das mais prodigiosas mentiras convencionais da nossa civilização, um homem, um desconhecido a enlaçara, seminu, sob os olhares cegamente enlevados da sua família; apertara-a contra si; havia, mediante certos movimentos, roçado a ponta do bigode nos fios ondulantes da sua nuca; havia respirado o primaveril perfume emanado da sua carne; havia, por vezes, comprimido seu busto

com aumentada energia; teria podido (e por que não o havia feito?) sussurrar aos seus ouvidos uma declaração de amor.

Sua tutora, austera, prudente, religiosa, educada em rígidos princípios, sempre tivera o cuidado de afastar da tutelada as leituras profanas; nunca um jornal entrara em sua casa; jamais a deixara assistir a representações de peças teatrais; vez alguma permitira que saísse à rua desacompanhada, nem mesmo para dirigir-se ao templo, com o fim de confessar-se.

Assim, essa jovem, próxima dos quatro lustros de idade, era um lírio virginal, cultivado à vista, num jardim tão fechado que nem as borboletas celestes, nem as abelhas puras, nem o sopro dos ventos a podiam atingir.

E eis que, de súbito, abandonado o himalaia de exageros, é lançada num mundo onde as canções que interpretava com graça falam de amantes; conduzida a um baile estonteante de ruído e luz, animado pelas penetrantes melodias de uma orquestra envolvente; presa inocente dos apetites sensuais de jovens que a passavam de mão-a-mão, qual flor esquisita, de perfume delicado, deliciosa, para ser contemplada de perto.

Um deles, principalmente, a retivera por muito tempo, a pretexto de combinações de *cotillon*, e a monopolizara, por assim dizer, durante uma boa parte da noite.

Esse jovem duque, pertencente ao que se convencionou chamar “alta sociedade”, da qual era sem dúvida dos mais lídimos expoentes, somente naquela mesma noite lhe fora apresentado. Vestia ele pelos últimos figurinos, esforçando-se por apresentar sempre as mais recentes novidades em referência à indumentária; usava camisa de peitilho mais alvo do que neve, abotoaduras de grandes pérolas, e o laço da gravata a qualquer hora da noite estava tão bem ajeitado quanto a gardênia que ostentava a lapela. De elegante porte, estatura acima de mediana, cabelos frisados e de tonalidade castanho-escuro, barba fina e cortada em ponta, olhos pretos e brilhantes, semblante moreno-mate, mãos pequenas e claras – era alvo dos olhares femininos, que o admiravam. Era, além disso, exímio valsista, qualidade rara.

Foi um sonho estonteante para ela, que tudo isso observara no jovem, sem notar defeitos, salvo o de um ligeiro tique – o levantar de vez em quando o canto direito dos lábios, o que não lhe ficava de todo mal, pois a boca era bem desenhada e deixava entrever dentes muito claros.

Certamente, não era a primeira vez que o encontrava. Tinha certeza de havê-lo já visto. Onde? Em qualquer festa de caridade, em alguma reunião anterior, na ópera, num concerto musical, ou na igreja, talvez? Não. Fora no bosque, a cavalo, num passeio matinal do último verão.

A princípio, pouco lhe falara durante o baile. Entretanto, quase adivinhara que ele estava ao corrente de tudo, conhecia de tudo, sabia tudo narrar com um tato especial. Uma palavra de admiração sobre o penteado a encantara. Talvez que outra, de mais experiência, notasse algo de banalidade nessas gentilezas, inéditas para ela que as julgava inspiradas unicamente pela sua presença.

Depois, durante o jantar, ele sustentara brilhantemente a palestra, sem afetação, dizendo com leal camaradagem sobre os companheiros de sua convivência, indicando os quadros que provavelmente seriam os mais destacados no Salão de Pintura, aprovando a última peça teatral, tão mal julgada pela imprensa, narrando um desastre ocorrido nas cavalariaças do seu amigo, o Conde Frascati, fazendo prognósticos a respeito da próxima corrida no hipódromo, tratando do exagero econômico dos empréstimos russos, e discutindo o futuro das colônias francesas.

Sim, esse homem conhecia de tudo. E por que não concordava em entrar na política, fazer-se deputado e ministro, ele, cujos antepassados remontavam ao tempo das Cruzadas?

É verdade que a alta magistratura do país não é nada invejável; que a independência está banida, podendo-se observar que, dos seis presidentes eleitos depois do estabelecimento do governo republicano em França, quatro pediram demissão e um outro foi assassinado.

Contudo, evidentemente – e ela compreendia que era essa a opinião de seus tios –, todas as carreiras estavam abertas para o

jovem duque: a diplomacia e a política, o jornalismo e a tribuna, se ele quisesse dar-se ao trabalho de aproveitar os dotes naturais que possuía e fazer alguma coisa, a despeito dos esplêndidos rendimentos de que dispunha e de outros a herdar. No momento, porém, nenhuma dessas coisas o atraía; tranqüilamente se entregava à vida mundana da sua classe: levantava-se do leito às dez horas do dia, passeava a cavalo, almoçava, fazia suas visitas de cortesia ou amizade, jantava em casa de amigos, desperdiçava metade das noites no clube ou em reuniões, jogava bastante, e afinal se recolhia cerca de duas horas da madrugada.

Se alguma preocupação o dominava, era a de triplicar seus haveres, com um bom casamento, e restaurar o velho castelo que lhe deixara o pai. Apreciava a Arqueologia, da qual falava como se fosse um Violliet-le-Duc ou um Charles Garnier.

Estela fora a rainha desse baile.

Sua beleza e juventude, um encanto particular que emanava de toda a sua personalidade, atraíam a atenção de todos e de todas. Foi-lhe apresentado, além do elegante Duque de Jumièges, o filho de riquíssimo banqueiro e mais um deputado de futuro promissor. Os três pareciam disputá-la, mas, evidentemente, ao duque coubera a preferência da formosa moça.

Inteiramente enleada na recordação do seu lindo cavalheiro, a jovem começou a despir-se lentamente, maquinalmente, diante da lareira, deixando cair, uma a uma, as peças da vestimenta sobre o atapetamento; enrolando a luxuriante cabeleira, que se espalhara pelas espáduas, pouco a pouco se sentiu invadida pelo sono. Quatro horas soaram num pequeno relógio Luís XV. Estendendo-se sobre o macio frescor do leito, pareceu-lhe que ia adormecer desde logo, em meio ao silêncio do dormitório, agora iluminado apenas pela claridade vinda do átrio.

Tal não aconteceu, porém. As pálpebras reabriam constantemente. Não, não estava fatigada, apesar de haverem seus tios achado e dito que a festa se prolongara e ter chegado o momento de deixá-la. Não tinha sono. Seu pretenso desejo de dormir fora apenas uma ilusão, uma vaga obediência aos hábitos rotineiros.

Descobriu os braços cuja alvura se iluminou e se coloriu de suave rosa pelo fulgor da lareira.

Enrodilhada no seu devaneio, só então reparou que, pela primeira vez, se deitara vestindo em camisa-de-dia, a camisa do baile, de finas e vaporosas rendas, e notou que jamais se vira assim tão bela; e essa descoberta não lhe aproximou o sono.

Estela era uma jovem recentemente saída de um convento e ainda muito devota. Refletindo sobre as sensações do baile, recordou as opiniões severas do seu confessor e as achou acertadas.

Ó valsa! dança voluptuosa e acariciante, despertar da carne na luz e no movimento, não és (oh! contentamento do ser vivente!) um primeiro pecado? Não é na dança que o homem e a mulher se encontram pela primeira vez na vida? Não são aí os nossos sentidos invadidos de ternura? Os olhos pela beleza das formas, o ouvido pela música, o olfato por perfumes capitosos, o tato de todo o corpo pelo ritmo cadenciado que conduz um par em espirais ondulantes?

A moça a princípio dança pelo prazer de dançar, de movimentar-se, de sonhar girando, servindo de cavalheiro um condiscípulo do convento; mas esse prazer se transforma um dia e se desdobra, quando ela se sente escolhida por sua beleza e se vê admirada do seu par masculino. E depois, certa noite, o prazer se transforma ainda, e desta vez em outra sensação inteiramente nova, que lhe parece indelével: a valsa, ondulante e leve, desfolha em seu giro as mulheres e as flores.

Na vida tudo é contraste e tudo se assemelha.

As impressões sentidas em suas primeiras noites de vida mundana estavam certamente bem longe das emoções religiosas experimentadas nas austeras cerimônias da Igreja; contudo, nestas todos os seus sentidos haviam sido cativados: a vista, pelo grandioso estilo gótico que leva o pensamento às alturas e pela misteriosa luz que filtra dos vitrais; o olfato, pelo perfume do incenso; a audição, pela penetrante suavidade de certos cânticos litúrgicos que se casam à melodia misteriosa do órgão; todo o

seu ser, em suma, tão sensitivo, por um conjunto de impressões que são sabiamente combinadas para obtenção de melhor efeito.

Estela era piedosa, sincera, crente, delicada de sentimentos e de sensações. No internato, destacara-se pelo seu fervor. Abandonara-se às aspirações divinas, aos mistérios, ao desconhecido, ao ideal. Fruíra as santificações da religião.

Essa mesma natureza, assim impressionável, libara também sensações inéditas nessa reunião do mundo, em que tudo parecia ter sido bem organizado para agradar e seduzir. E esse prazer, tão diferente dos transportes místicos, tinha, entretanto, com estes, secretas relações.

Os prazeres mundanos são um pouco perigosos: o pudor da virgem enrubesceu aos menores alarmes; a sensibilidade de sua alma aumentou. Aconteceu, por um bizarro contraste, que a jovem, no seu leito de rendas, iluminado pelas débeis chamas da lareira, associou aos primeiros arrepios de volúpia, que acreditou sentir, os conselhos do seu confessor e a imagem do seu anjo de guarda. E julgou ouvir uma voz interior repetir-lhe que a dança é um pecado... principalmente a valsa.

E depois, adormeceu. Ninguém recebeu a confiança dos seus sonhos.

II

O mundo e a Igreja

Estela d'Ossian era religiosa e gostava da vida social.

Educada no Convento Oiseaux, passara a infância na alegre casa-de-campo d'Issy (desaparecido hoje seu belo parque, para dar espaço a novas ruas e construções) e depois fora transferida, com os demais condiscípulos, para o Internato da rua Sèvres, onde lhe decorreu a juventude, sob a austera e atenta direção das religiosas congregadas de Notre Dame, canônicas regulares de Santo Agostinho.

Em Issy, as alunas, as menores, as violetas, as debruadas, as amarantes (assim designadas conforme o adorno dos cabeções dos uniformes) acompanham maquinalmente, a exemplo do que ocorre nos pensionatos, às aulas e exercícios cotidianos que enchem, de modo absolutamente monótono, as horas e os dias; em Paris, aonde vão aos onze anos, as verdes, as azuis, as amarelas e as vermelhas (designações correspondentes à cor dos distintivos) começam a viver e a pensar. Não diremos das “brancas”, as maiores, pouco numerosas, prestes a partir de regresso aos lares.

Além das férias, todos esses “pássaros” têm dias de visita às suas famílias, de modo que jamais se sentem de todo isoladas do mundo. No próprio convento aprendem a apresentar-se, cantar, tocar piano ou violino, e até dança.

O quarteirão dos Inválidos, no fim do bairro de Saint-Germain, com os três grandes parques Oiseaux, Sacré-Cœur e Archevêque, têm a semelhança de uma solitude longínqua, tão distante de Paris quanto a Bretanha ou a Vendeia; contudo, não se sente a tristeza da clausura: respira-se ali certo ambiente mundano; pela convivência, conversa-se com as amiguinhas, narrando impressões recebidas fora, observações colhidas pela curiosidade juvenil que se abre ao espetáculo da vida, e que sabe próxima a saída do convento, muitas vezes poucos meses antes do casamento.

Os estudos não são muito fatigantes, porque entremeados de períodos de recreio; as obrigações religiosas têm a regularidade de um relógio: a prece pela manhã, após a toalete e a ação de graças, antes e depois das refeições, em comum; oração antes de cada aula, estudo ou exercício; ouvir missa todas as manhãs, na ampla capela cuja torre alta e quadrada domina o parque, qual a de uma orgulhosa catedral; confissão mensalmente e comunhão cinco ou seis vezes durante o ano.

Além disso, ouvem sermões, que mantêm o espírito na fé e confirmam todos os ensinamentos ministrados antes da primeira comunhão. Assim aprendem que Jesus Cristo morreu na cruz para remissão de nossos pecados; que ressuscitou para glorificação nossa; que está no Céu, sentado à direita de Deus-Pai; que o bem-aventurado corpo da Virgem Maria foi transportado pelos anjos no dia da Assunção; que existem anjos no Céu e na Terra; que os santos estão no Paraíso; que nossas almas, salvas por Jesus Cristo, devem, após nossa morte, ir ao Purgatório – cujas chamas lustrais as purificarão das derradeiras manchas (a menos que pecados imperdoáveis às precipitem no Inferno, por toda a eternidade); que no fim do mundo os corpos ressuscitados, dignos do Céu pela pureza angelical de suas almas, viverão eternamente na glória do Paraíso.

Estela, no mesmo regime das companheiras, vivera assim, assim pensara, até sair do convento, ao completar as dezoito primaveras.

Era correta e pura em seus sentimentos e acreditava em tudo quanto lhe haviam ensinado. A idéia de uma dúvida nunca germinara em seu espírito; vivia e pensava seriamente, sem o temperamento e a educação das jovens do “fim de século”. Estava convicta de que os ensinamentos da Religião tinham base tão sólida quanto os da Ciência; de que o Catecismo possuía a exatidão do Tratado de Aritmética, de Geografia ou de Cosmografia. Quando dizia que sete vezes doze são oitenta e quatro, ou que a soma dos ângulos de um triângulo é igual a dois ângulos retos, ou que a Córsega é uma ilha do Mediterrâneo – a cento e oitenta quilômetros da costa francesa e a setenta e sete da italiana –, ou que a Terra é um planeta que em um ano faz o giro em

torno do Sol e em vinte quatro horas sobre ela mesma, sabia que tais afirmações estavam rigorosamente demonstradas, e jamais lhe ocorreu à idéia de que alguém as pudesse contestar.

O mesmo acontecia com relação às afirmações da religião.

Admitia por demonstrado cabalmente que Jesus Cristo desceu aos infernos, subiu ao céu e está assentado à direita de Deus seu Pai, e que descera, sobre nuvens, para julgar os vivos e os mortos; que os diabos no inferno passam a eternidade atormentando os condenados; que Josué fez parar o Sol e que a serpente tentou Eva, suspensa dos ramos da árvore do bem e do mal.

Em seu candor, não duvidava de ensinamento algum. Se acaso lhe viesse à idéia de comparar os dois gêneros de verdades, as da religião decerto teriam parecido mais absolutas do que as da ciência.

Por vezes, gostava de recolher-se ao silêncio da igreja e preferia fazer preces na Capela dos Santos Anjos. Acreditava que seu anjo de guarda lhe esquadrihava a consciência em busca de pecados imaginários e acusava-se ao confessor de desatenções em aula, de sinais de impaciência com os condiscípulos, de pequenas gulas, e então sentia na alma a pureza do anjo de seus sonhos. Enlevava-se a sonhar que ressuscitaria assim, em seu corpo de virgem nas dezoito auroras da sua idade, sem afundar a curiosidade, sem visionar qualquer roupagem, e ia ao extremo de achar belo o confessor calvo e senil, e imaginá-lo, também ele, no paraíso, junto dos bispos, dos papas, dos mártires e dos profetas.

Dir-se-ia que, com leve esforço, abraçaria a vida religiosa, à semelhança de suas mestras, consagrando-se por toda a vida ao bom Deus.

Nos dias de comunhão, Páscoa, missa do galo (a da meia-noite), nas grandes festividades, Estela sentia verdadeiramente a hóstia, depois de esta tocar-lhe a língua e descer pela garganta, penetrá-la de um sentimento de absorção na divindade. De que Jesus fosse Deus e de que ela o comesse misticamente, não lhe restava dúvida. Durante as missas cantadas, certos cânticos da

Igreja, muito melodiosos e suaves, qual o *Panis Angelicus* ou o *Salutaris*, transportavam-na a celestes êxtases.

Seu confessor era um santo homem, escolhido com grande acerto pelo arcebispo de Paris para direção dessas jovens almas femininas, e que (circunstância bem rara no clero da metrópole, e em Roma e Madrid) era um sacerdote sem mácula, crente sincero, simples e convicto. Prudente e reservado, nunca lhe acontecera fazer, durante a confissão, uma dessas perguntas vergonhosas que fazem enrubescer o jovem ou a moça antes que a tenham compreendido, e que desviam do chamado tribunal da consciência mais de uma alma pura, afastando-a bruscamente para cogitações carnavais, por uma pergunta infeliz, bisbilhoteira ou criminosa.

O padre Ildefonso reunia à virtude do bom sacerdote e ao desapego das naturezas simples a afetuosa bondade de um avô: as pequenas aprendizes eram suas netas. Seu único desejo consistia em conservar-lhes a fé, a qual, segundo entendia, era o único elemento moral capaz de mantê-las castas e honestas, quando trocassem o convento pelas liberdades do mundo.

Deixando o internato, impossibilitada de conservar o mesmo confessor, Estela, a conselho deste, escolheu para diretor espiritual um padre jesuíta, muito afamado, da paróquia de Santa Clotilde.

Órfã de pai e mãe, habitando o segundo pavimento do prédio que os tios, os condes de Noirmoutiers, ocupavam a Rua Vaneau, entrava na vida com a independência de uma grande fortuna e o sentimento da responsabilidade pessoal.

Muito aristocrática nos gostos, deixou-se facilmente deslizar pelos mundanismos, no prazer de brilhar em meio à elegância. Não podia compreender os homens sem que acompanhassem as modas mais recentes, sem que tivessem a palestra espirituosa, sem que se comprimissem em torno dela, dando-lhe nas conversações e em primeira mão a última nota social digna de registro.

Das amigas do convento conservara três amigas: uma ainda mais religiosa do que ela, cenobita por natureza; outra que começava a ocupar-se com estudos de Física, Química e Astro-

nomia; a terceira, de temperamento mais artístico, que se dedicava à pintura.

Estela era a mais formosa e mais mundana, mal preparada para isso, aliás. Nenhuma arte a fascinara; a literatura de certo modo a seduzia. Aprendera, com grande facilidade, diversos idiomas estrangeiros, nos quais lia e falava com a mesma facilidade do francês. Quanto às ciências, não se detivera e, tal qual a maioria dos habitantes da Terra, sempre vivera sem se interrogar sobre o terreno em que pisava. Essa ignorância normal lhe bastava, e suas convicções religiosas satisfaziam de modo completo aos devaneios que, por vezes, a elevavam acima do mundanismo habitual do seu viver.

Já na alvorada dos quatro lustros, época em que começa esta história, Estela ainda fazia preces todas as noites, e a primeira vez que as esqueceu foi na do longo baile de que falamos. Todo o domingo era vista, com a tia, assistindo à missa das dez horas, em Santa Clotilde. Os deveres religiosos e os prazeres da sociedade, ela os associava muito bem na vida e no pensamento, em acordo perfeito, ajudada pelo próprio diretor espiritual, o hábil jesuíta a quem a elite do bairro Saint-Germain devia os melhores casamentos.

Homem do mundo até à ponta das unhas, o abade Laferté era muito procurado, excelente conviva, prosa agradável. Dizia-se mesmo, com algum exagero talvez, que esses casamentos tão bem conseguidos e por ele realizados, lhe haviam trazido, bem ou mal, cerca de quarenta mil libras de rendimentos. Suas qualidades exteriores não o impediam de ser comparado com o padre Ildefonso, embora em outra ordem de idéias, um confessor muito honesto para as jovens.

Estela confiou-lhe todos os pensamentos, todos os projetos, e nada emprendia sem ouvir a opinião do seu querido e venerado mentor.

III

O jantar de Epicuro

Quinze dias depois da festa a que nos referimos, duas dezenas de convivas estavam reunidos em volta da suntuosa mesa da Marquesa La Rochelle.

Um luxo inaudito, ao qual nem sempre um perfeito bom gosto se aliava, presidia a esses deboches gastronômicos.

Por toda parte, maciça prataria, admiravelmente cinzelada; em profusão, cristais da Boêmia, de cores vivas. Seis copos diante de cada conviva; o centro da mesa ocupado por elegante vaso em cujos bordos estavam presas guirlandas de cravinas, gerânios e camélias, vindas pela manhã, de Nice.

Os lacaios, em libré de luxo, permaneciam imóveis por detrás da fila de convivas, atentos ao menor aceno e, principalmente, às conversações.

Ondas de luz desprendiam-se dos lustres, tocheiros e candelabros guarnecidos de velas, luz cariciosa, lisonjeira para as néveas espáduas e os rostos primaveris. O gás e a eletricidade estavam relegados para a copa e a despensa.

Qual chama volante, perguntas e respostas, juízos e reflexões diversas não permitiam arrefecer a palestra generalizada, de resto mundana, ridícula e banal.

A mocidade predominava, mas notavam-se alguns comendadores e pessoas de “certa idade”, colocados ao centro, gente esta que não estava menos alegre, nem menos animada do que a juventude das extremidades.

Serviam-se as últimas iguarias e próxima estava a sobremesa, mas tudo se fazia sem pressas, pois o jantar seria seguido de divertimentos íntimos, predominando o jogo e “um pouco de música”.

O que maravilhava a criadagem era a soma das fortunas ali reunidas. Salvo duas ou três exceções, nenhuma ou nenhum dos convivas desfrutava menos de cinquenta mil libras de rendimen-

tos; muitos dispunham de cem mil; alguns, trezentas e quatrocentas mil.

Tais fortunas eram conhecidas e cotadas. Somados os capitais e remunerados ao juro de três por cento, chegava-se ao total de cento e dez milhões para as vinte pessoas ali agrupadas.

Não se falava nisso sem chilikques de admiração, e a própria dona da casa ensoberbecia no mesmo grau dos seus domésticos. A plenitude do mais nobre orgulho ela exteriorizava no porte, na maneira de comer, beber e falar. Seus dedos estavam congestionados de anéis; as orelhas, pescoço e espáduas resplandiam de pedrarias preciosas. Até certo ponto, podia-se considerá-la a mais rica de todos, pois sua fortuna avaliava-se em catorze milhões de francos.

Tão colossal riqueza adquirira-a ela mesmo, só, ou quase sozinho, em negócios especiais que entendia à maravilha, associando sucessivamente sua inteligência à de cinco ou seis capitalistas bem selecionados, e também (dizia-se à boca pequena) em alguns serviços diplomáticos em proveito de uma potência vizinha.

Era muito formosa e de inteligência notável, principalmente em combinações financeiras. Casada, em primeiras núpcias, com um diplomata brasileiro, desposara, num segundo matrimônio, na idade de meio século, um jovem deputado, herdeiro de invejável nome, e recebia ao que se chama “todo o Paris”, do mundo dos pândegos.

A conversação recaiu sobre um casamento celebrado, à véspera, na Igreja da Madalena, e talvez não seja supérfluo apanhar alguns fragmentos, que darão um resumo do ambiente anticientífico e artificial em que vivia a nossa donzela idealista e sensitiva.

– É a miséria em pouco tempo, ao primeiro filho, dizia um anafado cavalheiro de amplas suíças brancas, tez corada, lábios espessos e sensuais. Que se pode esperar de um lar, em Paris, com quarenta mil francos de rendimentos?

– Eu creio, disse o duque, falando bem próximo da sua bela vizinha Estela, que Henriqueta ama profundamente o marido, e

que serão felizes, porque o dinheiro não faz a felicidade. O amor...

– Que dizeis senhor duque? – indagou a dona da casa.

– Dizia minha senhora, que coisa alguma vale tanto quanto uma boa e sincera afeição, e quando dois entes se adoram a vida deve ser encantadora, mesmo sem fortuna.

– Nós conhecemos isso, replica um general sentado à direita da marquesa. Quando eu tinha a vossa idade, meu caro duque, pensava tal qual, principalmente quando o acaso colocava a meu lado uma encantadora vizinha. Os enamorados são sempre muito desinteressados, mas os provérbios não erram: “Quando falta o feno na grade da manjedoura...” Para mim, esse casamento é ridículo. Uma jovem bela e de sociedade apaixonar-se por um jovem que nada tem de seu! É inconcebível que os parentes se deixem assim levar pelo capricho dos seus meninos. Mas, que querem? A autoridade dos pais não existe mais.

– É esse o meu parecer, disse o tio de Estela. As fortunas devem ser associadas.

– Meu general, replicou então o duque, se eu estivesse enamorado, não perguntaria quanto a minha noiva teria de dote. Compreendo, pois, e muito bem, que uma jovem proceda de igual modo para com o rapaz, principalmente quando esse moço está bem colocado, é inteligente e distinto, nas condições de Hervé.

– Eu vos compreendo, retrucou o general, partilhais da opinião de Alfredo Musset: “Quando se apetece o belo, é sem vestido.”

– Quereis dizer da opinião de Shakespeare, no “Mouro de Veneza”. Sim, sem dúvida.

– Muitas vezes nos enganamos pelas promessas de dote, sentenciou um financista. As fortunas nem sempre são o que aparentam. Veja-se o exemplo do Barão Chirch, que acaba de render a bela alma ao deus Plutão. Diziam-no riquíssimo e, no entanto, deixou apenas sessenta milhões.

– Julgava que tivesse menores haveres, comentou o deputado.

- Enganai-vos. Ele deixa oitocentos milhões.
- Que homem! Exclamou a marquesa com entusiasmo. Acumular oitocentos milhões. É verdadeiramente de um gênio.
- De certo não terá dado cem mil francos para favorecer o progresso das ciências, interrompeu o jornalista.
- Sabeis quem comprou os seus cavalos?
- Ninguém ainda. Será vendida quinta-feira, no Tattersall.
- Eu cobiçaria o seu par de alazões, disse a condessinha.
- Pois eu exclamo um belo jovem, só ambiciono o campeonato de bicicleta. Completei quinta-feira, oitenta quilômetros!
- Afirmaram-me que na semana passada Artur fez setenta e oito.
- Singular prazer! Comentou a mulher do financista. Nada mais agradável do que andar sempre para frente, sozinho, e pedalar até perder o fôlego.
- Há melhor! Afirmou uma jovem gorduchinha, de loura ca-beleira flutuante.
- E qual é Senhorita Solange?
- O tandem.
- Eu te acredito, cochichou ao vizinho da ponta da mesa o Capitão Lomond. O casamento no tandem não deve tardar.
- Ontem, em Neuilly, todo um cortejo de núpcias chegou à pretoria em bicicleta, inclusive a noiva.
- Muito bem! Viva a bicicleta; abandonemos os cavalos!
- Sabeis a novidade das sete horas? Indagou o jornalista.
- Um dos meus amigos foi preso, ou o Ministério caiu, res-pondeu o Senhor de Taupin.
- Exatamente, como se houvésseis posto o dedo em cima. Ca-ído o Ministério, por motivo do imposto sobre os domésticos.
- Justíssimo. Compreendeis que se taxem os domésticos?
- Exige-se o imposto sobre cavalos, cães, portas, janelas, ar, luz, pão, vinho, sobre toda a vossa casa, desde a adega até o teto, sobre a própria pessoa, desde as palmilhas ao chapéu, sobre o

caminho por onde andais, campos que contemplais, o ar que respirais, e tudo, tudo! Porque não criar imposto sobre os domésticos? O aumento perpétuo das despesas públicas, o desperdício cego, levam fatalmente à majoração dos tributos. É a esterilização da nossa bela França; é a ruína geral; é a bancarrota próxima. Que fazer?

– Enfim, o Ministério caiu. E não tinha ele quase dois meses?...

– Consta que o presidente vai renunciar.

– Era bem simples ter um rei, disse o deputado. Vede a Inglaterra.

– Política! Política! interveio a dona da casa. Vamos ter contrariedade. Bem sabeis que isso é proibido.

– A política, disse do extremo da mesa o jovem e já volumoso advogado, é o “sai daí, que eu quero o lugar”, tal qual nos negócios, é o “dinheiro dos outros”. Aliás, nada tem de imoral, por isso que está convencionado.

– Tendes razão, senhora, repôs o general. Prefiro os cancãs do mundo teatral. Quem já foi ver a nova peça do Bouffes? No espetáculo de ontem, a Eminha estava positivamente nua. Adivinhava-se tudo. Para que serve a censura? E na verdade, ela é muito bem feitinha, a mestiça.

– Por Deus, general! E acreditais que sem essa circunstância ela se mostraria? Mas, se deixassem à vontade as mulheres de “extra-sociedade”!...

– E mesmo as da sociedade, disse o Sr. de Taupin.

– Ema tem formosas pernas, o que não impediu que o seu deputado a mandasse às urtigas.

– Receberemos amanhã o viscondinho em nosso clube? perguntou um magricela, que não ousava mover a cabeça com receio de que lhe desabasse o monóculo do olho esquerdo. Que achais, Jumièges?

– Certamente, respondeu um vizinho cuja cabeça parecia anquilosada, graças ao colarinho que lhe chegava às orelhas, os padrinhos do recipendiário são gente chique.

- Além disso, ele é da linha mais distinta, disse o duque.
- E o bravo Patarouf?
- Oh! Esse vale por dois.
- E o Barão de Hautecombe?
- Um pesadão, não civilizado de todo, um criador de abelhas; mas encontrou escora, apesar disso, e isso vale por uma voz de comando para ser recebido.
- Senhora marquesa, disse o financeiro, não fostes vista quarta-feira, na ópera, na repetição do *Tannhauser*, de Wagner.
- Não me entusiasmo por Wagner, vós o sabeis. Nada de esnobismo! Podereis dizer-me porque o pano Orleães baixou tanto, ontem?
- Para contar desde já com os lucros das futuras compras e vendas.
- Tenho convites para o Instituto, quinta-feira, interrompeu a Senhorita Cecília Street. Quem quer ir?
- É mortalmente enfadonho, respondeu o Visconde de Valvin, mas é de bom-tom, tanto quanto Wagner. Iremos, certamente.
- Sempre fui da opinião de Alfredo de Musset, a respeito dos discursos acadêmicos, disse o general. A uma sessão da Academia Francesa, prefiro a de segunda-feira, na Academia de Ciências. É mais substanciosa.
- E vós, Senhorita Estela, apreciáis os sábios?
- Jamais os vi. Ah, sim, certa vez, quando menina, levaram-me para ver Chevreul à saída de um banquete. Que feiúra!...
- Sábios, disse seu vizinho, conheço três; desagradáveis, incivis, fastidiosos. Não se encontra meio de palestrar com eles, que, aliás, não respondem aos nossos assuntos.
- Se fossem somente fastidiosos! Alguém, há dias, escreveu que as celebridades são as que maiores males causam. E não errou. Por exemplo, o inventor da pólvora...
- Mas, nem todos inventaram a pólvora.

– Os sábios, interveio a Baronesa Castelviel, constituem mundo à parte e fechado àquele a que nós outros pertencemos. Já lhes fiz, várias vezes, convites, sem que jamais me pudesse envaidecer da sua presença em minha casa. Por isso, não os convido mais, nem nos Pirineus, nem em Paris. De resto, são todos uns pobretões, bem mal-postos.

– Mais do que pobres, muitas vezes verdadeiros mendigos, tal qual a maior parte dos escritores, poetas e artistas. E, afinal, que fariam da riqueza? Só lhes poderia trazer preocupações, pois não passam de trabalhadores, de obreiros. As fortunas só se tornam realmente úteis aos que não têm nada para fazer.

– Não penso desse modo, interrompeu o jornalista, e quanto a mim, a propósito do barão de quem tanto se fala (o que morreu, possuindo oitocentos milhões), considerá-lo-ia muito mais digno de apreço se houvesse deixado apenas cem, e consagrado setecentos aos progressos da Ciência.

– Não falemos mais em sábios, anônimos ou pedantes. De resto, não ignorais que a Ciência faliu. Acabou-se. Viva a alegria!

– E depois são bem ridículos, com os seus casacões e bonés de pala, disse uma encantadora ingênua. Um deles descobriu que a cauda de não sei mais que animal exala o cheiro de resina de opopânax.

– Não foi na Faculdade de Medicina que a cena se passou, senhorita, replicou o visconde, foi no Teatro Variedades.

– A Ciência e os sábios, sentenciou o general, não servem para grande coisa na vida, eu o reconheço; mas, acho erro metê-los sempre a ridículo, no teatro, nos romances, e mesmo um pouquinho em outros gêneros. Pode-se viver ignorando a Física, a Química, a História Natural, a Botânica, etc.; pode-se, em suma, viver ignorando tudo, sem que de tal desconhecimento resulte mal maior. Contudo, a Ciência tem prestado serviços à sociedade; não lhe devemos os caminhos de ferro, os navios a vapor, o telégrafo, o telefone, a fotografia, e tantas outras coisas agradáveis, úteis, necessárias e mesmo indispensáveis em nossos dias? Entendo, pois, que se deveria sempre render justiça aos sábios. E

não é por mim que o digo, vós o sabeis, porque nunca me preocupei em mudar o meio-dia para duas horas da tarde. Minha máxima é a de Epicuro: “Gozemos a vida!” Pura e simplesmente. “*Carpe diem*”, se não esqueci o latim que então se usava.

– Isso é de Horácio, emendou o duque. Mas, Horácio ou Epicuro se assemelham bastante, e confessemos que a sua maneira de compreender a vida é a da maioria dos homens.

– Estamos todos de acordo. Ciência e sábios, eis o que o mundo tem de mais sensaborão e mais inútil. Falemos de assuntos mais alegres. Sabeis que resultado magnífico foi obtido na pista de Catford, por Stocks. No curso de um ensaio de recorde de cinquenta milhas, ele bateu uma série de recordes mundiais, incluídos o de hora, o dos cinquenta quilômetros e o das dez milhas. A primeira milha foi feita em um minuto, cinquenta e nove segundos e $1/5$; a segunda milha em três minutos, cinquenta e dois segundos e $2/5$; e bateu o recorde mundial, percorrendo as dez milhas em vinte minutos e as vinte milhas em quarenta minutos e cinquenta e sete segundos! Em uma hora, fez quarenta e seis quilômetros e setecentos e onze metros, ultrapassando assim de duzentos metros o resultado de Bouhours. Esbaforido por esse treino formidável, Stocks se deteve ao fim de quarenta e quatro milhas, em uma hora e trinta e quatro minutos e onze segundos e $4/5$.

– É maravilhoso!... Fostes à caçada do marquês?

– Sim. Um enorme porco-selvagem, atacado pelos monteiros e habilmente descotado pelo primeiro picador Renard, às cinco horas do Près-du-Rozoir. Soberbo cervinho. Tudo perfeito. Equipagens muito chiques.

– Quarta-feira próxima, corrida de cães na floresta de Fontainebleau.

– Os passeios em carrinhos foram inaugurados terça-feira última.

– O visconde fez a sua primeira batida de caça. Registrou cento e noventa e cinco perdizes.

– Fostes ao campo de tênis do parque? Estava encantador.

– Não, mas teria ficado satisfeitíssimo de reencontrar o Duque de Leuchtenberg.

– Sabeis, disse o homem espedado, sem mudar de posição, que a casa de Leuchtenberg é a mesma dos Beauharnais, originária da Orleanesa, que encontra sua raiz em Guilherme de Beauharnais, Senhor de Miramion e de La Chaussée, em 1309. Eugenio de Beauharnais, filho do Visconde Alexandre de Beauharnais e de Josefina Tascher de La Pagerie, depois Imperatriz dos Franceses, foi adotado por Napoleão I. Príncipe francês, foi eleito Duque de Leuchtenberg e Príncipe d'Eischaedt. Seu filho Maximiliano esposa a Grã-duquesa Maria, filha do Imperador Nicolau I, da Rússia, e toma o nome de Príncipe Romanovski, com a qualificação de Alteza Imperial para toda a sua descendência.

– Como terá sido possível, no ato de casamento de Napoleão Bonaparte, existir uma certidão de idade constatando que ele nascera a 5 de fevereiro de 1768, quando a data oficial é a de 15 de agosto de 1769?

– Ele se fazia mais velho para aproximar-se de Josefina, remoçada a seu turno no mesmo ato.

Um outro conviva tomou a palavra para descrever, com enfadonhos detalhes, o desenho do brasão de um noivado do seu conhecimento, minuciando as cores, o que havia nas quatro divisões do escudo, no cimo, na base, nos lados e risca central, tendo o do noivo, nos suportes, dois leões e no da noiva três cabeças de lobo, tudo cheio de variações coloridas. Isso provocou um jocoso comentário do general.

– Minha cara baronesa, continuais com as vossas duchas, apesar do frio glacial que faz?

– Sem dúvida, todas as manhãs.

– E sempre com o Dr. Calais?

– Sim. Ele ducha muito bem. Acho seu jacto excelente.

– Pois eu mudei. Vou atualmente a Passy. O Dr. Chevreuse é mais afável. Além disso, a casaca e a gravata branca lhe dão aspecto mui distinto no seu mister.

– Não compreendo que mulheres se coloquem assim nuas diante de homens quase desconhecidos, sussurrou o general ao ouvido da sua vizinha, embora confesse que não deve ser desagradável a profissão de aplicar duchas.

– Eis uma salada deliciosa!

– Virgem, primeira colheita, explica o dono da casa.

– Poderíeis mesmo dizer: extra virgem, ajuntou o general, e mesmo virgem néctar, pois creio haver três categorias da primeira qualidade.

– A que vos estais referindo?

– Ao azeite.

– Fostes à patinação, esta manhã, Senhorita Estela?

– Sem dúvida! Essas nevadas me atraem. É absolutamente soberbo. Gelo excelente e batido qual um assoalho de salão. Patinava-se em fileiras de dez pessoas.

– Sempre muita gente, não? E a fina flor!

– E se combinássemos para amanhã cedo? perguntou o duque.

– Impossível. Temos convites de jornalistas para o duelo de amanhã, e jantaremos na Grande Jatte. Depois de amanhã, serve?

– Pois sim, combinado! Às dez horas, no lago.

– Onde acompanhará os sermões da Quaresma, este ano, cara baronesa?

– Na Notre Dame.

– Ah, eu prefiro a Madalena. Os chapéus são muito mais chiques.

E daí por diante pouco se entendia. Todos falavam quase ao mesmo tempo. O duque retomou a palestra a meia-voz com a sua vizinha, a propósito da guirlanda de flores rubras que corria ao longo da mesa, assegurando não gostar da cor vermelha e apreciar as flores azuis. Assim também não apreciava as mulheres morenas, porque são muito masculinizadas. Para ele, a verdadeira mulher, arrebatadora, filha de Eva, a fada, a encantadora, era a loura, principalmente a de olhos negros, sonho delicioso que faz

esquecer todo o Universo. Havia visto suficientemente o mundo, para poder avaliar a real beleza. Acusavam-no de bem afortunado, mas havia sempre exagero. Aos cinco lustros de idade, ou antes, depois de meio decênio de observação, havia encontrado apenas sete ou oito mulheres verdadeiramente louras, do seu preferido, do louro de Veneza, e neste pequeno número somente uma representava totalmente o seu ideal.

– Acusam-vos, senhor duque, de grande jogador.

– Outro exagero. Jogo unicamente para passar tempo, uma vez que não tenho entretenimento mais agradável. Falando verdade, não tenho amor ao jogo.

– Mas jogais todas as noites?

– Sim; um pouco, porém no meu círculo, a exemplo dos meus amigos.

– E sois feliz no jogo?

– Principalmente de quinze dias a esta parte. Tenho mascote.

– Mascote?

– Sim. Uma ponta de fita azul. Vede-a, insistiu ele, ei-la aqui.

Estela sentiu que devia desviar por instantes o rosto do olhar indiscreto do seu interlocutor e fez menção de beber na taça de champanha.

O duque, apercebendo-se do gesto, acrescentou imediatamente:

– Imagina-se que eu nada faço, mas trabalho enormemente. Passeio a cavalo, pela manhã, ou faço esgrima, quando chove. Toco piano, quando posso; caço três meses por ano. Compus uma peça teatral, em colaboração com o meu amigo Serdo, e traduzimos Schiler. No ano passado, redigi a crônica esportiva para o *Gaulois*. Presentemente leio Schopenhauer. Durante bem longo período, aprofundei-me na Numismática, para classificar as moedas romanas, e vou agora desenhar fachadas Renascença para o Castelo. Minha mãe muitas vezes me diz jamais ter visto quem trabalhe tanto quanto eu.

– E a dança?

– É o que prefiro a tudo!

– Por que não vos fazeis eleger deputado?

– Não há deputado de acatamento, em condições de ser ministro, senão entre os casados. Um ministro solteiro não pode dar recepções. Dir-me-eis conhecermos um, talvez o mais poderoso de todos, que ainda não se casou. Mas, é sonho. Quanto a mim, não me casarei nunca, a menos que... E a única... Experimentará ela por mim os mesmos sentimentos que lhe consagro de há muito... desde o dia em que a encontrei pela primeira vez? E, além disso, seu coração lhe pertencerá ainda?

Nesse momento, a dona da casa deu, erguendo-se, sinal de que o jantar havia terminado. Os convivas dirigiram-se para os salões cintilantes de luz e onde as mesas de jogo já estavam preparadas.

Bem depressa foi ouvido o anúncio dos primeiros visitantes: Senhores Aimelafille e Piedevache, senhor e senhora de la Mouchardière, senhoras Abelard e Condessa de Saint-Phal.

– A propósito, disse a marquesa ao jornalista, prestai atenção no vosso noticiário mundano de amanhã, especialmente em citar exclusivamente os nomes com partícula de fidalguia.

O duque havia oferecido o braço a Estela.

– Que pesar! Suspirou ele, não se valsará esta noite. Tendes dançado muito nestes últimos dias?

– Não, depois da outra reunião.

– Assim também ocorre comigo.

– Tendes ido ao teatro, senhor duque? Vistes a peça dos *Cômicos* a que se referiu o general?

– Não, senhorita. Tenho passado minhas noitadas no Círculo e, conforme o hábito, jogando. E aí não faço senão ganhar, graças à minha mascote, a qual não me deixará nunca, nem mesmo na Armada, onde, como deveis saber, sou oficial. Se tivermos guerra, estou certo de que não serei ferido.

– Imploremos para que não haja guerra. E horrível.

– Bem ao contrário, senhorita, creio que a teremos, e bem proximamente. Acreditais que possamos passar longo tempo

com a Alsácia e a Lorena nas mãos dos alemães? Por isso, há momentos na vida em que não é desagradável expor-se a perigos.

– Principalmente com a mascote, ironizou Estela.

– A verdadeira mascote, senhorita, não é somente esse pedaço de fita azul arrancado num movimento de cotilhon; é uma imagem encantadora que não mais abandonou meu coração.

– O senhor toma café? Indagou um alto lacaio todo agalado que seguiu os convidados à saída da sala de jantar.

IV

Esponsais mundanos

Estela e o duque freqüentemente se encontravam nas reuniões mundanas, e a crônica anunciava já uma próxima união matrimonial.

E teria sido difícil achar dois seres mais bem talhados para uma vida comum de mundanismo e esplendor.

Portador de soberbo nome, o duque tinha o seu brasão a re-dourar; herdeira de enorme fortuna, Estela estava, pela educação, preparada para ser uma deliciosa duquesinha. Ambas as famílias acariciavam tal projeto e cada uma procurava aproximar docemente os jovens um para o outro. Desse modo, eram as famílias as autoras do casamento; mas eles julgavam seguir os impulsos pessoais.

Amavam-se? Um pouco, por parte de Estela; nada, por parte do duque.

Elegante, frio, correto, bom jogador – nos baralhos e no amor, tinha por ambição – o dote. Quanto à mulher propriamente, por mais atraente que fosse já conhecera numerosas, e delas estava meio farto. Ótimo comediante, quase de boa-fé, à força do hábito de fingir. Seu título nobiliárquico valia bem uma fortuna, e, à sua vez, a riqueza lhe era absolutamente indispensável, primeiro para pagar as dívidas feitas, depois para ocupar o destaque ambicionado por ele no grande-mundo.

Estela achava-o um jovem perfeitamente fino. Era o primeiro que se lhe prendera ao pensamento, e sentia-se pouco a pouco atraída para ele, pela distinção, amabilidades, espírito e atenções delicadas. Ainda não ouvira falar em projetos de casamento; mas, interrogada de súbito que fosse sobre seus sentimentos a respeito, não teria surpresas. Nos seus devaneios, não encontrava nenhum obstáculo, salvo, por vezes, a paixão do duque pelo jogo.

Os três meses do inverno passaram assim: no dia de Ano-Novo recebera, com amável carta do duque, das serras da Bélgi-

ca, gigantesca cesta de lilases brancos; em seguida, na ceia de Reis, tendo-lhe cabido a fava simbólica, foi feita rainha. A Páscoa foi um pretexto escolhido pelas duas famílias para estreitar os laços já muito fortes, e desta vez ela recebeu o duque em sua casa, no baile à fantasia organizado por seus tios.

Noite de raro esplendor, uma das que fizeram mais ruído em todo o Paris naquele inverno. Várias centenas de pessoas se comprimiam nos salões magnificamente decorados, e todas as fantasias rivalizavam em originalidade, brilho e ostentação. O duque escolhera um costume “diretório”, que lhe assentava muito bem; Estela mandara desenhar expressamente para si um delicioso costume veneziano. Suas amigas mais íntimas estavam lá; flores resplandecentes deslizando quais alegres libélulas através do deslumbramento de luzes, risos e canções. A orquestra iniciou a festa com uma das “ouvertures” da “Cármén”.

Todas as amigas de Estela deviam cantar. Foi Cecília quem, na sua encantadora fantasia de Colombina, começou, com uma canção muito em moda naquela época. O acompanhamento foi feito por ela própria na cítara, agradando muito.

– Que é isso? Perguntaram-lhe.

– Chama-se “Um sonho”, respondeu. Creio que já a conhecem. Não a cantarei tão bem quanto a condessa.

– Cantará sim, disseram. É muito interessante.

E ela cantou:

*Rapelle-toi le temps de nos chansons
Où nous bravions le rire des pinsons;
Le temps où plein d'ivresses printanières
L'amour faisait l'école buissonnière.*

*Souviens-toi, souviens-toi de l'heure brève
Où tu m'as dit que tu m'aimais!
Souviens-toi! Souviens-toi!... le joli rêve
Reviendra-t-il jamais?*

(Recorda os tempos de nossas canções
Em que atacávamos rindo os tentilhões;

Os tempos em que, cheios da embriaguez primaveril
O amor nos fazia gazear escola.

Recorda-te, recorda-te do momento fugaz
Em que disseste que me amavas!
Recorda-te! Recorda-te!... o lindo sonho
Nunca mais voltará?)

Os aplausos cobriam as últimas palavras e encorajaram a jovem cantora, que demonstrara grande delicadeza na maneira de dizer essas coisas emotivas. Um poeta reprovou “l'heure brève” ao ouvido de seu vizinho, que rejeita a fraqueza do termo em relação à rima necessária, acrescentando que a música atenuava tudo. Voltou o silêncio e a linda Colombina sublinhou, com maior finura ainda, a estrofe seguinte:

*Tes yeux brillants prenaient un air moqueur
Et ton sourire assassinait mou coeur,
Et je guettais, voltigeant sur ta lèvre,
L'aveu charmant qui redoublait ma fièvre.
Souviens-toi...*

(Teus brilhantes olhos tomavam um ar brejeiro
E teu sorriso feria meu coração,
E eu espreitava adejante em teus lábios,
A linda confissão que redobrava minha febre.
Recorda-te...)

O auditório estava identificado com o assunto, e os aplausos estrugiram em trovoadas. Encorajou-se mais ainda, e cantou com calor a última estrofe, muito bem acompanhada por seus dedos, ágeis no manejo da cítara de lânguidos sons:

*Nous nous aimions toujours comme deux foux.
Et les baisers dont nous étions jaloux,
Nous desirons encore nous les rendre;
Nos coeurs sont fait, vois-tu, pour se comprendre.
Souviens-toi! souviens-toi!... O joli rêve,
Ne t'en va plus jamais!*

(Amamo-nos sempre quais dois loucos,
E ainda hoje desejamos dar-nos
Os beijos que tanto ansiávamos.
Veja, nossos corações foram feitos para se compreende-
rem.
Recorda-te! recorda-te!... O lindo sonho,
Não me abandones mais!)

Divinamente cantado por essa cabecinha vaporosa, o estribi-
lho foi saudado com verdadeiro estrépito. Cecília estava rubra
qual um papafigo.

Nunca se vira em festa igual. O ambiente era simpático. O
êxito não depende muitas vezes do auditório?

Conversava-se agora.

– A pequena Colombina está boa para casar, disse um senhor
a seu vizinho, acompanhando-a com um olhar vivo, enquanto ela
voltava ao seu lugar.

– Ela não tem dezessete de idade.

– Acredita que... Acrescentou em voz baixa ao ouvido de seu
interlocutor.

– Não tenho dúvidas. É uma criatura honesta, absolutamente.
Além do mais, admiravelmente educada.

– É curioso, as meninas cantam cada coisa... Chega-se a acre-
ditar que conhecem um pouco. Reparou com que entusiasmo ela
disse: Amamo-nos sempre quais dois loucos! Acredita que não
compreenda isso?

– Tenho certeza. Pura imaginação. O senhor não quererá con-
denar seus filhos a cantar apenas cânticos religiosos!

– É o mesmo: convenha em que elas escolhem assuntos bas-
tante escabrosos e também em que não têm a aparência de estar
cantando em chinês.

– Oh! Veja a Senhorita Adriana d'Hauteville ao piano. Apre-
cia um semblante com olheiras? Eu sim. Ela adora as velhas
canções da avó.

– É um pequeno trecho de Jean-Jacques Rousseau, anunciou
Adriana.

E preludiou lentamente. Depois cantou, com acentuada expressão de ardente paixão:

*Le coeur me palpite
Quand j'entends ta voix.
Tout mon sang s'agite
Dès que je te vois.
Ouvres-tu la bouche?
Les cieux vont s'ouvrir.
Si ta main me touche
Je me sens mourir !*

(Palpita-me o coração
Quando ouço tua voz.
Todo o meu sangue se agita
Quando te vejo.
Abres a tua boca?
Os céus vão-se abrir.
Se tua mão me toca
Eu me sinto morrer!)

– Ah! Meu Deus, disse alegre o gordo senhor, que irá acontecer? Se começa assim!...

– Veja que não é de hoje, replicou seu vizinho, o Visconde de Valvin; é uma canção do tempo da avó.

– As mulheres sempre foram iguais. Nunca me convencerá de que ela não escolheu propositadamente essa canção, pois a compreende muito bem.

– Acreditais realmente que ela tenha alguém em cujos braços se sinta morrer?

– Não vou até aí, mas acredito que ela não desejaria outra coisa.

E, depois, pediram a essas jovens que iniciassem a festa. Isso não tem importância. A Senhorita d'Ossian, que devia começar, nunca teria ousado tanto. Mas, onde estará ela?

Procuraram-na com os olhos e não a encontraram. Fora para o quarto de vestir, acompanhada de Cecília, mudar a toalete de jantar e vestir a fantasia que preparara expressamente para essa

noite. Era um costume veneziano do século XVII que fazia ressaltar singularmente o esplendor de sua tez e o ouro fulvo da cabeleira. Despindo-se e vestindo-se diante do alto espelho do seu quarto, conversava com a amiga e lhe respondia às perguntas.

– Sabes que serás a mais linda duquesinha que já se viu, quer em Veneza, quer em Versalhes?

– Oh! Isso ainda não está decidido...

– Está nas tuas mãos que assim seja. Tudo te vai bem. Sabes que ficas muito melhor sem espartilho. Mas que perfume está usando? O ambiente de teu quarto está todo perfumado!

– Eu? Sabes bem que não gosto de perfumes. Nunca escolhi um.

– Não é possível. Serei indiscreta?

– Afianço-te. Nunca comprei o mais insignificante perfume.

– Não queres dizer-me. É curioso que as lindas mulheres façam um segredo de Estado de suas águas de toucador! Já adivinhei... É... espera... verbena... íris... não... eu sei. É uma das primeiras flores da primavera. No mês de maio floresce na sebe do parque de meu tio... É... sabugueiro, quando o botão abre. Colhi no ano passado.

– Mas Cecília, tu não sabes o que dizes. Vamos! Não teria segredos contigo, e ainda menos de tão pouco valor. Mas estamos vadiando, disse atirando a mantilha de seda dourada sobre os braços nus; devem ter notado minha ausência. Depressa! Desçamos!

Procuravam-na, com efeito.

Apareceu encantadora em seu elegante costume, e um instante depois sentava-se ao piano.

Cantou, por sua vez, com voz adoravelmente pura, um pouco trêmula:

*Les lèvres et le coeur sont des coupes divines
Où les êtres humains s'abrevent a longs traits.
La lèvre est le desir qui boule nos poitrines,
Le coeur est le trésor où dorment nos secrets.*

(Os lábios e o coração são taças divinas,
Onde os seres humanos mitigam sua sede.
O lábio é o desejo ardente que queima nossos peitos,
O coração é o tesouro onde dormem nossos segredos.)

A música era deliciosa e todos ficaram encantados. A austera rigidez da Condessa de Noirmoutiers, não vendo nessas quatro linhas um sentido dúbio, como em quase todas as canções em voga nas reuniões musicais, partilhou da admiração de todo o auditório pela sua encantadora sobrinha. Um tenor sucedeu a Estela; a seguir foi a vez de um cantor de canções cômicas; depois, uma jovem da melhor sociedade cantou, com muita delicadeza, uma canção ligeira que tinha por título: “É o vento”. Em seguida, uma insinuante morena, de bandós lisos e cabeça de Madona, cantou com um jovem Saint-Cyrien apaixonado duo de amor.

As danças iam ter início.

As amigas de Estela cercaram-na em uma saleta antes de se lançarem ao turbilhão que já lhes fazia fremir as pernas. Contudo, a curiosidade as dominava.

– Então está decidido, disse Adriana. Vais casar-te?

– Ainda não disse *sim*.

– É preciso tão pouco! Ele é perfeito, bem o sabes.

– Sim. Homem de sociedade, alta nobreza, pessoa elegante, distintíssimo: é o que eu sempre sonhei. Sou de tua opinião. Cada uma de nós tem o seu tipo, o seu ideal. Creio que encontrei o meu. E tu, nunca sonhaste?

– Eu, disse Cecília, que escutava, desejaria desposar um oficial alto, magro, de bigodes; viajar, percorrer a França., É uma vida adorável. Brilha-se em toda parte, qual rainha; monta-se a cavalo; não se firmam relações íntimas com ninguém, é-se livre e independente. Apenas quero um oficial com muitas probabilidades de chegar a general. Os moços não me interessam.

– Olhem o Dr. Pusap, que se desprende de seus estudos abstratos, divertindo-se em fazer quiromancia. Cecília, estende-lhe tua mão esquerda.

– De boa vontade, senhorita. Acabo de ouvir o sonho de sua amiga. Nada me impede confirmá-lo.

– Não, senhor. Diga francamente tudo o que vir.

– Pois bem. Desposará um homem estável, até um pouco pesado, provavelmente da magistratura superior; não viajará e terá filhos.

– Quantos, senhor adivinho?

– Cinco.

– Juro que não. Não acredito tudo.

– E tem muita razão. Sonhe, durma em paz, dance e deixe o destino andar.

– E eu? disse Adriana, tirando as luvas. Serei enganada por meu marido?

– Para responder-lhe é preciso ver a mão de seu marido. Pode trazer-mo?

Meu marido? Ainda não o conheço. Responda-me pela minha mão. É mesmo a mão esquerda?

– Quer então um marido da mão esquerda?

– Nunca disse isso. Desejo um marido da mão direita, que só pense em mim; que não tenha ocupações; que não seja de negócios, principalmente das finanças; que viva de suas rendas, em Paris; que tenha uma frisa na Ópera e na Ópera Cômica; que tenha bons cavalos, e aprecie flores; um marido quieto e apaixonado somente por mim; que só se ocupe comigo e me presenteie amiúde.

– Moreno ou louro?

– Louro e de olhos azuis; a vida em comum calma e tranqüila.

– Veja bem aquela linha que parte do monte de Vênus...

– Onde está isso, o monte de Vênus?

– Ali ao lado da palma, em baixo do polegar. Júpiter está na base do índice; Saturno na base do dedo médio; sob o anular está Apolo, e Mercúrio na base do dedo mínimo. A linha da vida contorna, como se vê, o monte de Vênus. É a primeira perna da letra M; a segunda perna é a linha da cabeça, e a quarta, que

atravessa a mão no sentido da largura, é a linha do coração. Esta linha que desce do dedo médio e vai até ao pulso é a linha da fortuna, ou da felicidade, a terceira perna, do M de que falamos. A senhorita tem-na bem acentuada, porém cortada aqui, veja, e ali também.

– E que significa isso?

– Que não terá sua vida inteiramente calma, como desejaria. Seu marido...

– Ah! Acredita?

– Receio. E senhorita mesma... se não tiver princípios... Seus olhos são muito negros e muito vivos. É um temperamento oculto. Há pouco acentuou admiravelmente a canção de Rousseau.

Uma terceira amiga se adiantara.

– Eu, disse ela, não gosto que me leiam a mão. Não me casarei.

– Solange, tens medo! disse a morena.

– Medo de quê?

– Medo de que se veja em tua mão coisas que ocultas.

– Certamente que não. Nada tenho a ocultar. Mas é um pecado procurar conhecer o futuro.

– Não preciso ver sua mão para predizer que vai casar senhora, e que fará um casamento muito acertado. Mas nunca possuirá a verdadeira felicidade, apesar de toda a sua prudência.

Nesse momento o Duque de Jumièges irrompeu com seus amigos no meio do lindo grupo.

– Senhoritas, procuram-nas por toda parte, para dançar. Por acaso vão passar toda a noite contando novidades?

– Não falamos da vida alheia, replicou Cecília. Este senhor nos fala do nosso futuro.

– E nós viemos para levá-las.

– Não antes que ele fale do meu futuro, afirmou Estela. E estendeu sua mão ao Dr. Pusap.

– Senhorita d'Ossian, disse, será a mais feliz.

– Ah! Exclamou o duque, aproximando-se.

Sim. Porém, tal qual o destas jovens, seu destino será muito diverso daquele que acredita ter diante de si. Sua vida mudará completamente. Veja aquela linha que se volta ali. Modificação completa, transformação radical. Justamente o oposto de suas idéias atuais. Mas felicidade perfeita, repito-lhe, isso está claro quanto à luz do Sol.

– Durante muito tempo?

Será completamente feliz e não terá a tristeza de envelhecer.

– E o senhor, duque?

– Não será muito feliz. Vida muito agitada, assemelhando-se um pouco a todas as existências comuns.

E, voltando-se para o Capitão Lomond, acrescentou ao ouvido:

– Morte trágica.

– Eis aí dois horóscopos difíceis de conciliar, disse o duque. Felizmente não há nada de real; isso é simplesmente um modo como outro qualquer de passar o tempo. Mas, esse tempo passa e a orquestra nos chama. Vamos ao salão branco!

“É bem estranho – pensou Estela –; já me fizeram uma predição análoga há quatro anos. Será a vida escrita com antecedência?”

O duque ofereceu o braço à sua noiva e todos voaram para o baile já muito animado.

As noites continuaram assim durante toda a primavera. Não havia uma promessa formal entre aqueles que muitos denominavam os dois noivos. Estela não se decidia.

Em um dia da semana de Páscoa, por uma bela tarde, a jovem estava sentada, em companhia de seu, tio e sua tia, em frente ao chalé da cascata do Bois de Boulogne. Amava esse recanto do bosque, tão verdejante, tão alegre, com suas perspectivas vizinhas, o prado de Longchamps, o moinho da Bagatelle, a colina de Saint-Cloud, os vapores azulados do Sena. Perceberam o duque, que passou rapidamente sem os ver, montado em uma

bicicleta, e que mudou bruscamente a direção para desaparecer qual relâmpago na avenida das Acácias.

– Então, minha Estela, sonhas? disse a Condessa de Noirmoutiers.

– Efeitos da primavera, replicou o tio.

– Continuas sempre sem te decidir?

– Tenho muito tempo; sinto-me bem na companhia de meus tios.

– Sem dúvida, mas tu não segues os passos da tua tia-avó, a Duquesa de Lesdijuières, que era avó aos trinta e dois anos.

– E que, acrescentou o conde, tomou por emblema uma laranjeira carregada de flores e frutos, com esta divisa: o fruto não impede a flor.

– Somos menos apressados hoje em dia, respondeu Estela.

Puseram-se a conversar todos três a respeito de suas relações, dos últimos casamentos, das propostas que já tinham recebido para ela. Estela continuou a afirmar que nunca pensava em abandoná-los.

Sua conversação foi interrompida pela chegada de uma boda ruidosa que desceu correndo do pequeno montículo da cascata e que se precipitou na direção das mesas do terraço do café. Os recém-casados foram os únicos que não tomaram parte no barulho e seguiam de longe seus convidados, conversando muito seriamente. Vieram sentar-se perto deles, sem se preocuparem com o séqüito da boda, o qual se dispersou ao longe.

– Isso é que é coincidência, disse o conde. Queres dar um pequeno passeio a pé em torno do lago?

Não falaram mais em casamento nesse dia. Porém, um mês mais tarde, Estela d'Ossian e o Duque de Jumièges eram noivos, para todos os efeitos, perante as duas famílias. Ela, na verdade, não dera absolutamente o seu consentimento; reservava-se, dizia, alguns meses ainda, até o verão, e, quando o duque lhe falara das alianças de noivado, adiarda o assunto, rindo com o seu lindo sorriso: “Quando ficar oito dias sem jogar; não quero rival; de duas paixões ao mesmo tempo, uma é demais.” Mas, evidente-

mente, dizia apenas um gracejo. O casamento estava quase marcado pelas duas famílias para setembro ou outubro. E as festas continuaram.

V

No domínio do desconhecido

Certa noite de inverno, depois de um belo dia de geada seca e pleno de sol, Estela, ao despentear-se para alisar sua linda e luxuriante cabeleira, ouviu ligeiras crepitações, semelhantes ao ruído que faz a neve fina e dura lançada pelo vento contra a vidraça, e sentiu ao mesmo tempo seus cabelos eriçarem-se até à raiz. Foi no internato, aproximadamente às suas catorze primaveras, que fizera essa primeira observação. Depois dessa ocasião, o fenômeno se renovara com freqüência. Várias vezes sua cabeleira se mostrara rebelde a toda tentativa de penteado, e se embarçara obstinadamente, com perda de toda flexibilidade. Algumas vezes, em seu velado gabinete de toalete, notara no espelho palpitantes clarões acompanhando as crepitações à passagem do pente. Certa vez, a camisa de dormir, de fina batista, instantaneamente se lhe colara ao longo das costas com uma aderência extraordinária e, tentando desprendê-la, sentira picadas na carne, ouvira crepitações e vira pequenas faíscas aqui e ali: Divertia-se, então, passando rapidamente as mãos ao longo da leve peça de vestuário sobre o corpo, e fazia brotar clarões muito vivos, semelhantes a clarões fosforescentes. Essas mesmas crepitações e essas faíscas se produziram sacudindo uma saia de lã cor de rosa que acabara de tirar. Voluntariamente rodeava-se de chamas. Chegara a observar luzes espontâneas em sua carne, e por vezes eflúvios luminosos escapavam de seus dedos. Algumas vezes também os lençóis aderiam um ao outro e, quando os separava, deixavam ver pequenas fagulhas.

Quando pela primeira vez transmitira essas observações à tia, esta se limitou a rir bem, acusando-a de ilusão e quase alucinação. Em diversas circunstâncias voltara ao mesmo assunto, sem obter explicação alguma. Um dia em que seu tio, intrigado, a interrogava discretamente sobre essas diversas observações, ela notou que, embora sem partilhar da mesma incredulidade, ele via em tudo isso apenas efeitos de imaginação, acrescentando, porém, que talvez houvesse algum fenômeno elétrico. No desejo

de instruir-se em assunto que a tocava tão de perto, e que, sem dúvida, pensava, não lhe era exclusivo, contara na mesa, ao lado do duque, a história como vinda de uma de suas amigas. O homem, mundano, que nunca ouvira falar sobre o assunto, acolheu a narração com um sorriso de incredulidade e afirmou com ar desdenhoso que a tal amiga tinha imaginação muito divertida, mas que nada podia haver de verdadeiro em tudo isso.

No entanto, ela estava certa do que constataria. Sua natureza era muito personalista, e não se perdia nas vagas. Amava os devaneios, mas não se abandonava a eles.

Viajantes narram que, nas ruínas do velho castelo de Báden, se ouvem, à noite, ao clarão da Lua, harpas eólias que vibram suavemente ao sopro da brisa. Estela não era uma harpa eólia vibrando inconscientemente à passagem do vento. Sentia-se com uma energia muito própria e começava a achar-se bastante diferente das mundanas e mundanos insignificantes, com os quais estava em contacto. Sentia-se chamada a uma vida ao mesmo tempo mais original e mais séria. Sob a beleza clássica, bastante fria na aparência, escondia um temperamento muito impressionável. Era uma Diana, porém Diana que uma centelha poderia animar e arder com incendiário fogo. Quanto mais observava o mundo, mais se encontrava diferente, pela natureza, gostos, tendências de seu espírito, nas vibrações de seu coração.

A resposta desdenhosa e a ignorância evidente do duque chamaram-lhe a atenção, tanto mais que nunca, quando o interrogava sobre um assunto científico qualquer, ele pudera dar-lhe uma resposta satisfatória. Esses homens do mundo seriam então desprovidos de toda instrução real? Viveria então toda a vida sem nada saber, sem nada aprender? Em certos dias de enervamento, deixava-se levar por um vago devaneio, e por vezes passava horas esquecidas de ócio na biblioteca de seu tio, a bisbilhotar aqui e acolá, às vezes romances, pelos quais não tinha grande inclinação, e com mais freqüência livres de Ciência ou de História. Muito exigente na escolha, raramente lhe acontecia encontrar alguns capítulos seriados suficientemente belos ou interessantes para cativar sua atenção e inúmeras vezes folheava uma obra sem lê-la. Mas, quando por acaso um livro tinha o dom

de agradar-lhe, não o abandonava enquanto não o terminava. Estendia-se no divã, a cabeça e os braços apoiados em travesseiros, e mergulhava na leitura, esquecida das horas e de seus projetos.

Num dia, em que nada encontrara ao seu gosto, dispunha-se a voltar ao salão e partir para um passeio ao bosque, quando, sobre uma divisão de estante próxima à porta, o título de um livro elegantemente encadernado em vermelho lhe feriu de repente a vista. Esse livro tinha por título: “O Domínio do Desconhecido”, e não trazia nome de autor algum. Apenas o prefácio estava assinado, anonimamente, aliás, e sem nenhuma preocupação de glória: “Um Solitário”. A primeira página começava por esta frase: “O que é conhecido pelo homem pode ser representado por uma ilha minúscula, em redor da qual se estende, até ao infinito, um oceano sem limites. Esse infinito é o que nos falta conhecer.”

Alguém já disse que se o homem procura às vezes a verdade em um livro, a mulher procura nele acima de tudo suas ilusões. Nesse livro Estela encontrou tudo. Era a primeira resposta à multidão de questões que ela muitas vezes se apresentara a si própria.

Folheou-o e viu, pelos títulos no alto das páginas, uma grande variedade de assuntos curiosos: A Vida e a Morte – O Diabo e os Demônios – As Bruxarias do Sabat – Processos de Bruxaria – O Oculto – O Magnetismo – Os Sensitivos – Aurora Boreal e Agulha Imantada – As Aparições – Os Pressentimentos – Os Sonhos – Que é o tempo? – O Céu – O Além – As Aspirações – O Corpo Astral, etc. Porém, um título atraiu seu olhar, título composto por duas palavras simples “Eletricidade humana”. E por esse capítulo iniciou a leitura.

Foi para ela uma revelação, um despontar de sol, um desdobramento de horizontes sem fim. A crisálida que desperta aos raios do Sol primaveril e se agita febrilmente e quebra o invólucro para iniciar seu vôo no espaço livre, não sofre metamorfose mais completa do que a transformação de todo o ser experimentada pela jovem, à medida que devorava as páginas desse livro. Parecia-lhe que pressentia tudo, que estava preparada, pela sua vida anterior, sua natureza pessoal, suas reticências mundanas,

seus gostos reais, suas aptidões, para beber nessa fonte de água viva. Todos os fenômenos que sentira em si própria estavam explicados e descritos com minúcias. Aprendeu, por essa leitura, que a eletricidade desempenha um papel importante e pouco conhecido na vida de todos os seres, fluido que se transforma no sistema nervoso e se manifesta até nos fenômenos de ordem psíquica; que uma espécie de magnetismo age entre as almas e entre os corpos; que os efeitos antes tão curiosos que ela observara já haviam sido estudados em manifestações mais intensas em outros seres, tais a Angélica Cottin, por exemplo, que, conforme relatório de Arago à Academia de Ciências, atraía móveis qual o ímã atrai o ferro, e a vidente de Prevorst, cujas visões sonambúlicas eram extraordinárias. Os fenômenos elétricos que se desenvolvem em certas condições interessaram-na particularmente. Leu no referido livro que, no Canadá, quando fazia frio muito seco, as jovens se divertiam às vezes, estendendo os lábios ao se beijarem, dando esses beijos, assim, origem a uma faísca bastante viva, e que, friccionando os pés em tapete, era possível acender um bico de gás, aproximando a ponta do dedo. Essas questões de Física e Fisiologia a apaixonaram e lhe fizeram entrever um novo mundo.

Ainda não terminara o capítulo sobre a eletricidade humana e já ansiava ler todo o livro, da primeira à última página. Levou-o para seu quarto e esqueceu o passeio ao bosque, planejado e organizado desde vários dias, com suas amigas. Era a primeira vez que se apaixonava por um livro, e esse livro era científico. Os romances que tentara ler não haviam conseguido cativá-la. Em geral, a ficção desagradava-lhe. Parecia-lhe que os romancistas contavam na maioria das vezes fatos que todo mundo conhecia, falavam sem nada dizer, escreviam coisas que ninguém aprendia, discutiam assuntos banais. Naquele livro encontrara um fundo substancial, uma realidade de ordem superior, a própria Natureza com seus imensos problemas. O autor estudava o ser humano, o corpo, a alma, as forças, o Espaço, o Tempo, o Universo. As páginas sobre as radiações invisíveis, as vibrações e as ações à distância intrigaram-na ao mais alto grau. Não ouviu

bater a hora do jantar e foi preciso que sua tia fosse buscá-la no quarto.

Não falou do empréstimo que tomara na biblioteca do tio e, tão logo terminou o jantar, retirou-se, para continuar a leitura, que só terminou alta hora da noite. No dia seguinte, ao almoço, não pôde conter-se por mais tempo e interrogou o tio.

Este, a princípio, a repreendeu vivamente, por ter apanhado um livro na biblioteca sem pedir autorização. Poderia, agindo assim, cair-lhe nas mãos uma obra imprópria para uma jovem. Quanto ao livro de que lhe falava, achava-o demasiado grave para ela.

– Suponhamos, por exemplo, acrescentou, estendendo-lhe um in-18, publicado em 1859, que escolhesses este livro!

Estela leu o título: “O amor das mulheres aos tolos”.

– Ah! Disse ela, não acredite que eu o folheasse sequer.

– Pode-se, entretanto, defender a tese, que não é de todo paradoxal. É até caso muito comum. Napoleão não foi compreendido por suas duas esposas.

– Nunca eu amaria um tolo!

– Está bem. No íntimo fiquei satisfeito de teres lido essa obra interessante, que acaba de abrir à tua imaginação horizontes inteiramente novos sobre o Além. Esse escritor tem sobre muitos outros a vantagem de não ser banal e ocupar-se com problemas “sugestivos”, como se diz. É um dos meus autores favoritos e tenho todas as suas obras. Aprecio o seu saber luminoso e vivo. Não é necessário ser obscuro para ser profundo, nem fastidioso para ser sábio.

Falaram dos interessantes capítulos sobre o magnetismo terrestre, misteriosa força vital de nosso planeta. Havia uma bússola na peça vizinha. A convite de seu tio, Estela colocou-a sobre a mesa e observou a leve oscilação e seu rumo um pouco a oeste do Norte. O Conde Noirmoutiers explicou que esse rumo varia conforme a região, não sendo o mesmo em Paris, Roma ou Madrid, que varia também de ano para ano, de século para século e que existe na pequena agulha imantada a manifestação de uma intensa vida planetária. Ensinou-lhe também que tal direção da

agulha oscila regularmente em certas horas do dia, movimento que tem uma certa correlação com as manchas solares e até com os planetas. Um laço magnético liga o Sol à Terra e os mundos entre si, apesar da distância e do vácuo aparente que os separam. Em seguida, apanhou uma faca de sobre a mesa e pôs a lâmina por cima da bússola: a lâmina de aço atraiu as pontas da agulha, porém mais fortemente a extremidade Norte do que a extremidade Sul. Aproximou uma tesoura; a ponta repelia a extremidade Sul da agulha e atraía a extremidade Norte, enquanto o cabo da tesoura atraía a extremidade Sul e repelia a extremidade Norte. Os dois extremos de uma chave atraíam as duas pontas da bússola. Esta frágil agulha se mostrava animada de uma vida ativa, agitava-se febrilmente sob influência do ferro, deixava-se cativar numa espécie de frenesi ou fugia com aparência de repulsa. De um lado, parecia querer desejar tal aproximação com afã; de outro, desdenhava, temia, recusava-se.

– São observações que já podias ter feito no pensionato, acrescentou o conde, mas quero acreditar que elas nunca te interessaram e nem nunca te mostraram a vida magnética do nosso planeta. D'Alémbert dizia, com razão, que uma pedra que cai faz o filósofo divagar, chamando sua atenção para a atração da Terra.

Vendo quanto a curiosidade de sua linda sobrinha despertara com essas primeiras experiências, ele a conduziu para o seu gabinete de estudo e lhe mostrou um barrotim imantado de grande força. Suspenderam uma pena de aço ao fio preso a uma régua de madeira fixada em prateleira da biblioteca e a mantiveram sem contacto a alguns centímetros de uma das extremidades do barrotim. Era maravilha ver os trêmulos da pena, sua tensão para atingir o ímã, a brusca reviravolta quando se lhe apresentou o outro pólo, suas preferências e suas recusas, e por vezes um tremor convulsivo tão violento que, em dado momento, Estela, tomada de piedade, exclamou:

– Basta, meu tio, o senhor a maltrata.

Esta ação à distância e sem contacto do ímã sobre o ferro ou dos ímãs uns sobre outros, a vida latente de súbito revelada pela aproximação de um barrotim imantado, as linhas de força que

tendem para um mesmo ponto do globo, a rotação lenta desse sistema no interior e à superfície da Terra, a correspondência da agulha imantada com a aurora boreal, a luz polar que ela assinala do fundo de uma adega e a correspondência de todos esses fenômenos magnéticos com o Sol, tudo isso não seria suficiente para ferir a imaginação, mesmo o espírito mundano de uma jovem que nunca se impressionara com os grandes problemas da Natureza? Nesse dia, muito se falou de ciência, e Estela compreendeu que a ciência é algumas vezes interessante e desperta na alma idéias dignas de atenção.

– A eletricidade, dizia o conde, é uma força imensa, ainda quase inexplorada.

“O “Solitário” tem razão de proclamar que ela é o agente supremo da vida. Age constantemente em torno de nós e sobre nós, não somente durante os dias ou noites de tempestade que precedem as descargas dos raios e em que os nossos nervos estão em um estado de agitação, que varia conforme os temperamentos, porém continuamente, mais ou menos, porque nunca está ausente. A eletricidade cria e mata; é benfeitora ou malfazeja, conforme sua maneira de agir; uma chuva tempestuosa ativa instantaneamente os fenômenos da vegetação, desperta a força, a beleza, os perfumes das flores, enquanto que o brusco estrondo do raio reduz o carvalho a lascas ressecadas e semeia a morte com a rapidez da sua própria fulguração. É eletricidade que circula em nosso sistema nervoso e em nossos músculos; é por ela que agimos; é ela que impulsiona os nossos gestos e que brilha em nosso olhar. É ela que une a alma ao corpo; é, falando com propriedade, a substância de nossa alma; age entre os espíritos, entre os corações, entre os corpos. Leste, em um capítulo do “Solitário”, que cada um de nós irradia em torno de si ondas elétricas invisíveis.

“As simpatias e as antipatias são explicadas pelo encontro dessas ondas, que podemos comparar às sonoras vibrações das cordas do violino, da harpa ou do piano. Façamos vibrar uma de tais cordas e produziremos um som. Se a onda sonora encontra em seu caminho uma outra corda em estado de vibrar harmonicamente com ela, esta segunda corda emitirá um som sem neces-

sidade de que alguém a toque. É uma experiência que se pode fazer todos os dias. Emite, pela voz, um som forte em uma sala, e os objetos em estado de vibrar com a nota emitida responderão; os outros ficarão mudos.

“Coloquemos dois ímãs semelhantes, podendo girar sobre as pontas, a alguma distância um do outro. Toquemos um deles e façamo-lo oscilar, e o outro oscilará também.

“Se duas almas vibrarem em perfeita harmonia suas ondas mentais quando se aproximam se unem.

“Se há dissonância no encontro das vibrações, resulta a antipatia. Não sabemos por que, mas todos os raciocínios serão inúteis. Este homem me é antipático, aquela mulher me irrita os nervos. Não se deve procurar corrigir essa primeira impressão, pois nossas ondas não se harmonizarão.

“Os semelhantes se atraem, os opostos se repelem: “Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és.” Os bons combinam entre si, o mesmo acontece aos maus.

“Nossas almas não são puros Espíritos. São substâncias fluídicas. Agem e se comunicam entre si por meios materiais, porém matéria sutil, invisível, imponderável.

“Sim, a eletricidade ainda é um domínio inexplorado, notadamente a eletricidade humana. As crepitações e os clarões que observaste em ti própria são os indícios de uma sensibilidade especial. Estou certo de que poderias reconhecer os dois pólos de um ímã. Quanto a mim, tenho a certeza de que, colocando-te ali, de pé, diante da chaminé, de costas para mim, ser-me-ia suficiente estender o braço até o teu ombro, e querer fortemente, para que não te possas manter ereta e caias de costas. Não o ensaiarei, entretanto.”

– Tudo isso é muito curioso, disse Estela, e constitui para mim um mundo novo. Sabe o que mais me impressionou nesse livro do “Solitário”?

– As comunicações com o planeta Marte?

– Não, ainda não as compreendi; é um pouco forte para a minha ignorância. O que mais chamou a minha atenção foi o capítulo das aparições e o da transmissão de pensamento à distância,

entre outras, a história da beatificação de Afonso Maria de Liguóri e a discussão, apoiada em provas, da sua aparição ao papa.

“Certamente conheces o fato. Estando esse santo bispo em Scala, no Reino de Nápoles, caiu um dia em transe, em estado de morte aparente, na poltrona em que habitualmente se sentava ao voltar da missa. Tornando ao estado normal, deparou seus servidores, que o acreditavam morto, ajoelhados diante dele. Meus amigos, disse-lhes, o Santo Padre acaba de expirar. Dois dias depois, um correio confirmava a notícia. A hora da morte do papa coincidiu com a em que o bispo tornara ao seu estado normal. Ora, durante essa ausência, Afonso de Liguóri havia aparecido ao soberano pontífice, com quem falara, tinha sido visto e ouvido e assistira o papa até o momento em que este exalara o último suspiro. No processo de beatificação, esse dom de bilocação ou ubiqüidade foi classificado milagre e apresentado por prova de santidade.”

– Sim, lembro-me. Porém nesse caso não existe mais milagre do que na floração de uma rosa ou na eclosão de um passarinho do ovo e o acontecimento é mais raro. Eis tudo, mais raro talvez do que um eclipse total do Sol em Paris. Essa história sempre me impressionou por não me parecer contestável, uma vez que se passou em pleno século de incredulidade, em 1774, tendo por objeto a morte de Clemente XIV (Ganganéli), no ano seguinte ao Breve com o qual esse papa ousou suprimir a Ordem dos Jesuítas. Foi em nosso século, em 1816, que a beatificação se realizou. É, pois, assaz recente; Liguóri morreu em 1787, treze anos depois dessa aparição.

“No meu modo de pensar, fatos dessa natureza são uma prova em favor das teorias do “Solitário” sobre a eletricidade humana e sobre o que chama nosso “corpo astral” – substância fluídica que ocupa todo o sistema nervoso do ser vivente, do qual tem a mesma forma e do qual é verdadeiramente o “duplo”. Esse “duplo”, que é nossa alma dotada de espírito, pode, às vezes, destacar-se do corpo e até mesmo afastar-se.”

– Encontrei também uma história mais recente, extraída de um inquérito sobre o que se denomina – não sei bem porque –

“alucinações telepáticas”, escrito por uma jovem cujo nome me interessou (pois que se assina Estela), em data de 18 de janeiro de 1884, narrativa que me fez passar um ligeiro arrepio por todo o corpo. Conta ela que numa bela noite, estando sentada próximo da lareira, entretida na leitura de um livro de aventuras muito alegres e que lhe despertara forte riso, nesse instante, ouviu girar a maçaneta da porta do salão onde se achava, e viu entrar um seu primo, que aparentava sentir muito frio, sem agasalho, embora nevasse. Levantou-se, para lhe colocar uma poltrona perto ao fogo e o recriminou por se haver deixado gelar daquela maneira.

“Em vez de responder, acrescenta a narradora, ele colocou a mão sobre o peito e sacudiu a cabeça, o que parecia indicar que não tinha frio, e sim que sofria do peito e era presa da afonia que lhe sobreviera ultimamente. Mais uma vez lhe reprovava a imprudência, quando o Dr. G..., em cuja casa morava então com minha mãe, entrou e indagou com quem eu falava. Respondi: “É ao fastuoso Bertie, que se constipou a ponto de não poder pronunciar uma palavra; empreste-lhe, pois, um casaco, e mande-o para casa.” Jamais esquecerei o horror e a estupefação pintados no semblante do bom doutor, que acabara de assistir os últimos momentos do meu primo, morto meia hora antes. Sua primeira impressão foi de que eu acabara de saber da catástrofe naquele instante, e perdera a razão. Não me tocou, porém, no assunto, e, tratando-me por “minha filha” (eu contava três lustros de idade), me fez sair do salão, enquanto me dava explicações científicas das visões, tidas por ilusão de óptica. A casa em que Bertie acabara de falecer ficava a distancia de um quarto de hora, mais ou menos, feito o percurso a pé. Havia bem três ou quatro minutos que meu primo viera, quando o doutor entrou. Eu ouvira girar a maçaneta da porta, vira abrir e fechar essa porta, feito o que, Bertie atravessara o salão, caminhara suavemente até à chaminé, sentando-se aí na poltrona que eu puxara para ele. Acendi as velas sobre a lareira e conversei durante algum tempo, embora sem receber qualquer resposta, o que atribuía à sua perturbação vocal.

“De acordo com essa narrativa – acrescentou Estela –, tal aparição difere da de Santo Afonso de Liguóri – em que este

estava vivo, e assim continuou, enquanto que o primo da minha homônima acabara de falecer. Acredita então que se possa aparecer estando morto?

– Há em tudo isso, replicou o conde, um mundo a estudar, e compreendo que o “Solitário” tenha incluído esses problemas em sua obra “O Domínio do Desconhecido”. Confesso-te que eu mesmo me sinto atraído, desde há algum tempo, por esse gênero de pesquisas, e comecei a comparar numerosas dessas observações com a esperança de lhes achar falhas e poder atribuí-las a coincidências fortuitas ou a ilusões; porém elas têm resistido à crítica, porque as averiguações foram feitas de maneira cautelosa. Procura-se atribuí-las à imaginação, à sugestão, etc.; mas tais explicações não me satisfazem. O que sabemos é bem pouca coisa; o que nós ignoramos é imenso.

“Todos esses fatos me parecem tão interessantes quanto inexplicáveis, e compreendo que o livro do “Solitário” te haja impressionado, notadamente a ti, pequena sensitiva. Mas, vejo com satisfação que raciocinas igual a um homem, e realmente há uma hora em que raciocinamos quais dois homens. Por minha parte, declaro ser francamente discípulo desse emancipado das orlas da ciência clássica; na maioria dos casos, suas teorias elétricas encontram adequada aplicação. As transmissões de pensamento, e mesmo as de sensações à distância, são casos reais. As aparições oferecem aspectos múltiplos e diversos. Sem dúvida, os cépticos encontrarão sempre meios de sair do embaraço, afirmando que nesses casos nada existe de real; que são coincidências, ilusões ou até histórias inventadas para distrair. Pode-se afirmar tudo. Lembro-me de que muito me diverti com a leitura de um espirituoso opúsculo, escrito para demonstrar, muito engenhosamente, aliás, que Napoleão nunca existiu.”

Esse livro sobre “O Domínio do Desconhecido”, as palestras que tivera com o tio a propósito das questões relacionadas com o assunto, trabalharam tanto o espírito da nossa jovem pensadora, que oito dias depois sentia outra personalidade e, nesta, a prova de que a sua vida, tornando-se intelectual, lhe proporcionava satisfações inesperadas e esquisitas. Ao mesmo tempo, o pro-

blema da eletricidade humana parecia associar vagamente sua própria pessoa à alma do autor de tão curiosa obra.

VI

Senhorita Eva

Estela penetrou nos domínios da Ciência por um caminho indireto. Sua curiosidade assim despertada quase por acaso, por fenômenos estranhos e pouco estudados até então, não devia extinguir-se mais. Interessava-se por tudo, queria tudo aprender, tudo saber. As coisas da vida mundana, as conversações de salão, os bailes, os jantares, o teatro, tornaram-se sem brilho aos seus olhos e perderam todo atrativo. Falara ao seu diretor espiritual a respeito do livro do “Solitário”, da aparição de Liguóri ao Papa Clemente XIV e de alguns outros fatos relatados na obra. O confessor admitia a aparição do santo, mas insinuou que os outros casos provavelmente eram ilusões ou talvez até tentações do demônio. Entretanto, não lhe proibira absolutamente a leitura dos livros do “Solitário”, prevenindo-a, contudo contra seus “erros teológicos” que, acrescentou com benevolência, não tinham importância para ela – que não pretendia cogitar de Teologia. “Podeis ler seus livros, acrescentou; elevam a alma e combatem o materialismo. Mas não chegueis ao extremo de considerá-los iguais às palavras evangélicas. Ele não é um verdadeiro sábio. Os verdadeiros sábios são todos católicos praticantes. Os outros, os independentes, são meio sábios, pois duas verdades não podem opor-se uma à outra, e desde que a palavra de Deus nos deu a conhecer a verdade, toda a ciência que não esteja de acordo com a fé não passa de ciência falsa. É, em muitos pontos, o caso desse autor. Desconfiai também de sua imaginação, que vos pode arrastar longe. Em uma palavra: embora não se trate de um romancista, lede-o como se lê um romance honesto, sem acreditar que tudo haja acontecido.”

Era uma autorização, incompleta, porém suficiente, e ela não precisava de mais para continuar a leitura que a interessava; em verdade, hesitara e talvez não continuasse a leitura sem essa velada autorização. Seu tio lhe prometera emprestar um segundo livro do “Solitário”, intitulado “A aurora de um novo dia”.

Reclamou-o naquela mesma noite, e iniciou avidamente a leitura das páginas.

Começava pela história da Terra. As épocas sucessivas estavam claramente expostas, segundo os fósseis característicos de cada período, e assistia-se ao desenvolvimento gradativo da vida, desde os rudimentares seres primitivos (os moluscos, os acéfalos) ao homem. A seguir, este era descrito, desde a era da pedra até as conquistas intelectuais da civilização moderna. A árvore genealógica da vida terrestre desdobrava-se em sua amplitude, com as lacunas que as descobertas da Ciência preenchem pouco a pouco. Admirava-se em tudo uma lei simples e providencial de progresso manifestada com a evidência da luz meridiana. Nenhuma dedução que não fosse baseada em fatos observados. As analogias do corpo humano com os mamíferos superiores estavam explicadas.

Remontava-se, insensivelmente, da nossa época às anteriores, e até aos tempos primitivos, quando o nosso planeta começou a condensar-se no espaço, nos flancos da nebulosa solar!

Essa teoria cosmogônica fornecida pela Ciência, baseada na Astronomia, Geologia e Paleontologia, e bem assim na Fisiologia e na Anatomia, pareceu evidente e simples ao espírito da jovem leitora. Começou então, tal qual em outros tempos no colégio, a fazer uma recopilação desse primeiro capítulo, e lhe veio à idéia compará-lo com a narrativa do Gênesis bíblico. Depois, por curiosidade, imaginou transcrever ambas as narrações em duas colunas paralelas. Acreditou-se ainda, por um instante, no pensionato, fazendo uma obrigatória composição, à qual se entregou com afã. Disso resultou o seguinte resumo, em que apareciam sob seus olhos, de um lado os ensinamentos apresentados pela Ciência e do outro a instrução religiosa do Catecismo, da Bíblia e do Evangelho. Reproduzimos, textualmente, esse resumo, ao qual não faltava originalidade. Estela se esmerara, à imitação de Bossuet, em dividir por épocas esta pequena História Universal:

A CIÊNCIA	A RELIGIÃO
<p style="text-align: center;">Primeira época</p> <p>O sistema solar parece procedente de uma imensa nebulosa, da qual o Sol e os planetas seriam condensações.</p> <p>A própria Terra, primitivamente, foi nebulosa, depois sol e, resfriando-se, tornou-se um corpo sólido.</p> <p>Os elementos da atmosfera e das águas prepararam as condições da vida, a qual começou por seres rudimentares.</p>	<p style="text-align: center;">Primeira época</p> <p>Deus criou o Céu e a Terra em seis dias, com todos os seres que encerram, e após terminar suas obras descansou no sétimo dia.</p> <p>O Sol, a Lua e as estrelas foram criadas no quarto dia.</p> <p>Os primeiros seres criados foram os anjos que lutaram uns com os outros. Os vencidos são os demônios. Tal é a origem do diabo.</p>
<p style="text-align: center;">Segunda época</p> <p>Os fósseis nos mostram, a exemplo de folhas de um livro de anais da Terra, que a vida começou pelos mais rudimentares e imperfeitos seres.</p> <p>Os três grandes períodos geológicos poderiam ser denominados: era dos peixes, era dos répteis e era dos mamíferos.</p> <p>Cada uma dessas eras representa milhares de séculos. Encontram-se os peixes abundantes nos terrenos cambrianos, silurianos, devonianos e permocarbônicos; os répteis nos triássicos, jurássicos e cretáceos; os mamíferos desde o eocênico.</p> <p>O mar tomou muitas vezes o lugar da terra e vice-versa.</p> <p>As espécies se foram diferenciando cada vez mais, aperfeiçoando-se.</p> <p>A árvore da vida mostra a unidade genealógica e a transformação gradual das espécies.</p>	<p style="text-align: center;">Segunda época</p> <p>No sexto dia Deus fez os animais que habitam a terra firme. Em seguida disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança.</p> <p>Deus criou Adão, modelando um homem de argila, sobre o qual soprou.</p> <p>Isso em um jardim. Em seguida arrancou-lhe uma costela, durante o sono, e a transformou na mulher.</p> <p>E a ambos proibiu que comessem dos frutos de uma certa árvore do centro do jardim.</p> <p>O diabo entrou em uma serpente e falou, assegurando à mulher que precisamente a árvore do centro do jardim era a melhor.</p> <p>E a mulher se deixou tentar, por isso que o fruto era belo e agradável à vista; provou e dele deu a seu marido, que comeu também. Então se aperceberam de que estavam nus.</p>
<p style="text-align: center;">Terceira época</p> <p>Em fins do período terciário as espécies animais e vegetais já se assemelhavam às da nossa época.</p> <p>Lenta e gradualmente, nosso planeta adquiriu as condições atuais de existência, suas estações e climas.</p> <p>Os primeiros seres que merece-</p>	<p style="text-align: center;">Terceira época</p> <p>Deus passeava pelo jardim, à tarde, quando se levantou um vento leve.</p> <p>Adão e Eva quiseram ocultar-se, porém Deus os chamou.</p> <p>Adão respondeu:</p> <p>– Ouvei vossa voz; tive medo, porque estava nu, e me ocultei.</p>

<p>ram o título de humanos parece terem sido os selvagens primitivos, que viviam nus e incultos nos bosques, disputando sua vida aos animais ferozes.</p> <p>A anatomia do homem assemelha-se à dos grandes símios; o homem, porém, não descende do macaco. É o aperfeiçoamento de uma espécie desaparecida. A estrutura respectiva mostra que seu corpo pertence à ordem dos mamíferos.</p> <p>Uma admirável Lei de Progresso presidiu ao desenvolvimento gradativo dos seres, desde os mais humildes até o homem.</p> <p>A vida terrestre é uma grande unidade, e o homem a sua coroação.</p>	<p>– E como soubeste que estavas nu, senão por teres comido do fruto vedado?</p> <p>– Foi a mulher quem mo ofereceu. O Senhor Deus disse à mulher:</p> <p>– Por que fizestes isso?</p> <p>Ela respondeu:</p> <p>– A serpente me enganou.</p> <p>Então Deus disse à serpente:</p> <p>– Arrastar-te-ás sobre o ventre e comerás terra todos os dias.</p> <p>Deus disse à mulher:</p> <p>– Terás filhos, por entre dores.</p> <p>Deus fez para Adão e sua mulher vestes de peles, com as quais os vestiu. E os expulsou do jardim, e colocou os querubins, munidos de espadas de fogo, para guardarem a entrada.</p>
<p style="text-align: center;">Quarta época</p> <p>Pelo desenvolvimento gradual de suas faculdades físicas e morais, o homem se tornou cada vez menos bárbaro.</p> <p>À idade da pedra bruta sucederam-se as idades da pedra polida, do bronze e do ferro. Sucessivamente e sempre, foram inventadas as vestimentas, as habitações, os instrumentos de trabalho, os aparelhos de ciência e os de indústria, as artes da civilização.</p> <p>Os homens se tornaram justos e pensadores. A Humanidade pôde produzir espíritos da estirpe de Homero, Sócrates, Platão, Arquimedes e Newton.</p> <p>Contudo, a raça humana atualmente ainda é assaz primária.</p> <p>Continuará, porém, sua marcha ascensional, principalmente d’ora em diante, com o desenvolvimento das ciências. A Ciência avança. Há sempre o que investigar.</p>	<p style="text-align: center;">Quarta época</p> <p>Para salvar a posteridade de Adão do “pecado original”, Deus se encarnou no seio de uma virgem, que se tornou mãe, com a intervenção do Espírito Santo, sem o concurso do marido, José.</p> <p>A anunciação teve lugar a 25 de março e o nascimento a 25 de dezembro.</p> <p>Os profetas bíblicos anunciaram que o Salvador devia ser filho de David. Essa a razão pela qual os Evangelhos dão a genealogia de Jesus-Cristo, mostrando que o pai de Jesus, S. José, e seu avô descendiam de David, pela mulher de Urias, que o santo rei elevava.</p> <p>Jesus-Cristo provou, pela sua missão, por seus milagres, pela ressurreição, que era realmente Deus, e a Humanidade foi salva. Jesus-Cristo trouxe a Verdade ao mundo, e desde há 18 séculos não há nada mais a investigar.</p>

Estela leu, e, pela primeira vez, dúvidas religiosas atravessaram seu espírito. Releu uma terceira vez e certificou-se de que a

cópia estava curtíssima. Seu confessor lhe aconselhara desconfiar da imaginação do “Solitário”, e em um lampejo ela percebeu que, no paralelo precedente, a imaginação estava – fora de dúvida – à direita, e não à esquerda. A História Científica é fundada na observação direta de fatos da Natureza, enquanto que a História Religiosa apenas oferece por base ficções, de um belo simbolismo oriental, porém ficções puras, ingênuas, indemonstráveis e mesmo contraditórias.

A jovem pesquisadora perguntou a si própria:

Se realmente o Sol, a Lua e as estrelas foram criadas em um dia – e o quarto – para luzir sobre a Terra;

Se em verdade Deus se dera ao trabalho de modelar um corpo de argila, para deste formar Adão;

Se em realidade Eva foi tirada de uma costela do homem assim criado;

Se verdadeiramente a serpente falara.

Depois, de ligação em ligação, aprofundou os conhecimentos bíblicos, e achou que o autor da narração tratava Deus um tanto familiarmente, e não via nele mais do que um homem. Releu diversas vezes em sua Bíblia que Deus “passeava pelo jardim, à tarde, quando se levantou um vento leve” e que “Ele próprio fez vestimentas” para cobrir Adão e Eva. Nunca estudara a Bíblia com essa atenção, e não duvidava do que seus olhos liam. E então ficou surpreendida com outras singularidades, tal a condenação da serpente a arrastar-se daí em diante, e perguntou a si própria, sem poder achar resposta, qual era a maneira pela qual se locomovia a serpente antes do pecado de Eva.

E depois, sem qualquer malícia, pareceu-lhe que Jesus não seria descendente de David, se José não fosse seu pai, e se José fosse seu pai a virgem Maria não continuaria virgem, no que notou haver contradição.

E também lhe pareceu que Jesus não salvara a Humanidade, de vez que três quartas partes dos habitantes da Terra não conhecem o Evangelho, ou nele não acreditam.

Em suas perplexidades, procurou alguma lógica, remontou à origem e se apercebeu de que a redenção se baseava na falta

(pecado original), a falta na tentação, a tentação na existência do demônio e esta na luta dos anjos antes da criação do homem.

Todo esse edifício lhe pareceu muito fabuloso.

Teve um resto de dia inquieto e durante toda a noite não conseguiu conciliar o sono. Era possível! Vivera tão tranqüila até então! Seus pensamentos tinham sido tão confiantes, tão simples! A vida e a morte tinham sido explicadas e, contudo, começava a duvidar. E quanto mais se aprofundava, e quanto mais lia a Bíblia, mais duvidava. Que havia ali de verdade? Nada, talvez!

E passou dias, noites, semanas inteiras em uma perturbação de espírito que não conheceu até então; era por vezes uma angústia horrível, para ela que se sentira tão feliz na sua fé. E se não fosse verdade? dizia.

Aconteceu-lhe até perguntar-se se Jesus era Deus, se ela mesma possuía uma alma, se esta alma era imortal e em que se tornaria depois da morte... Tudo se desmoronava a um tempo só. E horríveis dúvidas a atenazavam cruelmente. Não dormia mais, não se alimentava mais, definhava.

Semanas escoaram nessas angústias sempre crescentes, por isso que seu coração era puro e sincero. Não mais crer! viver sem religião! Impossível! Monstruosidade!

Por fim, não se podendo conter por mais tempo, foi consultar seu diretor espiritual. Ele a deixou expor todas as dúvidas, sem proferir uma única palavra.

Depois, no fim, quando ela esperou as explicações:

– Minha querida filha, disse-lhe, vós pecais por orgulho. Essas questões não são nem do vosso sexo, nem da vossa idade. Com que direito pretendeis perscrutar os desígnios de Deus? Os mistérios da nossa Santa Religião não são discutíveis. A revelação divina jamais se discute. Acreditai-vos superior aos Apóstolos e aos Padres da Igreja, e supondes que santos inspirados por Deus, tais São Paulo, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, ou que espíritos eminentes, do valor de Pascal, Bossuet, Fenelon, e tantos outros, hajam sido impostores? Pensais que N. S. Jesus-Cristo, que se proclamou – ele mesmo – filho de Deus, tenha sido um farsante? Semelhantes dúvidas são sacrilégios. Cumpri

vossos deveres; segui os mandamentos de Deus e da Igreja, não esqueçais a prece da noite e o exame de consciência, e encontrareis os benefícios da graça e a tranqüilidade da fé. Humilhai-vos com os nossos grandes doutores, com Tertuliano, que não hesitou em dizer: “*Credo quia absurdum*” (creio porque é absurdo). Nós não podemos compreender os mistérios. E, principalmente, não lede mais esses livros que perturbam inutilmente o espírito. Tendes outras coisas a fazer no mundo, em vez de investigações pseudocientíficas. Deixai a Geologia aos geólogos e a Teologia aos teólogos. Sois boa musicista, creio. Isso não é pecado. Os prazeres permitidos de uma sociedade honesta e distinta, qual o mundo a que pertenceis por nascimento, dar-vos-ão mais satisfações do que essas vãs querelas renovadas, de heréticas, já condenados por todos os Concílios. Em breve teremos a estação das viagens. Ide contemplar as maravilhas da Natureza; à beira-mar ou entre as montanhas, adorareis Deus em suas obras, e voltareis sã de corpo e de espírito. De outra maneira, seria estiolar-se nas bibliotecas onde cada livro está impregnado de pó e micróbios. Até à vista, minha querida filha, fazei vosso ato de contrição e recebei a minha bênção paternal.

Pela primeira vez, a jovem cristã saiu do confessionário sem experimentar a suave emoção interior da graça, cuja penetração em tantas outras ocasiões inundara sua alma de reconfortadoras claridades. Julgou aperceber-se de que sua fé vacilava e, embora sentindo o desejo de avançar no saber, lastimava ter começado. Recordou os inefáveis prazeres da sua primeira comunhão e acreditou ter tornado a encontrar a graça. Antes de transpor os umbrais da igreja estava convencida de que era preferível não continuar as leituras inquietantes, e que o melhor era não mais nelas pensar.

Tomou essa resolução. Mas, a luz exterior, o ar pleno, o Sol de maio, as visitas da tarde fizeram evaporar tais impressões, e quando naquela mesma noite reviu a “Aurora de um novo dia” sobre a mesinha do seu aposento azul, não se pôde conter de retomar o livro nas mãos, folheá-lo e continuar a leitura.

Após haver exposto a história do nosso planeta, o “Solitário” mostrava que a Humanidade terrena, a despeito dos progressos que já fizera, ainda está em idade infantil.

“Ela é material, grosseira, inconseqüente e brutal. Menos dividida do que nos tempos primitivos das tribos, quando estas se mantinham constantemente em guerra de aldeia a aldeia, qual acontece ainda em nossos dias nas regiões da África Central; menos dividida também do que em tempos mais recentes em que o Rei de França, o Duque de Normandia e o Duque de Borgonha viviam em lutas permanentes, em que Paris se batia contra Ruão e Dijon, da mesma forma que Florença contra Veneza, Berlim contra Frankfurt, Edimburgo e Dublin contra Londres, e igualmente do que nos primeiros dias da monarquia francesa em que o rei de Paris se batia contra o rei de Soissons; essa pobre Humanidade está, no entanto, longe ainda de despojar-se do antigo e bárbaro erro de regionalismos, e ganhou muito pouco também em liberdade real, porque quase todos os seus recursos são consagrados a manter certos grupos, encerrados em fronteiras artificiais e variáveis, sentimentos de rivalidades, animosidades e rancores que a esgotam e esterilizam. A inteligência está ainda tão embrutecida, que os povos honram os diplomatas que, pela mentira e fraude, fizeram desencadear as guerras mais ruinosas para se cobrirem de homenagens e glórias. Ainda se vêem reis e imperadores asseverando a seus súditos que a guerra é de instituição divina e que o mais inteligente proceder consiste em derramar o sangue sobre o altar da pátria. O militarismo, assim exagerado, vale por um crime, uma vergonha, uma loucura grosseira e malsã. Todos os governos da Europa, reunidos, têm menos inteligência do que um bando de lobos, ou, se verdadeiramente raciocinam sobre a sua própria conduta, proclamam em princípio o roubo e o assassinio. Prefiro acreditar que são inconscientes e vítimas do atavismo. Os homens são educados no porte de punhais nos bolsos para se degolarem feito brutos. Os soldados da Europa despendem doze milhões por dia, exercitando-se: doze milhões por dia, quatro bilhões quatrocentos trinta e cinco milhões por ano, dinheiro pago pelos que trabalham. A Europa está atualmente endividada em cento e vinte e um bilhões

(sendo a parte da França trinta bilhões). Tal militarismo é uma escola de ociosidade que rouba trabalhadores aos seus ofícios. Insensata e dividida, essa Humanidade terrestre. Os cães, os gatos, as toupeiras, as ostras, as cenouras, as abóboras são menos estúpidas. Os animais e as plantas lutam pela vida; os homens pugnam pela glória de ser mortos!

“Ao mesmo tempo, continuava o autor, todos esses seres vivem sem saber e sem indagar onde estão. Sua principal ocupação é o dinheiro, sem limites na aquisição, embora dele não careçam porque têm a existência assegurada; ou ainda quando o despendem nas mil futilidades supérfluas em que dissipam sua existência. Uns, incessantemente premidos pelas necessidades da vida material, trabalham constantemente, sem ter tempo para pensar; outros, mais privilegiados na aparência, não são mais intelectuais. Ninguém procura esclarecer o espírito, instruir-se a respeito do Universo e da Criação. Estão satisfeitos com a sua ignorância nativa, da qual saem por exceção. Suas impressões se limitam à superfície, e os escritores mais populares são os que narram em estilo imaginoso às funções do estômago e do ventre. Do cérebro, nada. A arte, o teatro e o romance não são inspirados por ideal algum. O povo mais espiritual da Terra escuta e aplaude canções tão idiotas quanto grosseiras. A matéria espessa e pesada domina tudo.”

Eis o que leu com os seus próprios olhos, e sentia ser verdade. A Humanidade se lhe mostrava bem diferente do que lhe parecia até então.

“A Humanidade – acrescentava o “Solitário” – não tem mais do que um lustro de idade. Certamente não atingiu ainda a da razão, que, na criança, desperta geralmente aos sete. E como já tem mais de dez mil séculos, é altamente provável que só atinja o seu apogeu intelectual dentro de muitos milhões.

“O papel do pensador é o de precedê-la. As almas que pensam são raras e formam uma exceção de elite, cuja felicidade consiste na pesquisa pura da Verdade e no desinteresse pelas paixões grosseiras e pelas vaidades do mundo. O sentimento religioso existe no fundo dessa indagação da Verdade. Mas Deus pressentido pelo pensamento é um Ser transcendente, sublime e

inidentificável, tão acima da nossa faculdade de compreensão quanto o infinito está acima do finito. O homem inventou um deus antropomorfo.

*Mon Dieu n'est pas le tien et je m'en glorifie.
J'en adore un plus grand que tu ne comprends pas!*

(Meu Deus não é o teu; disso me glorifico.
Adoro um Deus maior que não compreendes.)

“O Espírito reina tão pouco na Humanidade, que ela só acredita nas aparências. Não há muito tempo, todos os habitantes da Terra pensavam habitar uma superfície plana fixada na base do Céu e suportando o Universo. Para eles, a Terra é tudo, o Céu, nada.

“Igualmente, acreditam na matéria visível. Para eles um bloco de ferro é sólido, embora seja composto de moléculas invisíveis e impalpáveis, que não se tocam; ignoram que o agente essencial do Universo é a força e não a matéria. A gravitação universal que sustenta os mundos no Espaço é invisível e imponderável; se a suprimirmos na concepção, o movimento do Universo deter-se-á e a vida desaparecerá.

“O que eles denominam o mundo visível é, aliás, um quase contra-senso. Na multidão de raios que o Sol envia à Terra, apenas um sobre cem se torna acessível à nossa retina e faz vibrar nosso nervo óptico. Uns vibram muito rapidamente, outros muito lentamente e o que vemos é um quase nada em relação ao que existe. Entretanto, os nossos literatos e filósofos falam dessas impressões incompletas e relativas qual se elas representassem o absoluto.

“Assim também com relação ao corpo humano. Vêem nele o que a Anatomia e a Fisiologia permitem conhecer, e não percebem que esse conjunto de tecidos não constitui o ser humano. A Alma é invisível. As forças com que a Alma age sobre o corpo e o mundo exterior é invisível. Procura-se explicar tudo pelo corpo visível e suas funções, e não se obtém nenhum resultado satisfatório. Daí as incompetências e as cegueiras das ciências denominadas positivas, em referência a tudo que pertence à ordem psíquica, que é, no entanto, tudo de essencial no homem.

“Começamos a reconhecer o erro das aparências. É tempo de nos ocuparmos com a realidade. É a nova era da Ciência que se abre agora ante nosso horizonte ampliado. Vimos de nascer à alvorada de um novo dia. Abramos nossas asas. Voemos na luz e no infinito!”

Estela prosseguiu lendo. Quer se trate das mulheres, dos reis ou do povo, para impor-se é mister agradar. E esse autor lhe agradava, pela originalidade, pela independência. Sentia-se, pela sua própria natureza, inclinada às curiosidades intelectuais, e se por vezes se perdera, em tempos anteriores, nas nuvens do misticismo, fora por ter acreditado na autenticidade da revelação cristã. Começava a sentir agora que, se essa revelação muito se aproximara da verdade, contudo não a continha, nas ficções encantadoras do paraíso terrestre – esse elegante símbolo de um período da história oriental. Apegou-se à leitura da segunda obra com o sentimento de que, longe de lhe ser proibida, essa curiosidade era uma obrigação para o adiantamento de seu Espírito. A raça humana pareceu-lhe realmente infantil e pouco intelectual. Sentia-se acima das vulgaridades universais pelo desprendimento espiritual e pelo seu anseio de saber. Leu avidamente os diversos capítulos, e chegou ao que era de algum modo a conclusão e trazia por título: “A Libertação do Pensamento pela Astronomia”.

O autor mostrava a Terra como ilha perdida no infinito. Miríades de mundos se balançavam no Espaço, uns habitados atualmente por Humanidades análogas à nossa; outros por espécies inferiores: larvas, elementos rudimentares, monstros, animais, embriões do pensamento; ainda outros por seres tão superiores ao homem e à mulher terrestres quanto nós o somos aos peixes do mar ou aos moluscos inconscientes; outros mais, outros povoados, hoje desertos, cemitérios de Humanidades extintas; outros, enfim, em preparativos para as glórias do porvir. Compreendia-se assim que o nosso pequeno e medíocre planeta não passa de um átomo na imensidade, e que a nossa existência atual representa um segundo na hora da eternidade. Os mundos sucedendo mundos, os espaços aos espaços, em todas as direções, por

toda parte aonde era possível dirigir um olhar, sem fim em qualquer sentido.

O centro desse infinito estava em toda parte e a circunferência em parte alguma. Sobre a Terra ou em Sírio, estava-se no centro. Era possível avançar em linha reta em uma direção qualquer, com a velocidade do relâmpago, e viajar com essa velocidade durante dez mil séculos, sem mudar de lugar, sem adiantar um passo, sem se aproximar de forma alguma de limites que não existem. Um telegrama enviado hoje, para as fronteiras do Espaço, jamais chegaria. E então, sobre essa pequena Terra, ilha gigante nos raios do nosso Sol, cada um se sente como que perdido, abandonado.

Emocionada por esse peso de infinito que lhe pesava sobre o coração, Estela abriu a janela que dava para os castanheiros de um grande parque. O ar estava fresco e perfumado; a noite silenciosa, nesse quarteirão deserto. A Lua, em quarto crescente, flutuava qual pequenina barca luminosa, sobre os vapores do horizonte ocidental, vagamente iluminado pelas luzes de Paris; Vênus e Júpiter brilhavam na constelação dos Gêmeos, acima de Castor e Pólux, e as quatro estrelas de Leão pareciam no seu alinhamento mostrar ao longe, a leste, a aresta da Virgem, por cima da qual brilhavam Arctúrus, a constelação e as pequenas estrelas da Coroa boreal. As estrelas mais resplandecentes cintilavam bonançosas e atraíam o olhar e o pensamento.

Com os cotovelos apoiados à janela, contemplou-as, identificando-as pelos nomes, e sua imaginação voou até elas. A beleza da noite, a calma atmosférica, os lumes do céu, a imensidade do Espaço, transportaram seu pensamento às altas regiões que acabara de visitar na sua leitura. Paris que dormia, os edifícios dos quais se notava algumas cúpulas escuras, a torre quadrada do Convento dos Pássaros, as próprias igrejas, tudo lhe parecia coisas inferiores, terrestres e humanas. O mistério do céu estrelado arrebatou sua alma, qual um sonho divino. E pela primeira vez sentiu que a verdade pairava lá, em cima; que ninguém a encontrou cá em baixo; que as religiões são tentativas incompletas, e que se uma dentre elas pretendesse confiscar o Deus – das estrelas, seria vítima de infantil puerilidade.

Sentiu então sua alma expandir-se verdadeiramente e elevar-se no espaço, rumo das culminâncias puras do éter, e pareceu-lhe receber um novo batismo, que se tornava iniciante de uma religião nova – que não tinha nada de terreno, e, ainda, que planava nas regiões sublimes em que brilhavam as estrelas gêmeas de Castor e Pólux. Depois, experimentou a sensação de estar só no mundo; de que o Universo era demasiado imenso; de que o silêncio da noite estrelada era apavorante; de que Deus, inacessível, a abandonara. Ao entusiasmo e à contemplação do céu estrelado sucedeu a emoção de uma imensidade, grande demais para suportar, e foi invadida por uma profunda melancolia. E porque continuasse a contemplar as estrelas, seus olhos se velaram de lágrimas. E permaneceu muito tempo assim, de cotovelos apoiados à janela. E, quando se retirou, o crescente, bem tombado para a direita, já desaparecia atrás das árvores e continuava a descer na noite, levada no inexorável movimento dos astros e das coisas.

VII

Período de transição

A Condessa de Noirmoutiers recebia todas as quartas-feiras, à noite, e havia três meses que o Duque de Jumièges não faltava a uma só dessas reuniões, ora mundanas e brilhantes, ora simples e restritas. Cada visita sua era precedida por um ramalhete do mais fino gosto, formado das mais raras flores, e, embora a formosa Estela ainda se não houvesse pronunciado, parecia que só faltava fixar a data do casamento. As famílias estavam de acordo. Nas noites de baile, os dois jovens só dançavam um com o outro. Nas reuniões íntimas, Jumièges jogava assiduamente sua partida de xadrez com o conde, e conversava-se em camaradagem sobre as últimas indiscrições da sociedade parisiense. O duque estava ao corrente de tudo, sabia tudo e tudo podia narrar. Não faltava a uma estréia teatral, e conhecia minuciosamente todas as peças em moda, das quais fazia a crítica imediata. Com freqüência escolhido para árbitro de certas querelas, havia sido testemunha em três duelos desde o início daquele ano. A largura de sua gravata e o comprimento do cordão de seu monóculo eram tomados por padrão do que convinha adotar pela gente distinta. Isso chegou a tal ponto que, por ter em dia de chuva dobrado para cima a bainha da calça, embora pouco andasse a pé, todos os seus jovens amigos do clube começaram a fazer outro tanto, mesmo nos dias de bom tempo, e não era raro encontrá-los assim em pleno salão, em conseqüência de um esquecimento que, aliás, parecia se ter também tornado moda. Nos cafés-concertos não havia canção nova que não fosse conhecida, apreciada e citada a propósito por esse mundano universal que, não fazendo coisa alguma, não dispunha de um instante de liberdade. A maior parte de seu tempo era tomada por visitas; todas as suas horas pertenciam às exigências desse mundo elegante, de que se ufanava, com razão, de ser o representante mais completo.

Nessa noite não havia além de trinta pessoas no salão, e o duque sustentava com muita correção o dedal da conversa. Falava das últimas canções ouvidas e divertia-se analisando com muito

espírito. Porém, sob essa mentalidade mundana de convenção e sob essa aparente correção, Estela notou de novo falhas e vácuos. Pareceu-lhe que tais opiniões não passavam de belas frases. Nada exprimiam. Bolhas de sabão que uma ponta de alfinete fura e faz desvanecer. Ouvindo-o, feria-a também a vulgaridade das idéias: nenhum sentimento intelectual ou estético. Quando muito, algumas sensações superficiais e assaz obtusas. Estela não conhecia a literatura “naturalista” contemporânea; mas, nessas conversações de salão, recebia uma impressão que a feria, sem que o percebesse nitidamente. Não se tomavam, aliás, precauções para narrar os últimos sucessos do teatro ou do romance. Estela ficou admirada desse gosto predominante pelas coisas abjetas e néscias.

Falava-se um pouco de tudo. Um brilhante oficial, o Capitão Lomond, criticou certas obras literárias, recentemente aparecidas, e elogiou outras. Mas a discussão começou a animar-se; a condessa pediu um pouco de música.

Os primeiros trechos foram ouvidos sem entusiasmo e em ambiente de distração generalizada, embora tivesse o violino estreante o talento de Sivori. Porém, a seguir, o duo de “Mireille”, maravilhosamente cantado com ternura e paixão, cativou todas as opiniões, e o pequeno auditório pareceu esquecer, pela harmonia, as discussões literárias que o dividira momentos antes.

Contudo, a própria música não podia passar de um intermédio, e não tardou que as conversações fossem reiniciadas. Estela acabara de acompanhar ao piano a ideal e deliciosa serenata de “Don Juan”, muito agradavelmente cantada por sua amiga Cecília, e, sentada ao piano, ficara conversando a meia voz com ela, enquanto se reatava a palestra entre seu tio, o duque e o oficial. Embora falando, ela escutava, “com um ouvido”, essa conversação entre homens, e certamente nenhum dos três interlocutores imaginava estar sendo escutado por uma mulher, e muito menos por uma donzela.

– Sim, sustentava o oficial, é a literatura nova, fim de século, como se diz; são o romance e o teatro novos, progresso literário ao qual ainda não estamos mais afeitos do que à música de Wagner. Mas não se pode negar que haja em tudo isso uma

evolução radical. Não apreciamos mais o “xarope de orchata” de Lamartine e Gounod, nem os Cupidos róseos e nus dos quadros de Bouguereau.

– Também aprecio a força e a virilidade, respondeu o senhor de Noirmoutiers. Não obstante, sou de opinião de que o escritor de quem ora falais não devia deleitar-se tanto no esterco. Se encontrais uma imundice na rua, vós vos desviais logo, e não meteis os pés nela. Porque meter nisso o nariz?

– Porque é real. Existe qual o resto. Uma pintura verdadeira deve mostrar tudo.

– Vejamos. Folheando esses livros que os senhores citam a todo momento, não se chega à página trinta sem encontrar a palavra “porco”.

– E o povo não emprega correntemente essa expressão em suas discussões e até em suas conversações?

– As pessoas grosseiras, em que vos podem elas interessar? Então o vosso amigo é um fotógrafo e um fonógrafo?

– Isso nem sempre o torna um pornógrafo.

– Henrique o chamava, há dias, pornógrafo; mas, desconhecendo o grego, usam muitos desses barbarismos.

– Sou da opinião do capitão, replicou o duque. Um autor deve fazer as suas personagens falarem a linguagem que lhes é peculiar. Por que os historiadores de Waterloo só ousaram repetir a expressão de Cambrone depois que Victor Hugo a empregou em “Os Miseráveis”?

– A trivialidade não é necessária para desenhar caracteres, ainda os mais grosseiros. Vede Balzac.

– Outros tempos, outra linguagem, retrucou o oficial. Precisamos hoje justamente de palavras que impressionem os burgueses, e que os firam, acrescentarei eu. Sem isso, eles nunca lerão. Sabeis bem que, em geral, o burguês não passa de um pateta.

– E os outros, os rastacueros, os Peruvianos, e o resto? Vejam o teatro! continuou o duque.

– Sim, fui com a condessa ver as três últimas peças. Pois bem, para falar nova língua francesa, não encontro, com efeito,

senão uma expressão suficientemente adequada, e ousarei dizer, para estar mais à altura da vossa linguagem: é sendeiro, ou, se preferis: porcaria. É linda a vossa evolução literária!

– Não existe para as ditas peças nem um bilhete de entrada disponível. Veja-se bem que é o gosto atual. 500.000 francos de receita!

– Meu caro duque, pode-se ter 100.000 francos de êxito, sem se ter dois centavos de valor real. Quanto ao gosto da maioria, eu o nego. Não está aí, nunca estará aí o gosto francês. Vai-se lá, como se lê, por mera curiosidade. Os franceses apreciam a finura das idéias, a delicadeza das sensações, a alegria, um pouco de “sal” chistoso, se assim querem, como diziam nossos pais, os requintes, os contos de Lafontaine, as histórias galantes de Bocácio ou da Rainha de Navarra, as gravuras de Fragonard e Moreau, tudo o que quiserem, mas não apreciam a indecência, mormente a licenciosidade sem espírito, nem a estimarão jamais. Esses livros e essas peças teatrais nos criam uma bem falsa reputação no estrangeiro. Não se podem ver sem tristeza esses folhetins de jornais, essa literatura rasteira, porque a moral de um povo depende muito da qualidade do que lê.

– Oh! Meu caro conde, não está mais no “Lago” e na “Tarde” ou em “A Graça de Deus”. Não se segue mais, agora.

*Nas ondas do ar
O carro da Noite que avança!*

O amor não é um sonho. Nós evoluímos, desde há meio século. É o progresso.

– Os jovens, meu caro duque, não olham muito longe no passado; acreditam que o mundo recomeça com eles. Já fui assim também; mas, agora, sei que não fazemos senão continuar. Vossos autores “naturalistas” não parecem desconfiar de que reeditam, bem menos originalmente, o nosso velho Rabelais, e ressuscitam Aristófanes. Nada de novo debaixo do Sol. Reconduzem-nos há mais de 20 séculos para trás.

E a isso chamais progresso? Estranho erro. É igual ao dos vossos pintores que vêm em tudo a cor violeta. Questão de retina. Daltonismo. Os jovens acreditam renovar a face da Terra;

os velhos se lamentam de uma decadência imaginária; por mim, acredito no progresso, vejo em sua rota caminhos onde o carro se atola. A memória humana é curta. Cada século imagina que a sua luta é a mais importante de todas. Sempre houve realistas. Acredite-me, o único e verdadeiro progresso é o da Ciência. A literatura e a arte são formas mutáveis; não é nelas que se deve procurar uma ascese. Chamai-me Fídias, se quiserdes. Prefiro essa modalidade de injúria às incongruências nauseantes desse grosseiro camponês a quem um de vossos autores favoritos achou de bom gosto dar o nome de Jesus-Cristo.

– Então, senhor conde! Replicou o capitão. É um velho gênero, eis tudo. Não digo que no século XX não se retorne a imitações de ordem coríntia, e a Homero; retorna-se a Napoleão, tão vilipendiado há vinte ou trinta anos. Porém, os autores da nova escola não rebuscam perífrases. É o pintor Manet plagiado. Há pouco eu lia um capítulo bem traçado, e fiquei nesta frase, quando me foram buscar: Nini recusou o lugar no atelier, por isso que “sua vizinha destapava gargalos de garrafas”. Não achais este modo de dizer completamente expressivo?

– Como dissestes? Inquiriu o conde.

O oficial repetiu a frase, mas os dois interlocutores confessaram não compreender, e pediram explicação do sentido.

– Ah! é o que se chama “esvaziar o gargalo”. É efetivamente esquisito, disse o conde.

– Aprovo esse gênero; Bernardin de Saint Pierre e Chateaubriand estão longe de nós, acrescentou o duque. É um grande erro imaginar que a Humanidade atual tenha necessidade do ideal: ela tem outra coisa em mente. Vede, no fundo, o misticismo e o idealismo: é afetação, é a corrida ao Além, um gênero de desporte igual a outro qualquer. Ninguém acredita nisso, ninguém necessita disso. Viva o realismo! É só o que existe de verdadeiro!

– Entretanto, vede todas essas jovens encantadoras. Acreditaís que elas não sonhem um pouco? O primeiro que souber prender a mais interessante de todas, acrescentou o oficial, designando Estela com o olhar, não deve ser muito brusco.

– O primeiro, o primeiro... replicou o duque, virando costas ao conde. Com as jovens, sabem-se lá a quantos se anda?

Ouviu-se um golpe de notas no piano, e Estela anunciou um trecho a quatro mãos, com Cecília.

– A propósito de novidade, retornou o duque, ouviu a última canção do Alcáçar? Meu caro, é um furor!

– Não, replicou o capitão. Há uma eternidade que não ponho lá os pés.

– Ouça a última oitava dos versos. Esquecia-me de dizer que se trata de um jovem que quis seduzir certa rapariga, irmã de um seu amigo.

E o duque recitou os versos de uma cançoneta em estilo de gíria, toda cheia de frases equívocas:

*Espéc' de sal' goulu
D' vieux mann' quin d'étalage
Il parait qu' t'as voulu
Lui prendre son... heritage!
Une bonne volé t'attend.
Ne crains pas qu'elle se perde.
Ma soeur m' prie nonobstant
De te dire qu' elle...*

– Hein? Aí está a verdadeira literatura realista. Que pensais?

– Não se suspeitaria, replicou o conde, que a França produziu Molière, La Bruyère, Lafontaine, Voltaire, Beaumarchais, Crébillon, Chamfort e alguns outros escritores delicados que sabiam associar o espírito à alegria. Também os há entre os modernos e os nossos contemporâneos. Pois bem, continuo a pensar que o valor de um povo reside em suas elites e não em seus varredores de esgoto.

Estela e Cecília iniciaram seu trecho a quatro mãos. Os três interlocutores retomaram seus lugares, próximo do aquecedor.

– Viu o novo cavalo do circo? Disse o duque. É uma maravilha. Olga o monta com uma elegância admirável e chegou a fazê-la valsar ao som de um trecho da valsa “O Beijo”. Ficamos boquiabertos. É um encanto. Uma elegância de formas extraor-

dinária. Dança, faz trejeitos, cumprimenta, cai morto. Ide ver isso na sexta-feira.

– E a Praça Blanche?

– Não vou mais de uma vez por semana ao “Chat Noir” e ao “Moulin Rouge”.

– Nunca me veio à idéia de dar uma volta por esse quarteirão, interveio o conde.

– Contudo, é bastante divertido, acrescentou o oficial. “Grille d'Egout” é deliciosa.

– Que vem a ser isso? Perguntou a Senhora de Noirmoutiers. É uma jumenta?

– Não. Uma senhorita que dança de um modo um tanto descabelado e cujas pernas rivalizam em contorções fantásticas com as de sua amiga “a comilona”. São incomparáveis para um grande jogo de cena e caem completamente estateladas no chão, sem se machucarem. Temos também Nini, “pata no ar”.

– A propósito. Sabem que fim levou o Príncipe Léonou?

– Eclipse total. Crivada de dívidas. Conselho judiciário.

– Com cem mil libras de rendimento!

– Gastava duzentas mil. Um dia desses, tomou emprestado vinte cinco luíses.

– Minha senhora, foi à Exposição do Império?

– Certamente, sim, muito nos interessou, embora na realidade tivesse poucas coisas. Foi uma grande época! Suas menores recordações nos comovem profundamente. Mostraram-me lá um sabre do General Morland. Será autêntica a história do tonel de rum?

– Tudo quanto há de mais verdadeiro. Quando ele foi morto em Austerlitz, Napoleão mostrou-se muito sentido e ordenou que seu corpo fosse transportado para Paris; mas os cirurgiões, nada tendo do que era necessário para embalsamá-la, encerraram-no em um tonel de rum, que foi esquecido em uma adega da Escola de Medicina até 1814. O corpo foi encontrado em perfeita conservação, porém o rum fez crescer os bigodes de um modo tão extraordinário que caíam abaixo da cintura.

– E que se fez com o rum?

– A crônica pretende que os ajudantes dos enfermeiros o beberam.

– A marquesa é toda entusiasta do Império, continuou a Sra. de Noirmoutiers. Renovou todos os móveis do salão e só usa toaletes de 1810. Não pudemos ir à sua última reunião. Parece que foi das mais animadas.

– Principalmente no fim, informou o capitão. Foram cantadas as últimas canções.

– É o que nos disseram ontem. Parece que o senhor não se aborreceu de todo.

– Oh! Isso nada tem de extraordinário. Apenas rir. Houve uma canção, bisada, tendo por assunto uma recém-casada que falava das vestes íntimas.² O que mais divertiu foi o fato de essa canção terminar com um bailado bastante ligeiro, lembrando uma célebre quadrilha das damas da Corte de Compienha, e ter a encantadora mulherzinha, em seu movimento final, feito cair sobre uma das orelhas a coroa de flores de laranjeira. Depois agraciaram-nos com duas canções cacetes.

– Pois bem, disse o conde, se realmente, como se diz, a literatura fosse a expressão da sociedade, isso seria para desesperar da França.

– Foi em algum café-concerto que viu esse espetáculo?

– Absolutamente; foi em um sarau da marquesa. Estávamos sentados atrás de oito filas de senhoras muito decotadas. Um verdadeiro ramalhete. Entretanto, meu vizinho observou-me que, para alguns raros elegantes, grande número dessas damas tinham costas bastante brutas.

– Ora essa! Costas brutas?

– Sim, largas, pesadas e sem estilo. Acrescentem-se os penteados escorridos que não mostram ao menos uma ponta de orelha algo espiritual.

– E todas essas canções são ditas diante de donzelas?

– Elas riem iguais a nós outros, e sabem muitas outras! Literatura popular é a que todo o mundo conhece.

– Confesso, pela minha parte, replicou o duque, que nem sempre compreendo as obras-primas da nova literatura dos senhores estetas sibilinos. Que significa isto, por exemplo?

*Un ignoré vallon de vierges s'est assis
Que n'endeuille, l'elu! la saison sans sursis.*³

E este soneto?

*M'introduire dans ton histoire
C'est en héros effaurouché
S'il a du talon nu touché
Quelque gazon de territoire.*

*A des graciens attentatoire
Je ne sais le naïf pèché
Que tu n'auras pas empêché
De rire très haut sa victoire.*

*Dis si je ne suis pas joyeux
Tonnerre et rubis aux moyeux
De voir em l'air que ce feu troue*

*Avec des royaumes épars
Comme mourir pourpre la roue
De seul vespéral de mes chars?*⁴

O conde deu um salto da poltrona, qual se fosse acionado por oculta mola, exclamando.

– Quem praticou semelhante mistificação?

– Estevão Bienarmé.

– Muito bem. Voto para que seja condecorado e para que se lhe encadernem os livros com uma porção de fechos invioláveis. Quando quiser ler um poeta, escolherei na minha biblioteca Hugo, Mussuet, Byron, Leconte de Lisle, Prudhomme ou Copée. Vale por uma confissão de que prefiro a incoerência e a divagação às licenciosidades imundas.

Essa reunião em casa da Condessa de Noirmoutiers indica, e assim as precedentes, o meio em que Estela vivia; bolhas de sabão, fumos, banalidades. Estela saía muitas vezes completamente desiludida dessas reuniões, que pretendiam tornar-se

divertidas. A ignorância desses jovens mundanos ociosos, a de seu noivo em particular, e sua indiferença por todas as curiosidades da Natureza e da Ciência, eram para ela um primeiro motivo de desapontamento, que se agravava e lhe causava uma espécie de humilhação, toda vez que para isso se apresentava uma oportunidade. Em circunstâncias várias, foi levada às mesmas reflexões, observando todos esses brilhantes jovens que a rodeavam. Não sabiam coisa alguma, não se preocupavam de coisa alguma, estavam satisfeitos com a sua nulidade intelectual.

Por um belo entardecer de fins de março, após um passeio pelo bosque Saint-Germain, voltavam em “break” o conde, a sobrinha e toda a alegre companhia. A noite começara a cair gradativamente antes do retorno a Paris. As estrelas já brilhavam em vivas claridades e era possível admirar no céu, do lado do poente, um clarão que se levantava obliquamente do ponto em que o Sol desaparecera e terminava em seta a uma grande altura. Essa claridade, de aspecto estelar, era muito suave e tranqüila, e parecia formada para além das estrelas. Estela, que a contemplava desde que a noite tombara, chamou para ela a atenção de suas amigas e de toda a alegre caravana. Procurava informar-se, indagando como se denominava essa luz, o que era, se estava longe da Terra, pensando em voz alta, por assim dizer. Ninguém soubera responder. Apenas um deles se lembrara de dizer que era a Via-Láctea. Constatou-se, entretanto, um pouco mais tarde, que tal não era, pois a Via-Láctea desdobrava em outra direção, enquanto que a primeira claridade se extinguia gradativamente. Somente na manhã seguinte, durante a primeira refeição, é que ela soube, pelo tio, que se tratava da luz zodiacal.

E embora nessa luz, no vértice e nas proximidades, cintilantes estrelas ou planetas atraíssem o olhar, ninguém, de todo o fino e elegante grupo mundano, ninguém soubera dar o nome de um só desses astros, ninguém pudera responder seriamente a qualquer das perguntas feitas. Era evidente que nenhum deles jamais as vira, nunca elevara seu pensamento até lá; em tempo algum procurara saber o nome desses astros que brilham constantemente sobre nossas cabeças.

Adriana, que lhe estava ao lado, não ocultou seu grande espanto com as indagações de Estela. “A Astronomia – disse – a quem pode interessar? Aos loucos! Olha, não sei sequer o que seja a Ursa Maior... Nisso ou naquilo me é indiferente!”

Em outro dia, ouvira uma espécie de profissão de fé feita por seu noivo a um dos amigos íntimos. Certo artigo da “Revista dos Dois Mundos”, de autoria de Renan, era objeto de momentânea discussão e o duque concluía sua resposta com estas palavras: “No fim de contas, a verdadeira filosofia está no *rir de tudo e de todos*.” – no momento exato em que a jovem sonhadora entrava no salão. Ouvira apenas essa frase, porém às vezes uma só palavra ensina mais do que um longo discurso. Nunca sentira tanto a banalidade da vida mundana, a nulidade das pessoas desocupadas, o vácuo de suas conversações, a estreiteza do quadro dentro do qual se movem suas idéias, a pouca extensão do horizonte habitual desses liliputianos, a grosseria de suas sensações. Nenhum ideal. Nenhuma grandeza. Cegueira intelectual. As conversações desses homens e dessas mulheres mostravam que tomavam grãos de areia por montanhas. Concepções de formigas. Parecia-lhe, lendo os livros agora seus preferidos, sair de um calabouço e respirar o ar e a liberdade dos grandes planaltos. Era realmente um mundo novo que se desdobrava diante dela.

Como podiam tantos seres inteligentes viver sem exercitar a inteligência, sem nada aprender, sem outra leitura que a de frivolidade, sem biblioteca? Era um problema para Estela. Notara, pela primeira vez, que os apartamentos não têm biblioteca, apesar de entulhados de numerosos móveis inúteis.

Porque seu tio só jurava pelo “Solitário” e recorria sempre aos seus escritos para a solução de todos os enigmas, Estela acabou um dia por lhe dizer:

– Mas, quem é esse “Solitário”? Seus livros são encontrados em todas as mãos e ninguém jamais o viu. Não reside em Paris?

– Provavelmente não. Nunca ouvi falar da sua pessoa.

– Contudo, deve existir, viver em alguma parte. Nunca se vê seu retrato, entre os autores contemporâneos, dos quais é, sem

contradita, o mais célebre. Encontrei citações suas em numerosos jornais estrangeiros, tanto entre amigos nossos do Brasil, quanto entre ingleses, americanos e russos.

– Talvez não resida na França.

– Entretanto, seu estilo é bem francês.

– Talvez tenha morrido.

– Seu último livro data de seis meses. Onde compra esses livros?

– Nas livrarias.

– Não seria possível, em uma delas, conhecer o seu endereço? Estimaria muito obter um autógrafo traçado pela mão do seu autor favorito, meu tiozinho.

– Com o editor, talvez. Mas, que curiosidade! Em que te pode interessar a sua pessoa? É muito provável que nunca tenhas ocasião de encontrá-lo. E depois, vós, as mulheres, sois, muitas vezes, bizarras.

– Será ele da Academia?

– Certamente não. No primeiro século de existência da Academia Francesa houve três grandes homens em França, universalmente célebres: Descartes, o poderoso filósofo; Pascal, o imortal pensador; e Molière, o mestre do Teatro. Essas três glórias sem rival foram esquecidas, todas três, pelos fundadores do cenáculo.

– Será deputado ou senador?

– Menos ainda. Vejamos, reflete: por que queres que seja “alguma coisa” sendo “alguém”? Não vais perguntar-me agora se é jovem, velho, alto, baixo ou condecorado? Academias e condecorações não são pueris infantilidades? Minha querida, mete na cabeça que um autor é um autor, um sábio é um sábio, um poeta é um poeta, e que, se realmente tem valor pessoal, ele trabalha e ignora as ambições mundanas. Fala à Humanidade e aos séculos. Não é um bom burguês, um cidadão do meio social. Pode estar morto ou vivo, pouco importa. E, depois, queres que te confesse? Todos os grandes homens, sem exceção, perdem muito, quando vistos de perto.

Em minha opinião, deve ser um urso, um selvagem, um druida das florestas gaulesas. Não te desejaria que o visses entrar em um salão: nem ao menos saberia atravessá-lo. Terias a mais bonita desilusão que se possa imaginar. Certamente não sabe dançar, mexericar, patinar, namorar, nem montar a cavalo ou em bicicleta. Faria triste figura ao lado dos teus elegantes e seria dos mais desajeitados para dirigir um “cotillon”. Lê seus livros para maior bem do teu espírito, admira o pensador, mas não procures o homem.

O tio e a sobrinha com freqüência conversavam assim, entre eles, sobre o seu autor favorito. Haviam adotado as opiniões dele sobre os homens e as coisas, serviam-se de expressões peculiares com as quais caracterizavam a civilização moderna, entendiam-se em meia-palavra, pensavam ao modo dele, falavam à maneira dele. Seus livros tornaram-se a sua sociedade intelectual e íntima tão exclusiva que, em uma viagem feita no verão seguinte, verificaram que a metade das obras do “Solitário” estava na maleta do tio e a outra metade na mala da sobrinha. Tal qual ele, sentiam que a Ciência é a soberana do mundo, que por ela e nela se deve viver e que ela não deve ser estranha à direção das consciências. Esse apóstolo da Ciência se tornara em amigo de seus espíritos e quase de seus corações.

VIII

Os Pirineus

Essas leituras, esses devaneios, essas pesquisas, essas lutas com a sua consciência, essa agitação interior, fatigaram Estela um pouco, certamente muito mais do que as reuniões noturnas ou os jantares da última estação. Seus olhos eram menos vivazes, seu semblante perdera o brilho, seu andar se tornara quase lânguido. Chegara o mês de junho. Os salões de pintura iam fechar suas portas; já havia corrido o Grande Prêmio; falava-se diariamente em projetos de viagem e vacilava-se entre Dieppe, a Suíça e os Pirineus, quando o convite de uma família, ligada de longa data com a do Conde de Noirmoutiers, a família de Castelvieil, chegou à Rua Vaneau, pedindo-lhes irem passar algumas semanas nas montanhas de Bagnères-de-Luchon. O solar de Castelvieil há muito tempo era apenas um torreão em ruínas, porém fora construído, quase em frente, sobre a outra vertente ao vale de Burbe, pequeno castelo moderno, junto de verde floresta e banhado por um curso d'água que surgia de antro selvagem e, depois de atravessar o parque, tombava em cascata no fundo de um barranco. A senhora de Castelvieil convidava seus amigos para repousarem das fadigas de Paris na frescura das montanhas. O local oferecia um encanto particular que, dizia ela, devia ser muito apreciado pelos parisienses. É que, se se desejasse reencontrar um aspecto de vida mundana para amenizar a solidão, bastava, à tarde, descer até ao cassino de Luchon, ouvir música do quinteto, dar uma volta pelas lojas floridas das aléias de Etigny. Quanto aos banhos, era fácil tomá-los todos os dias e a qualquer hora. Depois, minuciou as encantadoras excursões a fazer em todos os arredores, à fonte do Amor, à alameda dos Suspiros, ao vale de Lys, à cascata do Inferno, à ponte Nadié, à cascata do Coração, ao lago ao vale do Arboust, à cascata das Moças, e descrevia com entusiasmo a beleza das montanhas, o suave ruído das quedas d'água, o frescor dos bosques, o verdor dos prados, a atmosfera sã e perfumada desses imensos campos e as vistas admiráveis que ali se encontrasse a cada passo. Acres-

centava que, se a senhorita d'Ossian gostava de passeios a cavalo, só teria embarços para escolher entre as ascensões possíveis de se fazer em todos esses sítios dos Pirineus.

Não houve dificuldade na decisão, e, antes que junho terminasse, o trio da Rua Vaneau se instalava num vagão do rápido que conduz ao Pirineus. Foi uma encantadora viagem de colegas em férias; tudo foi esquecido, as diversões de Paris, e os livros e a Filosofia. Era a primeira vez que Estela se afastava para tão longe. O carro restaurante, diante do qual as paisagens passavam e desapareciam vertiginosas, foi para ela a mais curiosa distração da viagem: as idéias que tanto a absorveram, nesses últimos meses, desapareceram com a fumaça do trem e com as rápidas imagens dos campos apenas entrevistas. Chegaram a Bordéus, quase sem se aperceberem da distância percorrida, e ali permaneceram dois dias. Visitaram, em seguida, Baiona e Biarritz, detiveram-se um dia em Pau, o dia seguinte em Lourdes, e desceram em Luchon com a intenção de aí demorar alguns dias antes de se instalarem no castelo. Porém, na manhã seguinte à chegada, os Castelvieil vieram buscá-los.

O domínio ocupava, com efeito, uma posição maravilhosa sobre a vertente da montanha, no meio de bosques e pastagens, com uma vista muito ampla sobre o vale, para além do antigo torreão. Encantadores passeios a pé, em carruagem ou a cavalo, permitiam excursionar alegremente pelas estradas e caminhos que acompanham todos os cursos d'água, subindo o Pique, o One, o Lys e seus numerosos afluentes. As excursões foram iniciadas desde o dia seguinte. Visitaram a cascata Sidônia, a igreja de Saint-Mamet, a cascata de Montauban, e fizeram a volta de Luchon. Nos dias seguintes, afastaram-se até o vale de Arboust, visitaram S. Aventino com a sua igreja do século XI, Cazaux, Garro, o lago d'Oo, dominado pelo pico de Nero. E assim continuou cada dia. Todos esses caminhos através do maciço dos Pirineus são ao mesmo tempo pitorescos e graciosos. Não são mais os grandes lagos da Suíça, nem as geleiras prodigiosas dos Alpes do Oberland; são menos vastos, menos altos, mais densos de pinheiros; porém os vales por toda parte são mais verdejantes, menos povoados de chalés ou de vilas, mais agres-

tes, mais desertos, mais arborizados, sulcados de ribeiros e por quase toda parte animados, especialmente em junho, com o ruído das quedas d'água e das cascatas. A cada dia surgiam novas excursões, que em nada se pareciam às da véspera. Nesse ar vivo das montanhas as caminhadas mais longas não fatigam, prepararam um sono reparador, e a cada manhã, com o despontar do Sol, cada um se dispõe para novas subidas e visitas a essas paisagens encantadoras.

Havia já uma quinzena que viviam assim, em plena Natureza, sem o mais leve pensamento de voltar ao cassino de Luchon, e projetava-se uma “viagem de longo curso”, conforme a expressão do senhor de Castelvieil, a Arreau, Barèges, Luz, S. Salvador, Gavarnie e Cauterets, quando, olhando o mapa, Estela exclamou:

– Por que não irmos à Espanha? Parece-me que não é muito longe.

– Até é muito perto daqui, replicou o senhor de Castelvieil, e, indo até lá, não faríamos uma “viagem de longo curso”. Reparar, é tão perto que, pelo caminho que ali está, disse aproximando-se da janela e estendendo a mão para a esquerda, podemos almoçar lá, o dia que quiserem, e voltar tranqüilamente para jantar em casa.

– Em verdade! Exclamou Estela. Por que ainda não fizemos isso? E onde podemos almoçar nessas condições?

– Em uma pequena cidade espanhola, pitoresca e bulhenta, onde se pescam excelentes trutas. Acrescentarei mesmo que o caminho até à crista dos Pirineus, a Portillon, é uma verdadeira avenida de castelo, sombreada de árvores seculares de nossa floresta de Houeil de Hourtino, e que, por um contraste quase teatral, quando se chega à vertente espanhola, tem-se de repente sob os olhos uma paisagem absolutamente diferente, o calor em vez da brisa fresca, o vale de Aran em vez da nossa floresta francesa, e subitamente, tal qual uma mudança de decoração, a Espanha em vez da França. Embora contra a vontade de Luís XIV e Napoleão, os Pirineus não são uma palavra vã.

– Oh! Vamos lá amanhã! – exclamou Esteta toda alegre, não esperemos. Há muito que faz bom tempo, e se a chuva chega adeus excursões!

A fronteira da Espanha não dista cinco quilômetros dos domínios de Hourtino e a cidade de Bosot fica a três quilômetros para além. Puseram-se a caminho às sete horas; a subida foi um pouco lenta, porém a descida rápida. Às dez horas, chegaram ao centro de uma população mesclada e barulhenta. Era dia de festa e feira. Os sinos soavam; as praças estavam repletas de feirantes, cavalos, muares, mercadorias; os albergues com os seus terraços desbordantes de gente atarefada. As ruidosas exclamações da língua espanhola se entrecruzavam através das buliçosas ruas; o Sol dardejava seus raios de fogo sobre todas essas cores e toda essa algazarra; o riacho cintilava com jovial cascadeio sobre as rochas do seu leito rápido. Era realmente um povo todo diferente, uma Natureza inteiramente diversa, um outro mundo.

Enquanto fazia horas para o almoço, nossos excursionistas foram visitar a velha igreja romana, e chegaram em meio a missa, cantada em estilo misto e bizarro que nada tinha da grandeza do canto gregoriano. A turba de mulheres e homens estava ajoelhada sobre as lajes. Detiveram-se próximo ao portal, para não perturbar o ofício. Durante a elevação da hóstia, um menino no coro, que se achava em uma tribuna junto ao órgão, fez girar uma roda guarnecida de campainhas que tilintavam alegremente, enquanto os fiéis se prosternavam até ao chão. Os raios de Sol desciam em jactos oblíquos de luz através da pequena igreja e vinha lançar tons variegados sobre toda a assistência. Fora, ouvia-se o mugir dos bois, a zoadá confusa dos mercadores, os gritos das crianças, o latir dos cães, o canto repetido dos galos. Uma antífona do ritual, sustentada pelo solo de um oficlíde, afinal abafou o conjunto.

Ao voltar para o albergue, não puderam, como teriam desejado, encontrar mesa vaga no terraço, à beira do riacho: a estalagem estava repleta; mas, pelo calor ardente, pela luz ofuscante que o Sol fazia cair em cheio, não lamentaram muito ser forçados a tomar lugares na sala comum, onde estavam sentados à

mesa cerca de cinqüenta mercadores, e terem de se contentar com os pratos um pouco vulgares do cardápio do hotel.

Essas fisionomias crestadas pelo Sol e pelos ventos, esses semblantes tão animados, os vaivéns atarantados dos servidores, que não sabiam a qual chamado atender em primeiro, as iguarias desconhecidas que lhes serviam, o vinho de Espanha, um tanto pesado, que coloria os copos, toda essa variedade acrescentava à excursão um imprevisto que divertia imensamente Estela, encantada com a sua idéia desse passeio a um recanto da velha Ibéria.

A tarde foi preenchida com uma caminhada ao longo da margem esquerda do Garona, sob as grandes árvores que o margeiam, e, quando voltaram ao carro que os esperava, já havia terminado a feira, cessara o barulho das horas precedentes, e a pequena cidade espanhola parecia metamorfoseada em tranqüila aldeia de província. Toda essa gente é madrugadora, e quando o pôr do Sol se aproxima, tumultuoso movimento do dia se apazigua e se extingue, à semelhança dos ninhos de pássaros.

Retomaram o caminho de França, para não chegar muito avançada a noite, e a tempo também de aproveitar a brisa da tarde. E porque os cavalos subiam a passo a estrada espanhola de Portillon, nas proximidades do ponto mais elevado, que forma a fronteira, Estela assinalou, para além de uma clareira, velha torre que dominava o vasto e grandioso panorama do vale de Oran e que, iluminada pelos raios do Sol poente, se destacava em vermelha sombra sobre a floresta. Interrogou o Barão de Castelvieil.

– É a Torre do “Solitário”, respondeu. É habitada por um famoso original.

Esse nome – “Solitário” – sulcou o cérebro da jovem, qual um relâmpago.

– O senhor disse a Torre do “Solitário” – repetiu. De que solitário?

– Um filósofo, um astrônomo, um sonhador. Vive ali inteiramente isolado, entre o céu e a Terra. Sabe que estamos aqui a 1300 metros de altura? E veja, a sua torre ainda domina bastante a eminência.

– O solitário! Repetiu por sua vez o Conde de Noirmoutiers. Escute, não é um escritor, um autor? Não tem publicado vários livros?

– “O Domínio do Desconhecido” – acrescentou vivamente Estela –, “A Aurora do Novo Dia”, “Cosmos” e muitos outros...

– Justamente, é ele. Leu então essas obras, senhorita?

– Como! Exclamou Estela, o “Solitário” reside lá? Oh! Parem a carruagem para que eu possa observar! É uma torre em ruínas! exclamou.

– Sim, replicou o barão. Não se sabe verdadeiramente como pode alguém morar ali, exposto a todos os ventos. E no inverno não é nada divertido, senhorita; só se encontra neve... Entretanto, esse filósofo instalou um observatório munido, dizem, de excelentes instrumentos, e passa a vida estudando o céu.

Puseram-se novamente em caminho os excursionistas, conversando de mil coisas diversas, que a alma da sonhadora não ouvia.

IX

Crítica e discussão

Na manhã seguinte, ao almoço, não houve nada mais imediato para Estela do que falar sobre a excursão da véspera, sobre Bosost, a vale de Oran, o Portillon e... a Torre do “Solitário”. O Dr. Bernard, antigo interno de hospitais, médico do estabelecimento termal, almoçava nesse dia no castelo. Era um conviva alegre, de conversação muito agradável, excelente caçador, céptico em tudo, até em Medicina, às vezes um pouco acerbo em suas críticas aos homens e às coisas, nada idealista, de um positivismo seguro, não se enrodilhando em qualquer espécie de admiração, exceto pela música de Wagner, pois era um melômano, qual o é a maioria dos médicos, e julgava tudo com calma e circunspeção. Também estava presente o vigário de Bagnères, que freqüentava o castelo, e um comandante de Engenharia, antigo aluno da Escola Politécnica, a quem denominavam o Politecniano. A refeição no campo, à sombra dos altos arvoredos, não longe da fonte rumorejante em torno da qual cantavam os pássaros, decorreu no meio de atraente e variada palestra. Estela não conseguira, entretanto, apesar de mui hábil diplomacia, obter que se fosse, depois do café, dar um pequeno passeio a pé, para os lados da Torre do “Solitário”, que, partindo de pequeno portão do parque, distava apenas meia hora do castelo. O senhor e a senhora de Castelvieil tinham visto o sábio várias vezes, é verdade, e teriam podido tentar a excursão; mas não tinham desejo algum de fazê-lo, por acharem o caráter do “Solitário” dos mais insociais. Além disso, acrescentaram eles, essa visita não vos pode interessar em coisa alguma.

– Nunca vi um observatório!

– E depois, disse por sua vez o Conde de Noirmoutiers, minha sobrinha não disse tudo. O “Solitário” é seu autor favorito, como, aliás, também é o meu, agora o confesso, e ela não ficaria zangada por ver um grande homem em trajes caseiros. Contudo, preveni-a de que seu ideal, seguramente, muito perderia com isso. As mulheres se apaixonam por um ou qual autor e imagi-

nam ingenuamente tornar a encontrar o encanto, a vida, a sedução do estilo no rosto, na voz ou no tipo do indivíduo. Não é nesse sentido que deviam interpretar a definição de Buffon: “O estilo é o homem”. Mas, todos o sabem, as filhas de Eva são curiosas apesar de tudo, e minha sobrinha saiu bem ao avô.

– Às vezes elas têm razão, disse o doutor, e nem sempre se enganam em suas esperanças. Ninguém contestará, por exemplo, que o senhor Anatole France, que vimos no ano passado em Luchon, seja um homem tão agradável de conhecer quanto os seus escritos.

– Não seria esse o caso do nosso “Solitário”, replicou o barão, porque não é verdadeiramente atraente, nem amável. Dá a impressão de desprezar a Terra toda. Não sai do seu céu, não dá atenção a nada fora da Ciência, não ama coisa alguma.

– Eu, que o li muito, repliquei o Conde Noirmoutiers, o compreendo. O mais nobre emprego que se pode fazer da vida não é estudar o enigma do Universo? A Astronomia parece-me ser uma ciência empolgante, suficiente para absorver inteiramente a vida de um homem.

– Sim, certamente, interveio o politecniano, e chego a perguntar-me porque prossegue ele tantos estudos ao mesmo tempo. A Astronomia deve ser, com efeito, uma ciência bastante vasta para encher todos os instantes, trabalhando dezoito horas por dia, e agir-se-ia melhor escolhendo um ramo para nele especializar-se. Como então mistura ele pesquisas, aliás muito diferentes e, parece-me, pouco científicas? Não se preocupa ele com as pretensas forças psíquicas, ocultismo, magnetismo, hipnotismo, espiritismo, telepatia, e outras fantasias, que sei eu? Farsa tudo isso! Não é clássico para um sábio.

– É a reflexão que fiz durante algum tempo, lendo certos dos seus livros, replicou o conde, e julgo ter encontrado a explicação. A Astronomia, por si, não se limita à medida matemática das posições dos astros: consiste essencialmente na pesquisa das condições da vida na superfície dos outros mundos. Essa vida em Marte, Vênus, Júpiter, Saturno ou nos outros sistemas solares, seja atual, passada ou futura, nos interessa, não somente porque

pode assemelhar-se à nossa, mas por isso que transfigura para nós o aspecto do céu estrelado, mostrando-nos em todas as regiões do Espaço infinito moradas atuais, passadas ou futuras de seres viventes e pensantes, de todos os graus de inteligência. Esse novo céu da Ciência substitui o antigo céu teológico. Desde então é natural associar-lhe o problema dos nossos destinos, e estou certo de que o senhor abade não me contestará, de vez que o antigo céu de Ptolomeu, de São Tomás e de Pascal cedeu lugar ao de Herschel e Le Verrier. Que há, pois, de surpreendente em que um astrônomo, que tem o hábito de viver nesse céu, se pergunte se nossas almas são imortais e se esses mundos são a moradas da imortalidade? É o grande problema do Além, que tem a sua importância. A procura de testemunhos da existência da alma e da sua sobrevivência não é o complemento lógico da Astronomia? Se todo ser humano morre completamente, em que a imensidade do Universo nos pode interessar? Se não restam nada de nós outros, se somos efêmeros cogumelos do globo terráqueo, vivendo alguns dias, em que nos pode adiantar tudo isso? A Ciência não passa de uma burla, e assim a nossa própria vida, sim, um logro idiota e ridículo. Eis como me explico essas preocupações do “Solitário”, que lhes parecem, e bem assim a muitos outros, pouco científicas. Acrescentarei ainda que se a Astronomia nos interessa por si mesma, muito mais ela o faz pelos horizontes filosóficos que nos desvenda. Que é o Universo? Que existe em todos esses mundos? Qual o nosso verdadeiro lugar, o nosso destino, em todo esse plano maravilhoso? Eis aí questões que certamente nos apaixonam mais do que o cálculo logarítmico da posição de uma estrela.

– Não quis interromper o senhor conde, interveio o vigário, mas tenho certas reservas a opor, “*Non est hic locus*”. Direi somente que a Fé resolve certos problemas inacessíveis à Razão e que os sábios deveriam deixar esse cuidado aos teólogos. A verdade é uma luz que, agitada, corre o risco de se apagar.

– E o senhor, doutor, disse o comandante, que pensa?

– Oh! De lá de cima nada tenho a dizer. Os senhores conhecem os meus sentimentos. Morrerei, como diz o senhor vigário, na impenitência final.

– Sim, confirmou a baronesa, sabemos que o nosso amável doutor não acredita em nada.

– Mas, minha senhora, não se deve crer em nada. A palavra crença é anticientífica. Só se admite o que está demonstrado; eis tudo.

– E que há realmente demonstrado, replicou o sacerdote, realmente conhecido em sua essência?

– A discussão nos levará longe, respondeu o médico. Mas, com toda a certeza, o que não me parece demonstrado (e peço ao senhor abade que me desculpe a franqueza, porém lhe respondo à pergunta) é a existência da alma tanto quanto a de Deus. E quereis que desvende o fundo do meu pensamento? Pois bem: o tempo despendido com essa divagação é tempo perdido.

– Da mesma forma que com o bilhar e com a pesca de anzol? disse rindo o Barão de Castelvieil.

– Muito mais, podemos divertir-nos com o bilhar, apanhar peixes com o anzol; mas nessas questões não há divertimento, nem se apanha coisa nenhuma.

– Creio que o doutor faz pilhéria à nossa custa neste momento, disse o abade com um sorriso contrafeito.

– Não penseis isso. Afirmo-vos que essas questões insolúveis absolutamente não me interessam. Nunca pude compreender, por minha parte, que alguém se preocupe com a eventualidade do que nos possa acontecer após a morte. A vida e os seus afazeres, eis tudo. Tenho visto muitos doentes, muitos velhos, muitos moribundos. A inteligência é frágil. É uma chama fácil de extinguir. Facilmente se extingue por um nada, e temos muitas vezes muito trabalho para reacendê-la.

– Desculpe, mas vós não a reacendeis quando ela está extinta.

– E quando salvamos um afogado? E quando reanimamos um asfixiado? E quando o desmaio, a síncope, a febre cerebral ou a febre tífica cedem à volta da lucidez? Digam-me, pois, onde estava a alma do doente? Onde está a do louco? Digam-me onde está a do velho caduco, em período de segunda infância, ou onde está a do idiota, do cretino, da criança atrofiada? Minha experiência não data de ontem. Para mim, a faculdade de pensar é uma

propriedade do cérebro, tanto no homem quanto no animal. Ausência de cérebro é ausência de pensamento. E não há outra coisa a investigar.

– E essa doutrina vos satisfaz?

– A mim, sim. Mas não está nisso a questão. Perguntai a um inseto se preferiria ser o pássaro que o devora, indagai ao pássaro se preferiria ser o caçador, inquiri ao atáxico se preferiria ter as pernas em bom estado, interrogai à mulher sexagenária se preferiria ter vinte primaveras, e as respostas afirmativas nada significariam. Não se trata do que se desejaria ser; trata-se do que se é. Se há imaginações às quais a realidade não satisfaz, tanto pior para elas. A Natureza nada pode, no caso.

Mas, vou mais longe e digo que se pode estar, que se deve estar inteiramente satisfeito com o que existe. Não somente não me inquieto com o que os psicólogos denominam o “Além”, mas também não compreendo que se possa desejar recomeçar a vida sob uma forma ou sob outra. Se se apresentasse a questão: Que preferis ao morrer: dormir completamente, não existir mais de maneira alguma, ou recomeçar exatamente a vida tal como foi? Quem não escolheria o Nada? A vida é antes de tudo uma fadiga, e não há mal algum em dela libertar-se. Os mais felizes não o são em realidade. Há mais horas más do que boas, mais de sofrimentos, de aborrecimentos, de desilusões, do que de satisfações perfeitas. Pela minha parte, embora não tenha muito de que me queixar da sorte, ficaria desolado de viver, mesmo assim, eternamente. Oh! O repouso! Coma se pode temê-lo, e não o desejar?

– Isso não seria o repouso, se não sentísseis mais nada: seria o *Nada*, sem esperança.

– Qualquer que seja o gênero de vida que se possa imaginar para depois da morte, desde o momento que houvesse vida, haveria luta. Pois bem, é suficiente ter lutado durante seis ou oito decênios. Prefiro o aniquilamento, o repouso eterno, *requiem æternam*, conforme o dizeis, senhor abade.

– Eu não, replicou a condessa. Prefiro a vida, qualquer que ela seja.

– Viver, agir, sentir, amar, sofrer até, antes disso do que o nada, secundou a baronesa.

– E eu também, acrescentou Estela.

– Oh! minhas senhoras, tendes liberdade de desejar tudo quanto vos agrada. Nossos sentimentos, porém, em nada alteram a ordem das coisas. Na minha opinião de positivista que sou esses devaneios da imaginação, essas pesquisas no desconhecido não são científicas. Quero que um sábio não saia da sua ciência. Seja médico, cirurgião, químico, físico, botânico, fisiologista, anatomista, arqueólogo, filósofo ou astrônomo: quanto mais se concentrar na sua especialidade, mais proveito será. Mas não me falem dos generalizadores.

– O senhor prefere a análise à síntese, caro doutor, e não será errado. Reconheça, entretanto, que é útil haver, de tempos em tempos, espíritos sintéticos, que abarquem mais vastos horizontes e combinem várias luzes em benefício do progresso geral do espírito humano.

– Quem muito abarca pouco abraça, disse o politecniano. Tal era possível no tempo de Aristóteles, mas hoje, com a divisão do trabalho, é impossível reunir o conjunto dos conhecimentos humanos.

– Oh! Ninguém tem essa pretensão. Julgo somente, a propósito do “Solitário”, que um astrônomo pode ser – deveria dizer, deve ser – filósofo. A Astronomia é precisamente uma ciência bastante imensa para deixar de engrandecer as idéias. Um astrônomo que não interpreta o que vê não passa de um autômato, simples máquina de calcular ou um aparelho de fotografia. Admito tanto menos um astrônomo-mecânico quanto um astrônomo católico. Quer um, quer outro, são incompletos.

– Obrigado pela nossa parte, disse o sacerdote. Por mim, confesso que o vosso “Solitário” não é um astrônomo igual aos outros; é mais um “astrósofo”.

– Chamem-lhe como quiserem, replicou o conde. Haverá mesmo quem o trate até por “astrófilo”.

– Oh! exclamou a baronesa, é um iluminado!

– E eu tenho uma recriminação muito mais grave a fazer-lhe, interveio vivamente o politecniano. É um literato. Tem escrito romances.

– Romances!

– Se não romances, pelo menos narrações literárias, histórias. Um sábio se compromete, escrevendo dessa maneira.

– O senhor acha que ele escreve mal!

– Não. Ao contrário, reconheço sua estética e aprecio seu estilo. Aprecio a forma literária e concedo que poucos escritores sejam tão puristas. Mas, justamente por causa dessa correção, é um literato, é um artista; não é mais a de uma sábio.

– Um sábio deve escrever mal? O fato é que em geral...

– Um sábio não deve escrever. Se escreve não deve fazê-lo para confundir-se com os literatos, não deve oferecer ao público obras de imaginação. Concordo em que um sábio escreva tratados técnicos especiais.

– Ele os fez, e mais de um, que são clássicos nos Observatórios.

– Essas obras são lógicas, naturais. As outras são erros sem os quais nós não o discutiríamos. Já leu o seu “Cosmos”?

– Ia falar justamente dele. Pois bem, a meu juízo, esse livro lhe trouxe muita honra. Imaginou uma narração, uma história, como dizeis, um romance, se assim quiserem, no qual expôs suas idéias sobre o céu, seus conhecimentos sobre Marte, sua doutrina palingenésica. Vós não podeis negar que, desde algum tempo, as noções astronômicas publicadas nessa obra tenham penetrado o público. Esse público hoje conhece Marte, fala de suas neves polares, de seus canais, de suas estações, sabe que existe no céu, não longe de nós, um planeta análogo à Terra e que poderá ser habitado por seres pouco diferentes de nós outros. Os jornais, até os menos científicos, já tratam agora de Marte qual se fosse um país que interessa a todo o mundo, Tóquio ou Madagascar. A quem deveis isso? Ao livro “Cosmos”, que foi lido por cem mil leitores. Se o “Solitário” se tivesse contentado com o seu enorme alfarrábio clássico, a “Aerografia”, do qual não foram impressos mais de duzentos exemplares, e que não saiu da esfera dos

Observatórios, ninguém, à hora presente, teria ouvido falar das maravilhosas observações feitas sobre esse globo vizinho por tantos astrônomos, inclusive ele. De minha parte, aprovo-o por se fazer ler em vez de deixar “a luz debaixo do alqueire” e acho estúpido recriminá-lo. Preferia até vê-lo um pouco mais vulgarizador, a exemplo de Fontenelle, Buffon, Lalande, Humboldt, Arago, Darwin, Haeckel. Mas ele não corteja o sufrágio universal. O que escreve, fá-lo com cuidado, eis tudo, com sinceridade e com fé. E o recriminam! Esses julgamentos são realmente bizarros. Sempre as divisões, as categorias, as seleções. Para serdes lógicos, devíeis também recriminar Galileu, Descartes, Leibnitz, d'Alembert, Laplace e Cuvier por terem sabido escrever. Como quereis, deve-se ser *ou* literato *ou* sábio! Em outros termos, o literato deve ser ignorante, os escritores devem falar para nada dizer, para “reamassar” sempre as mesmas histórias que não se alteraram desde o dilúvio! Eis o que chamais literatura: prosa ou versos que nada ensinam, romances que só têm por objeto recommençar sempre os mesmos contos de pessoas que se abraçam para enganar, que noivam, comem e bebem, que se batem em duelo ou que assassinam, em uma palavra, a descrição das ações humanas. Mais banais e mais vulgares, e algumas vezes, porém, muito raramente, de sentimentos algo mais refinados e nobres! Tal qual no teatro! Sempre a mesma peça, sempre o adultério: o marido, a mulher e o amante. Sempre o quarto de dormir e a sala de jantar. Eis toda a Humanidade. Para vós, um escritor não deve sair da pele das pessoas que vemos viver em torno de nós e, principalmente, nada deve ensinar de ciências exatas; é um crime elevar o espírito humano a esferas mais altas! Eu vos confesso que essa classificação me parece uma pura estupidez, perdoai-me a expressão, pois não encontra outra melhor, uma idiotice. Recriminar um astrônomo, um médico, um naturalista, um geólogo, um químico, por imaginar ele uma elegante moldura para expandir suas idéias, o que ele acredita ser a verdade, é um falso raciocínio. Vós dizeis que os seus colegas o apelidaram de literato e que os literatos o rejeitaram por sábio. Que lhe pode fazer isso? Em que lhe pode interessar a opinião de Pedro ou de Paulo? Ele não tem ambição, nada deseja, é independente. Sabe que influi sobre os espíritos do mundo inteiro;

tem disso provas irrecusáveis, e é o que lhe importa. Faz o bem e caminha para frente. Só podem ser acompanhadas as criaturas que andam. Esse homem é um instrumento do progresso. É um precursor, e um apóstolo.

– Que advogado me saiu o meu caro conde! Certamente há muita verdade no que diz. Pode-se estar errado em encurralar os autores a modo de carneiros, e encerrá-los em uma trincheira da qual lhes seja vedado sair. É um erro de apreciação, e evidentemente não haveria mal algum em que os escritores fossem instruídos, e em que os sábios soubessem escrever e tivessem idéias gerais. Contudo, mantenho a minha opinião: o gênero romance não me parece apropriado para um cientista.

– Todos os gêneros são bons, menos o gênero fastidioso, disse Voltaire.

– Não penso assim, e farei uma outra objeção. Quando o senhor lê um tratado de Física, de História Natural, de Geologia, de Entomologia, não está exposto a enganar-se, avança passo a passo no estudo e tem a certeza de aprender a ciência pela qual se interessa. Mas se o autor dilui essa ciência em um quadro que lhe é estranho e acrescenta ficções, acreditais que o leitor saiba sempre distinguir o verdadeiro do falso e não acabará por se enganar? Um romance científico é, em minha opinião, muito perigoso, e continuo a pensar que é bem melhor fazer ciência *ou* literatura. Como quereis que um ignorante reconheça o que é fantasia e o que é ciência? E não acabe formando idéias falsas?

– É preciso, creio eu, que em um romance científico tudo quanto se refira à Ciência seja absolutamente exato. Reconheceis que esse é o caso dos livros do Solitário. Desafio que alguém descubra em suas obras um erro ou uma invencionice. Não há nelas uma frase, uma palavra, que possa ser desmentida. Semelhante alegação, que pode parecer arbitrária, é o resultado de longo trabalho e baseada no cálculo, na observação ou na experiência, as três fontes dos nossos conhecimentos positivos. É preciso ser bem ingênuo, nada perspicaz, para não destacar desse científico incontestável a narração destinada a orná-lo e torná-lo atraente a leitura. Confesso que existem esses espíritos cândidos, porém em pequeno número, e muitos dentre eles não

compreenderiam com maior proveito um tratado técnico; veriam o que ali não existe. Conheci um honrado homem que após ter lido certo tratado de Astronomia muito bem feito, o de Delaunay, veio dizer-me que, segundo compreendia, a Terra não girava. No entanto, o livro era de pura Cosmografia.

– E eu, replicou o médico, tive um doente, doente imaginário, que passava o tempo tateando o pulso, observando a língua, estudando a sua própria alimentação e a ler livros de Medicina. Um belo dia, sentindo qualquer coisa no coração e não sei mais que embaraço gástrico, reconheceu-se atingido de quase todos os sintomas da gravidez! Esse também lera mal. Nenhum autor pode orgulhar-se de ser compreendido de igual modo por todos os seus leitores. E principalmente nenhum pode ufanar-se de agradar a todo o mundo.

– Tudo que os senhores queiram, disse o politecniano, mas nunca me farão apreciar o seu cenobita da montanha.

– Mas, interrompeu Estela, por acaso não é útil a um sábio conhecer assuntos diferentes na aparência, mas que se esclarecem mutuamente? Por exemplo, um filósofo poderia ignorar a Astronomia e crer que a Terra existe sozinha no Universo? Ou um físico poderá ignorar a Química?

– Sem dúvida que não, senhorita; mas, repito: esse original não é um sábio, é um literato, um poeta, um jornalista.

– Pois bem, eu, disse o vigário de Bagnères, que a muito custo se contivera até então, irei mais longe e declararei que esse homem é um malfeitor!

A essa afirmação bastante inesperada, apesar do calor da discussão, o conde saltou da cadeira...

– Malfeitor! Esse grande escritor, esse sábio, esse gênio!...

– Gênio do mal! Sim, senhor conde, um malfeitor. Ele perturba as consciências, mina a tradição, destrói a obra secular dos preceptores da Humanidade. A Revelação nada tem a recear, pois que é de instituição divina, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. É um demolidor. E o que oferece em troca?

– A Verdade, pura e simplesmente, respondeu o conde.

Nesse momento abriram-se as portas do salão onde ia ser servido o café. A baronesa levantou-se, o abade ofereceu-lhe galantemente o braço, e todos os convivas os acompanharam.

– Vejo, disse Estela a seu tio, que não iremos visitar esse Observatório.

– Falais a todo instante em independência, disse o barão. Como se pode ser independente sem fortuna? Eis aí outra questão. Nosso “Solitário” vive lá em cima numa indiferença e num desinteresse extraordinários.

– Oh! A esse respeito, acrescentou a baronesa, é um tipo original. Não se importa com coisa alguma. Não tem ambição de nenhuma espécie, nem sequer a da glória, que, no entanto, é nobre, pois os livros que deu a imprimir, dizem, foi preciso arrancar-lhos. Quanto a dinheiro, vota-lhe o mais absoluto desdém. Não é um pouco maníaco? Ninguém se isola assim impunemente da Humanidade.

– Com que vive esse indivíduo? replicou o abade, pois, no fim de contas, “*primo vivere, deinde philosophare*”.

– Isso não o preocupa. Trabalha no que lhe agrada e é tudo.

– Dizem-no de uma sobriedade pitagórica. Bebe água e se nutre com flores de acácia, interveio a baronesa. É um anacoreta, um vegetariano.

– Vive sozinho?

– Sim, disse o doutor. Aliás, vivendo isolado o homem permanece livre. A ambição é uma escravidão e as próprias afeições são cadeias.

– Por mim, replicou o conde, não posso deixar de admirar sua obra. E de mais a mais (disse olhando para o sacerdote a quem não perdoava o dito) a religião da Ciência nunca fará correr rios de sangue! Sua filosofia astronômica abriu novos horizontes à Humanidade. Tem numerosos adeptos espalhados pelo mundo inteiro. Interrogai os viajantes: em qualquer país da Terra, seja na América, África, Ásia ou Austrália, não se fala no firmamento sem que seja lembrado o seu nome, seu nome anônimo podemos dizer, pois, no seu desprendimento por tudo, nem sequer se deu

ao trabalho de assiná-lo. É o “Solitário”, como quem diz “o desconhecido”.

– É um nome, uma vez que é célebre. Todos os nomes não foram a princípio alcunhas?

– Talvez não o tenha.

– Disseram-nos que é um enjeitado, que cresceu nos arredores de Luchon, sem nunca ter tido família.

– Que horror! exclamaram ao mesmo tempo a baronesa e a condessa.

– É um erro: chama-se Dargilan, informou o doutor.

– Conhece-o então?

– Perfeitamente. Vejo-o algumas vezes, embora não compartilhe de suas idéias.

– Conhece-o bem? Exclamou Estela, cujos olhos negros brilharam quais dois carbúnculos.

– E, senhorita, caso sinceramente o deseje, ficará encantada em lhe apresentar um dia, em companhia de seus tios, e até iremos todos, se preferem. O passeio daqui lá é encantador, como deve ter notado ontem.

– E se fossemos hoje à tarde? interrogou Estela. O mau tempo não tarda a vir e desejaria tanto ver um telescópio!

– Acho prudente preveni-lo, senhorita. Já vos disseram que o seu caráter não é dos mais cômodos, e nada mais verdadeiro. É um original, quase um misantropo. Mas, como tenho de visitar um doente entre os guardas da Alfândega, posso fazer um pequeno desvio, ir à Torre, e combinar a apresentação para amanhã, por exemplo.

– Não, para amanhã não, disse a baronesa.

– Por quê? Replicou o barão. Ah! Tens razão amanhã é sexta-feira, 13!

Ambos tinham pavor desse número e desse dia, e não sentariam treze à mesa nem por todo o ouro do mundo. Estela, que já se apercebera de certas fraquezas de seus espíritos, não insistiu.

– Depois de amanhã! Disse, olhando para o doutor.

X

O Solitário

No depois de amanhã, às quatro horas da tarde, pouco mais ou menos, a pequena caravana ia bater à porta do Observatório do “Solitário”. A velha torre era uma ruína romana ainda sólida, encravada em antigo convento de há muito tempo abandonada. Recebera aquela pequena propriedade ao atingir a maioridade, por força de cláusula testamentária que datava do ano do seu nascimento. A pessoa do misterioso donatário ficara para sempre desconhecida. Julgava, entretanto, poder venerar nela a memória de seu pai. Algumas semanas depois de haver recebido a carta do tabelião que o informara desse legado, instalara-se no antigo mosteiro, mantendo ao seu serviço o velho jardineiro e a mulher deste, que ali estavam desde tempo imemorial.

O “Solitário” da Torre nascera numa região selvagem de Cevennes. Criança encontrada em linda manhã numa pequena gruta – que mais tarde se tornou a famosa Gruta de Dargilan, e que então não passava de uma anfractuosidade na montanha do estéril Noir, à beira de rústico caminho –, passara a infância nesse vale pitoresco e solitário da Fonte, perdendo-se com os pastores na gruta de Nabrigas, onde por diversas vezes encontrava, entre destroços fósseis do “ursus spelæus”, utensílios e armas pré-históricas de nossos antepassados da idade da pedra. Certo dia, um pastor, perseguindo uma raposa, reconheceu que a gruta de Dargilan era muito mais extensa do que a de Nabrigas, e mais tarde caprichosas escavações fizeram-na rivalizar com as de Han e Aldelsberg. Região relegada, na fronteira do Aveyron e da Lozère, ainda hoje é atravessada apenas por um caminho pouco freqüentado entre Rozier e Meyrueis. Raras aldeias, alguns lugarejos, algumas quintas aparecem aqui ou ali, no campo, quer se atravesse os áridos planaltos, quer se acompanhe os vales ensombrados. A criança passara ali sua primeira idade, sem ir além dos rochedos ruiformes de Montpellier-le-Vieux, no meio de pastores e campônios. Um dia, a ama de leite que o recolhera herdara, sem que soubesse a proveniência real, uma pequena

casa com jardim e prado que descia até ao ribeiro. Por morte desta honesta mulher o pequeno Rafael (nome que se encontrara preso com alfinete aos cueiros) herdara a propriedade por sua vez.

Crescera no meio da Natureza, entre as paisagens pitorescas e selvagens de Cevennes, atravessando por vezes, à tarde, ao cair da noite, os planaltos solitários, admirando o pôr do Sol, o despontar da Lua, o aparecimento das estrelas, enquanto a brisa perfumada das montanhas enchia seus jovens pulmões que a respiravam com delícia. Nas noites de Lua cheia, as fantásticas silhuetas dos rochedos de Montpellier-le-Vieux pareciam uma petrificação de fantasmas saídos do Inferno. Deslizando em uma prancha na correnteza do Tarn, via na imaginação mil castelos, feéricos, empoleirados ao longo das cristas escarpadas, inacessíveis ninhos de águias, nos quais, entretanto, disputara diversas vezes com seus companheiros os filhotes aos abutres. Na calma das noites silenciosas, aprendera a conhecer as estrelas, às quais os pastores tinham dado nomes. Contemplava-as, sentia seu pensamento elevar-se até elas, e as interrogava. O vigário da aldeia vizinha, a quem ajudava na missa, ensinara-lhe a ler, escrever e contar; e desde os dois lustros de idade lia o latim nos clássicos.

O vigário tinha um pequeno óculo de alcance com o qual Rafael observara as montanhas anulares da Lua, os satélites de Júpiter, algumas curiosidades siderais, cuja contemplação imperfeita excitara o seu ardor. Amava o céu com paixão, e só almejava uma felicidade: poder estudá-lo. Antes de atingir quatro lustros de idade escrevera um poema, que primeiramente circulara manuscrito nas redondezas locais, e do qual o jornal de Millau publicara trechos, e lhe foi afinal pedido pelo amigo de um editor de Paris, em vilegiatura às margens do Tarn.

Logo que recebeu, aos vinte e um, a doação, certamente muito inesperada, do velho convento dos Pirineus, vendeu a pequena casa em que morava com o jardim e o prado que a rodeavam, e comprou em troca uma boa lente astronômica, um tubo de cobre e uma aparelhagem com mecanismo de relógio. Dedicou-se a construir com isso um instrumento ao seu gasto, o que conseguiu

com felicidade, e desde então se entregou de corpo e alma à sua paixão dominante: a contemplação e o estudo das maravilhas do céu. E em tal cifrou toda a sua vida.

Reunira também no Observatório, compradas a preços de ocasião, as obras mais importantes das ciências contemporâneas e da Filosofia, e, tendo bem depressa entrado em correspondência com os principais sábios do mundo inteiro, recebera as memórias originais, os resultados de pesquisas e as observações de todos os observatórios, de sorte que a sua biblioteca estava abundantemente fornida, sob o ponto de vista de seus estudos favoritos. Não tinha tendência alguma para prodigalidade, nem para mobilhar os aposentos, nem para roupas, nem para sua mesa; era muito frugal, não comia carne e preferia a água ao vinho; era à biblioteca e aos seus instrumentos que consagrava todas as pequenas importâncias não absolutamente indispensáveis à sua vida material.

Seu orçamento era dos mais modestos. Não tinha mais fortuna do que o dinheiro que ganhava e nada lhe era tão desagradável quanto perder tempo em ganhar dinheiro. Entretanto, era preciso viver. Seu nome rapidamente ganhara celebridade, desde a publicação de seu primeiro livro, aos dezenove anos de idade, e com freqüência recebia propostas de diretores de revistas, da França e de outros países, pedindo-lhe crônicas mensais sobre o mais interessante assunto da atualidade científica. Aceitara duas: uma de Paris e outra de Londres, e lhes enviava o mesmo artigo, com pequenas diferenças. O jornal de Paris pagava trezentos francos, e o de Londres duzentos. Esse rendimento de seis mil francos anuais lhe era suficiente. Acrescentava-se a isso os direitos autorais sobre a venda de suas obras, que a Livraria Hachette lhe enviava anualmente, obras pouco populares, com exceção das duas últimas, pois ele não cortejava a opinião pública.

Os aposentos do velho convento eram simples, lajeados, pobres, frios, caiados de branco, bem conservados. Eram sofríveis no verão. Deviam ser glaciais no inverno. Acostumada ao luxo, ao conforto e à elegância, Estela surpreendeu-se um pouco tristemente, entrando nesse alojamento de uma habitação tão

pobre e tão humilde. Q doutor fê-los penetrar na biblioteca, e subiu, ele próprio, à torre, à procura do astrônomo, que não se apresentara embora os esperasse.

Uma grande porta aberta lhes mostrou um gabinete da Física, no qual notaram avantajada máquina elétrica, de modelo antigo.

– Vês, minha linda sobrinha, disse o conde de Noirmoutiers, que o nosso “Solitário” não demonstra a menor pressa em nos vir receber.

– Talvez se esquecesse, acrescentou o barão. Talvez até haja saído!

– O senhor conhece o original: o mundo não existe para ele.

– Que singular existência, a de passar a vida, assim, na abstração!

– Nunca pude compreender as pessoas do mundo que procuram a convivência dos sábios, replicou a baronesa. Não falamos a mesma linguagem. Há dois anos, quando aqui viemos, aconteceu a mesma coisa. Estava absorvido em um cálculo e nos fez esperar meia hora.

– Se fossemos passear no bosque, acrescentou a condessa, estaríamos melhor do que aqui – frio quanto uma adega. Com esse vestido tão leve, Estela, vais constipar-te.

Nesse instante o doutor desceu.

– O Sr. Dargilan está ocupado lá em cima, falou, e pede que subamos.

– Eu bem disse que ele não se incomodaria! Acrescentou a baronesa, fazendo um movimento de ombros.

Atravessaram vasta sala arruinada, cujas lajes eram desiguais e desunidas, e, passando por uma poterna baixa, começaram a galgar os degraus gastos de velha escada de pedra. Em algumas pontes as pedras haviam caído e sido substituídas por tábuas. Tudo era bem diferente dos assoalhos encerados e dos macios tapetes dos apartamentos de Paris ou dos castelos modernos. Quando chegaram ao topo da torre e penetraram sob a cúpula, perceberam empoleirado em um escabelo, o olho na luneta, o autor de “O Domínio do Desconhecido”, pobre e negligentemen-

te vestido com uma simples japona de lã, continuando tranqüilamente uma observação.

– Peço-lhes que me desculpem, disse, estarei convosco dentro em pouco; estou terminando uma observação.

E continuou a espiar o espaço qual se estivesse sozinho.

– Meu caro mestre, disse o Conde de Noirmoutiers, não se incomode conosco. Compreendemos o seu trabalho e o respeitamos. Nós outros somos uns inúteis que passamos a existência sem algo produzir. Se só houvesse gente da nossa espécie, a Humanidade ainda seria do gênero troglodita ou símio, e não saberíamos nada de coisa alguma.

Dargilan, a quem o ruído das palavras aborrecia, renunciou continuar e desceu da sua banquetta giratória.

– Meu caro doutor, disse, estendendo a mão ao médico, agradeço-lhe por haver trazido os seus amigos, e sentir-me-ei feliz mostrando-lhes alguma coisa. Porém, acrescentou um pouco secamente, sabes, tanto quanto eu, que as pessoas do mundo nada podem ver em nossos instrumentos.

Disse isso com simplicidade, sem menosprezo; porém Estela se sentiu melindrada. Estava linda; vestira uma de suas toaletes mais elegantes, e ele nem sequer a olhara. “É possível seja este homem, dizia-se a si mesma, quem escreveu tão lindas páginas e me transportou ao céu?” Esse aspecto extravagante correspondia exatamente à descrição que ouvira fazer: vestes grosseiras, andar pesado e desajeitado, cabeleira e barba hirsutas, tez de cor embaçada. No momento de transpor a porta do jardim do observatório, ao pensar que ia encontrar-se frente a frente com o seu autor predileto, seu coração palpitava com força. No entanto, via um homem de aspecto comum e, além do mais, desagradável. Foi a primeira a falar-lhe e sem perturbação.

– Senhor, disse-lhe, viemos estorvar suas observações. Cabe-me a culpa. Fui eu quem desejou ver o seu observatório. Perdoe e permita que nos retiremos.

Enquanto Estela falava, ele, fixa e tranqüilamente, dirigira seu olhar aos olhos dela. Esse olhar, de um brilho assaz estranho, a impressionou tanto que não o pôde sustentar, e foi com grande

esforço que conseguiu concluir a frase. Baixou os olhos, e lhe pareceu que ia receber uma ordem.

– Amo o céu, replicou o “Solitário”; a ele consagro o meu viver. É tudo para mim, o resto é nada. Aliás, tudo está no céu, inclusive a Terra e tudo o que ela contém. E uma vez que a senhorita também ama a Ciência, não é uma estranha aqui. Chegastes no momento em que fazia uma observação bastante rara. Quer tomar o lugar que eu ocupava há pouco e dizer-me o que vai ver no campo da lente?

Ela tentou de novo dirigir-lhe o olhar para agradecer; mas, no momento em que seus olhos se encontravam pela segunda vez, sentiu-se percorrida, da cabeça aos pés, por um choque elétrico, rápido qual relâmpago. Suas pernas vacilaram. Apoiou-se num suporte do escabelo e subiu lentamente. Entretanto, refez-se dessa emoção tão súbita e examinou a imagem celeste que brilhava na luneta.

– Vejo Vênus, disse.

O astrônomo pareceu surpreso.

– A senhorita, sua sobrinha, é mais instruída do que eu pensava, disse ao conde.

– Ela leu todos os livros do “Solitário”, respondeu o senhor de Noirmoutiers, sem parecer ter-se apercebido do descaso e da falta de polidez da reflexão.

– Ah! Exclamou ele ainda mais surpreendido. É que em geral – perdoe-me a franqueza –, em relação à Astronomia, os habitantes da Terra nada sabem, não desconfiam de nada, vivem às cegas no meio do Universo. Nem sequer conhecem o terreno em que pisam.

– O crescente está muito pálido, disse Estela, que recuperara de modo completo o domínio de si própria. A extremidade superior é mais aguda que a inferior. Venha ver, meu tio, quanto Vênus está admirável no céu azul. Senhor Dargilan, é assim que vemos os habitantes de Marte?

– Já vedes meu caro mestre, disse o doutor, que não exagerei. Tendes aí uma discípula muito convicta.

O Conde de Noirmoutiers tomara lugar, olhando no campo visual, e, por sua vez, extasiava-se com a beleza do fenômeno.

– Sabe o que mais me impressiona em tudo isso? É que os astrônomos sabem sempre onde estão as estrelas, de dia e de noite, e assentam rapidamente as lentes sobre as posições exatas. E também que podem calcular com antecedência tudo que acontece no céu. Confesso, nesse ponto sou igual à minha sobrinha: admiro a Astronomia.

A fisionomia de Dargilan iluminou-se. Não sabendo dissimular nenhuma impressão, deixava geralmente transparecer o aborrecimento que lhe causavam as raras visitas que recebia de tempos a tempos. Sabia que, em geral, teria de lidar com curiosos e ignorantes, o que era tempo perdido. Ora, nada lhe era tão desagradável quanto o perder seu tempo. O senhor e a senhora de Castelvieil, e assim a Condessa de Noirmoutiers, aperceberam-se muito bem das nuvens que a sua visita produzira na fisionomia habitualmente melancólica do astrônomo. A baronesa, que de há muito tempo começara uma coleção de autógrafos, e a muito custo conseguia enriquecê-la, trouxera o seu álbum. Mas não ousava abrir fogo. Dirigiu-se ao doutor para confiar-lhe a sua pretensão e pedir-lhe que sondasse o terreno.

O doutor encaminhou a conversação para o assunto, dizendo que um dos seus clientes de Luchon lhe mostrara, na véspera, um álbum muito lindo em que se viam interessantes autógrafos de Victor Hugo, Sully Prudhomme, Copée, Alphonse Daudet, Anatole France, Sardou; Richepin; croquis de Jean Paul Laurens, de Carolus Duran, de Benjamim Constant, Bartholdi, Rochegresse; páginas musicais de Gounod, Saint-Saens, Massenet; sentenças escritas por Faye, Pasteur, Berthelot, Brouardel...

– Uma coleção de autógrafos! interrompeu Dargilan, confessai que é moda bem intempestiva. O senhor admite sem dúvida que os homens de quem fala ocupam o seu tempo de modo útil para a Humanidade, e é justamente essa a causa da nossa estima por eles. Parece-me que desviá-los de seus trabalhos, para pedir que escrevam em um caderno, é cometer uma ação má. Não posso admitir Le Verrier dando autógrafos em lugar de descobrir Netuno; e assim Darwin em vez de demonstrar a seleção natural,

Hugo em vez de escrever a “Legenda dos Séculos”, Pasteur em vez de procurar os micróbios das moléstias contagiosas, Édison e Graham Bell em vez de inventar o fonógrafo e o telefone... Não, não louvo que se venha tomar o tempo dos sábios, dos que estudam, dos poetas e artistas com fantasias de tal gênero, em vez de respeitá-las como se deve. Compreendo, até certo ponto, as coleções de quadros, desenhos, medalhas, moedas, selos postais, leques, deuses chineses, de tudo, enfim, que se possa reunir sem perturbar alguém, mas desaprovo a mania dos autógrafos, que não se podem obter sem furtar precioso tempo a homens que têm mais afazeres.

A senhora de Noirmoutiers ouvira toda a arenga sem replicar, porém sua fisionomia, já bastante perturbada, mudara várias vezes de cor. Sentia-se cada vez mais contrafeita na presença do astrônomo, e, tomando o braço do marido, dirigiu-se para uma porta. A baronesa e Estela os acompanharam, enquanto que o Barão de Castelvieil e o doutor permaneciam com Dargilan.

A porta dava acesso a amplo terraço, de onde a vista se estendia sobre admirável paisagem. Era a vertente sudoeste dos Pireneus, com as vastas planícies espanholas do vale do Oron estendendo-se, longe, às brumas do Meio-Dia. Junto do terraço, a floresta, com os cantos dos pássaros e o suave ruído de uma queda d'água vizinha. Os perfumes das matas enchiam a atmosfera, iluminada com os raios do Sol que declinava para o ocaso. Aquele era realmente um canto feérico perdido nas selvagens solidões pirenaicas.

– Que sítio encantador! disse a baronesa, e o vosso “Solitário” é um poeta em seus livros, acrescentou dirigindo-se a Estela. Mas, convenhamos em que é um rústico de franqueza um tanto brutal. Ainda prefiro o mundo, apesar das suas comédias e suas perfidiazinhas. Pelo menos tem formas agradáveis. É a segunda vez que venho aqui, porém será a última. Decididamente não nos compreendemos. O vosso “Solitário” é o meu antípoda. Não faz muito caso de nós, apesar da nossa antiga nobreza.

– A instrução é uma bela coisa, replicou a condessa; contudo, a ela, prefiro a educação.

– Sou do seu parecer, disse o senhor de Noirmoutiers; acho, porém, que não se deve ser severo com ele. É um homem simples, rústico, que diz quanto pensa, arriscando-se a ferir suscetibilidades, mas que, certamente, ficaria desolado se causasse algum aborrecimento. É um grande espírito. Perturbamo-lo em meio a importante trabalho, pelo qual ainda estava absorvido, e notava-se que apenas nos prestava meio ouvido à conversação.

Nesse momento, o doutor chegou por sua vez ao terraço.

– É um coração excelente, acrescentou, porém, um impulsivo nas atitudes. Pensa em voz alta, e tem opiniões muito arraigadas. Uma delas, por exemplo, é que todos devemos trabalhar, entreter-nos em alguma coisa. As pessoas que nada fazem horrorizam-no.

– Mas doutor, replicou a baronesa, que quer que façamos? Empregamos o tempo do melhor meio possível; realmente, não podemos fazer grande coisa. Somos iguais aos que têm rendimentos.

– Pois bem, esse solitário, que trabalha noite e dia, sem se deter; que jamais fruiu distrações, nem deseja prazer algum; para o qual as horas, os dias, as semanas do ano são dez vezes mais curtos – imagina que todos os seres humanos deveriam assemelhar-se-lhe. É um socialista no seu modo. Só conhece e só compreende o trabalho. Daí, a ser insociável para as pessoas do mundo, não há muita distância. Sabeis o que fez há pouco? O barão e eu ficamos um instante conversando com ele; pois, de repente, nos deixou só, tornou a subir na sua escadinha e começou a observar Vênus, da qual fez um croquis!

Estela contemplava silenciosamente a imensa paisagem e experimentava impressões até então desconhecidas. Suas recentes leituras dos livros do “Solitário” surgiam inteiramente nítidas em sua memória; sentia-se deslumbrada com a grandeza do conjunto, com as novas perspectivas abertas sobre o Universo, e ao mesmo tempo atraída para ouvir falar o predileto autor. Esse homem, que até então lhe parecera um mito, continuava, para ela, sendo diferente de todos os outros. Pela primeira vez na sua vida, não ouvira uma palavra amável e gentil, não recebera

nenhum galanteio; pela primeira vez fora diretamente desdenhada, e não produzira movimento algum de admiração. Esse selvagem era áspero e quase grosseiro. Em compensação, sentira uma comoção estranha, da qual se desembaraçara com dificuldade. Pensava nele. Vivia ali isolado, no meio de seus estudos, fora do mundo, privado de tudo o que constitui as delícias da vida, entregue de corpo e alma a uma paixão imaterial, desprovido de qualquer ambição de fortuna ou de glória, e ela estava prestes a sentir piedade por semelhante situação e a admirá-lo. As vestes desbotadas e gastas que acabava de ver tocavam sua bondade feminina. Seu ar de tristeza, seu todo descuidado, faziam um contraste absoluto com o que até então vira em torno de si. Essa solidão, essas velhas paredes e essa pobreza deram-lhe mais viva impressão do que lhe causaria a de um palácio em centro de capital. Sentia agitar-se em seu seio uma espécie de fibra maternal. Contemplando a paisagem, dizia, de si para si, que habitava ali, perdido entre as montanhas, um ser notável, único talvez em seu gênero, estranha e singularmente esquecido no abandono da Humanidade.

Dargilan, por seu lado, continuara a observação e terminara o respectivo desenho. Chegou, por seu turno, ao terraço no momento em que se procurava reconhecer e declinar os nomes dos sítios mais interessantes da paisagem e dos cumes de algumas das elevações pirenaicas. Pareceu fazer um esforço sobre si próprio para sorrir e colocar-se ao nível de seus visitantes, e, saindo repentinamente de sua absorção habitual:

– Vedes mais uma vez, senhora baronesa, disse dirigindo-se à esposa de Castelvieil, que os cientistas não passam de ursos. É preciso perdôá-los. Um Observatório seria triste prisão para qualquer dama da sociedade.

– Apesar disso, eu o preferiria a um hospital, replicou o doutor. Mais vale ser astrônomo do que médico. Quem diz ciência, diz estudo. Os sábios não passam a vida em canapés.

– Os médicos não vivem menos dentro do mundo, respondeu Dargilan, enquanto que os astrônomos estão fora dele. A Humanidade nos interessa muito mediocrementemente. Não tem grande valor intelectual ou moral. Nossa simplicidade protesta no meio

de todas as afetadas convenções que enchem e constituem a vida mundana. Que figura quereriam fizesse no mundo um homem que não sabe dançar, nem conhece jogos de qualquer gênero, que nunca usou luvas, nem cartola, e para o qual o fumo é uma vil mistura que estraga a boca e o paladar? Repito minha senhora, os sábios são ursos e ninguém lhes rouba essa reputação.

– O fumo rende um milhão de francos por dia ao orçamento francês, replicou o barão, prova de que, em geral, é tido por bom.

– Dei minha opinião, replicou Dargilan. O consenso público é favorável ao fumo, às bicicletas, ao jogo da Bolsa, aos cavalos de corrida, ao teatro (que constitui, disseram-me, a base de todas as palestras mundanas), à Câmara dos Deputados, aos cafés-concerto, aos saraus, aos bailes e mil outras atraentes coisas sem as quais não saberiam passar, e que por vezes desfilam diante dos meus olhos quando abro um jornal. Nós, abstratores de quintessência, não somos conhecidos da opinião pública. E preferimos a nossa solidão a toda essa loucura complicada.

A conversação se prolongou assim por alguns instantes. Pouco depois, os visitantes do Observatório despediram-se do astrônomo, desculpando-se pela perturbação que lhe teriam causado. Estela pediu para contemplar Vênus mais uma vez na lente.

Dargilan verificou que o planeta não saíra do alcance visual e conduziu a jovem para junto do escabelo. Extasiou-se novamente com a refulgente beleza do crescente planando sobre o azul.

Depois, afastou-se com pesar e estendeu a mão ao seu querido autor, a quem não pensava rever. Dargilan tomou-lhe as pequenas mãos entre as suas, fixando-a com aqueles olhos cujo fulgor Estela não podia suportar. Ela reparou, então, que não eram castanhos, nem azuis, mas aproximados do verde do horizonte do mar combinado com o amarelo vivo dos olhos felinos. Desses pontos amarelos explodia uma espécie de fulguração rápida. O choque experimentado foi tão violento que ela retirou as mãos com vivacidade, e sentiu instantaneamente a semelhança de um grande vácuo no peito.

– Senhor conde, disse Dargilan, uma vez que vossa sobrinha se interessa tão particularmente pelas coisas do céu, eu vos

anuncio que, dentro de cinco dias, quinta-feira, Saturno será encoberto pela Lua, constituindo um espetáculo raro e digno de observação. Se o tempo estiver bom, eu me empenho em que volteis aqui. O fenômeno ocorrerá à entrada da noite, próxima das nove horas.

XI

O céu estrelado

Estela voltara ao castelo toda sonhadora, silenciosa, a alma ligada por um laço invisível ao imenso panorama pirenaico sobre o qual seus olhares haviam passeado do cimo do terraço do “Solitário”.

Naquela tarde, após o retorno dessa primeira visita, durante o jantar a conversação quase versou toda sobre o “Solitário” e seu Observatório. Discutia-se até com certa vivacidade. O Barão e a Baronesa de Castelvieil eram de opinião que não se voltasse mais lá. Declararam-no um selvagem absolutamente insociável, grosseiro, digno de sua origem plebéia e rústica. Falou-se novamente sobre sua procedência desconhecida e falta de família. O Conde de Noirmoutiers era o único a defendê-lo, dando-o por um ser à parte, ao qual tudo era desculpável. Estela permanecia muda, com a certeza íntima de que dentro de alguns dias iria observar a ocultação de Saturno. A Condessa de Noirmoutiers estava indecisa; faria o que seu marido decidisse. O médico não tinha voz na reunião, pois fora de regresso a Luchon, e não podia estar de volta tão depressa.

Nos dias seguintes, almoço e jantar, só se falava no original habitante do velho convento da fronteira espanhola. Se a jovem sonhadora tivesse podido esquecê-lo um instante, os que a rodeavam lho recordariam sem cessar, a agrado.

Na noite do fenômeno de Saturno, às oito e meia, o senhor e a senhora de Noirmoutiers e sua sobrinha chegavam ao Observatório. Estela reparou que as vestes do “Solitário” não estavam mais cuidadas, nem menos pobres, e que a barba e a cabeleira eram realmente rústicas e emaranhadas. Não fizera alteração alguma em sua toalete para recebê-los.

– Vedes meu caro mestre, disse o conde, que não esquecemos o seu convite. Sabemos que é muita indiscrição perturbá-lo, no meio de seus importantes trabalhos; porém minha sobrinha é fanática pela Astronomia.

– A senhorita tem razão, respondeu Dargilan. A ciência do céu é sublime e não lhe dará desilusões. A atmosfera está muito pura esta noite. Admirará Saturno qual se estivesse em uma gravura. É uma das mais estupendas maravilhas do céu. Eu próprio não revejo esses anéis sem emoção, embora os observe desde há muito tempo. Senhora condessa, experimente ver: o astro está no campo visual. Se a imagem não se apresentar perfeitamente nítida, acrescentou, gire lentamente esta pequena cremalheira até atingir seu grau de visão.

– Oh! realmente, confesso, exclamou a senhora de Noirmoutiers, é admirável! Não, nunca mais esquecerei esta beleza, esta luz! Este anel celeste é extraordinário!

– Dentro de um quarto de hora, explicou o astrônomo, a Lua vai passar exatamente diante. Todos terão tempo de observar tranqüilamente esse curioso planeta.

O conde e Estela observaram por sua vez, maravilhados. Falou-lhes dos anéis, de sua natureza e movimento. Depois, Dargilan pediu licença para fazer por si a observação exata do contacto entre o bordo escuro da Lua e o anel, indicado pelo cálculo, assim como da reaparição do planeta pelo bordo iluminado.

Em seguida, foi a vez de Marte, que já passara pelo meridiano, e o astrônomo procurou reconhecer as neves polares e as principais manchas geográficas. Porém, a imagem carecia de nitidez, pois a atmosfera da cúpula estava um pouco aquecida. A lente foi então voltada para os principais círculos lunares visíveis naquela noite, que era a antevéspera do quarto crescente. O senhor e a senhora de Noirmoutiers demoraram-se bastante tempo contemplando os efeitos de luz prateada sobre as chanfraduras lunares tão curiosamente recortadas.

Enquanto seu tio e sua tia observavam na lente, Estela saíra para o terraço, a fim de olhar o conjunto da abóbada estrelada. O “Solitário” não tardou em segui-la.

Era uma bela noite de Verão. Tudo era calmo e silencioso; as estrelas resplandiam no céu, apenas esmaecidas no poente pela claridade do amplo crescente lunar. Haviam-se acendido uma a uma, e agora constelavam o imenso zimbório. Arctúrus com os

seus raios de ouro; Vega da Lira duma alvura tão viva que parecia quase azulada; Altair e seus dois satélites da Águia; as sete estrelas da Ursa Maior; as quatro do quadrado do Pégaso; os três brilhantes de Andrômeda; todas as constelações do Verão; a cadeira de Cassíope; Perseu, com a sua cabeça de Medusa; o Delfim; o Cisne; a estrela Polar; a Coroa Boreal, prendiam alternativamente o olhar e o pensamento. A montanha estava muda, e os derradeiros pássaros já haviam cessado o seu cantar. Só o rouxinol enviava ainda à Lua seus trinados infatigáveis que pareciam, detendo-se, mergulhar toda a Natureza em um silêncio atento. Então, a brisa, vinda das altas matas da vertente sul dos Pirineus, trazia, num ligeiro sussurro, o odor florestal das azinhedas mesclado ao fresco perfume das acácias.

– Pode-se sentir bem a vida nesta solidão! Exclamou Estela.

Os olhos do astrônomo, iluminados pela Lua, brilharam com intenso fulgor. Estela compreendeu que podia acostumar-se com esse olhar, porém, toda vez que o encontrava, um leve fluido elétrico lhe percorria o corpo.

– Julguei, respondeu Dargilan, que a senhorita preferiria, sem discussão, Paris a estas montanhas.

– Para viver, certamente, replicou Estela; mas, esta tranqüilidade da Natureza é agradável após os prazeres mundanos do inverno.

– Não vi Paris e algumas grandes cidades senão de passagem, acrescentou o “Solitário”, e não posso compreender como se viva no meio desses amontoados de pedras. Muros, janelas, calçadas, lojas, bulevares, avenidas, ruas e praças públicas, tudo formigando de pessoas atarefadas: que vida fictícia, artificial e superficial! E nos salões, visitas e teatro, existe mais verdade? Esses alojamentos, atapetados, fechados entre ruas e alamedas, parecem irrespiráveis. Quanto prefiro uma vista sobre essas vertentes, essas florestas, essas pradeiras, uma paisagem, um bosque, uma fonte, um riacho, plantas, flores e pássaros, e, acima de tudo, esse ar tão puro!

Aqui, nestas alturas, a vida é em plena Natureza e ante a imensidade. É um grande sossego para o pensamento. Nada de

agitações, de tormentos, de tolas vaidades, de interesses grosseiros, nem pequenezes vulgares; nada de hipocrisia, de mentiras, de invejas, nem de ódios. O espírito reina acima do corpo. Vive-se desembaraçado da Humanidade. Tudo é puro, tudo é grande. A Natureza é uma consoladora, a floresta um repouso, os ninhos gorjeiam. As giestas, os musgos, os fetos e as urzes formam tapetes imensos nas clareiras; sob os carvalhos, os ulmeiros, os freixos e as faias. Sob os pinheiros de ramos estendidos, onde o solo permanece estéril, existe um tapete em que é agradável estender-se e sonhar. Vós ouvis esse rouxinol: cantará até que a flor de lis esteja em desabroche. Vós respirais o perfume longínquo dos sabugueiros; dentro de alguns dias as acácias, que já se cobrem de rebentos, estarão plenas de flores; depois virão as tílias e as roseiras. Tudo é sempre bom, até a chuva, as tempestades e a neve do inverno. Essa queda d'água que ouvis não se detém quase nunca. No bosque a fonte murmura, as florinhas parecem sonhar junto das grandes árvores, e por cima dessa decoração grandiosa se estende a imensidão dos céus. Mas, senhorita, acrescentou, falo-lhe como se já a conhecesse de há muito tempo.

Estela também pensou que já o conhecia desde muito tempo.

– Esse céu estrelado é maravilhoso! Replicou, animando-se. Sempre amei a Astronomia e compreendo quanto merece a nossa adoração. Nada mais belo no mundo! E parece-me neste momento, tal qual a vós, que para bem compreendê-la não é de uma grande cidade que se deve olhar o céu, porém de uma calma solidão igual a esta. Li todos os seus livros. Contudo, isso, este eterno silêncio não foi feito para entristecer o pensamento?

– O silêncio do céu é mais eloqüente do que todas as vozes humanas. Sentir-me-ia um sacrílego se o comparasse aos discursos dos mais brilhantes advogados, às orações do mais feroso tribuno. Prefiro a toutinegra. Oh! Esses oradores que defendem, a frio, o falso e o verdadeiro, cujas eloqüentes palavras não passam de burlas e que tantas vezes se vendem àqueles que os pagam! Comovem a Humanidade com palavras e fazem subir o lodo para turvar a água. Todos esses belos faladores que exploram a popularidade causam-me na verdade um santo horror.

– E eu que fui deputado, aparteou o senhor de Noirmoutiers, que chegara havia instantes ao terraço.

– Há, sem dúvida, sinceros e honestos, continuou Dargilan; falo em geral e exprimo francamente o meu pensamento. O aspecto desta abóbada celeste me transporta de admiração. Talvez esta sublimidade me torne injusto para com os demais. A senhorita d'Ossian me dizia que o céu é silencioso. Oh! Esse silêncio é uma sublime linguagem. As impressões que se sentem aqui não são seriamente as de um salão parisiense ou de uma sala de espetáculos!

O astrônomo levantou a mão no rumo das sete estrelas do Norte, e continuou, em um tom suave, sem exaltação aparente:

– Penso em voz alta convosco, exclamou.

– Somos da vossa família intelectual, respondeu o conde; somos vossos discípulos. Admiramos o vosso céu e desejaríamos conhecê-lo tanto quanto o conheceis.

– Vede todas essas estrelas perdidas no infinito. Não é possível contemplá-las sem nos recordarmos de que elas brilham lá desde o começo do mundo, e de que nossos pais dos séculos passados, mortos há tanto tempo, as saudaram, tal qual o fazemos hoje, no silêncio das noites de outrora. Essas sete estrelas da Ursa Maior guiaram a expedição dos Argonautas à conquista do Tosão de Ouro. Job, Homero, Hesíodo e o meigo Vergílio as cantaram. Jesus as contemplou nas noites que passou no deserto. Todas essas longínquas estrelas estiveram associadas aos acontecimentos da Humanidade. Viram as pirâmides no tempo de Cheops e de Bonaparte; brilharam sobre os atenienses e os romanos. Quantos olhares se cruzaram nessas alturas! Quantos juramentos ouviram! Os olhos humanos se fecham; os corações cessam de bater; mas, esses olhos do céu, esses corações da vida infinita estão sempre lá, brilham, palpitam sempre! Não posso contemplar essas estrelas sem me sentir associado a toda a história da Humanidade e sem pensar que tudo passa menos elas, tudo: nações, pátrias, idiomas, religiões, idéias, gerações, paixões, seres e coisas, tudo, menos elas, símbolos da Eternidade. E é uma outra vida que se desenvolve distante, uma vida da qual

somos ao mesmo tempo estranhos e partícipes. Como quereis que não as ame?

– Jamais tinha visto o céu qual o vejo nesta noite, exclamou Estela. Fostes vós quem me ensinou a ler nesse grande livro, e é somente agora que creio compreender. Minha impressão é de que as estrelas me falam pela primeira vez. Seria uma coisa bela, suave, mas talvez triste, uma Terra onde sempre reinasse a noite.

O astrônomo pareceu tocado pela observação, e olhou a jovem com interesse.

– Desejaria escolher uma estrela, acrescentou. Olhe! Aquela!

– A alva estrela da Lira! Vega. É uma das mais belas do céu.

– Pois bem, eu a escolhi! Confiar-lhe-ei meus pensamentos. E aquela outra, menos alva, é Arctúrus, não é?

– Sim, Arctúrus, de raios de ouro, mais velha do que Vega, que é muito jovem; a rubra Aldebarã tem já idade avançada. Quanto a Arctúrus, a constelação onde ela é diamante parece o rebanho dos sete bois do Monte, e por isso se chama Boeiro.

– Os sete bois? Indagou o senhor de Noirmoutiers.

– Sim, os latinos chamavam a essas estrelas da Grande Ursa – os “septem triones”. Daí surgiu a palavra setentrião para designar o Norte.

– Qual é, disse a condessa, que chegara ao terraço naquele momento, qual é aquela espécie de ninho, de montão de pequenas estrelas, ali, entre aquela bela estrela é a Grande Ursa?

– É a cabeleira de Berenice. Conheceis a história?

– Não.

– Certamente vos recordam de Berenice, irmã e esposa do rei...

– Irmã e esposa?

– Sim. Naquele tempo, no Egito, era um costume da alta sociedade. Eram jovens e amorosos. Tolomeu Evergeta fora combater seu vizinho, Seleucis II, rei da Síria. Na sua tristeza, Berenice, cuja cabeleira era admirável, acreditou tornar os deuses favoráveis fazendo um grande sacrifício, e prometeu a Vênus cortar os cabelos se o seu bem amado fosse vitorioso. O rei

retornou vencedor e encontrou Berenice despojada do seu mais belo ornamento. Para cúmulo de infelicidade a cabeleira, depositada sobre o altar de Vênus, fora roubada. O desespero do rei só foi acalmado com a intervenção do astrônomo Cónon, que naquela mesma noite mostrou ao jovem casal a cabeleira de Berenice brilhando no céu, aonde fora levada por Vênus. Calímaco fez disso assunto de um poema, que Catulo traduziu em elegia.

– É um episódio encantador, retrucou o senhor de Noirmoutiers. Não me admira mais que o céu lhe interesse tanto: está cheio de histórias, recordações, lendas...

– De verdades, replicou Dargilan. O episódio da cabeleira de Berenice é uma infantilidade. Encontramos no céu fatos de toda natureza, trágicos até, se quisermos ir ao fundo das coisas. Vede, por exemplo, aquelas estrelas de Cassíope. Pois bem, no ano da matança de Bartolomeu, toda a Europa viu nela um fenômeno extraordinário: um mundo em fogo.

Acolá, perto daquela pequena estrela, brilhou de repente um astro luminoso, enorme. Foi a 11 de Novembro de 1572. A nova estrela era tão resplandecente, que permanecia visível em pleno dia. Durante cinco meses dominou os astros de primeira grandeza, para depois enfraquecer gradualmente o brilho até desaparecer de chofre, ao termo de dezessete meses. Isso foi causa de grande inquietação em toda a cristandade. Naquele tempo ainda se acreditava que a Terra fosse o centro da Criação. O observador Ticho-Brahe combatia a hipótese do cônego Copérnico. Os astrólogos imaginaram que a aparição misteriosa fosse a estrela dos Magos, e anunciaram o retorno do Homem-Deus à Terra e o fim do mundo. Desde então a estrela não se viu mais; porém, talvez assistamos qualquer dia a uma conflagração da mesma ordem e não perderemos de vista o local desse incêndio celeste, que talvez tenha marcado o fim de um mundo ou de todo um sistema de mundos.

O céu está longe de ser um painel de silêncio e de morte. Por toda parte, nesse espaço imenso, o historiador da Natureza assiste a espetáculos prodigiosos. Olhai, lá também, em Cassíope, distinguis aquela pequena estrela, quase imperceptível a olho

nu?... Sim, aquela. Pois bem, ela viaja no céu com uma velocidade superior a duzentos quilômetros por segundo! Há quarenta séculos, era vizinha da estrela Alfa que Vedes ali, e dentro de sessenta séculos atingirá aquela outra do lado Este. Imaginai o que possa ser uma velocidade de doze mil quilômetros por hora! Os choques não são impossíveis. Eles explicarão as conflagrações periódicas, as quais já foram observadas em número de vinte e cinco, e explicarão também a ressurreição de sóis extintos. Que obuses!...

E vedes, ainda ali, sempre nesta mesma região do céu, esta brilhante estrela de Perseu? É Algol, a estrela do Diabo, a cabeça da Medusa. É bem curiosa ela, também. De dois em dois dias decai da segunda para a quarta grandeza. É um eclipse produzido pela passagem de um corpo escuro diante desse longínquo sol. A duração mínima é de seis minutos. É um sistema que gira no plano do nosso raio visual, e é graças a essa coincidência que o conhecemos.

– Por conseguinte, os astrônomos já conhecem sistemas solares diferentes do nosso? Interrogou o conde.

– Sim. Diversos, qual o de Algol, da estrela Delta de Cefeus, que vedes também ali, na estrela U de Ophiucus, que foram descobertas por gravitarem no plano do nosso raio visual. Outros, os de Sírio, Procion, Castor, foram descobertos pelos deslocamentos da estrela, devidos à atração de seus satélites. Não podemos mais supor que o nosso sistema planetário seja uma exceção no Universo.

– Oh! Que linda estrela cadente! Exclamou Estela.

– Ela desapareceu, explicou o astrônomo, próximo de uma estrela, bastante curiosa também, da constelação de Cefeus, a que William Herschel chamava *Gamma Sídus*, o astro grená, e que é de um vermelho translúcido admirável. É símile de um carvão ardente. Varia da quarta à sexta grandeza. Vemos nela um sol que se extingue. Viveu em séculos passados, brilhou sobre primaveras e flores, e agora lança os últimos clarões de uma lenta agonia. Não posso observá-lo sem pensar nos mortos que lá estão. Esse olho extinto do passado nos observa sem nos ver,

pobre cristalino já descorado pela agonia. Foi jovem antes de nós. É um astro do passado.

– O céu também vive seus dramas e suas tragédias, disse o conde.

– Mostrar-vos-ei ao telescópio estrelas tão rubras que parecem gotas de sangue, pérolas de rubis brilhando na imensidade. É um escrínio de jóias infinito.

O céu, imagem da noite e da morte! A imobilidade aparente das estrelas no firmamento! O silêncio secular e a antiga solidão das profundezas estreladas! Não há no mundo erro mais ingênuo do que a nossa impressão! Não se compreende o céu. É a vida, é o movimento, é a força, a energia, a luz, o calor, o sol! Que digo o sol? É um turbilhão de sóis sem número, precipitando-se através dos abismos do Infinito, é uma fantástica conflagração de mundos desconhecidos arrebatados na imensidade; nossas revoluções humanas, nossos terremotos, nossas tempestades e trovoadas, são sorrisos de crianças comparadas a esses movimentos de forças colossais.

O céu é a Terra multiplicada milhões de vezes, e a Terra é um caminho do céu. Estamos no céu. A Terra que habitamos faz parte dele. É um planeta, um globo suspenso no espaço, tal qual está a Lua, Vênus ou Júpiter. Eis a verdade. Todas as idéias humanas, de que a vida está cheia, são falsas. A Humanidade se satisfaz com elas, porque é ignorante.

– Meu caro mestre, exclamou o conde, sois o verdadeiro poeta da noite. Na minha infância li e admirei as “Noites”, de Young, e lembro-me ainda de sua invocação: “Oh! noite majestosa, augusta ancestral do Universo, tu que, nascida antes do astro dos dias, deves sobreviver-lhe ainda, onde começarei, onde terminarei teu panegírico? Tua fronte caliginosa é coroada de estrelas, as nuvens matizadas pelas sombras e enroscadas em mil contornos compõem a tua imensa roupagem.” Sim, é uma bela invocação. Parece-me, porém, aí se canta uma noite artificial, feitura das mãos dos homens. Não diz ele que “o firmamento se assemelha ao peitoral do sacrificador, semeado de pedras preciosas e distintivas dos oráculos?” Não diz também que “a noite é

um véu que a Providência estende entre o homem e sua vaidade?” Prefiro a Natureza, o Universo real, prefiro a Astronomia, singela, da qual é o revelador.

– Não sou, senhor conde, poeta nem revelador. Exprimo quanto sinto, humildemente, sem a menor pretensão. Perante o Infinito, somos tão totalmente esmagados que não resta lugar para o orgulho. Um astrônomo fátuo dar-me-ia a impressão de um asno carregado de relíquias.

E depois, que humilhação a nossa! Já pensastes alguma vez no quanto é grosseira a nossa mísera organização humana? Obrigados a comer! Não, verdadeiramente, para a perfectibilidade ainda nos falta muito. Felizmente a alma domina o corpo, e a ciência nos purifica, além de que a vida passa depressa, muito depressa para o estudioso do céu.

– Mas, tendes sempre o que aprender nesse céu?

– Vivendo mil séculos, não saberíamos tudo, não aprenderíamos a metade, nem a quarta, nem a centésima parte. É o Infinito a conquistar. Lembrai-vos do enigma proposto por Timeo de Locres há vinte séculos: Que é um círculo, cujo centro está em toda parte e a circunferência em parte alguma? A resposta era: Deus. Podemos, com o Cardeal De Cusa e Pascal, atribuir essa mesma definição ao Universo infinito.

E quantas grandezas, quantas maravilhas, quantas riquezas! O presente, o passado e o porvir, tudo está além. Vede aquelas estrelas da constelação de Hércules: é para lá que marchamos, que o Sol nos conduz qual passageiros de um navio. Vede esse fragmento da Via-Láctea, que parece partida em dois rios celestes: há até uma furna no céu estrelado; se o vosso pensamento voar ao fundo dessa caverna e de lá contemplar a Terra, verá o nosso planeta, não qual é no dia de hoje, e sim qual o foi há cinco mil séculos. Olhai aquela terceira estrela de Andrômeda; vos a credes branca e simples; pois bem, quando quiser eu a farei vir ao campo do telescópio, e vós vereis com os vossos próprios olhos a maravilha que é: um sol de ouro em torno do qual gira lentamente um sol verde-esmeralda, em torno do qual e por sua vez gira rapidamente um sol azul-safira. Imaginai as colorações

fantásticas dos mundos iluminados por esse tríplice sol! Quanto o nosso pobre Sol terrestre é pálido ao lado dessas riquezas!... Vede, na constelação do Cisne, aquela linda estrela: é Albíreo. Há ali o consórcio de dois astros esplêndidos, um que lança em torno de si jatos deslumbrantes de uma luz dourada, e outro, estrela azul, que irradia uma coloração de safira. E acolá, no Delfim, está um topázio que mistura as suas chamas às de uma esmeralda. E mais adiante está Mizar: dois diamantes celestes que deixam muito longe os mais luminosos diamantes da Terra. Vede no Cisne, que contemplamos há pouco e que se estende resplendente de alvura, em plena Via-Láctea: ali se encontra a primeira estrela cuja distância da Terra pôde ser medida; é uma das mais próximas de nós: gira a setenta mil milhões de quilômetros daqui, e a seta de luz que atravessa o espaço com a velocidade do relâmpago, e percorre 300.000 quilômetros por segundo, voa com essa velocidade durante 2555 dias antes de nos chegar. Assim, o resplendor que recebemos neste momento se desprendeu há esse tempo, e vemos a estrela, não qual é atualmente, porém qual era na época em que partiu a fotografia que nos chega hoje... Pela Astronomia vivemos no Tempo e no Espaço, no Infinito e na Eternidade!

E tudo isso gira, vagueia, e se precipita no mistério, no desconhecido, e com que velocidade! Com que vertigem! Cem, duzentos, trezentos mil metros por segundo! É isso loucura? É sabedoria? Aonde vão todos esses sóis, todos esses mundos? Onde está a meta? Onde está o fim? Onde está o começo? E aonde vamos nós mesmos com o nosso Sol? Para onde, pois, tudo o que existe na Criação inteira, astros, sóis, planetas, meses, dias, estações, primaveras, perfumes, ninhos dos arvoredos, crianças de berço, velhos com um pé na tumba, para onde, pois, corre tudo isso com tanta velocidade? Abismo! Insondável...

Inflamava-se, esquecia a Terra, elevava-se e planava no próprio céu, e, sem se fixar nisso, assim descrevia aos circunstantes as descobertas da Ciência, que têm verdadeiramente algo de prodigioso e que por vezes calavam fundo, na jovem ouvinte, chegando ao auge quando Dargilan falou da análise química dos mundos pelo exame da luz respectiva, e dos movimentos vertigi-

nosos que lançam todos esses astros através da imensidão, uns se aproximando de nós, afastando-se outros, e chovendo no Infinito qual uma chuva de meteoros impelidos em turbilhões pelos ventos do céu, pela força da atração.

Estela ouvia, interrogava, admirava, caminhava de surpresa em surpresa, e no seu deslumbramento perdia de vista a Terra e a sua Humanidade, e compreendia que a mais nobre missão do espírito humano é a pesquisa da Verdade. Todos os apetites materiais da vida vulgar, todas as vaidades do mundo, todas as glórias, todas as ambições, todos os interesses desciam a seus olhos à insignificância real; e uma luz única lhe parecia digna de cativar a alma: a luz da Ciência.

Descendo do Observatório para o castelo, a Humanidade lhe pareceu mesquinha, e o “Solitário”, pobre e isolado, pareceu-lhe brilhar no céu qual um Espírito puro, envolto numa auréola luminosa. Ele, o silencioso, o mudo, o absorto, deixara-se arrastar pela sua paixão dominante, e cantava o Céu qual o poeta celebra o Amor. Sim, era um ser, à primeira vista, quase brutal; porém, sob essa rude aparência, que alma apaixonada, que embriaguez de ciência, que superioridade de inteligência, que despreendimento de tudo que é falso e incerto, pelo culto puro da Verdade!

XII

Os outros mundos

Alguns dias depois da conversação precedente, no final do jantar, à hora em que o Sol, que ainda não se ocultara, fazia espelhar em reflexos de ouro, pelas janelas de longínqua aldeia, os raios de seu disco, incandescente, Estela disse, de repente, ao tio:

– O céu me parece muito lindo esta noite. Seria talvez a melhor ocasião para observar Marte ao telescópio. Sabes que naquela noite, apesar de todas as interessantes descrições do astrônomo, não pude chegar a reconhecer em realidade nenhum dos detalhes da sua carta de Marte, nem os canais, nem os lagos. Distingui muito bem os continentes, os mares e a neve do pólo. Mas isso é pouco para o todo.

– Também o desejaria. Mas não achas que nos vamos tornar um pouco maçantes? Não te esqueças de que, quando o perturbam em seus trabalhos, ele não é nada gentil. E depois, nada nos apressa. A noite ainda não está próxima.

– Oh! o tempo de subir, e já será quase noite. Não nos disse ele que se distingue muito melhor a geografia de Marte antes do pôr do Sol e ao crepúsculo do que durante a noite plena?

– Como queiras. Visto que estás em vias de te tornar astrônoma, não encontro melhor do que te imitar. Acreditas que estamos longe de Paris e de suas pompas! Vês que nem sempre a gente se aborrece no campo.

Estela já estava de pé, com a mantilha na cabeça. Chegaram ao Observatório antes do pôr do Sol.

Enquanto atravessavam, conduzidos pelo jardineiro, a ampla peça lajeada do rés-do-chão, um ruído de queda d'água atraiu sua atenção para uma porta deixada aberta e perceberam uma espécie de pequena cascata caindo do rochedo.

– É uma fonte, informou o jardineiro. É ali que meu amo toma sua ducha todas as manhãs. Ele gosta da água fria. Às vezes mergulha no côncavo da base onde a água que cai é gelada.

Somente no inverno nos deixa aquecer água para a sala de banhos.

– Tendes sala de banhos? – inquiriu o conde.

– Sim, naquela porta. Dizem até que data do temp dos romanos, tal qual a de Luchon.

E o honrado servidor ficou todo satisfeito em mostrar a pequena sala contígua ao rochedo, vizinha da fonte.

“Isto não é tão selvagem – pensou Estela; os romanos não eram bárbaros. Muitos parisienses não têm esse luxo de água fria. Nosso Solitário não é a semelhança de um capuchinho.”

– Meu tio – disse Estela em voz alta –, subamos; o Sol vai ocultar-se. Sabe que pretendo ver Marte ainda de dia.

– Agradecemos-lhe – acrescentou, dirigindo-se ao jardineiro –. Conheço a escada. Iremos imediatamente ao Observatório.

Foi a primeira a chegar, um pouco sufocada.

– Não vos estorvamos, senhor Dargilan?

– Não, senhorita. Queira apenas esperar um instante, enquanto termino um desenho do lado do Sol. Fostes bem inspirada em vir esta noite; a visibilidade será ótima dentro de meia hora. Parece-me que amanhã o tempo vai mudar.

O tio e a sobrinha, afastando-se, viram-se na presença de um dos mais belos poentes do ano. O enorme disco vermelho descia lentamente por detrás das montanhas, deixando na sua esteira um rastro de glória resplandecente, e no bosque, circundando-os, os pássaros chilreavam, parecendo celebrar em todos os tons a alegria de viver. Nem uma nuvem no céu. Rubra, luminosa, esplendente no horizonte ocidental, azul quase escuro no zênite, a celeste cúpula, onde não se apercebia ainda nenhuma estrela, passava insensivelmente por todas as gamas desta coloração, que funde todas as nuances no imenso azul atmosférico. Era uma apoteose universal apagando-se lentamente para dar lugar às revelações da noite.

Quando voltaram ao equatorial, o astrônomo já tinha descido da banqueta de observação.

– Olhai senhor, disse, o planeta está no campo do instrumento, e marcha em sentido contrário ao do movimento da Terra. Se o contorno do disco de Marte não aparecer muito claro, regulai a ocular segundo já sabeis.

– A neve do pólo superior está ofuscante de alvura, disse o senhor de Noirmoutiers, bem mais nítida do que naquela noite.

– Notais um pouco mais em baixo uma pequena mancha escura, rodeada por um rebordo cor parda-pérola?

– Sim, está bem nítida e perfeitamente redonda. Não, antes – um pouco ovalada.

– É o lago do sol. E, à esquerda, um debrum fusco que desce obliquamente, a princípio assaz largo e parecendo terminar em ponta?

– Perfeitamente. Será esse o mar da Ampulheta, que nos haveis descrito?

– Não, a rotação já o arrastou. A pequena ponta que vedes é o golfo das Pérolas.

– Meu tio, exclamou Estela, tu já viste suficiente. É a minha vez. Em pouco, o céu estará escuro...

– Não, não há perigo, pela ausência de qualquer nuvem. Podes muito bem esperar cinco minutos. Nunca vi os famosos canais e quero tentar descobrir um. Senhor Dargilan, creio descobrir uma linha que se eleva obliquamente à direita do lago do Sol.

– Vejamos.

O Astrônomo subiu à escadinha e identificou a linha.

– Pois bem, disse, o senhor tem razão, é um canal; é o Araxe, que se vai lançar no mar das Sereias. Ainda o distinguiremos melhor daqui a minutos, pois o planeta, ao girar, vai trazê-lo bem para diante de nossos olhos.

– Gira então bastante depressa para que possamos notá-lo tão rapidamente.

– Deveis saber que a rotação diurna é calculada atualmente com um centésimo de segundo de aproximação.

– Que maravilhosa precisão! O dia lá não é um pouco maior do que aqui?

– Esta rotação é de 24 horas, 37 minutos, 22 segundos e 65 centésimos de segundo, informou Estela.

– Senhorita, merece um primeiro prêmio, disse o astrônomo.

– Então, meu tio, já viu bastante? É a minha vez?

– Sim, minha pequena. Vem, cedo-te o lugar.

Estela não se fez rogar. Colocou rapidamente a ocular em foco e procurou por sua vez reconhecer os detalhes da geografia de Marte.

O primeiro detalhe que lhe chamou a atenção foi a neve alvíssima do pólo austral.

– É a de lá realmente igual à neve daqui?

– Sim, senhorita. Sabei que vemo-la fundir-se literalmente ao Sol, à medida que o verão avança...

– O verão... dos marcianos?

– Naturalmente. Nossas estações lhes são completamente estranhas. Contudo eles possuem aproximadamente as mesmas estações que nós, quanto à intensidade; sabeis, tanto quanto eu, que elas apenas são duas vezes mais longas do que as da nossa Terra.

– Talvez seja isso que faz que a neve derreta inteiramente, conforme o senhor disse no outro dia. São na verdade estonteantes de alvura essas neves de Marte. Em comparação, os continentes são bem amarelos. Quanto seria interessante saber o que há por lá, talvez a mesma Natureza de aqui.

– Provavelmente tudo dessemelhante. Não há motivo para que as nossas espécies vegetais e animais existam lá. Embora seja o mesmo Sol que ilumina esse mundo e o nosso, não é o mesmo ar que o envolve, não são as mesmas as condições vitais. A temperatura de lá talvez seja pouco mais ou menos a daqui. Mas, quantas outras diferenças! Quase nunca chove.

– Ah! Vejo o lago do Sol. Parece exatamente o do mapa. Não está mais sobre a linha central, e sim à esquerda. Ah! Vejo o canal. Oh! Não um só, porém dois.

– E onde vê o segundo?

– Por baixo do... Araxe (não é assim que denominais?), partindo do mesmo ponto, porém divergindo à direita.

– Está certo. Não quis preveni-la, mas está bem nítido esta noite. É o canal das Euménides. No extremo do Araxe deveis distinguir pequeno mar, que lembra um pouco o Adriático. É o mar das Sereias.

– Os canais serão rios que tenham suas desembocaduras nesses mares?

– Não, nunca começam em terra firme; vão de um mar a outro.

– Oh! Como estou contente por ver tudo isso! Poderei voltar muitas vezes?

– Cada vez que desejar, senhorita. Mas receio bem que o tempo se modifique. Experimente fazer um desenho de tudo que viu.

– Um desenho! Não o conseguiria nunca.

– Por quê? É só tentar. Repare eis ali um círculo preparado e lápis.

Estela tomou o papel e um lápis e, assinalando primeiro o local tão evidente da neve polar, desenhou o lago negro circular do Sol, o terreno pardo que o rodeia, o mar superior, os dois canais que percebera, o mar das Sereias. Os croquis careciam de exatidão, de nitidez e de precisão; contudo, assemelhava-se bastante à imagem telescópica para que se conhecesse nele um desenho de Marte e não o de um outro planeta. Estela sentiu-se lisonjeada com a apreciação do astrônomo e pela crítica séria que ele se deu ao trabalho de fazer, e prometeu a si mesma sair-se melhor na próxima vez. Uma hora antes, o astrônomo fizera um desenho muito preciso, e a comparação dos dois mostrou que o da jovem não era ridículo.

Estela notara, presa ao muro, uma grande carta geográfica de Marte, um mapa-múndi, no qual os mares, os continentes, os canais, os lagos, litorais, os golfos e até as ilhas estavam representados com minúcias. Aproximou-se, examinou demorada-

mente esse mapa e, pousando o dedo sobre determinado ponto, exclamou.

– Eis aqui com certeza o que vimos há pouco pelo telescópio.

– Exatamente, replicou o “Solitário”. A senhorita reconheceu admiravelmente.

– Mas nós não vimos toda essa redezinha de pequenos canais!

– Não, e por várias razões. Primeiro, porque é preciso circunstâncias atmosféricas excepcionais, para distingui-los; depois, é preciso ter uma vista exercitada, o hábito de observações astronômicas. Sabeis que a distância é grande. O planeta está esta noite a 95 milhões de quilômetros: um expresso, correndo com a velocidade de um quilômetro por minuto, gastaria 95 milhões de minutos para chegar lá, o que dá aproximadamente 66.000 dias ou 18 decênios! A lente de que nos servimos há pouco aumenta quinhentas vezes, o que reduz aquela distância a 190.000 quilômetros, isto é, diminuição igual à metade da distância da Lua – vista a olho nu. É ainda um pouco longe para distinguir os pequenos detalhes.

Além disso, prosseguiu o astrônomo, esses canais não são permanentes. Em certas estações, os melhores instrumentos ópticos não os poderiam mostrar. Só se enchem d'água na época da fusão das neves, e distribuem essas águas na irrigação dos continentes. Não há ali chuvas, nem mananciais, nem rios. Os canais são os únicos a fazer a circulação das águas.

– Que admirável traçado geométrico! Observou o conde, depois de examinar por instantes o mesmo mapa. Está aí um belo trabalho de drenagem em pleno céu.

– Não é água o que vemos, replicou Dargilan, e sim o produto de água, pradarias que crescem em poucos meses sob a influência da umidade, de igual modo que vemos, em balão, os cursos d'água desenhados pelos almargeais que bordam cada lado de um delgado filete de água. Muitas dessas manchas verde-escuras, que denominam os mares, podem ser também planícies cobertas de vegetação.

– Quando se imagina que podem, que devem existir lá habitantes, disse o senhor de Noirmoutiers, seres humanos que

pensam igual a nós, melhor do que nós talvez, e, quem sabe? se perguntem, vendo nossa Terra em seu céu, se existimos...!

– Pela minha parte não tenho dúvidas, replicou o “Solitário”. Marte é mais antigo e mais adiantado do que a Terra no seu ciclo vital; está também, podemos dizer, mais evolvido do que o nosso planeta, considerando-se o conjunto de condições de habitabilidade, e a duração dos períodos que medem a existência, pois, sendo lá os períodos anuais duas vezes maiores do que os daqui, proporcionam bem melhor curso de vida do que os nossos à fecundidade do trabalho intelectual...

– Qual a sua duração?

– Os ciclos anuais, nesse mundo vizinho, são quase de 687 dias.

– De 686 dias, 23 horas, 30 minutos e 41 segundos, interrompeu Estela.

– Que memória! disse o “Solitário” sorrindo. Assim, é quase duas vezes mais lento do que aqui. Não há nada de surpreendente em que se viva ali duas vezes mais do que entre nós. Mas, acrescentou, dizia eu que esse planeta é, em certos pontos, mais agradável, mais elevado do que o nosso. Assim, entre outros, presumo que os corpos, sendo ali menos pesados, são menos grosseiros, mais delicados, mais sensíveis, mais etéreos, mais puros. Não quero fazer o julgamento dos organismos terrestres; porém, não é necessária longa reflexão para aperceber-se de que a espécie humana ainda está muito vizinha da animalidade, e bem tosca. O peso da matéria desempenha papel importante na sua organização e em todos os seus apetites. Fazei idéia de que se pudéssemos ir pesar um quilo, em Marte, averiguaria que os 1000 gramas pesavam apenas 376. A senhorita d'Ossian terá, suponho, 60 quilos; transportada, tal qual está, para Marte, não pesaria ali mais de 22. Parece-me que a Humanidade marciana deve ter gostos superiores em tudo.

Nada nos autoriza a pensar que a evolução da consciência no Universo tenha dado o máximo da sua medida no espírito humano terrestre. Tudo nos convida a crer, ao contrário, que há seres

incomparavelmente superiores a nós outros quanto à organização e quanto ao espírito.

– A mim, o que impressiona mais na Astronomia viva da nossa época, interveio o senhor de Noirmoutiers, é, de um lado, a sua precisão matemática e, de outro, a imensa luz que esparge em nossa visão do Universo. O céu não é mais sombrio.

– E a mim o que mais admira, replicou Estela, é a tolice da maioria dessa pesada espécie humana de que fala o mestre, dessa raça pouco inteligente, que não somente desconhece o total de tais verdades científicas, mas também, quando estas lhe são expostas, não se interessa por elas e até as toma por invenções da imaginação. Quantas criaturas humanas viram Marte na forma pela qual nós outros o vimos hoje?

– Um em cada milhão, senhorita.

– Somente! É uma grande minoria de elite, e agradeço a meu tio ter-me permitido fazer parte desse número.

– Sim, um milionésimo. Falamos da população total do globo. Há talvez um pouco mais de 38 franceses e 336 europeus que tenham visto Marte qual o acabamos de ver; certamente esse número não excede de 1.500 em toda a Terra. Talvez não haja 15.000 pessoas ao corrente dessas questões, que possam conversar conosco como o fazemos e que compreendam exatamente o que dizemos, sem diminuir nem exagerar nossas idéias. E a Terra tem 1.500 milhões de habitantes! Eis porque o pensador é um solitário. Quanto mais se eleva, mais se insula. Não encontra facilmente um espírito preparado para compreendê-lo. E com freqüência os que o ouvem só contam dele extravagâncias, porque não falam a sua linguagem.

– Não estou bem certa de já a compreender, disse Estela, e às vezes, quando estou a sós em meu quarto, e procuro relembrar o que ouvi, parece-me que faço uma tradução. E depois também tenho as minhas idéias. Não digo nada para evitar que ria de mim.

– Têm-se intuições às vezes, respondeu gravemente o astrônomo.

– Pensando em todos esses mundos inumeráveis que povoam o espaço, pergunto-me se não existirá um que, acaso, seja exatamente igual a Terra.

– Exatamente igual?

– Sim; de formação idêntica à da Terra, de um Sol semelhante ao nosso, à mesma distância, com os mesmos elementos, em circunstâncias idênticas, os mesmos ciclos anuais, os mesmos dias, a mesma temperatura, a mesma atmosfera, a mesma história geológica, os mesmos continentes; e assim, sucessivamente, as mesmas espécies vegetais, animais e humanas; sim, a mesma Humanidade, as mesmas raças, as mesmas nações, a mesma evolução, o mesmo desenvolvimento físico e intelectual; e, por conseqüência, seria povoado, exatamente igual à Terra, de seres semelhantes a nós outros, habitando países análogos, usando nossos nomes, vivendo identicamente à nossa maneira, reproduzindo em fac-símile sobre outra terra do céu tudo que fazemos, tudo que dizemos e até tudo que pensamos nesta Terra.

– Um mundo sócia?

– Sim. Um viajante que lá fosse ter, neste momento, encontraria Paris, tal qual é, cada aldeia da França como é atualmente, e também encontraria a nós três ocupados em conversar familiarmente sobre o terraço de um observatório dos Pirineus.

– E também lá, replicou o tio, Luís XIV teria construído a cúpula dos Inválidos para receber o féretro de Napoleão, e este teria deixado a ilha de Elba para morrer em Santa Helena, passando por Waterloo?

– Sim, tudo se passaria exatamente como aqui.

– E uma encantadora jovem, chamada Estela d'Ossian, também lá perguntaria a si, neste momento, se não existe em uma outra terra do céu uma outra Estela, cujo coração pulsasse exatamente qual o seu, e que com certeza também estaria vestida com a mesma roupa, feita pela mesma costureira?

– Eu bem sabia que zombariam da minha idéia. Ainda tenho outras. Não direi mais nada.

– Senhorita, replicou o “Solitário”, não é impossível que entre os milhões e milhões de terras habitadas que existem, existiram

ou existirão na imensidade do Universo, as forças da Natureza tenham feito nascer um mundo idêntico ao nosso.

– Vês, meu tio!

– Não é impossível, mas é improvável. Que muitos, um grande número talvez tenha tido origem igual a Terra, é admissível, quase certo, dadas a unidade de substância e a unidade de força. Porém, as bifurcações são inevitáveis. Entretanto, circunscrevendo o raciocínio, sente-se que não é impossível existir no Espaço um sistema solar análogo ao nosso, e, nesse sistema, um planeta que tenha seguido exatamente a mesma evolução do nosso. Não, no infinito dos espaços isso não é impossível.

– E, ajuntou Estela, esse mundo-sósia poderia ter um pouco em avanço sobre o nosso, por exemplo, de um ou dez ciclos anuais?

– Seguramente; poderia.

– De sorte que, neste momento, Estela seria o que eu serei o ano que vem ou daqui a dois lustros?

– Curiosa! Exclamou o tio.

– Oh! Meu tio, talvez não seja muito divertido o que eu serei daqui a um decênio. Mas, na realidade, a Astronomia é um ninho cheio de pássaros. Um voa, outro o segue, depois um terceiro, sem fim. Vejam, pensando nesse mundo-sósia, fui levada a perguntar-me se nós fazemos o que queremos, se somos livres.

– Grande problema, respondeu o astrônomo. É bem certo que o porvir existe em gérmen no presente; que não há efeitos sem causas; e o Espírito que conhecesse as causas poderia de antemão escrever a História.

– Senhor Dargilan, indagou Estela, que voltara à observação de Marte, o senhor disse em um de seus livros que essas neves que vemos em redor do pólo se fundem durante o verão. Neste momento se acham sob o inverno?

– Estão na primavera. Se observardes novamente o planeta dentro de alguns meses, vereis essas neves quase completamente liquefeitas.

– As estações lá são as mesmas daqui, e duas vezes mais longas?

– Sim, senhorita.

– E a atmosfera?

– Mais leve, mais pura. Ali há quase sempre bom tempo.

– Se é mais leve do que aqui, deve ser um mundo encantador.

– Julgais serem todos esses mundos habitados iguais à Terra? interrogou o conde.

– Sim e não. Sim, se levais em consideração a imensa duração dos tempos. Não, se apenas encarais a hora atual. Não há razão alguma para que todos os mundos estejam habitados presentemente. Nossa época não tem mais importância do que as precedentes nem do que as que se seguirão. É um orgulho infantil da nossa parte imaginar que, por vivermos neste instante, a nossa época tem um valor especial. Ela passará tal qual as outras.

Tomemos uma data a cem milhões de séculos no passado. Essa data é tão importante quanto a nossa. A Terra não existia. Mas havia outros mundos habitados, outras formas de vida, outros seres, outros Espíritos.

Consideremos uma época a cem milhões de séculos no futuro. Então a Terra não existirá mais. Haverá outras terras, outros sóis, outros dias, outras noites, outros pensamentos, outras almas.

As forças da Natureza não podem permanecer inativas. Nada se perde; nada se cria. Tudo se transforma. A vida e o pensamento, sob formas conhecidas ou desconhecidas, resultam das manifestações da Energia.

Para conceber exatamente o conjunto da vida universal, é mister considerar o Tempo tanto quanto o Espaço. Existem no céu túmulos e berços. Aqui cemitérios. Lá, germens flutuantes.

Parece verossímil que entre os planetas do nosso sistema, Vênus, Marte e a Terra sejam os únicos atualmente habitados, achando-se Vênus menos adiantada do que o nosso mundo, enquanto que Marte é mais adiantado. Vede essas fotografias da Lua, essas crateras, esses círculos de rochas, esses desertos. Não é a imagem da morte? Enquanto que Marte e Vênus! Reparai!

acrescentou, fixando o dedo sobre o grande mapa de Marte, em todos os verões, na época da liquefação das neves, Vede de que modo a água se distribui na superfície das terras pela urdidura geométrica de canais. Esses dois mundos são tão vivos quanto a Terra.

– Como seria interessante entrar em relações com esses vizinhos do céu, corresponder-nos com eles por meio de sinais quaisquer!

– É o que nos será dado um dia. Não desesperemos. O espírito humano que soube inventar os instrumentos de óptica, a fotografia, a análise espectral, a telegrafia, o telefone, o fonógrafo, encontrará seguramente um código de correspondência com Marte ou Vênus. Talvez não seja por meio de aparelhos ópticos. Ainda há muitas forças a descobrir. O magnetismo interplanetário poderá desempenhar um grande papel em todos esses futuros modos de comunicação. Já o Sol nos dirige diversos despachos cósmicos e os próprios planetas agem sobre a agulha imantada.

– Mas nunca será possível comunicar-nos pessoalmente com Marte ou Vênus, para ali nos transportarmos em carne e osso?

– Não, certamente. É essa uma das raras negativas que podemos emitir. O Espaço interplanetário é infranqueável para os nossos corpos terrestres. A atmosfera circunda o nosso globo à semelhança da cobertura a um casulo, e percorre com ele o espaço. O éter é o vácuo, o imponderável. Porém, se podemos estar convictos de que nunca nos será possível transportar-nos corporalmente de um mundo a outro, seria temerário negar que essas viagens possam jamais ser feitas por seres espirituais e imponderáveis, por Almas, Almas humanas, e que um dia uma comunicação seja estabelecida entre Marte e a Terra pelas forças psíquicas.

Assim se entretinham com frequência o “Solitário”, Estela e o Conde de Noirmoutiers. A alteração levada à solidão e aos trabalhos absorventes do astrônomo filósofo, por essas visitas um pouco mundanas, não fora tão desagradável quanto, a princípio, fizera supor o seu caráter original e misantrópico. A primeira visita perturbara-o em seus hábitos e não lhe causara prazer

algum; a segunda ainda lhe fora bastante indiferente; a terceira parecera-lhe quase natural; as seguintes entraram na sua vida com agrado, pois proporcionavam repouso à sua longa e solitária tensão de espírito. O conde e a sobrinha, que de muito tempo lhe haviam assimilado as idéias e a maneira especial de encarar a Natureza, deixaram de ser estranhos para ele; faziam parte da família intelectual de seus numerosos leitores e estavam associados às suas pesquisas e às suas esperanças. A inteligência de Estela, seu anseio de ciência e sua curiosidade filosófica interessavam-no, e sem dúvida também, ignorando-o, sentia ele o encanto juvenil dessa flor de sol, que vinha trazer tão delicioso raio de luz àquela vida até então monótona, tranqüila e obscura, símile da de um anacoreta. Se essas visitas cessassem brusca-mente, alguma coisa certamente faltaria à nova atmosfera desse Observatório que se tornara um pouco mais animado, algo mais vivo, bem menos silencioso. Gradativa, e mui naturalmente, os hóspedes do Castelo, o médico de Luchon e um químico que vivia nas montanhas, adquiriram o hábito de passar uma ou duas vezes por semana algumas horas no Observatório, ora à noite, quando o céu estrelado convidava à observação de suas curiosidades infinitas, ora à tarde. Faziam-se alguns passeios pela floresta ou se reuniam na biblioteca, folheando livros, passando em revista desenhos e fotografias celestes; realizavam-se experiências de eletricidade no gabinete de Física (e a particular sensibilidade de Estela encaminhara o sábio no rumo de uma nova descoberta); conversava-se, discutia-se, esquecendo-se por vezes as horas. O senhor e a senhora de Castelvieil, que, pelos seus preconceitos sociais e opiniões religiosas, se consideravam antípodas do sábio, algumas vezes tomavam parte na reunião e terminaram acostumando-se à rudeza que a princípio tanto os chocara, e até interessando-se por algumas observações telescópicas.

Essas reuniões representavam para todos eles uma vida nova, uma vida intelectual e, para Estela, em particular, a perfeita felicidade do espírito e que ela desejaria durasse sempre. As descrições celestes do astrônomo, suas pesquisas nos horizontes

infinitos, mergulhavam-na em um sonho, sonho em vigília, que por vezes a perturbava durante noites inteiras.

Sim, sonhava. Meditava nos esplendores da verdade astronômica, e pensava também no astrônomo, que lhe aparecia envolto em uma auréola, superior pelo seu valor pessoal, pela sua ciência, pelo seu caráter comparado ao de todos os homens que tivera ocasião de encontrar no mundo, desde a sua saída do Convento. Apesar das previsões de seu tio, o escritor nada perdera, visto de perto. Sua simplicidade igualava-se à grandeza de sua alma. Admirava-lhe a vida de trabalho, o devotamento tão absolutamente desinteressado pela Ciência, e, para ela, personificava a glória mais pura da Humanidade. Associava-o ao próprio céu, e não podia mais contemplar uma estrela sem que visse aparecer a sua imagem; pensava nele sem cessar.

Quanto essas impressões eram diferentes daquelas que sentira, vagamente, quando o jovem Duque de Jumièges a arrebatara no turbilhão de um baile! Grave e profundo sentimento nascia agora em seu coração, e lhe dava a noção de uma nova dignidade. Sentia sua alma engrandecida e nobilitada. Parecia reconhecer-se destinada por sua natureza a amar um grande espírito ou não amar ninguém. Sem que o buscasse, o “Solitário” a atraía qual o ímã que estende, através de muralhas, o seu irresistível campo de atração, e força à obediência. E muitas vezes, em momentos dolorosos em que uma sensação de vácuo atravessava repentinamente todo o seu ser, e em que sentia o sangue logo afluir ao coração, ela repetia a si própria a pergunta que fizera ao jovem filósofo: Somos livres?

As horas que passava junto dele eram, desde então, as suas únicas horas de ventura.

Nas conversações de seu tio e sua tia já se começava a falar, porém, no retorno a Paris.

XIII

Estela a Cecília (1ª carta)

“Castelo de Hourtino, 1º de setembro.

Não te escrevo desde há quinze dias, minha querida, apesar das tuas três cartas, e não desejava responder a elas.

Mas a tua insistência se torna cruel e quase pérfida para mim. Ainda não adivinhaste a perturbação da minha alma, após a pequena confiança que dirigi ao teu coração?

Pois bem, vou fazer a confissão inteira. Não resisto mais. Não és minha irmã? Tive jamais segredos contigo? De resto, tu és culta, tu, que tens a paixão da Ciência, tu me compreenderás.

Imagino, contudo, que vais tratar-me de louca. És motejadora e céptica.

Tanto pior! ou tanto melhor! porque procuro o que é verdade. Mas, o que sei bem, minha querida, é que não me recusarás jamais a tua amizade, a tua afeição, a tua ternura. Tu mo juraste um dia, como se adivinhasses de antemão o que me acontece neste momento.

Com a tua natureza mais masculinizada, a tua lógica, a tua razão, tu nunca foste... (que deveria eu escrever aqui?) Quem sabe? Talvez teu coração também houvesse batido um pouco mais acelerado. É o que ora me acontece. Viste-me no mundo. Sou acaso muito fria, muito desagradável, muito altiva? Sim, sou ainda mais independente de caráter do que tu.

Unicamente, às vezes os provérbios têm razão. Não se deve dizer: Desta água... Em uma palavra: eis tudo. Pedes-me ainda em tua carta de ontem notícias de um certo projeto de casamento entre certo duque e eu. Pois bem! para mim não haveria mais do que um homem no mundo... Que acabo de escrever? Tanto pior. Não risco. Talvez devesse ter escrito: só existe uma verdade. Sim, uma única verdade, a da Ciência.

Tu és filósofa, és estudiosa. Teu diploma superior não passa de um gorro de asno posto na tua inteligência. Sabes álgebra e

geometria, o que sempre me apavorou, mesmo agora. És pergaminhada? És sim. Pois bem, não é dessa ciência que eu te quero falar. Compreender-me-ás.

Praticaste a Fotografia, a Química, a Física, a Mecânica. Não tens um primor no teu gabinete? Pois bem, ainda não é a tudo isso que eu desejo referir-me.

Ah! se tu compreendesses! Mas, que disse eu? Sim, é isso mesmo. Algum dia já pensaste no céu? Não o céu de que nos falavam no Internato. Paraíso, anjos (lembras a capelinha dos santos anjos-guardiães onde fazíamos nossas preces?), querubins, serafins, santos e santas, virgens mártires (são sempre mártires as virgens do paraíso), apóstolos, profetas, etc. Era o céu empíreo dos cristãos. Isso nunca existiu. Ainda acreditas em tais coisas? Nunca to perguntei. Eu, até ao ano passado, acreditava. Sabes o que é o céu? É o lugar onde estamos.

Algum dia viste Marte ao telescópio? Já viste, com os teus próprios olhos, esses continentes, esses mares, essas neves, esses lagos, esses canais extraordinários? Sabes que vivem no Espaço mundos semelhantes ao que habitamos e para lá devemos ir?

Viste, com os teus próprios olhos, o anel de Saturno? e as nuvens de Júpiter, e a grande mancha vermelha, e a nebulosa de Andrômeda, e as estrelas coloridas – pedras preciosas do céu, diamantes brancos e amarelos, topázios, esmeraldas, rubis e safiras? Alguma vez já remigiaste em plena Via-Láctea? Compreendeste o Infinito, compreendeste a Eternidade?

A vida intelectual, sabe-o tu, eis a verdadeira vida, a única vida possível. Pois bem, tu conheces os teus duques, os teus príncipes, os teus marqueses, os teus condes, e mais os teus deputados, os teus senadores, os teus ministros, e ainda os teus milionários, os teus zangões da Bolsa, os teus peraltas, os teus admiradores, os teus patinadores, os teus ciclistas, os teus cavaleiros e, finalmente, os teus jornalistas, os teus autores, os teus histriões, os teus cabotinos, os teus homens chiques de todos os gêneros. Tudo isso é a Terra.

Ah! sim, pode continuar a falar-me comodamente em casamento durante meio século, esse querido duque, meu belo valsis-

ta, com os seus anéis, seu bracelete e seu monóculo. Que ele permaneça no círculo, no circo ou nos bastidores. Se algum dia eu me casar, certamente não será com ele. Pensando em todos os meus suspirantes (conforme tu os denominas) do último inverno, conto com a Cármen:

*É o outro quem eu prefiro.
Nada disse, mas me agrada.*

Vais talvez pensar que eu esteja apaixonada! Vais pedir-me que te descreva o meu herói, que te diga se é formoso ou feio, alto, baixo, médio, moreno, louro, amável, atencioso, qual é a cor de seus olhos, se tem sobrancelhas finas ou espessas, se os seus cabelos são ondulados, se o seu nariz é grego ou espanhol, se sua mão é branca, se o seu pé é pequeno, enfim, para dizer tudo, que remeta o seu retrato de corpo inteiro. Pois bem, não te envio a sua fotografia por esta simples razão: ele ainda não se colocou ante uma objetiva para tal. Minha tia acha-o feio, a baronesa acha-o ridículo. Todo o mundo me incita contra ele; porém não me preocupo com a sua fisionomia, nem com o seu corpo. É a sua alma que me agrada. Se tu pudesses ver a expressão de seus olhos! Particularmente, em certos momentos... quando fala do céu. Quanto são simples os grandes homens, quando os comparo aos nossos pigmeus “poseurs”!

Dizer-te que estou apaixonada? Não. Nunca pensei nisso, nem ele me fez a menor declaração. E Deus sabe quantas declarações recebi de outros! Seis, pelo menos. Ele, algumas vezes, me fala, contempla meu rosto. Roçou-me de leve a mão, em certa ocasião, sem sequer aperceber-se. Nunca me disse que me amava, e mesmo eu não o acreditaria, pois ele é todo da sua ciência, e bem se vê que as mulheres não existem nas suas cogitações.

Dizer-se que jamais me apaixonarei? Isso não sei. Mas repito: não é a sua pessoa, o seu corpo, o seu semblante que eu amo: é a sua alma, o seu espírito, o seu coração, a sua ciência. É um perfeito homem de sentimento. E ninguém o põe em dúvida.

Ah! minha querida, não estou apaixonada, mas quanta agitação! Não fechei olhos durante a noite passada. Estou feia hoje; ele não me verá.

É uma região linda esta. Asseguro-te que por um nada eu ficaria aqui. Tudo é encantador. Por que não se construiu Paris em Luchon? Aí vão oito páginas repletas de rabiscos. E que desalinho! Fui muito tagarela? Não te podes queixar. Abraço-te mil vezes. Rasga logo esta desatinada carta. Não devia mesmo remetê-la. Mas, eu própria, meu coração transbordava. E tu sabes, és agora a minha confidente. A outra morreu. Nunca tive segredos contigo, minha querida Cecília. Mas não zombes de mim. Mais um beijo.

Estela”

XIV

Cecília a Estela (1ª carta)

“Monte S. Miguel, 5 de setembro.

Minha Estrela, podes vangloriar-te de estar iludida, tu, a fria Estela! Não te reconheço mais. E falas em ficar por aí! Um enlevo, enquanto aí permaneceres! Espero, ao menos, que não seja um enlevo por adolescente. Não me dizes a idade do teu Romeu, ó Julieta! Tens uma vintena. Contará ele dezesseis, ao menos?

Tiveste um novo acesso de eletrização epidérmica, minha querida. É ocasião de multiplicar as duchas. Vossas ondas elétricas se cruzaram; depois a faísca! Qual! Quem é esse senhor? Não me dizes nem o seu nome.

Pelo que me contas da opinião de tua tia e da senhora de Castelvieil, ele deve ser muito vulgar e bastante feio. Não te reconheço mais, tu que tinhas tanto gosto! Malvada! que te enamoras facilmente do primeiro que chega! É o resultado da morna solidão do campo. No reino dos cegos, o zarolho é rei. Acredito que o teu herói faria figura triste em Paris. Certamente não tem apresentação, nem elegância.

Isso passará, conforme creio. Cuida em não praticares imprudências.

Não pedes notícias minhas, nem de minha mãe, nem dos nossos amigos de Monte São Miguel. Minha mãe atualmente está bastante enferma, o que me dá inquietude. Imagina que tivemos ultimamente a visita do Duque de Jumièges, que veio à Abadia. Que moço encantador! Que distinção em todas as maneiras, e – o que não prejudicaria mulher alguma – que belo nome! Se eu fosse linda e rica... Veio acompanhado do seu amigo, o Visconde de Valvin. Que belo rapaz, esse também! Todo mundo se voltava à sua passagem, para contemplá-los.

Tu reconheces que emito julgamentos bastante seguros. Sabes por que não me engano quase nunca a respeito de caracteres? É

porque, quando alguém me fala, homem ou mulher, não reparo somente nos olhos, mas ainda e principalmente na boca. A expressão do canto dos lábios trai quase sempre o pensamento íntimo que a palavra, e até os olhos, desejariam mascarar. Pois bem, tenho certeza de que, se o duque não te agrada, o visconde seria um excelente marido.

Conversei sobre o caso, à noite, com minha mãe. Parece que ambos são mais instruídos do que aparentam. Sabes que em seu meio não se abre lugar à Ciência.

Contei-lhe que um dia desses, procurando mariscos entre os rochedos, durante a maré vazante, abaixo do pequeno bosque, que tu conheces, próximo à capela de Saint-Aubert, o pequeno René escapou de morrer afogado. Caíra em um buraco e o mar começava a subir. Felizmente a senhora Poulard, que nos acompanhara para mostrar o caminho, apercebeu-se em tempo e pudemos subir novamente pelo bosque fechado, do qual ela possuía a chave. Divertimo-nos imutavelmente em “graaande” sociedade. Na próxima semana iremos a Jersey. Viva a alegria! Abaixo as melancolias do sentimento e as solidões!

Farás uma verdadeira loucura.

Mil ternuras da tua amiga sincera

Cecília”

XV

Estela a Cecília (2ª carta)

“Castelo de Hourtino, 7 de setembro.

Como és vilã! Abro-te o meu coração, faço-te a confidente dos meus sentimentos mais íntimos e zombas de mim! Não está direito, minha pequena Tototte. O que eu disse é muito sério e não estou iludida de todo. Lembra-te de que já cheguei às vinte primaveras e não sou mais criança. De há um mês, tenho refletido muito. Minha convicção é de que na Humanidade só existem duas coisas boas: o espírito e o coração, ou, em outras palavras, a Ciência e o Amor. Eis aí a grande palavra negligenciada. Enganas-te se sorris. Para mim o amor não é o contato de duas epidermes, como dizia Chamfort, creio eu, no livro que Margarida me emprestou. É uma vergonha profanar essa palavra divina como se faz, e tomar por amor sensações e não sentimentos. O amor é um beijo eterno de duas almas. É a poesia dos sentidos, admito, mas é também, acima de tudo, a poesia da alma. Eu te assevero que a minha vida se traça muito clara e muito francamente diante de mim. Quero levar vida intelectual. As gloriolas efêmeras da política, as pretensões burlescas do dinheiro, as vaidades da nobreza antiga ou moderna, e todos esses novos títulos de conde, com que se enfeitam, desde o ano ante-transato, muitos de nossos amigos de origem honrada e modesta, e todas essas fortunas, mais ou menos escandalosas – roubadas de maneiras diversas por homens e mulheres – tudo isso, minha querida, me causa piedade. Nem por um império eu desejaria confundir-me com eles. Tornei-me filósofa igual a ti, mas por outro motivo. E depois, com franqueza, acreditas seriamente, tu, a lógica, acreditas que haja, nesse chamado “mundo”, sentimentos verdadeiros e verdadeira felicidade? Vi bastante, ouvi o bastante, principalmente para saber – digo-te ao ouvido e tremeria se pudessem ouvir semelhantes palavras saindo da minha boca – para saber que nesse belo mundo, que nos dão por modelo, quase todos os maridos têm concubina e quase todas as mulheres um amante. É o natural! E apesar dos seus “prazeres” e de suas

intrigas, têm o exterior de entediados, esses homens e essas mulheres do mundo. A sua existência oca não é a verdadeira vida.

E mais ainda, queres que te diga tudo? Pois bem, tenho uma nova religião: a religião do céu, da Astronomia, do Infinito, da Eternidade.

É muito grave. Se a minha vida não se tornar o que desejo que seja, sentir-me-ei muito infeliz. Morreria!

Vais dizer-me ainda que levante a cabeça, tratar-me de sensível, de imaginosa, de nervosa. Enganar-te-ias. sou muito mais séria do que tenho aparentado até agora.

Leio em teu pensamento. Neste momento tu te perguntas se estou acordada ou adormecida; se não estou sonhando; se tenho realmente um motivo seguro, uma base sólida para decidir assim de minha vida, por mim sozinha, sem ouvir a opinião de meu tio, da minha tia, de qualquer parente meu... Sim, só, ai de mim! porque, confesso também, ele não me deixou perceber ainda o menor indício de amor... embora eu sinta bem que não lhe desagrado.

Assim, para teres uma idéia: em uma noite destas, estava eu junto dele, no alto do escadim em que se sobe para observar os astros no equatorial, quando não se encontram muitos elevados no horizonte. A luneta ficava quase horizontal. A lâmpada estava apagada, para permitir uma observação melhor. Meu tio, que se achava em nível inferior, nada poderia ver. O alto do escadim foi feito para uma só pessoa. Avalia se estaríamos próximos um do outro. Ele até me segurou pela cintura, para evitar que eu escorregasse nos degraus. Pois bem! durante toda a minha observação, que durou bem uns cinco minutos, sua barba roçava o meu pescoço e ele não aproximou os lábios nem sequer às pontas dos meus cabelos, que deviam incomodá-lo. Que achas do meu semideus? É ele bastante correto? Mais correto do que os nossos valsadores, hein? Estou certa, entretanto, de que não é insensível aos perfumes, e fez recordar-me de reflexões tuas certa noite em que me vestia diante de ti. Notei que as asas do seu nariz são por vezes de singular mobilidade, o que em um homem vulgar talvez

seja um sinal de sensualidade. Mas ele tem sempre o espírito tão afastado do corpo! Sob o ponto de vista amoroso, parece-me tão frio quanto o espaço celeste: 273 graus abaixo de zero! Bem vêes que é um verdadeiro sábio! Inteiramente absorvido pela sua ciência, a Humanidade não existe para ele. Acho até que a despreza. Isso é dizer, minha querida, que faço o meu sonho por mim só, e que ele não me encoraja. Porém, quanto mais convivo com ele, mais o estimo, mais o admiro, mais... não, tu não me compreenderias. Julgo-te um pouco sensual.

A propósito, que querias dizer, escrevendo-me que eu faria uma verdadeira loucura em amá-lo e que me dirias por que? Perguntas-me se ele tem dezesseis anos de idade. Tem mais de trinta!

Recebe todos os meus carinhos.

Estela”

XVI

Cecília a Estela (2ª carta)

“Monte S. Miguel, 13 de setembro.

Pois bem, uma vez que mo pedes, afianço-te que farás uma verdadeira loucura. Conversei, sem nada deixar transparecer, bem entendido, com pessoas que o conhecem, o teu herói, o teu pretense Solitário (confesso que não tive trabalho para adivinhar!), que o viram de perto, amigos, até dois colegas, que, há dias, jantaram em Avranches conosco. Tem uma reputação detestável. Em Luchon fazia a corte a todas as mulheres, dizia seus versos em todos os salões. Misógamo ele? mas ele sempre esteve rodeado de jovens e lindas mulheres, e tu farias honra ao nosso sexo em refletir que nunca são as mulheres que começam. Todas temos muita timidez para tal, sem levar em conta o pudor e a inocência. Jamais atacamos. Vê o baile, por exemplo. Já se viu acaso a jovem convidar um rapaz para dançar com ela? Tu me responderás, talvez, que os nossos trajes de baile já constituem provocações e mesmo bastante lindas. Mas não; é o uso que assim o quer, eis tudo. Se o teu cavalheiro é tão discreto como dizes, tão sábio, o “não me toques” é porque esconde o seu jogo. Sabes o que ele quer? Doutrinar-te com boas razões para desposar-te, pelo teu dinheiro, porque ele é pobre. Cálculo ou interesse, e mais nada.

Na semana finda, soube de uma muito boa, a propósito desses casamentos de interesse – noventa e nove por cento, aliás. Esqueceram-se da minha qualidade de moça e falaram na minha presença, qual se eu fosse um rapaz. Pensa-se, ou que nada compreendemos, ou que, se compreendemos, isso não nos interessa. E depois tenho vinte e cinco anos de idade, conheço bem o mundo e nunca me casarei.

Tu conhecias o La Grange que desposou há quatro meses a nossa encantadora amiga, a viúva loura, como lhe chamávamos, a linda Condessa d’Asti. Ei-la novamente viúva, pela terceira vez, e o luto condiz à maravilha com a sua cabeleira de ouro e a

sua pele alvíssima. Pois bem: seu último marido, tão elegante, tão distinto, tão cheio de atenções constantes para ela, em casa tanto quanto num salão ou no teatro, esse belo rapaz, que desaparece aos quarenta, desposara-a unicamente pelo dinheiro e representava tão bem a sua comédia que ela, tão perspicaz, se deixara prender qual verdadeiro galináceo. Inicialmente, tinha uma amante efetiva, havia quatro lustros; em seguida, outras três ao mesmo tempo. Precisando de seiscentos mil francos, em prazo curto, procurou, de comum acordo com a amante principal, o que entre eles se chama um pássaro para depenar (empreguei o termo tal qual eles usam). Travaram relações com a condessa, e o nosso lindo cavalheiro a desposou, perante o tabelião principalmente. E ficou concluído o negócio. Se ele não tivesse morrido subitamente ela talvez nunca descobrisse a trama que lhe armaram. Não dizia ela que ele a “amava muito”? Este advérbio, adicionado ao verbo, sempre me pareceu diminuí-lo. Entendo que o verbo é suficiente e traz em si o seu superlativo. Mas não devo intrometer-me nisso, porque não sou casada, nem tenho o desejo de tal, pois são esses, minha querida, os matrimônios dos dias de hoje.

Chegamos de Jersey, a ilha do namoro ao ar livre. Apesar disso, a estada não é desagradável. Sem embargo, a pessoa se sente de certo modo prisioneira. Não se pode sair à vontade. É preciso esperar o barco. Sempre senti desejos de escapular... e pensava em ti, que me disseste, certa noite de luar: a Terra é uma ilha flutuante no Espaço. Apesar disto, não sentimos desejos de fugir dela.

O duque partiu para as suas propriedades. O deputado da sua circunscrição morreu e ele se candidatou. A eleição está assegurada. Será republicano, embora nobre, mas muito moderado, e o Conselheiro Geral de Avranches nos asseverou que ele bem poderia ser ministro dentro de pouco tempo. Talvez presidente da República, e muito mais, quem sabe? Para tal é suficiente ter maioria de amigos no Senado e na Câmara, e não deixar entrever – antes do escrutínio – uma personalidade capaz de eclipsar os chefes de grupos.

É bem o caso do duque. Ele não pode fazer sombra a ninguém. Ficaria bem um Duque-Presidente. Sabes que deve ser bem agradável morar no Palácio Elisco?

Voltemos ao poeta pirenaico. Minha mãe recebeu, de tua tia, uma carta em que fala da visita ao moinho de vento do teu astrólogo. Não quero ser “enredadeira”, como dizíamos no colégio. Mas tu sabes, o teu ilustre é uma criança achada... ou perdida... não se sabe onde. Espero que teu “fogo de palha” esteja extinto. Na verdade, não quero a minha linda Estela reinando em montanhas, entre as quatro paredes de um velho mosteiro. Desposar um solitário? Não te lembras mais de me haveres emprestado os seus livros? É um místico. Admitamos seja ele tão inteligente quanto os solitários de Port-Royal e o próprio Pascal. Maus maridos. Essas criaturas são doentes. Que inseto te picou? Enfim, passou a hora de tudo isso, eu o suponho. Tens bom senso. Não te desnivelarás.

Quando voltas? Vamos arrumar nossas malas amanhã. Dez dias em Dinard. Dentro de quinze dias em Paris.

Abraço-te fortemente.

Cecília”

XVII

Estela a Cecília (3ª carta)

“16 de setembro.

Como te enganas, minha querida! Meu Solitário nunca residiu em Luchon e nunca recitou versos. Tu o confundes com um jovem poeta que, com efeito, teve muito êxito, mas não se lhe assemelha de forma alguma. Meu autor favorito não é nada mundano e nunca se exibiu em um salão. Para mim representa o verdadeiro tipo do “homem intelectual”. Zomba quanto quiseres, mas para mim está ali verdadeiramente “o homem”. Que representa um título de nobreza? Antepassados, e nada mais, sem trazer mérito algum para o seu portador. Dir-te-ei mais: se se quisesse remontar à origem de certas nobrezas, encontrar-se-iam com frequência coisas bem vis. Portanto, sobre esse ponto nada de ilusões, não é? Deixemos esses fantoches para a vaidade das americanas. Ei-las para a nobreza.

Passemos agora à fortuna. Que representa também? Parentes que ganharam muito dinheiro, ou o roubaram, pois a esse respeito as origens nem sempre são de angélica pureza. Um jovem rico não tem, por isso, valor pessoal; ao contrário, não tendo compreendido jamais a necessidade do trabalho, também nunca adquiriu, durante seus estudos, o método, sem o qual o espírito permanece oco e superficial. Um moço rico não trabalha, não pode trabalhar, flana em amadorismos, não leva nada a sério, não produzirá coisa nenhuma, salvo mui raras exceções. Portanto, a fortuna, e assim a nobreza, nada provam em favor dos que as possuem. O ignorante, embora milionário, é o verdadeiro pobre: espírito oco. Queres passar a outras qualidades? A beleza, por exemplo. Que representa a beleza para um homem? Prefiro a força à graça, e a saúde à elegância. Um belo rapaz? Não, isso me diz menos que coisa alguma. Vou mais longe: a força e a saúde não me parecem bastante, mais do que a nobreza e a fortuna, para constituir uma personalidade, porque uma doença pode destruí-las. O que eu quero é que um homem seja inteligente, instruído e bom. eis tudo.

O valor de um homem é o seu “valor pessoal”, e não o dos seus antepassados, dos seus pais ou dos seus amigos... Portanto, confesso-te que o seu nariz me agrada e que os seus olhos não me desgostam. Estás satisfeita? Não, seriamente, eu nasci para compreender um homem intelectual. É necessário à minha alma. Encontrei-o. “Eureca”! Por que me dizes serem os filósofos uns doentes? Crês porventura que só entre imbecis se encontra gente sã?

Não me dirás mais que não raciocino, que estou louca. Vês, ao contrário, que sou de uma lógica tão fria quanto a tua. Assim, deves aprovar-me. E a conclusão é que não estou apaixonada, porque o amor não raciocina, todos o sabem. Ainda mais, eu te demonstrarei que vou fazer um casamento sensato.

Um casamento... Certamente. E por que não? Creio unicamente que ele ainda não pensou em tal. É sempre tão frio, tão correto. Nem a menor declaração”

Às vezes tenho vontade de fugir. Mas, como é freqüente encontrarmos o nosso destino nos meios buscados para evitá-lo, creio que o mais simples é ser oriental, fatalista, e deixar agir a Providência de Marco Aurélio e dos filósofos.

Filho natural, dizes? E depois disso? E todos os filhos não são naturais? D’Alembert foi encontrado nos degraus de uma igreja pobre: acreditas que eu recusaria desposar d’Alembert?

Tu me recriminas o desnivelar-me. A verdadeira desigualdade de nível não é a dos corpos; é a das almas.

Abraça-te tanto quanto te ama, tua

Estela”

XVIII

A fagulha

Para a manhã seguinte ao dia em que a carta precedente foi escrita, estava marcado um encontro no velho retiro, para a observação de Vênus, em plena tarde de verão. O planeta estava então em seu brilho máximo e apresentava ao telescópio uma fase elegante, análoga à do crescente lunar no seu quarto dia de lunação. Estela, cuja imaginação remigiava agora, de dia ou de noite, através dos espaços siderais, galgava alegremente a encosta sombreada, sentindo-se feliz por viver aquele esplêndido dia de verão. Trajava um vestido claro e leve, tinha as mãos e os braços protegidos do calor atmosférico por luvas brancas que os cobriam inteiramente; uma pelerine caía sobre os ombros e os braços, deixando destacados o seu talhe elegante, a cintura e a cauda da saia. Vendo-a de longe, com a sua pequena sombrinha, galgar o atalho onduloso, dir-se-ia uma dessas brilhantes borboletas dos trópicos que volteiam graciosamente, de flor em flor, e parecendo prender-se à Terra unicamente pelas cores e perfumes. Encontrou o astrônomo no seu escabelo, absorvido por um desenho dos pontos mínimos do crescente de Vênus. Apenas a percebeu chegar, desceu, esquecendo a Vênus do céu pela sua estrela da Terra. Sua toalete fascinou-o um pouco, e com esforço refreou a saudação efusiva que lhe vinha aos lábios; mas, imediatamente, lhe estendeu a mão e falou do planeta, sem alusões mitológicas.

E porque Estela observava, quase no alto do escabelo, em uma posição oblíqua e fatigante, tomou-lhe o braço para sustentá-la um instante! Mas repentinamente retirou a mão, todo inquieto e singularmente constrangido. Estela, entretanto, parecia não se haver apercebido de nada.

A luva, embora se prolongasse um pouco acima do cotovelo, deixava o braço nu até ao ombro, oculto exteriormente pela pelerine caída. Rafael julgara segurar a parte protegida do braço, o que para ele já representava uma grande temeridade! E eis que sentira em sua mão a macia carne polida de um braço nu, que ele

segurara bastante ao alto. A sensação voluptuosa e súbita, experimentada pelos dedos, expandiu-se instantaneamente por todo o seu sistema nervoso, e lhe percorreu o corpo qual arrepio de fogo. Seu primeiro movimento foi de retomar esse braço. Não ousou, e desceu do escabelo para ir olhar pela janela.

– Senhor Dargilan, por acaso observa Vênus com freqüência? perguntou, aliás, sem malícia. Ela deve interessar menos do que Marte ou Júpiter. Fez a graduação para a sua vista?... Parece-me que a vejo um pouco confusa!

Era chamar o astrônomo para o seu posto. Ele retornou, fez girar ligeiramente a ocular e certificou-se de que a imagem estava bem nítida para a vista de Estela. Mas o seu pensamento estava fora do telescópio. O contacto que acabara de sentir, a obrigação de permanecer bem próximo da jovem, a fim de chamar sua atenção para os detalhes do disco de Vênus que ela desejava identificar; a elegância da leve toailete de Verão; a coloração de suas faces animadas pela caminhada e que fazia ressaltar mais ainda a alvura do pescoço; e depois o delicado perfume da carne emanado daquela flor de beleza, e que alguns dias antes já havia ferido o seu olfato; toda essa sinfonia de impressões o afundou em um estado de perturbação anticientífica e de desassossego tão insuportável, que teve de pretextar uma desculpa qualquer, e pediu a Estela que lhe permitisse concluir um cálculo. Sentou-se a uma pequena mesa e traçou algarismos. Mas, logo, muito próximo dele, sobre o escabelo, ante seus olhos, dois pequeninos pés apareciam, calçados de pantufos negros, abertos, e, através de sedas cor de rosa e rendas transparentes, se deixava adivinhar a pele branca e acetinada.

O amor torna as mulheres mais animosas, mais ousadas, mais empreendedoras e torna, ao contrário, os homens mais tímidos, mais desajeitados. Esse efeito contrário de um mesmo sentimento sobre cada sexo pode parecer estranho, mas é muito fácil de observar, pois toca um tanto a todos, e os nossos dois amorosos não faziam nisso exceção à regra geral. E, assim, também o amor torna a mulher mais alegre e o homem mais sério.

Estela parecia não ter notado a agitação súbita e extraordinária de seu companheiro, e naquele momento estava muito entre-

gue à sua observação astronômica. A encantadora toailete de verão nada tinha de particular para a sua elegância habitual; sem dúvida ela não compreendera o efeito que o contacto de seu braço produzira sobre ele, e era muito inocentemente que procurava descobrir as asperezas montanhosas da borda interior do crescente de Vênus, impacientando-se às vezes com o tremor das imagens no ar aquecido, com a ofuscante luz do Sol, e nas mudanças de posição, erguendo um pouco o braço, ou mostrando acima do tornozelo.

Rafael ia pôr-se a salvo, quando o bom semblante do tio Noirmoutiers apareceu no alto da escada:

– Então, Estela! precedeste-nos bem um quarto de hora. Olha a tua tia que vem restituir ao senhor Dargilan o novo livro de João Rameau. Que delicioso poeta, e que bem compreende a alma da Natureza!

– Olhe meu tio, replicou Estela, descendo do escabelo, Vênus apresenta um lindo crescente. Repare. É mais fino que o da Lua.

Dargilan, ao pé do escabelo, estendeu a mão à jovem para ajudá-la a descer os últimos degraus, e Estela, deixando nesse apoio o peso do corpo, sentiu que aquela mão forte tremia. Olhou então o “Solitário” e lhe viu o semblante alterado e em extremo pálido. O jovem sábio estava preso, ligado por invisível fio, que lhe amarrava o corpo e a alma. Da mesma forma que duas eletricidades contrárias determinam pela sua aproximação um fulminante clarão, o contacto sentido havia breve instante, pela mão de Rafael tocando de imprevisto o braço desnudo da jovem, confundira de algum modo os fluidos de ambos, à semelhança da eletricidade que, em estado de tensão nas nuvens tempestuosas, tendem a seu tempo a produzir o raio. A faísca incendiara a pólvora.

Havia algumas semanas que reparara naquela jovem, não somente pela beleza e elegância, mas, antes de tudo e de início, pela sua curiosidade científica, pelo espírito tão maravilhosamente aberto ao estudo dos grandes problemas, e também pela bondade de alma, pois nunca lhe ouvira dizer uma palavra malévola a respeito do quer que fosse. Fora tocado primeiramente por

esse belo caráter, e um primeiro amor, vago e indefinido, nascera em seu coração.

Tinha vivido até então inteiramente esquecido de si mesmo; o estudo havia absorvido os seus dias e as suas noites, absorvendo também as forças da sua juventude. Passava as noites ao óculo dos seus telescópios e os dias sobre tábuas de logaritmos, livros ou memórias científicas. Nada o interessava além da Ciência, e fora dela nada lhe parecia digno de tomar, por instante sequer, a atenção de um espírito sério.

Que é o Universo? Qual o nosso destino? Era esse o imenso problema sempre enunciado diante dele e enchendo constantemente o seu pensamento.

O pouco que havia visto da Humanidade lhe mostrara nessa raça seres incoerentes, nada razoáveis, muitas vezes maus, vivendo sobre a Terra sem saber como nem por quê, à custa uns dos outros, e, além disso, bastante nulos em qualidades. Sem ser misantropo, ficara estranho aos homens e olhara de muito longe o mundo humano, qual simples espectador. A Humanidade não o interessava em absoluto. Crescendo em sua alma, a luz intelectual teria consumido todas as pequenas paixões vulgares, se elas tivessem podido ali nascer.

E eis que repentinamente um raio de Sol iluminara a paisagem humana, raio muito suave, de uma claridade celeste, vaporoso, imponderável, porém real. Essa luz trazia algo de Céu e de Terra. Sua vista se fartara a esse raio. Estela era uma luz que lhe fazia pressentir uma Humanidade desconhecida, de cuja existência ele nunca suspeitara. Sua curiosidade e sua ignorância não lhe pareceram desprezíveis. Apreciava ouvir sua voz tão clara, que cantava, parecendo musical; gostava de ver o seu olhar límpido, dilatado diante do infinito; agradava-lhe responder às suas perguntas ingênuas, e, quando ela passava alguns dias sem aparecer, parecia-lhe que algo lhe faltava, e sua melancolia habitual se tornava mais profunda.

Sim, desde muitas semanas sentia-se atraído por esse fascínio, essa graça e essa beleza, e quisera ter resistido ao encantamento. Julgava-se forte, inteiramente conquistado pela Ciência;

jamais sonhara em amor; imaginava-se invencível. Porém a atração agia. O fascínio da imagem de Estela se tornava a luz da sua vida. Durante suas observações, seus cálculos, suas pesquisas, seus trabalhos mais árduos, a doce imagem lhe aparecia de súbito, seu coração batia precipitadamente, seus pensamentos científicos tombavam qual o trigo ceifado, e todo trabalho se lhe tornava impossível. Queria desterrar esse sentimento que já o absorvia à semelhança da água que embebe a esponja, e não podia. Era delicioso entregar-se a ele, mas a sua querida Ciência seria sacrificada. Estudos, começados de há muito tempo, sobre os movimentos das diversas zonas dos anéis de Saturno, e estavam a ponto de terminados, ficaram interrompidos subitamente, e lhe era impossível ligar dois raciocínios ao mesmo tempo. Esperara resistir, fazendo-se glacial, insensível, quase brutal, junto de Estela; em vão. Eros ia vencer; Eros tinha vencido.

Enquanto a Ciência transformara Estela, o amor, a seu turno, transformara Rafael. Quanto mais elevada é a alma, também mais céu nela se contém e mais é capaz de amar.

Na noite daquela data, nada pôde observar, por nada se interessou, nenhum trabalho soube realizar, passou febril, sem uma hora de sono. Nos dias seguintes, o estado de agitação e superexcitação pioraram.

Dargilan, enamorado, era o mais infeliz dos homens. Perdera toda aptidão para o trabalho intelectual e estava incapaz de concentrar atenção cinco minutos consecutivos no mesmo assunto. Um único pensamento, uma só imagem, lhe tomava a alma noite e dia. Era uma espécie de nova atmosfera para a sua respiração. Até então, vivera no meio das estrelas, que conhecia pelo nome e pela história de cada uma; o Universo celeste fora a sua vida, absorvera-o sem cessar, e entre os esplendores estelares sua alma adquirira o hábito de viajar, resistir e assim viver; mas, repentinamente, do mesmo modo que a claridade da aurora apaga as estrelas, assim o pensamento luminoso de Estela fizera eclipse em toda a sua vida anterior, e lhe inundara o ser de uma nova luz. Luz inefável e divina que o encantava e enfeitiçava, e na qual todo o seu ser se banhava com delícias, em uma expansão de alegria sobre-humana. Só pensava nela. Tornara-se o seu

objeto, o seu complemento e parecia pertencer-lhe. Oh! quanto queria aquela adorável criatura, quanto desejaria respirá-la de um hausto e absorvê-la em uma aspiração frenética, prendê-la em seus braços, envolvê-la em imensa carícia e aniquilá-la em si próprio, dois seres formando um só, que os associa e os confunde, duas chamas em uma, ardente, inextinguível. Céu de aurora, de luz e de eterna primavera, mas de repente atravessado por uma espessa nuvem tempestuosa: o amor, o amor absoluto, sem esperança de felicidade! Aquela parisiense elegante e delicada aquela mundana de luxo refinado, aquela mulher de “boudoir”, não fora feita, dizia-se consigo Dargilan, para a vida simples, séria, severa do sábio, para a simplicidade, a pobreza, o trabalho. Um capricho de instante a interessara pela Ciência, mas tal não poderia passar de uma extravagância, e seria enganá-la fazer-lhe acreditar que pudesse ser durável. Torná-la companheira de um pesquisador solitário seria enterrá-la viva. E depois, que ambição! Algum dia, ela o amaria? Já não estava noiva? Não. É impossível. É bela, é adorável, é divina. É preciso esquecê-la! Por que tê-la conhecido! Por que tê-la visto! Fatalidade! A vida é absurda.

E assim, durante uma longa semana, se agitou, dia e noite essa alma, presa da paixão mais desordenada e incapaz de se desprender do torniquete de ouro que a aprisionava. Despertando, durante as noites de insônia, era a imagem de Estela que lhe aparecia; sucumbido de fadiga em sono de alguns momentos, era o mesmo pensamento que o embalava; debruçando-se durante a noite profunda à varanda do terraço, era a forma diáfana de Estela que ele via desenhar-se, voluptuosamente desdobrada, nos flocos da Via-Láctea, e durante o dia, abrindo um livro, não lhe era possível ler meia página sem sentir repentinamente um grande vácuo em todo o seu ser, e a respiração interrompida qual se o ar lhe faltasse.

Ainda não atingira a idade em que, na mulher amada, o amante, muitas vezes, ama o próprio eu. Estudara, analisara até, notadamente no começo, a encantadora desconhecida. Três coisas, em sua opinião, lançavam entre as duas existências um abismo intransponível. A primeira era a grande fortuna de Estela.

Parecia-lhe inaceitável que a mulher fosse mais rica do que o homem, e nunca pudera compreender a condição dos dotes. Aceitar dinheiro de uma criatura a quem se ama, a quem se estima, que se associa à própria existência, parecia-lhe monstruosidade, e ao mesmo tempo uma humilhação para ambos. Se, pois, algum dia se casasse, a primeira condição, muito naturalmente, seria desposar uma jovem sem dote. A segunda coisa que distanciava da sua vida a daquela deliciosa criança, era a sua educação mundana, as idéias superficiais de que o seu cérebro deveria estar repleto, sua incapacidade provável de compreender verdadeiramente a Ciência e a Filosofia, seus hábitos de grande conforto e de luxo, em uma palavra, um conjunto de condições inteiramente opostas às da vida que ele vivia. Por fim, uma terceira razão, que não dizia pessoalmente a Estela, sempre o mantivera afastado de toda idéia de casamento: supunha que as mulheres não gostam da solidão, do silêncio, da vida laboriosa em si, e que mulher alguma poderia sentir-se satisfeita na sua solidão.

Se era feliz por amar Estela, se experimentava um sentimento mais agradável, mais delicioso, uma felicidade imensa, qual jamais sentira, mesmo nos transportes ao seio das maravilhas infinitas, essa felicidade, contudo, lhe parecia ocultar um abismo. De princípio, duvidava que ela pudesse partilhar do seu amor (os homens nada sabem adivinhar), depois, imaginava que, se chegasse a declarar sua paixão e a ser ouvido, não ousaria, não quereria ir mais longe.

Sua alma estava assim prisioneira de um terrível impasse, do qual lhe parecia impossível sair. Por diversas vezes esteve a ponto de ir ao castelo. Jamais ousou.

Oito dias haviam decorrido nesse doloroso combate, quando Estela voltou, sozinha ainda, precedendo seu tio e sua tia. Ao passar diante da porta aberta da biblioteca, em direção à escada da cúpula, ouviu um grande suspiro e voltou: o astrônomo ali estava sentado à mesa de trabalho, a cabeça apoiada e oculta nas mãos. Estela bateu na porta: ele não ouviu. Entrou.

– Bom dia, caro mestre, exclamou. Perturbo a vossa meditação. Em que pensais?

Dargilan levantou-se. À voz de Estela, seu coração começou a vibrar com violência. O semblante era pálido e desfeito. Tomou-lhe a mão e nela apoiou demoradamente os lábios ardentes.

– Pensava na... Na atração, respondeu. A atração rege o Universo, e vós sois disso um vivo testemunho. Vós o demonstrais com evidência maior do que Newton.

Estela pareceu não compreender esse gênero de declaração astronômica.

– O senhor está com febre, respondeu. Trabalhais demasiado. Porque fatigar-se assim?

– Não, não tenho trabalhado muito; ao contrário, contestou, apertando nas suas a pequena mão enluvada que se lhe abandonara. Meu espírito não está mais na Ciência. Uma tristeza imensa invadiu minha alma...

Deteve-se, não ousando dizer mais. Porém, ela estava tão perto dele, seus olhares tão ternamente se encontraram, a respiração estava tão aproximada, que, de repente, ele a tomou nos braços e lhe deu na boca um longo beijo.

– Amo-vos! Exclamou... E estou louco. Perdoai-me. Não governo mais minha razão.

Abriu os braços e recuou, como se pretendesse fugir para longe.

Estela permaneceu imóvel e silenciosa, com as mãos cruzadas.

O “Solitário” voltou, e, inclinando-se humildemente diante dela, disse:

– Perdoar-me-eis?

– Meu “Solitário”, viveis no céu. Que podereis desejar de melhor? Invejo a vossa existência.

Levantando o busto, ele a contemplou mais calmo.

– Sim, vivo no céu, no céu esplêndido e infinito. Não, nada é mais belo, nada é melhor; porém, sinto-me isolado.

– Essa solidão absoluta é indispensável aos vossos estudos?

– E quem consentiria em partilhá-la?

– Há três meses que estou aqui, e parece-me que vim ontem.

– É a duração normal de uma estada nos Pirineus, replicou Dargilan, que não compreendeu, ou não quis compreender. Não ficaria aqui um ano, vós, a beleza parisiense por excelência.

– Eu, aqui, ficaria... sempre, pronunciou ela tranqüilamente.

Dominado por opiniões diametralmente opostas, Dargilan não compreendeu o amor oculto sob as palavras da jovem, que eram, contudo, os mais doces que ele ouvira. Manteve-se na mesma posição, silencioso, diante dela, qual se, por sua vez, ela o houvesse hipnotizado.

– Senhorita Estela, replicou, sois ainda uma criança. Vós, aqui, seríeis o meu verdadeiro céu, o meu arrebatamento perpétuo, minha única felicidade possível. Mas, isso constitui a vossa desventura. Fostes educadas no mundo e para o mundo. Paris vos é tão indispensável quanto o ar que respirais. Ah! Não existe nada perfeito neste mundo. A atração sois vós! O céu sois vós! Minha *estrela*, far-me-íeis esquecer a Astronomia e todas as ciências.

– Que estais dizendo? Replicou ela vivamente. A Astronomia não é a vossa vida?

– Não mais, agora.

Nesse momento, o senhor e a senhora de Noirmoutiers chegaram por sua vez à biblioteca.

– Meu tio, disse Estela, o Sr. Dargilan está aqui, mostrando-me alguns livros; não se afastem.

– Como está vermelha, minha sobrinha! Por que corres sempre, assim, a tanta pressa? Vais apanhar palpitações.

Estela, para dominar-se, começou a folhear um livrinho do século XVII que se encontrava em uma estante da biblioteca, ao alcance da mão. Na primeira página, aberta ao acaso, lera estas duas palavras “Sede de Amor”, encimando uma gravura que mostrava dois cupidos tirando água de um mesmo poço, e trazendo por epígrafe estas outras do Evangelho: “*Non sitiet in eternum*”. Prometeu a si mesma continuar, algum dia, a leitura desse livrinho, e, destacando uma linda margarida dentre as

flores do campo que prendera à cintura, marcou a página assim aberta ao acaso.

XIX

Duque e duquesa

Enquanto esses acontecimentos se passavam nos Pirineus, o Duque de Jumièges, que esquecemos em Paris, preparava seu casamento para o mês de setembro, não pondo em dúvida, por um instante sequer, as suas altas qualidades pessoais e o amor de Estela por ele. Certo de ser aceito, descontara por antecipação uma parte do dote daquela que considerava sua noiva; uma cadeira de deputado vagara no seu Departamento: declarara-se republicano, atirara sessenta mil francos na arena, e fora eleito por pequena maioria; o mês de setembro se aproximava com o termo de suas esperanças. Não abrigava dúvidas. Ignorava ele que, em geral, em amor não é o homem quem elege. Assim, a primeira carta que escrevera ao conde em fins de junho, logo após a partida de Paris, ficara sem resposta (o que ele atribuía às peripécias da viagem), e as respostas recebidas à segunda e à terceira estavam longe de fixar a data almejada.

Às perguntas que lhe eram dirigidas por seu tio e sua tia, Estela respondia, a cada vez, não ter pressa de casar; que o duque lhe agradava mediocrementemente; que não queria decidir a sorte da sua vida sem ter maduramente refletido nela. À primeira vista, no último inverno, durante a estação das festas onde o jovem duque brilhara com tanto esplendor, acreditou que o amava. A idéia de ser chamada “Senhora Duquesa de Jumièges” era-lhe agradável. Encarara sob uma perspectiva rósea suas recepções em um suntuoso palácio do bairro Saint-Germain, seu camarote da ópera, sua carruagem no bosque, seu chalé à beira-mar no verão, seu castelo e suas caçadas no outono, o terraço de Monte Carlo em dezembro e janeiro. Mas, em seguida e gradualmente, a nulidade intelectual do belo jovem a impressionara e acalmara.

A leitura das obras do “Solitário” a princípio, o conhecimento que fizera em seguida, de modo tão inesperado, do autor favorito, deram às suas idéias outra direção, conforme vimos. E agora amava o “Solitário”, tanto quanto o admirava, e sentia-se pertencendo

cer de corpo e alma à misteriosa influência que ele exercia sobre ela.

O conde e a condessa, seus tutores, não suspeitavam naturalmente de nada, e bem assim o senhor e a senhora de Castelvieil. Foi um “cair das nuvens” para todos, quando, premida por uma quarta carta do duque, e sitiada de perguntas, Estela declarou decididamente que não se casaria. Foi efeito de raio para ambas as famílias, que viam o aniquilamento de um sonho longamente acariciado.

Empregaram todos os meios para impedir semelhante determinação; pelo raciocínio e a persuasão, frisaram todas as vantagens de uma união que consideravam admiravelmente combinada: o duque tinha todos os trunfos no seu jogo; acabava de ser eleito deputado; aliara-se à Republica, podia tornar-se ministro um dia, etc. Mas não conseguiram sequer atenuar a decisão que Estela declarou ser irrevogável.

– Capricho de moça! Exclamou o barão, quando Estela voltou ao seu aposento. Não insistamos mais por hoje, nada obteremos. Ela está fixada numa idéia qualquer.

– Um casamento tão bom! Repetiu a condessa. Seria a felicidade assegurada. Ela mudou muito, desde o inverno passado.

– Simples capricho, já vos disse, acrescentou o barão. Oito dias depois do regresso a Paris, voltará aos antigos projetos. Deixemo-la agir. Esperemos. Não comuniquem a recusa ao duque: Seria arruinar tudo.

– Certamente que não, disse o conde. Vou responder que Estela ainda não se decidiu; que se julga muito jovem para casar; que aguarde pacientemente o nosso breve retorno a Paris. É o atalho a seguir no momento.

E, com efeito, foi em termos vagos que o Conde de Noirmoutiers julgou conveniente responder, pela quarta vez, ao Duque de Jumièges. Este, que contava absolutamente com o casamento para o outono, era, conforme se viu, de caráter bastante fátuo. Era mais vaidade do que orgulho, ou mais orgulho vulgar do que nobre altivez de raça. A última resposta teve o dom de feri-lo profundamente e lançá-lo em cólera extrema. Não

ficara em Paris senão para fazer preparativos para o casamento, e se contentara, para férias, com uma estada de dez dias em Granville. Na véspera, perdera forte quantia no jogo. Quando, às dez horas, o criado particular lhe trouxera a carta carimbada de Bagnères-de-Luchon, saía de uma noite, ou antes, de uma madrugada de insônia. Levantou-se, foi ao gabinete do toalete, onde a água fresca não conseguiu atenuar a agitação desordenada de seu cérebro; voltou ao quarto, que mediu a grandes passadas; releu a carta, amarrotou-a raivoso e atirou-a ao cesto. Depois chamou o criado, por longo toque da campainha.

– Batista, apronta a minha maleta, a maleta para excursões de oito dias. Seguiremos esta noite, às 10:22, no rápido de Bordéus.

O céu estava cinzento e pesado o aspecto do tempo. Montou a cavalo e fez um passeio ao bosque; almoçou no Círculo; foi ao banqueiro; regulou a dívida de jogo; fez uma visita à amante, a qual dançava nessa noite o bailado de “Maledeta”, jantou com ela, e chegou à gare de Orleães 15 minutos antes da partida do trem.

No depois de amanhã seguinte, tocava a campainha do pequeno Castelo de Castelvieil.

– Pergunte ao senhor Conde de Noirmoutiers se pode receber-me, disse ao entregar seu cartão de visita ao doméstico.

Cinco minutos depois estavam em presença um do outro.

– Quê! Vós, meu caro duque?

– Não me esperava! Achei que uma visita seria melhor do que uma quinta missiva.

– Ficamos, minha senhora e eu, satisfeitos com a vossa visita, além de que não é um estranho para o Barão e a Baronesa de Castelvieil.

– E a senhorita d'Ossian?

– Não está aqui. Foi a uma excursão pelas montanhas.

– Sozinha?

– Com uma de suas amigas.

– Ah! exclamou, fixando os olhos do conde. Podeis explicar-me a causa de sua mudança? Que há nisso tudo?

– Meu caro duque, tende vinte cinco primaveras e eu cinquenta invernos. Vejo-vos muito excitado. O que me perguntais é o que perguntamos diariamente à minha sobrinha. Sabemos tanto quanto vós. Ela não tem pressa de casar, eis tudo, em minha opinião.

– Não acredito nisso. Lembro-me do que ela era na última primavera. Não se engana a um namorado. Ela ama a um outro! Quero falar-lhe. Quero ouvi-la e quero que ela me ouça.

– Quereis, quereis... Não a quereis tomar à força, suponho?

– Senhor conde, não me deu a sua palavra?

– Minha sobrinha não é uma escrava. Seu coração lhe pertence. Disse-vos o que pensava. Vossos desejos são os meus. Não os modifiquei. Se Estela é caprichosa e não se decide por enquanto, queira esperar. Que pretendeis que eu faça no caso?

– Podeis aconselhá-la. Se ela nada ouve, podeis pedir-lhe uma explicação sincera. É seu tio, seu tutor. Ela é menor.

– Asseguro-vos que não tendes melhor amigo do que eu, nem melhores aliados do que nós todos. Mas, neste momento, ela não quer ouvir falar em casamento. Essa opinião não durará. Aguardai o nosso retorno a Paris.

– Não posso vê-la, falar-lhe?

– Está ausente.

– Por quanto tempo? Esperarei. Estou em Luchon. Voltarei amanhã. Desejo, absolutamente, falar-lhe, e ela não pode recusar uma entrevista.

– Está bem, meu caro duque, volte amanhã. Certamente ela estará aqui; partiu esta manhã e nunca passou uma noite fora. Até amanhã!

– Até amanhã! Queira apresentar os meus respeitos à senhora condessa.

Apenas o duque saíra, entrou no salão a Condessa de Noirmoutiers, seguida logo pelo senhor e a senhora de Castelvieil. A visita do duque fulminara os habitantes do castelo, qual um raio. Que o dissera? Que pretendia fazer? O conde narrou a conversação e declarou ser absolutamente necessário dar uma resposta

formal no dia seguinte. Após uma discussão um pouco longa, ficou decidido que era necessário prevenir Estela, fazê-la descer e interrogá-la.

Estela chegou muito pálida, no seu matinal vestido branco, e sentou-se, qual uma acusada, perante os seus juízes. O conde lhe narrou à visita do noivo, seu estado de superexcitação, sua promessa de voltar no dia seguinte.

– Graças a meu pequeno subterfúgio, acrescentou o conde, ele acreditou ou pareceu acreditar na tua ausência. Mas, amanhã, não é possível fingir. Bem sabes, minha filha, o quanto te amamos. A união que recusas é muito desejável. Jamais encontrarias um partido tão conveniente, sob todos os pontos de vista. Não recommencemos os nossos argumentos de outros dias. Não és mais uma criança. Sabes o que perdes recusando esse título e esse nome. Vejamos! Reflete ainda. Não faças loucura. Tens até amanhã para decidir. Já estás um pouco comprometida aos olhos do mundo, pelo menos.

– Estou inteiramente decidida, respondeu Estela, e não mudarei de agora até amanhã. Não amo o duque. Só me casarei por amor.

– Amor... É romance. Isso é nos contos de fadas. Não se casa mais por amor. Encontrarás jamais em teu caminho um homem perfeito, com a perfeição que almejas, e digno da tua confiança? É duvidoso.

– Tenho refletido muito desde há três meses. O duque é um “*viveur*” e um jogador...

– É um homem do mundo, e do melhor. Tu não tens a pretensão de reformar a Humanidade.

– É um ignorante...

– Sabe o que é preciso saber, que todos os da sua classe sabem. Um homem do mundo não tem necessidade de ser professor da Sorbone.

– Enfim, meu tio, já lhe disse, há dias: ele não me agrada. Eu seria infeliz por toda a minha vida se o desposasse. Vós não desejais minha desgraça.

– Minha querida filha, sabe quanto te amamos. Somos os teus melhores amigos, acredita. Vejamos. Faremos o que quiseres. Pensaste em algum outro partido? Na brilhante soirée do último inverno, em que foste à verdadeira rainha, bem me recordo de que outros dois jovens te fizeram uma corte quase tão assídua quanto à do duque. Preferirias um deles? A impressão que neles produziste não é mistério para ninguém, e tu os viste em nossas reuniões.

– Sei, antes de tudo, que eles me buscam pelo meu dote, e não por mim própria. Demais, eu não quero casar, pura e simplesmente.

– O duque teima, em absoluto, em ter uma entrevista contigo.

– Espero que o senhor me evite essa contrariedade. Para que serviria essa entrevista? O senhor pode transmitir-lhe a minha resposta.

A conversação continuou algum tempo ainda nesse tom, sem modificar em nada as resoluções de Estela, e o dia transcorreu bastante triste, todos os nervos tensos, num diapasão mais do que agudo. Estela só reapareceu ao jantar, apenas o tempo estritamente necessário para a refeição, e depois se encerrou nos aposentos de dormir.

– Um casamento de conveniências! Repetia ela a si própria. Entregar meu corpo a esse estranho! Nunca! Nunca!

E na manhã seguinte, durante a visita do duque, recusou descer para dar a este uma explicação qualquer.

XX

A ciência, a honra e o amor

Alguns dias depois, o Dr. Bernard chegava à casa de Dargilan, fisionomia inquieta, ar grave e agitado.

– Venho hoje, disse, vê-lo em missão de embaixador e também de amigo. Sou interrogado, e não sei o que responder. A sobrinha do Conde Noirmoutiers acaba de recusar um casamento esplêndido, para o qual estava quase comprometida desde o inverno passado. Foi uma complicação no castelo, onde não houve mais sossego. Esta manhã fui chamado para a senhorita d'Ossian, que está febril. Adivinho, ou creio adivinhar. Não há efeito sem causa. Parece-me, caro astrônomo, que não sois estranho a toda essa agitação.

Não venho pedir confidências, porém faço um apelo aos vossos sentimentos de honra e lealdade. Recusando esse casamento, essa jovem parece destruir sua vida.

– Meu caro doutor, respondeu Dargilan, não quero e não devo ocultar nada. Sim, fixei-me na senhorita d'Ossian; ela entrou na minha vida. Sim, experimento por ela um profundo sentimento de admiração, e – por que não confessar logo? – uma atração muito séria. Seduziu-me pelo seu encanto, todo novo para mim, pelas delicadezas do seu espírito, pela elevação de sua alma, pela sua bondade, e também pela sua radiante beleza. Quinze dias depois, eu nada mais vi no céu, nem na Terra, e o meu espírito não mais me pertenceu. É a maior felicidade que haja experimentado e, acrescentou com voz perturbada, também a maior infelicidade da minha vida. Não a devo amar. De resto, ela não suspeita de nada.

– Tudo que me dizeis já o adivinhara. Mas, não acreditais que ela tenha podido pensar em um casamento convosco?

– Um casamento! replicou o astrônomo, erguendo-se da cadeira. Que idéia louca e quimérica! Não posso, não a devo amar.

– E por quê?

– Porque a estimo, porque a considero, porque não me sinto no direito de modificar, num quer que seja, os rumos da sua vida. Estou estupefato com o que me contastes. Ela estava comprometida?

– São as duas famílias que desejam essa união, aliás, perfeitamente equilibrada, pelo menos sob o ponto de vista das aparências mundanas. A senhorita d'Ossian nada resolvera definitivamente, nem rejeitara as propostas; mas, hoje, as recusou de modo peremptório.

– Espanta-me, isso que me dizeis.

– Parece-me, contudo, que, se vós a amais, o que ela acaba de fazer não vos deve ser desagradável.

– Não me compreendeis. Não adivinhais então o que pode ser uma paixão inspirada por uma criatura de tal nível? Não compreendeis a luta atroz que lacera minha alma? Sim, amo-a loucamente, amo-a até à morte, e...

– Mas, que é isso? Que tendes? Na verdade, não compreendo nada. Que vos irrita? Contra quem estais encolerizado? Boa peça, se isso é amor!...

– Não. Vós não compreendeis. É preciso pôr os pontos nos ii. Pois bem: se ela fez quanto dizeis é porque também me ama!

– E é isso que vos deixa nesse estado de furor?

– Não, doutor; mas a vossa cegueira me causa piedade. Não compreendeis então que, primo, me estais ouvindo? Sim, primo, ela não se pode tornar minha amante; e, segundo, não posso desposá-la? Compreendestes agora se há ou não motivo para enlouquecer?

Dargilan caminhava, olhar alterado, com gestos de alucinado.

– Vós não podereis desposá-la, respondeu o doutor com calma. E por quê?

– Não somos da mesma raça.

– Nem assim compreendo mais alguma coisa! O senhor está completamente louco!

– Não. Escutai-me. Ela é bela e elegante; é rica; foi educada no mundo e para o mundo. Sua divinal pessoa, seu caráter, suas

aptidões hereditárias, todo o seu ser se encontra em antítese à minha situação. Sou um apagado rústico, pobre; vivo no deserto. A Ciência é – era – minha única paixão. A maior loucura que poderíamos fazer, um e outro, seria unir nossas existências tão díspares. Pela minha parte, nunca a impelirei para esse abismo.

– Vós a amais?

– Sim, absolutamente. Meu amor é sincero e profundo, a ponto de que é por ela que a amo, e não por mim, e de almejar a sua felicidade antes da minha própria. Devo sacrificar-me.

– Não a desposaríeis, mesmo se ela vos amasse no mesmo grau em que a amais, mesmo que ela o quisesse?

– Não. É impossível! A vida nesta montanha seria para ela um exílio, um exílio de toda a sua brilhante existência, o que ela não tardaria em lamentar amargamente.

– Seu dote é de sessenta mil libras de rendimento.

– Quanto?

– Sessenta mil libras de rendimento.

– Então se torna mais impossível do que nunca. Dinheiro aqui, ouro, fortuna? Desposar uma jovem que tenha dote! Não penseis nisso!

– Contudo, é o que se vê, e não constitui crime. A vossa celebridade não vale alguma coisa? Por que recusar a riqueza?

– Porque... porque amo o estudo. Não conheço felicidade alguma, do espírito, superior ao estudo, e não penso em outra desde que possuo uma.

“A Ciência, a Ciência, a Ciência!...” Repetiu, continuando a caminhar, a levando a mão direita em gesto imperioso.

– Mas, em que a fortuna vos impediria de satisfazer a vossa paixão dominante?

– Em tudo. Atendei e conversemos. Estou mais calmo. Perguntais...? Respondo que a riqueza e o trabalho jamais andam juntos. Primeiramente, o simples fato de ser rico já oferece um bom travesseiro para dormir. Sabeis tão bem quanto eu que, em geral, as pessoas que nasceram ricas não trabalham, nem amam o trabalho, são incapazes de ação. Não lhes deve ser mui difícil

contrair hábitos de luxo e acostumar à preguiça. É uma tendência perigosa. A riqueza é, pois, má conselheira. Depois, admitis, não é verdade? que se temos dinheiro é para nos servirmos dele. Se o guardamos, de nada serve, e inútil se torna possuí-lo. Não é verdade que, por isso, estamos de acordo em que cada um se serve do seu dinheiro?

– Evidentemente, não compreendo a avareza dos seres que passam a vida empilhando títulos de renda para morrer sobre eles. É o cúmulo da estupidez.

– Portanto, dele devo servir-me. Dizei-me: em que se emprega o dinheiro? A gerir essa fortuna no legítimo desejo de não a perder... A acompanhar a cotação dos títulos de renda... A comprar propriedades?... A sustentar estabelecimentos de caridade? No dinheiro de S. Pedro?... Mantendo dançarinas?... Dedicando-se a corridas de cavalos?... Dando-se à caça de lebres e coelhos? Vejamos, em que, em sua opinião?

– Entendo que... no objeto do desejo de cada um...

– Em suma, antes de tudo é preciso manter um modo de vida correspondente à fortuna. Se tem sessenta ou oitenta mil francos de renda, não é conveniente residir em um casebre igual a este. É necessário um todo de serviços domésticos, no inverno, em Paris, Nice ou Nápoles; no verão, em um castelo, algumas viagens, etc. É indispensável, sob pena de fracasso, uma instalação condigna, cozinheira, camareiro, cocheiro, e outros serviços ainda, se se é casado. Ides responder-me que não é desagradável estar bem instalado e ter todas as correspondentes facilidades. Esperai! Conversaremos ainda, já que viestes para tal fim. Habitamos, por suposição, uma propriedade de alguns hectares (simplifico o mais possível) embelezada por belo parque, repuxos, bom pomar, uma boa horta. Estou a ouvir desde aqui as perguntas cotidianas: Senhor! Há um tanque vazando; quer que chame o pedreiro?... Senhor, a carruagem foi derrubada pelo novo cavalo, que é muito espantadiço; parece também que a aveia está misturada... A senhora perguntou hoje que fim tiveram os pêssegos de próximo do pavilhão: o vento os derrubou... Devo avisar também ao senhor que deu oídio na parreira... Um canto do muro que fecha o parque foi derrubado por malfeitores; o senhor não acha

que seria melhor abrir uma vala e colocar uma grade de ferro?... Quer que solte os cavalos? – pois o senhor não estabeleceu hora de atrelá-los... O arquiteto deseja falar com o senhor a respeito da nova chaminé... A cozinheira previne a senhora de que é inadiável mudar de açougueiro... Senhor, não é possível sair com este chapéu... Senhor, o cocheiro está a cair de bêbado... O senhor encomendou o feno?... E eu poderia facilmente continuar essa ladainha, falar dos dias em que madame, cansada das pedincharias e dos roubos, despede todos os domésticas de uma vez, ou dos aborrecimentos que ela teve, quando soube que a jardineira era conhecida em todo o país pela sua conduta escandalosa, e que o cocheiro e a criada de quarto viviam iguais a marido e mulher? Esses amos são, pois, cegos e imbecis a ponto de não perceberem que são roubados por essa gente que os escarnece? Em que se ocupam eles, senão dos seus interesses e da conduta dos seus domésticos?

Vejamos caro doutor, como pretendeis que um homem de ciência trabalhe nessas condições? São preocupações inúteis ao funcionamento do cérebro, aceitáveis, quando muito, para homens sem o que fazer ou que se interessam pelas couves e beterrabas. Quanto mais servos, mais aborrecimentos cotidianos. Lembrai o provérbio: “A quem terra tem, guerra vem”, e eu não aprecio a guerra. A tranqüilidade e a independência do espírito são os primeiros dos bens. Onde encontrareis independência com riquezas? Nelas vejo apenas escravidão disfarçada. Não se almoça, nem se janta duas vezes. Então, para que servem? Acharéis esses medíocres detalhes insignificantes, mas a vida se compõe de detalhes, tal qual a hora se compõe de minutos. Que direi agora da vida real e fatal do homem e da mulher da sociedade? Fortuna obriga! As relações, as visitas, os jantares, as reuniões noturnas, a correspondência epistolar, eis em que minúcias a minha vida se escoaria! É preciso também dar recepções. Onde encontrar, fora daí, tempo para trabalhar?

E não falo das intrigas mundanas, nem das vaidades, das questões de amor-próprio, das ambições que se sucedem. É preciso ter um lugar no que se denomina mundo, ser pelo menos de uma das cinco Academias do Instituto; conceder um ou dois

dias, senão três, por semana, às exigências das gloriolas, fazer parte de grupinhos, perder, em uma palavra, a independência. Não esqueçamos também que é convencional o caçar e matar pequenos animais inofensivos. Em resumo, o homem e a mulher do mundo dissipam sua vida, perdem seu tempo. Pois bem, nada me parece mais estúpido do que o tempo perdido. A vida é curta. Passemos-la seguindo os nossos gostos, é o bem menor; gozemo-la cada um segundo as suas faculdades; mas não a desperdicemos em ninharias. Por que buscar cuidados? A independência, eis o maior bem. Que se consagrem ao trabalho aqueles que o amam: será isso a maior vantagem para a Humanidade. Deixemos os prazeres do mundo, os seus atrativos dourados ou prateados de todo o gênero, aos desocupados e aos intrigantes. Recorde a história de Símilis, cortesão de Trajano: após ter deixado a Corte e abandonado todos os empregos para viver tranquilamente no campo, fez gravar estas palavras em sua tumba: Habitei na Terra 76 anos, e só vivi sete. Viver com a Natureza é fruir o Universo inteiro, sem tormentos, sem ódios, sem rivalidades, sem guerras, sem desgostos, na felicidade completa, principalmente quando essa vida é intelectual e estamos rodeados das mais belas produções do espírito humano, da Ciência e da Filosofia.

Por conseguinte, para que procurar a fortuna, quando se vive tão pouco tempo, quando se morre tão facilmente?

– Contudo, nem sempre a fortuna é um embaraço. Pode-se ter um administrador, e não cuidar de nada.

– Um administrador que vos substitua e trinque a fortuna, impondo em tudo as suas idéias e as suas preferências. Então será com ele o maior trabalho e se perderá a maior parte do tempo com ele. Se quiserdes aproveitar fortuna, não podeis deixar de vos ocupar com ela. Ambos ficais unidos.

– Aos vossos argumentos não falta lógica. Nunca encontrei um caráter igual ao vosso. Preferis a pobreza à riqueza?

– Não. Nem pobreza, nem riqueza. Nem miséria, nem opulência. A simplicidade. Nada de inútil. A felicidade que a mão não alcança é quimérica.

Estando certo de ganhar honestamente a minha vida, de ter o necessário para a minha fome e minha sede, de estar ao abrigo do Sol, do frio e das intempéries, de estar convenientemente vestido, nada mais desejo sacrificar à vida material; não quero que ela invada, na mínima coisa, a minha vida intelectual, que coloco muito acima; cuido de guardar minha liberdade.

– Então, não ama a senhorita Estela. Pelo menos não lhe que-
reis sacrificar a vossa independência?

– Ao contrário, é principalmente por ela que falo assim. Com a sua fortuna, os seus hábitos, educação e gostos, ela seria muito infeliz vindo para a minha situação. Imaginai-a morando neste deserto!

– Ainda uma palavra, meu caro astrônomo. Consagrais a vida ao estudo das maravilhas do céu. Não gostaríeis de possuir um telescópio superior, um observatório melhor provido, um preparador que vos evitasse pesadas tarefas e vos ajudasse nos cálculos, e até mesmo um observador que trabalhasse convosco, que pudesse fazer descobertas e trouxesse à Ciência resultados úteis?

– Meu caro doutor, eu poderia, se achasse útil, ganhar duas, três, quatro ou talvez dez vezes mais dinheiro; para tal seria suficiente atender aos pedidos de jornais que desejam publicar artigos meus, ou escrever obras para o grande público. Deixo aos comerciantes os prazeres pecuniários que tanto lhes interessam.

– Se algum admirador da Ciência vos trouxesse cem mil francos, recusaríeis?

– Não. Eu os consagraria com felicidade à Ciência. Mas, tornar-me o que chamais “rico”, desposar uma jovem com dote, mudar de vida, jamais! O homem deve ter a altivez de não se deixar comprar por uma esposa; deve ganhar a vida para a sua mulher e seus filhos, deve ser o senhor. Quando me lembro de que há em Paris homens que pagam os aluguéis, sua carruagem, seus prazeres, com o dinheiro da esposa, fico simplesmente revoltado. Encontrareis mulheres que trazem bolsa sempre, tanto para acudir ao marido quanto ao amante. Os casamentos modernos valem por certas uniões livres – o que há de mais imoral no mundo. São feiras, e muitas vezes às avessas.

– Está bem. Admito. Há em tudo isso um sentimento aceitável: é uma forma de altivez igual à outra qualquer, afinal. Mas, se estais convencido de que a fortuna pode prejudicar a tranqüila felicidade de um ser puramente intelectual, podeis desposar a senhorita Estela, sem dote. Nada é mais simples do que recusar um dote.

– Recusar o dote? E ela? Não se trata unicamente de mim. Não quero riqueza; é o meu ponto de vista. Porém, com que direito eu a privaria do que lhe pertence? Com que direito lhe suprimiria o bem-estar da sua vida costumeira? Isso sim, seria um belo egoísmo! Seria precipitá-la no desconhecido, preparar a sua desgraça! E, depois, sua educação; seus hábitos de elegância, as suas necessidades de luxo, as suas idéias, os seus preconceitos, que sei eu?

Nunca pensei em casar. A história da Ciência nos oferece exemplos que se podem tomar por modelos. Newton e Pascal jamais tiveram mulheres na sua vida. Para o homem de ciência é necessário um tipo de mulher criada expressamente para ele. Um sábio, um filósofo, um pensador que tivesse para companheira mulher que não o compreendesse, não partilhando inteiramente da sua vida intelectual, seria mais desditoso, mais miserável, mais deserdado que um galé. Ora, a mulher intelectual é um pássaro raro.

– Parece-me, contudo, que encontrastes exatamente esse pássaro raro. Ela renunciou a todas as suas crenças pelas vossas. Ama a Ciência, tem um verdadeiro culto pela Astronomia... E por vós.

– Falo, compreendi-me bem, da sua educação mundana. Ela não poderia ser feliz aqui, renunciando a tudo quanto constituiu para ela o encanto da existência. A minha vida não é a dela. Seria o mesmo que unir um habitante de Mercúrio com outro de Netuno. O mundo lhe é necessário. Eu sou um selvagem, um bárbaro. Pobre flor! Consentir que a transplantasse para a areia do deserto seria condená-la à morte. Não sou assassino.

– Meu caro Dargilan, sois de uma exageração fantástica. Por que o homem e a mulher que se amam não podem ser bem

dessemelhantes? Sabeis, em verdade, que eles o são sempre. O homem e a mulher são dois seres muito diferentes, tanto pelo espírito quanto pelo corpo, e aí está uma condição de felicidade. Completam-se um ao outro. O cérebro masculino e o cérebro feminino absolutamente não funcionam de igual maneira.

– Por favor, não faleis de “sexo cerebral” no caso. Vós outros, os médicos, sois abominavelmente incisivos.

– Obrigado por eles.

– Não há de quê; mas vejamos que pretendeis com os cérebros sexuados.

– Está bem. Lamento contradizer um sábio do vosso quilate; porém, o homem e a mulher absolutamente não pensam de idêntica maneira. A mulher não tem lógica. É toda sentimento. Raciocine, pois, com o sentimento! Vão dizer-lha que dois e dois são quatro? Ela não acreditará; em que lhe importa que dois e dois sejam quatro? Seus nervos nisso não têm interesse. Ela sente, e é tudo. Sabe que, em amor, um e um são um, ou três, nunca dois. Vou mais longe. Acreditais seja pelo cérebro que as mulheres sentem? Estudastes anatomia? Pois bem, vou explicar por onde sentem e em que diferem absolutamente de nós outros.

– Não, meu caro doutor, é inútil. Estais saindo da questão. Eu vos digo que um negro não desposa uma sueca.

– Sempre o exagero. Considerai-vos um negro?

– Sim. Ela é branca; eu sou moreno. Ela é formosa; eu sou feio. Ela não atingiu quatro lustros de idade; eu conto seis. Ela é flor; eu sou urso. Ela é alegre; eu sou a tristeza. Ela é luz; eu sou à noite.

– Mas, diabos levem! Ela não vos ama tal qual sois?

– Não, é impossível. Se ela o crê, ela se engana a si própria. Que eu a ame, eu, que a adore, que por ela esteja louco, é muito natural; que eu morra por ela, é ainda possível. Porém, amar-me, ela! Que erro! A ave do paraíso pode amar a prisão? Ela é o meu sonho de amor, permanecerá o anjo do meu céu.

– Portanto, uma jovem pura, adorável. O senhor vai agir igual a tantos outros: deixar passar a felicidade sem a deter.

– Não quero causar a sua infelicidade.

– Então, está entendido. Jamais consentireis unir vossas duas existências?

– Jamais! Amo-a muito, para que tal admita!

– É tudo quanto desejava saber. Adeus!

E o doutor, levantando-se, foi em direção à porta.

– Que ides fazer?

– Dar a vossa resposta à senhorita d'Ossian, pois recebi as suas confidências. Eu já vos disse: ela está no leito, bastante adoentada.

– E daí?

– E daí... Não a vereis mais.

XXI

Heróica abnegação

Na manhã seguinte à da conversação precedente, o Conde e a Condessa de Noirmoutiers decidiram muito bruscamente a volta imediata a Paris. Fatigada, enervada, doente, Estela não abandonara seu aposento havia mais de uma semana. O doutor afirmou, porém, que ela poderia suportar a viagem, acrescentando que o derivativo resultante da mudança de ares talvez lhe fosse até favorável. Aconselhou fazer-se um desvio de itinerário até Royan, mas Estela recusou isso, formalmente. A partida foi marcada para a manhã seguinte.

Ela só pensava nele. Ele só pensava nela. Sim, seus fluidos, e assim suas almas, estavam associados, e daí em diante viveriam ambos da mesma atmosfera. O astrônomo sonhava só com a sua *Estrela*, e a *Estrela* brilhava apenas para o astrônomo. O amor é serem dois, formando um. Dargilan sentia que uma juventude sem amor é semelhante à manhã sem Sol. Embora não houvesse retribuído o beijo que lhe dera, ela o recebera deliciosamente; estavam ligados para sempre; ela absorvida nele, ele absorvido nela. Todavia, seu espírito científico de astrônomo havia perdido a faculdade de trabalho, que, até então, constituía toda a sua vida. Sentia-se muito infeliz.

Tentou, apesar disso, retomar os estudos sobre Saturno. Essas últimas noites de setembro estavam tão belas! Ensaiou; mas, seus pensamentos, distraídos, abriram asas e voaram para longe.

Na noite da decisão tomada no castelo para o regresso, a viva luz do luar em plenilúnio impedia qualquer observação telescópica, e o contemplador, debruçado à balastrada do terraço, pensava na bem-amada, enxergando só a ela. O agreste perfume das campinas vizinho, recentemente ceifado, impregnava a atmosfera, deslizando qual um sopro embalsamado. A paisagem era silenciosa e solitária.

“Se ela viesse aqui, nesta noite tão maravilhosa, dizia de si para si, quanto eu seria feliz!”

E teve a idéia de atraí-la, apenas pela força psíquica, da qual fizera tantos estudos na primeira obra lida por Estela. Voltou-se para a direção do castelo, e estendeu os braços.

“Vem! vibrou ele em fervente amor, vem, minha bem-amada! Unamo-nos por um instante em face deste belo céu. Amo-te, quero-te, não posso viver sem ti. Vem para junto de mim; quero sentir-te, respirar-te, a sós, a sós nesta solitude!”

Estela, depois de feitos os preparativos da viagem, deitara-se e adormecera. Levantou-se, vestiu-se, envolveu-se em um mantô, desceu a escada, abriu uma porta e saiu no parque. Seu ser estava como que mergulhado numa espécie de estado sonambúlico. Galgou lentamente a senda que conduzia à pequena porta de comunicação com a montanha. Dargilan a viu chegar pelo pátio do jardim, ouviu quando subiu a escada, e esperou. Seu coração pulsava violentamente.

Estela apareceu diante dele, branca e pura, qual visão celeste, e parou. Seus olhos estavam abertos, e ele sabia que o sono normal cedera lugar ao sono hipnótico. Tinha diante de si uma criatura que teria obedecido cegamente a todas as suas ordens; porém, de forma alguma queria um autômato. Então, sem tocá-la, e colocando unicamente um braço por detrás do busto, com receio de uma queda, soprou fortemente sobre a sua fronte e a tomou logo nos braços.

Estupefata por se encontrar ali, Estela procurou a princípio, inutilmente, recordar-se da causa que ali a conduzira. Sendo todas as coisas que via em torno de si já familiares, não sentiu espanto algum ao reconhecê-las. Dargilan, que a sustentava nos braços, cobriu-a de beijos. Estela não estava inteiramente acordada; permanecia em um desses estados superficiais de hipnose que parecem meio-sonho.

– Chamastes-me, disse ela, e eu vos ouvi. Adormecera naquele momento. Creio lembrar-me de ter sentido um violento choque elétrico, igual ao de certas ocasiões em que me olhais fixamente. Mas, como vim?

– Não posso viver sem a minha Estrela. É o anjo do meu céu. Nunca fui tão feliz quanto neste momento. Oh! Fiquemos juntos!

A Lua silenciosa iluminava a paisagem adormecida aos seus pés. Seus olhares se elevavam alternadamente da Terra para as estrelas, e juntos percorriam a vasta imensidão. A Criação parecia um sonho divino desvendado só para eles.

Assim permaneceram muito tempo, tão próximos um do outro que de longe apenas uma sombra seria visível, falando pouco, quase silenciosos. A eloquência do amor não se apregoa, murmura-se. Em amor, quanto mais baixo se fala, melhor se ouve.

*A boca permanece no silêncio
para ouvir-se falar o coração.*

E o poeta diz a verdade. Eram seus corações que falavam, e essa doce e misteriosa linguagem, esse pensamento em comum perante o céu imenso, naquela noite de verão tão calma e tão suave, era uma volúpia infinita. Seu amor assemelhava-se a um perfume puro, elevando qual a flor de lis ao cimo da montanha solitária.

De repente, deslizou ao longe uma estrela errante, parecendo cair sobre o castelo.

– Fiz o meu pedido... disse Estela.

Subitamente o astrônomo pousou dois dedos sobre os amados lábios.

– Ai de mim! suspirou, sou o mais infeliz dos homens!

– Não éreis tão feliz há pouco?

– O mais feliz dos homens por vos conhecer e por vos amar...
O mais infeliz por não ser digno de vós e ter de vos renunciar.

– Que dizeis...?!

– Silêncio! O amor é a maior contradição social do nosso mísero planeta. Não me estais destinada!

Apertou-a amorosamente contra o peito.

– Estou louco, prosseguiu; eu quero e não quero; eu vos amo muito! Sentimento divino e diabólico! O Céu e o Inferno se combatem em mim. Não posso viver sem o meu amor, nem viver com ele. Estela, sois bela e pura. Vossa presença aqui, a esta hora, veio consagrar minha vida de anacoreta. Um anjo me

apareceu. Sereis eternamente para mim um anjo descido dos céus e a vossa auréola planará sempre aqui qual celeste luz. Doravante inspirareis todos os meus pensamentos. Mas, Estela, meu amor, que tendes?

– Reconduzem-me, amanhã, a Paris, disse. Desejaria ficar aqui. Meus parentes são cruéis.

– Amanhã! Declarou o astrônomo com voz estrangulada.

– Amanhã, pela manhã, dentro de algumas horas!

– Não te levarão! Vais ficar. Guardo-te, acrescentou apertando-a perdidamente em seus braços. Mas, de repente, irresistível sensação sé apoderou de todo o seu ser; desprendeuse do contacto desse jovem corpo tépido e perfumado.

– Eu te amo; eu te amo para sempre!

E de novo uniu longamente os lábios aos dela.

Estela correspondeu ao beijo e o envolveu nos seus amorosos braços.

– Também eu, também eu te amo há muito tempo.

Rafael estava, nesse momento, agitado pela mais violenta emoção, oscilando qual um navio ao mais forte temporal. Duas determinações inteiramente opostas o dominavam com alternativas. Por fim, uma transfiguração, que parecia vir do céu, acalmou de repente o seu tormento. O rosto da eleita do seu coração, daquela divina companheira, estava reclinado em seu peito, oculto pela penumbra, enquanto o seu ficara iluminado em cheio pela alva claridade lunar.

– Pousa as tuas mãos nas minhas, disse Dargilan, e olha-me.

Apenas recebeu a força do olhar e da vontade que lhe eram dirigidos, Estela recaiu em sono hipnótico. As lágrimas pararam em suas pálpebras, parecendo presas aos longos e negros cílios.

– Vai! Disse, volta ao teu aposento e repousa em uma poltrona. Quando o relógio bater meia-noite, acorda. Só então irás para o teu leito. Vai!

A bela estátua retomou o caminho e cumpriu pontualmente as ordens do mestre. Acordou, com efeito, tão logo soou meia-noite, e acreditou ter sido joguete de um sonho. Luar intenso

iluminava o aposento. Reviu, em visão confusa e perturbada, a cena que se passara, e durante a qual não estivera, de todo, desprendida do estado de hipnose. Mas, qual se obedecesse a um dado impulso, voltou automaticamente ao leito e dormiu o sono normal.

Vendo-a partir, descer lentamente, qual sombra alva, o caminho da montanha, o “Solitário” sentiu, por sua vez, que lágrimas lhe subiam aos olhos e escureciam a vista.

“É preciso ser forte! Disse, falando a si mesmo. Meu santuário está abençoado pela sua presença. A felicidade dominará a dor. Ela me ama! Estaremos unidos em Deus. Céu, eterno e infinito, eu te tomo por testemunha do meu amor!”

Depois, um instante decorrido, esteve a ponto de precipitar-se no seu enalço e reconduzi-la ao terraço.

“Não! Disse. A verdade deve ser pura!”

E acrescentou, elevando os olhos para a estrela da Lira:

“Talvez seja inacessível!”

Algumas horas mais tarde o trem de Paris conduzia os três turistas dos Pirineus. Chegando à Rua Vaneau, Estela ficou enferma e não pôde abandonar o leito.

XXII

“Ad augusta per angusta”

Doença de langor apoderou-se do corpo enfraquecido da pobre Estela. O amor lhe pareceu o único interesse sério, o único bem da vida. Sentira a luz e via a noite recomeçar. O médico não pôde fazer diagnóstico algum, e procurou impedi-la de permanecer no leito, e fortificá-la um pouco, receitando certas iguarias capazes de despertar o apetite adormecido. Nada lhe agradava. Tudo lhe era pesado e fatigante. Flor definhada e descolorida, estava em fraqueza extrema; tomara horror a todos os prazeres mundanos, não saía do seu aposento, recebendo apenas algumas das suas melhores amigas, e até cessou toda confiança com a querida Cecília.

Entretanto, esta amiga muito devotada, e que a queria com sincera afeição, continuou a visitá-la assiduamente, procurando desviar para outros rumos o curso das idéias constantes. Porém, não tardou a reconhecer que todos os esforços eram inúteis. Acreditou então dever atacar diretamente e com todas as armas aquela paixão, para ela inexplicável, absurda e funesta. As discussões tornaram-se freqüentes. Um dia, deduziu, ao ouvir certas palavras, que Estela ia fugir ao encontro dele talvez. Teve uma crise de nervos que terminou em lágrimas, mas a cólera explodiu novamente em seus olhos.

– Não te compreendo, continuou Cecília. Há razão para que digam que as moças são loucas. Escolher esse selvagem! Como queres que te aprovelem? Tu, a quem basta levantar o dedo para ser duquesa ou marquesa, rainha do mundo mais elegante?

– Tu jamais amaste.

– Sim! O amor é cego, todos o sabem. Porém, em ti é mais do que cegueira. É uma tolice que fará de ti a mais infeliz das mulheres e da qual te arrependerás por toda a tua vida. Tu! Preferir a miséria à riqueza?

– E que mais?

– Sim, a miséria. Não tenhas dúvida. Sem criados, pois afinal de contas esse velho jardineiro e sua mulher ou nada é quase a mesma coisa. Não vais cozinhar com essas mãos!

– E por que não?

– Lavar louça, engraxar seu calçado!

– Maria Madalena não enxugou os pés do Cristo com a sua cabeleira, e o próprio Jesus não lavou os pés aos seus apóstolos?

– Estás completamente louca. E pensas que ele te amará com mãos avermelhadas e encardidas? E depois cairás doente, fatigar-te-ás, esgotar-te-ás, ficarás feia, morrerás. Oh! Meu Deus! Vamos, minha Estela, eu te suplico, ainda é tempo, raciocina, reflete, o caso é sério, é a tua vida! É a tua morte, talvez. Estela, vejo mais longe do que tu. Quanto eu te lamento!

Tomou-a em seus braços, soluçando.

– Ele ou o convento, replicou. A verdade ou coisa nenhuma.

– O convento! Exclamou Cecília, Carmelita! Pois bem, irei contigo.

Essas discussões entre as duas amigas se tornaram freqüentes, sem produzir mudança alguma no estado de alma de Estela.

Durante os dois primeiros meses, escreveu algumas vezes ao Dr. Bernard, a pretexto de consulta, porém, em verdade, na esperança de ouvir o eco longínquo de uma voz amada. Não recebeu dele nenhuma palavra escrita; apenas, dois dias após seu retorno à Capital, uma rosa e um pensamento ligados. O outono chegara, trazendo seus dias cinzentos para o céu de Paris, e a tristeza do adeus do Sol. Uma carta lhe trouxe a notícia de que o “Solitário” estivera doente, de que se achava em convalescença, de que se insulara mais do que nunca em seus estudos e de que preparava um livro sobre “o amor no além da vida”.

Podemos ensaiar a sondagem desse abismo vivo que se chama – o coração humano, e jamais encontraremos nele uma alegria ou dor iguais às que pode causar o sentimento do amor.

Bem depressa os parentes de Estela julgaram compreender que ela estava decidida a tomar o véu de freira. A jovem sentia que para amar a vida era preciso partilhá-la com outrem; e teria

achado a morte menos assustadora do que o eterno deserto do coração. Às vezes comparava o mundo ao oceano, dizia que a água das suas ondas era amarga e agitada, porém essa mesma água se tornava pura e doce elevando-se para o céu na evaporação solar. Desejaria evaporar-se no espaço.

Dargilan, por seu lado, tivera todas as forças abatidas pelas emoções e lutas da consciência, e também fora obrigado a recolher-se ao leito por várias semanas, agitado por febre violenta. Ficara em estado de torpor inconsciente. Depois, gradualmente, os trabalhos intelectuais e as árduas pesquisas científicas absorveram seus pensamentos durante uma parte do dia. Nas noites límpidas, observações astronômicas urgentes ocupavam-lhe várias horas. Encontrava o quase esquecimento. Em face daquelas grandezas sublimes, o coração se acalmava. Por volta de meia-noite, quando regressava ao quarto de dormir, esquecia os trabalhos, folheava livros ou revistas, e se deitava para dormir; mas, então, cada noite, inevitavelmente, o sono se recusava a vir e a imagem adorada de Estela, evocada pela sua ardente paixão, surgia ante ele, circundada por uma dourada auréola.

Conheceu as longas e cruéis insônias, a obsessão das idéias fixas que lhe atenazavam o cérebro, os desesperos, os abismos do coração, dos quais não se vêem o fundo, a tortura das angústias morais, as tristezas amargas da alma desorientada.

Noite e dia, seu pensamento ia desvanecer-se no vácuo. Quando a fadiga quebrava seus nervos e lhe trazia um pouco de sono, então a alma se desprendia, voava, ia visitar a bem-amada.

Aconteceu, em meio do inverno, que todas as noites, quando uma hora da madrugada, precedida dos quatro quartos de aviso, batia no sino sonoro de um velho relógio de castelo, em um jardim da Rua Vaneau, Estela, quer estivesse adormecida, quer estivesse acordada, via aparecer ao pé de seu leito o rosto de Rafael, contemplando-a fixamente. A aparição durava alguns segundos. Depois, o semblante amado se desvanecia, qual pálida claridade fosforescente. E Estela sentia que era adorada.

Algumas vezes também, durante a noite, um sopro leve a tocava, e ela despertava sob a impressão de um beijo, do qual seus lábios imóveis guardavam por muito tempo a esquisita doçura.

Ela vivia qual num sonho perpétuo, às vezes atravessado por deslumbramentos luminosos. O trabalho misterioso de sua carne lhe fazia pressentir uma vida desconhecida, parecendo ao mesmo tempo encantada e inacessível. Porém, ela se concentrava, envolvendo-se com o véu das noivas do Além, guardando-se qual um tesouro em um túmulo.

Os banquetes e as reuniões do ano anterior tinham retomado o seu curso; mas todas as solicitações de seus tios resultaram inúteis. Soube com satisfação do casamento do Duque de Jumièges, com uma de suas amigas, tão rica quanto ela. Cada vez mais encerrada no seu insulamento, dedicou-se à leitura das obras do “Solitário”, de Pascal, de d'Alembert, Rousseau, Goethe, Shakespeare, Ossian, Lamartine, Musset.

Por quais ramificações ocultas os conventos e estabelecimentos religiosos conseguem estar tão exatamente ao corrente das fortunas particulares, dos dotes e das heranças? É o que o autor desta narração ignora. Mas, por uma coincidência notável, não fizera três meses ainda que a senhorita d'Ossian manifestasse, a bem raras pessoas, a intenção de abandonar o mundo, e já sua tia começara a receber a visita de diversos eclesiásticos que, sob pretexto de donativos para obras-pias, tinham elogiado, perante a jovem, as vantagens de certas casas religiosas onde acabavam de entrar a filha do General X..., a sobrinha do Ministro Y... ou a filhinha da Duquesa de Z..., viúva, dotada.

O Conde e a Condessa de Noirmoutiers não acreditavam ainda nessa determinação. Entretanto, repetidas vezes falara Estela da sua maioridade próxima e se informara do estado de sua fortuna. Soubera que as suas sessenta mil libras de renda representavam um capital de mais de dois milhões.

Um dia, dirigiu-se ela própria ao velho notário da família e lhe expôs o desejo de abandonar sua riqueza.

– Renunciar! Exclamou o notário. Que está dizendo, senhora?

- Sim, fazer uma doação.
- Para quê? Para quem? Com que fim?
- Desejo afastar-me do mundo.

A conversação se prolongou sobre o assunto por mais de uma hora de discussão complicada. O excelente homem, pressentindo sob tudo isso algum mistério, prometeu a si próprio falar com o tio Noirmoutiers e despediu a sua original cliente, assegurando ocupar-se do caso e a necessidade de fazer primeiramente a avaliação exata da fortuna.

E, com efeito, poucos dias após, soube pelo conde a história dos Pirineus.

Decidira Estela seriamente encerrar sua vida em um mosteiro? Ouvira falar de alguns, estava até informada dos exercícios com que ali se ocupavam; porém deixava as coisas correrem sem nada resolver, e o mês de abril, o mês da sua maioridade, chegou sem que ela houvesse tomado decisão alguma.

Enquanto isso insensivelmente, sua vontade se fixara de modo irrevogável. Resolvera ser pobre e, após muitas discussões, deu ordem ao seu notário para vender todas as suas apólices e distribuir o produto conforme o julgamento e as luzes dele próprio.

O homem da Lei e o tutor tiveram então freqüentes entendimentos para a execução dessa estranha vontade. Decidiram vender os títulos de renda, de acordo com as intenções formais da jovem, à qual mostrariam as contas de venda; mas, imediatamente, comprarem outros, ao portador, e depositá-los no Banco de França em nome do Conde de Noirmoutiers, do qual era Estela a herdeira única. Conforme o modo de pensar desses dois homens, a fortuna ficaria à disposição de Estela em dia próximo, quando o que chamavam “sua loucura” cedesse lugar ao regresso da razão. Porém, deixá-la-iam na persuasão de que as suas intenções tinham sido fielmente executadas, e até lhe indicariam o emprego e a distribuição das importâncias.

– É igual, disse o conde, e eu preciso confessar que o amor é o que há no mundo de mais desarrazoado e mais louco.

– Se fosse razoável, não seria amor, replicou o velho notário. Mas isso passará. Tudo passa.

– Não tem observado, acrescentou o conde, que, em geral, as mulheres não raciocinam?

– Jamais igual a nós outros, em todos os casos. Mas é provável que elas julguem raciocinar, e o fazem à sua maneira. Não me refiro às enamoradas. Nessa hipótese, elas nem sonham em raciocinar.

– E os enamorados, então?

– Caluda! Já se escoaram mais de seis lustros... E, demais, os homens têm desculpas: as mulheres são tão belas!

– Basta! Basta! Senhor notário.

Seis longos meses tinham decorrido. Os parentes e as últimas amigas de Estela esperavam a cada dia receber a sua decisão, sobre a escolha do convento.

Falava-se de Lourdes e de Pau. Estela observou que, desde o dia em que sua fortuna deixou de lhe pertencer, os padres cessaram as visitas.

Na sua solidão dos Pirineus, Dargilan, por sua vez, caíra em negra melancolia. Foi a muito custo que, no decorrer do inverno, chegou a escrever algumas cartas aos grandes espíritos com os quais mantinha correspondência. Dirigira duas a Victor Hugo. Sem dúvida exprimiu, sem de tal aperceber-se, um estado de alma bem perturbada, pois a resposta do poeta (uma das últimas cartas que escrevera meses antes da sua morte) terminava por esta divisa dos conjurados do “Ernâni”.

“Ad augusta per angusta.”

Victor Hugo

XXIII

Felicidade suprema

Em uma noite de princípios de maio, Dargilan observava em sua luneta um magnífico conjunto de estrelas situado na constelação de Hércules, e, em meio ao silêncio absoluto da noite, estava ocupado em escutar e contar as pancadas do pêndulo para determinar a distância desse conjunto a uma estrela vizinha, que brilhava um pouco a Leste, quando um leve ruído, semelhante ao roçar de seda, feriu o seu ouvido atento e, voltando-se para o lado de onde parecia vir o frufu, percebeu a figura de Estela a alguns passos dele. Aproximava-se lentamente, como se deslizasse sobre o solo. Sua alvura assemelhava-se à de ligeira nuvem semitransparente, iluminada pela Lua; o semblante, porém, não era tão alvo e parecia levemente rosado. Os olhos eram difíceis de reconhecer, mas olhavam de frente, e, quando a figura passou diante dele, o astrônomo viu bem que a cabeça se voltava e os olhos continuavam a contemplá-lo. Sentiu na fronte algo parecido ao sopro vivo do beijo de um anjo, e viu a aparição desvanecer-se, dissolvendo-se: em breve restava apenas uma leve claridade no lugar do coração e essa claridade suavemente se elevou no céu pela abertura existente na cúpula.

Rafael teve medo. Julgou que a aparição anunciava a morte de Estela e, abandonando o seu escabelo de observação, foi soluçar na poltrona. Sua natureza muito impressionável, desde tanto tempo superexcitada por uma série de agitações violentas, confundira o duplo de um vivo com um fantasma de morto, embora conhecesse exatamente as diferenças tão características que distinguem essas duas ordens de aparição. O copo astral tem, com efeito, nesses dois estados opostos, aspectos bem dessemelhantes. Abandonando-se ao desespero, não duvidou de uma catástrofe, e, quando a noite cedeu lugar à aurora, o Sol o encontrou abismado em dor e desolação.

Incapaz de realizar qualquer trabalho recolheu-se, depois do meio-dia, à biblioteca, onde começou a folhear alguns velhos livros. Sua mão pegou, entre outras, uma obra do século XVII,

encadernada em pergaminho, que trazia por título: “Os Emblemas do amor divino e humano reunidos”, publicada em Paris, em 1631, com privilegio dos doutores de Teologia, trazendo em cada página uma linda figura em talho-doce, representando todos os sentimentos do amor sob imagens religiosas, sendo cada figura comentada por uma pequena composição de doze versos. Olhou maquinalmente essas ingênuas gravuras. De repente, entre duas folhas, percebeu uma pequena flor fanada. Lembrou-se de que, por ocasião da penúltima visita de Estela, quando, num arrebatamento, lhe dera o beijo que decidira do seu destino, ela apanhara um livro da estante em frente. Sim, aquela flor era a da sua *Estrela*, não podia ser outra. E beijou ternamente a flor, sem poder desprendê-la dos lábios.

Era dela a pequenina flor. Ela a tocara e a colocara ali, e nela o seu pensamento ficara. Pobre Estela, tão ternamente, tão apaixonadamente ficara! Onde estaria? Que seria feito dela? Sim, ela também o amava. Mas, depois de tantos meses, sabendo que ele não queria, não podia desposá-la, não se teria ela decidido pelo duque, ou qualquer outro partido ao agrado da família? Era um absurdo o que ele fizera! Ela lhe pertencia, e lhe dera sua alma, seu coração, seu amor. Porque não tomara posse desse todo? Que estranhos escrúpulos, para ele, o “Solitário”, o desdenhoso de todas as convenções mundanas, o apóstolo do absoluto. E fora por excesso de amor que a respeitara! E não tornara a chamá-la! E a perdera! Que loucura! Revê-la-ia ainda? E para que revê-la, se não poderia mais ser sua companheira no caminho da vida, pois que estava condenado a uma solidão eterna? Revê-la, correr a Paris, chegar à Rua Vaneau, procurar a silhueta da sua sombra na janela, espreitar sua saída, segui-la, apresentar-se de chofre diante dela... Não; ela nunca mais lhe escrevera. Esquecera-o. E, depois, aquela aparição'. Talvez estivesse morta ou agonizante!...

E a frase, que tantas vezes repetira para justificar sua conduta, voltava-lhe outra vez aos lábios: “Ela crê que me ama, a encantadora parisiense; imagina poder partilhar da minha vida de trabalho e o meu deserto; ilude-se; teria sido sua infelicidade. Agi bem! Agi muito bem!”

Sentado na velha poltrona, a cabeça apoiada na mão, meditava, sonhava, lastimava tudo, o passado, o presente, o abandono do futuro, e as lágrimas obscureciam os seus olhos quase desmesuradamente abertos.

Mas, eis que um leve ruído se faz ouvir outra vez, semelhante ao da noite anterior.

– Estela!

– Rafael!

Lançaram-se aos braços um do outro; cobriram-se de beijos.

– Estela! Es tu, és tu, sim, tu! Não estás morta?

– Morta? Não, afianço-te, e não tenho desejo algum de morrer.

– Mas, por que estás por aqui?

– Venho de Luchon... Ou melhor, de Paris.

– Como?

– Só.

– Só?

– Sim. Quero viver a tua vida. O céu contigo, para sempre. O esquecimento do mundo, das suas vaidades, das suas mentiras. Sou digna de ti. Sou pobre, enfim... Abandonei a minha fortuna. Minha primeira educação está apagada. Cabe-te refazê-la à tua imagem. Venho a ti, à tua ciência, ao teu céu. És o meu senhor, o meu deus, o meu tudo. O resto não existe mais. Rafael, eu te amo!

E novamente se lançou ao seu pescoço, deixando sua arrebatadora cabecinha abandonada sobre o robusto peito do sábio.

– Minha Estela bem-amada. É possível! Não posso acreditar na imensidão da minha felicidade. Tu, para sempre comigo! Oh, vem! Mas, toma cuidado! Meu amor te devorará.

E lhe cobriu de beijos a fronte, os olhos, as faces, os lábios.

Ali estavam, unidos nos braços um do outro, famintos de amor, embriagados por uma alegria fantástica, ébrios de uma embriaguez infinita, transportados às regiões transcendentais de onde o Universo se torna invisível para o ser, que perde a facul-

dade de enxergar permanecendo absorvido na sua própria felicidade. Certamente, naquele momento, nada, fora deles, existia para os seus pensamentos. Estreitamente enlaçados, seus lábios não se desprenderam, e Estela se abandonara, apaixonadamente aniquilada, no seu amor.

Mas a exaltação das emoções ultrapassou suas forças físicas, e Rafael sentiu o peso de seu belo corpo aumentar em seus braços. A cabeça reclinara e os olhos estavam fechados. Não falava mais.

Ele a susteve com vigor, impedindo-a de cair, e, delicadamente, com mil precauções, levou-a para seu aposento, depondo-a sobre o leito.

Estela não despertou! Inquieto e agitado procurou as causas daquela síncope, pensou em pedir o auxílio dos dois velhos jardineiros; porém, antes, abriu as janelas de par em par, a fim de que penetrasse no aposento o ar balsâmico do bosque. Mas o sopro daqueles lábios adorados apenas era sensível e as mãos começavam a ficar frias. Pensou, então, que talvez ela estivesse comprimida em suas vestes, e, com as mãos inábeis e febris, desabotoou o corpete, desapertou a cintura, num meio-despir. Receando então que ela se resfriasse, tornou a fechar as janelas. A bela criança continuava adormecida. Sua cabeleira magnífica se desenrolara e estendera pelo travesseiro, qual auréola de seda. Dargilan conseguiu, enfim, após algumas tentativas infrutíferas, retirar a terrível couraça com que a maioria das mulheres, sob o nome de espartilho, deformava o talhe havia séculos. Somente então o peito da desmaiada se encheu de ar, e, com um suspiro, despertou e abriu os olhos.

Que suplício fora aquele estado para Rafael! Mas também, doce compensação, que tentativa deliciosa, que riqueza de revelações, quantos tesouros descobertos! Ele, que nunca vira mais do que gravuras ou estátuas! Aquelas formas primorosas, aquela brancura Láctea, toda uma atmosfera de voluptuosidade mergulhavam-no em um êxtase embriagador e apaixonado. Aquela deslumbrante criatura lhe aparecia mais bela do que todas as estrelas do céu. Parecia-lhe estar ali o que Deus havia formado de mais esplêndido e mais admirável. A visão do Infinito nos

céus brilhou ante seu espírito maravilhado, e seu amor por Estela lhe pareceu mais imenso que o Infinito. E porque ela tivesse aberto os olhos e lhe sorrisse mais tranqüilo a respeito do seu estado, abraçou-a ternamente. Estava quase inteiramente despi-da. Então Rafael ficou a contemplá-la, adorá-la na sua esplên-di-da beleza.

Anjos do Paraíso! Nunca assististes em redor do trono do Al-tíssimo a uma adoração mais embriagadora do que a primeira contemplação da mulher por este amante ofuscado. Talvez em outras esferas haja Deus criado seres mais perfeitos; porém, em todas as suas viagens imaginárias, de estrelas em estrelas, e em todos os seus sonhos de populações extraterrestres, jamais o astrônomo imaginara algo semelhante.

Ajoelhara-se ante o leito, bem a adorar a sua divindade queri-da; tomara-lhe a mão para nela apoiar os lábios ferventes, e depois os beijos subiram, acariciando os braços, o colo alabastri-no.

O amor não é apenas o mais ideal dos sentimentos, o maior e o mais sublime. É também a mais deliciosa das sensações e a mais violenta das paixões. Prova-se o divino néctar, bebe-se na taça encantada, mergulha-se em embriaguez infinita.

Os dois amantes conheceram o que jamais haviam divisado, e, esquecidos da Terra obscura, viram-se transportados a uma região de delícias, onde, banhados de claridades, embriagados de luz, adormeceram no êxtase de um sonho encantado.

Quando despertaram, a noite era profunda e constelada. Uma linda estrela branca, Vega, da Lira, enviava pela janela, em saudação, seus raios cintilantes.

– Repara! Olha, exclamou Estela. É a minha estrela, bem sa-bes, aquela que eu escolhi!...

– A Lira, replicou, interrompendo-lhe as palavras com beijos. Pois bem! Conheço agora uma lira mais encantadora e mais melodiosa, que bem me fará esquecer a de Pitágoras.

– Será que observareis o céu, esta noite, meu astrônomo?

– Qual, meu amor? Parece-me agora que existem dois. E o outro está tão longe... E é tão frio!

Naquela noite, pela primeira vez o “Solitário” esqueceu inteiramente as estrelas e a Astronomia.

Só na manhã seguinte tiveram tempo de conversar. Estela contou-lhe suas penas, seus tormentos, suas inquietudes, suas lutas com a família, sua determinação inquebrantável, sua partida de Paris, sua viagem. Amava-o, como acabara de dar prova; mas também amava a Ciência, a Natureza, a poesia das coisas, os mistérios da Criação. Oh! Quanto seria feliz compartilhando a sua vida, trabalhando com ele, pensando igual a ele! Hesitara e sofrera durante muito tempo. Sua atração sobre ela dominara tudo. Hesitações vãs. O espírito procura, mas é o coração quem encontra.

– Não avalias o que sonhei a noite passada, à força de pensar em ti! Pois bem, anteontem, chegada havia algumas horas a Luchon, deito-me por volta das onze, esperando adormecer e repousar (o banho relaxara-me os nervos); tento espancar todas as idéias que me passam pela cabeça, porém permaneces tu, sempre tu! Por fim, adormeço e, de repente, estou aqui, lá em cima, sob a tua cúpula, onde fazias tuas observações. Vi que não pensavas em mim naquele momento. Creio, meu querido, que a mulher ama bem melhor do que o homem. Tu me esquecias, estavas inteiramente ocupado com uma observação, sem dúvida atraente. Afinal, percebeste a minha presença e te dignaste olhar-me. Sabes que eu teria muitos ciúmes da tua Ciência, se não formasse d’ora em diante um só ser contigo? Eu te seguirei por toda parte, qual a tua sombra, e ainda mais, mesmo à noite.

– Mesmo à noite?

– Mau! Não era isso que eu pensava. Sou mais idealista do que tu no meu amor.

– Parece-te?

– Estou certa. Há uma diferença entre nós dois.

– Lamentaste? Preferirias ser Rafael? Eu ficaria encantado se fosse Estela: és linda!

– Não. Permanece o que és, meu belo Rafael, sempre, durante um século.

E continuaram conversando, dizendo-se as mil coisas deliciosas que os amantes gostam de ouvir. Dargilan narrou que a vira realmente, naquela antevéspera, mas recebera uma catástrofe, o que explicava as primeiras palavras de espanto pronunciadas à sua chegada – quando ainda se achava sob a influência da aparição noturna; pensava constantemente na sua querida Estela e a amava bem mais fortemente, “mais apaixonada, mais seriamente do que ela poderia fazê-lo, pois o homem indubitavelmente sabe amar melhor do que a mulher...”

– Oh! Isso é impossível. Não podes saber como eu te amo, tu não estás no meu coração.

O dia passou em palavras de amor, em carícias sem fim; o dia e a noite... Pela segunda vez, o astrônomo esqueceu ainda, inteiramente, o céu e as estrelas.

É delicioso amar, principalmente para o sábio, para o poeta. Quanto mais vasta a esfera das contemplações intelectuais, mais ampla é também a capacidade de amar. O amor antes de tudo vale quanto lhe tenhamos dado: sua riqueza é a da nossa alma. O amor de Rafael por Estela era igual ao que dedicava ao céu imenso. E porque a Ciência era álgida, silenciosa, sem eco, encontrava na sua divina Estela todo o complemento do amor que a Ciência por si mesma não lhe pudera dar. Aos júbilos do seu espírito juntavam-se as emoções do seu coração; aos seus contentamentos intelectuais vinham reunir-se as delícias de um sentimento de afeição profunda e sem reservas. Sua alma ofuscada, atônita, nunca suspeitara tal intensidade de alegria e felicidade. Parecia-lhe que só então nascia para a vida real, que até então esperara, sem encontrá-la, a verdade por fim possuída.

Os primeiros dias daquela vida a dois, tão enfeitiçante e tão nova para o “Solitário”, passaram em contínua carícia de suas almas e seus corpos. Diante daquela beleza feminina, ao mesmo tempo casta e perturbadora, quase inatingida por seus sonhos, permanecia em delicioso êxtase, que se renovava sem cessar. Toda a juventude, contida por tanto tempo, despertava em chama inextinguível. Saboreou as inenarráveis delícias de ver e de possuir uma beleza perfeita, entregue a todos os seus desejos. Aquelas formas esbeltas e puras, tão harmoniosas, mármore

vivo, que, dos pés à cabeça, apareciam na sua nobre pureza de linhas, encantavam o seu olhar de artista, tanto quanto à sua paixão amorosa. Eram transportes sem fim. A ardente imaginação multiplicava as sensações. Estela morria e renascia animada, ela também, por um ardor encantado, e todo o seu ser, fremente, desfalecia sob os beijos apaixonados. Uma noite, ela pediu a escuridão completa da primeira noite “para saborear de outra forma, concentrada nessa treva, para aniquilar-se completamente”, pensava ela. Exigiu também fossem fechadas de todo às janelas. Porém esquecera os efeitos elétricos que, em outros tempos, observara no seu próprio corpo. Isso foi para Rafael uma nova revelação, e naquela noite pôde fazer estudos que não adivinhara em suas pesquisas científicas, até então um pouco bisonhas, sobre a eletricidade humana.

Define-se a eternidade pela negação do tempo, não lhe sendo aplicável qualquer medida de duração. Também para eles a noção do tempo não existia. Os dias e as noites voavam como horas, ou minutos, instantes inapercebidos. Eternidade em cada beijo! O calendário foi suprimido. Não antes do oitavo ou nono dia, pela manhã já bastante avançada, foi que Esteta disse de repente, procurando fazer esquecido o langor de seus olhos: “Mas, meu amor, pensei ter desposado um astrônomo!”

Desde a chegada de sua bem-amada, Dargilan perdera inteiramente de vista a sua Ciência, todavia tão querida; não se lembrara um só instante dos trabalhos habituais, que até então haviam sido tarefa exclusiva e assídua de toda a sua vida.

A observação de sua companheira despertou-o de um sonho.

– Em que dia estamos hoje? – perguntou.

Procuraram, calcularam, mas em vão; foi absolutamente impossível acertar a quantos dias se abraçavam. Concluíram pelos oito dias, mas o jardineiro, interrogado durante o almoço, asseverou que já eram decorridos dez.

Só então o sábio se lembrou da observação astronômica interrompida pela aparição noturna de Estela. Uma chuva tempestuosa, que desabara compacta durante mais de hora, limpou a

atmosfera, e era de prever um belo céu, perfeitamente nítido, para a noite próxima.

Ficou combinado que reiniciariam juntos a observação interrompida, e Estela saltou de alegria à idéia de ser associada ao estudo das maravilhas siderais, em companhia de seu bem-amado.

Abraçou-o mais uma vez.

– Se continuas a abraçar-me, nunca poderei voltar ao trabalho.

– Prometo não te tocar mais...

XXIV

A vida de casal

À noite, o equatorial foi dirigido para um magnífico agrupamento de estrelas da constelação de Hércules, denominado Messier 92.

– Por que esse nome? Interrogou Estela. É necessário que me ensines tudo.

– Esse nome é o de um observador modesto que passava as noites em uma torre da comunidade do Palácio de Cluny, em Paris, nas ruínas das antigas termas de Juliano. Essas construções existem ainda. São veneráveis. Messier ficava ali todas as noites em busca de cometas, e, pesquisando cometas, encontrou nebulosas, das quais publicou, em 1783 e 1784, o primeiro catálogo, elevando-se à cifra de 103. Olha, eis aqui justamente o exemplar do próprio Messier, com as suas anotações manuscritas.

E estendeu a Estela um pequeno livro encadernado em vermelho.

– Oh! Que escrito antigo! Exclamou. Emociono-me, ao folhear essas páginas seculares.

– Olha o número 92.

– Ei-lo. Está bem visível: “18 de março de 1781. Nebulosa bem nítida e de grande luminosidade, entre o joelho e a perna esquerda de Hércules. Não tem nenhuma estrela. O centro é brilhante, rodeado de nebulosidade; assemelha-se ao núcleo de um cometa. Tem, com pouca diferença, a mesma luminosidade e grandeza da que está na cintura de Hércules, e traz o nº 13 do meu catálogo”. Sabes o que mais me impressiona nesta descrição? É o joelho e a perna esquerda de Hércules. Pode-se ver isso no céu?

– Olha tu mesma. Vem ver.

– Conduziu-a ao terraço e lhe mostrou a constelação.

– Olha! Está perto da minha estrela!

– Justamente. Perto da Lira. A coincidência é bastante curiosa. Precisamente nesse rumo tinha eu os olhos quando da tua aparição. Vês Hércules?

– Onde?

– Observa aquela estrela brilhante, avermelhada: indica o lugar da cabeça. Essa estrela se chama Alfa.

– Sim, vejo. Então aquela estrela é Alfa de Hércules?

– E tem uma história, das mais estranhas, por motivo da natureza inteiramente bizarra da sua luz. Narrá-la-ei mais tarde. Agora, olha ali uma estrela também brilhante, porém mais clara: tem o nome da letra grega Beta e indica o ombro direito de Hércules. Do outro lado, aquela segunda estrela, sim, aquela, marca o ombro esquerdo e se chama Delta. Aquela terceira assinala a anca direita e se denomina Zeta. Continuando em linha reta, aquela outra corresponde à coxa...

Enquanto Dargilan lhe mostrava a estrela, Estela lhe deu prolongado beijo na boca.

– Ah! Se não ficas quieta, não continuaremos. Prometeste que não me tocarias.

– Eu te reprometo.

– Onde estávamos?

– Na coxa de Hércules. Prestei bem atenção. Continua.

– Sim, é a estrela Eta. Depois a perna se encolhe com aquele alinhamento, de sorte que o homem está de joelhos. Agora, olha ali, depois de Delta; aquele outro alinhamento de estrelas desenha o braço esquerdo, segurando um ramo, enquanto o direito sustenta a maçã. Pois bem, com essas estrelas podes traçar o esboço de um homem ajoelhado.

– Inclinado, com a cabeça para baixo?

– Precisamente; vejo que o reconheces. Não se deve pensar em encontrar nas constelações pinturas de Rafael, Miguel Ângelo ou Rubens. Não. São simples agrupamentos de linhas, esboços, como os podem desenhar as crianças, que com dois traços de carvão fazem duas pernas, com outros quatro um corpo, com outros dois os braços, com um círculo a cabeça. Eis tudo. Ao

traçar esses croquis, corporificando nesses alinhamentos representações de seres reais ou fictícios, a imaginação de nossos antepassados povoou esses espaços silenciosos de uma vida extraterrestre, mais ou menos bizarra e fantástica.

Viviam muito mais e muito melhor do que nós outros, com a Natureza. A solidão das noites, o vento, a tempestade, o raio, a fecundidade da flor ou da mulher, os devaneios do sono, o murmúrio do riacho, os frêmitos da folhagem, os mananciais sombreados, as quietas fontes – tudo para eles se povoava de uma espécie de vida aérea, fugitiva e imperceptível, e até nas profundidades celestes encontraram, inventaram, pressentiram formas mais ou menos extraordinárias. Sim, se observas com atenção, se segues esses alinhamentos, se julgas que neles nada há, que as constelações na realidade não existem, e se pensas que os nossos avós quiseram desenhar no céu figuras quaisquer, para serem assim identificadas, tu encontrarás este esboço do corpo de Hércules ou do Ajoelhado, qual o denominavam os Gregos, da mesma forma que ao lado, na tua querida Lira, adivinharás um instrumento de música, alongado, do qual Vega indica o braço, o cimo, uma lira, cítara ou harpa, da mesma forma que naquelas estrelas da Coroa, ali, ao outro lado de Hércules, vês uma coroa formada com grande exatidão, e mais distante adivinhas um delfim, e um pássaro sustentado por duas asas abertas. Essas denominações, paralelos e criações mitológicas são graciosas e poéticas. Os modernos quiseram completá-las, improvisando figuras nos intervalos não ocupados pelos antigos, mas foram pouco felizes, pesadões, tediosos com as suas invenções canhestas: o atelier do escultor, o forninho do químico, o cavalete do pintor, o relógio, a máquina pneumática, o sextante, o otante e também a raposa, o ganso e o gato. Tudo isso é artificial e parece ligado por ficções. Quanto era bem mais viva a mitologia pagã, com os seus doze signos do zodíaco, avançando gravemente ao longo da esfera, com a Virgem conduzindo a Arista, Andrômeda encadeada, Cassíope no seu trono, ou o cavalo Pégaso lançado no espaço, e o jovem Perseu sustentando na mão a sangrenta cabeça de Medusa! Mas, não esqueçamos o nosso montão de estrelas de Messier. Vem admirar ao telescópio.

– Parece uma pequena nuvem luminosa, disse Estela, uma poeira de pequenas estrelas. Oh! Eu o vejo bem agora. É prodigioso!

– Cada um desses pequenos pontos é um sol semelhante ao que nos ilumina. É uma aglomeração de estrelas, milhares de sóis iguais ao nosso. O menor desses pontos luminosos é um milhão de vezes maior do que a Terra.

– É possível? Milhares de sóis! Então esse conjunto deve ocupar um espaço imenso. É muito luminoso no centro. Está longe daqui?

– Certamente seriam necessários mais de três mil séculos num trem expresso para chegar até lá. Quanto à extensão, é um universo. Em comparação, a Terra não passa de um grão de pó.

– O Espaço é escuro em torno. É o fundo do céu?

– Fundo do céu? Que queres dizer?

– É verdade. O Espaço não tem limites. E essas estrelas que vemos ali, de todos os tamanhos, a diversas distâncias do conjunto, estão mais perto de nós ou mais longe?

– Mais perto, sem dúvida. Não vês uma, bastante luminosa, um pouco à direita?

– Não, não vejo bem, respondeu, desviando a cabeça da ocular.

Dargilan se aproximou para observar no equatorial. Estela se mantinha em pé, ao lado dele, e suas cabeças se tocaram.

– Tu és preciosa, disse Dargilan, abraçando-a pelo pescoço. Eu estava procurando... Mas não, os sabugueiros ainda não floriram.

– Meu Rafael! Amo-te!

– Querida, meu encanto, queres que te diga o meu pensamento? Pois bem, não há nada mais lindo do que uma bela jovem.

– Senhor Astrônomo!... E as estrelas?

Naquela primeira noite de trabalho, a observação astronômica, apenas começada, foi subitamente interrompida.

XXV

A vida de casal continua

A noite seguinte estava tão bela quanto a da véspera.

– E o agrupamento de Hércules? disse Estela. Ontem interrompeste subitamente a observação que fazíamos. Lamento.

– Realmente? Lamentas muito, muito mesmo?

– Não queres compreender que adoro a Astronomia. O amor e a Ciência devem caminhar lado a lado. Vou hoje à cúpula. Quem me amar que me siga!

Um instante depois, a magnífica porção de estrelas estava novamente no campo do equatorial.

– Dizias-me haver ali uma pequena estrela vizinha, bastante brilhante. Vejo-a.

– Pois bem, minha querida, quando teu duplo passou por mim naquela noite, estava ocupado em ouvir os movimentos do pêndulo, contando-os, para saber quantos segundos de distância há entre o conjunto e a estrela.

– Com que fim?

– Para sabê-lo, desde logo, e determinar assim a posição exata do aglomerado; depois, para verificar se nessa distância houve alteração.

– Então, já foi medida?

– Sim, e é esse um dos encantos da Astronomia. Nossos olhos se encontram hoje sobre pontas celestes em que se detiveram já espíritos que veneramos. Assim, Messier observou e descreveu esse conjunto em 18 de março de 1781; William Herschel em 15 de agosto de 1783; Lalande em 25 de maio de 1795 (no mais aceso período das jornadas tumultuosas de Pradial, ano III); Bode já o observara em 1777; um astrônomo poeta, Darrest, observador exato e preciso ao mesmo tempo, mediu com todo o cuidado e minuciosamente e o descreveu em 23 de outubro de 1863; extasiou-se com o seu esplendor e, na sua bela linguagem latina, o denominou “*acervus adspectu jucundissimus*”. Pois

bem, naquele ano a distância entre o conjunto e a estrela era de trinta e três segundos e meio. Se quiseres, vamos medi-la ambos esta noite.

– De que modo?

– Oh! Muito simples. Basta ouvires os batidos daquele pêndulo e contar em voz alta quando eu te disser.

– Aquele pêndulo? Marca dezessete horas?

– É um pêndulo sideral. Ainda aqui, vêes que os astrônomos vivem fora do mundo. Não temos as horas vulgares. Se quisesses saber a hora, para o público, consultando este relógio, terias que fazer um cálculo bastante longo. O que vêes ali é a hora das estrelas, a hora da sua passagem pelo meridiano.

– Quanto é divertido! Então não temos mais a hora dos outros! É também o que se me afigura desde há onze dias: parece que aqui cheguei agora mesmo. Nosso coração é um pêndulo sideral. Será que todos os astrônomos têm essa hora simultaneamente?

– Sim. Quer se observe o céu na América, na África, Ásia ou Europa, é aquela hora a que nos rege. Somos uma sociedade à parte. E, como te disse, tal sociedade permanece através dos séculos. Foi essa hora que Herschel consultou quando, há mais de um século, observou esse mesmo conjunto no céu. Quer observemos da Inglaterra, qual o fez Herschel; da Dinamarca, de igual modo que Darrest; da Alemanha, a exemplo de Bode; de Paris à repetição de Messier; dos Pirineus qual o fazemos esta noite, estamos sempre no céu, e não conhecemos e jamais conheceremos as divisões de fronteiras...

– Viva a Astronomia! Os astrônomos são felizes mortais. Mas, por que não se adota para o público essa divisão do dia em vinte quatro horas, em vez de duas vezes doze horas, feito crianças?

– Porque seria muito simples, muito lógico, muito razoável. Queres contar as batidas do pêndulo?

– Sim. Um, dois, três, quatro...

– Espera. Começarás no momento exato em que eu disser:
top!

– Pronto. Estou...

– *Top!*

– Um, dois, três, quatro... Trinta e três, trinta e quatro.

– *Top!*

– Trinta e quatro e meio. Há um segundo mais do que em 1863.

Será necessário repetir a observação um grande número de vezes, para assegurar a exatidão. Suponhamos que esta diferença de um segundo esteja certa. Não parece nada, um segundo! Pois bem, é enorme! Essa diferença nos indica que o conjunto, ou a estrela vizinha, ou ambos talvez, se deslocaram na direção este-oeste. E, com elementos suficientes de cálculo, encontraríamos sem dúvida um movimento considerável, não somente de cem mil quilômetros por hora, qual a Terra na sua translação anual em torno do Sol, mas de duzentos, trezentos, quatrocentos mil quilômetros por hora, ou mais. A medida em si própria parece um pouco prosaica. Contar um, dois, três, quatro não é uma operação transcendente. Porém, quantas vezes o resultado é interessante quando nos mostra, assim, todos esses sóis lançados no espaço com uma velocidade vertiginosa!

– Mas, pela minha parte, não acho as cifras tão fastidiosas como se diz. Resolvi problemas no Internato e aprendi Geometria. Até vou estudar logaritmos.

– Para isso não, senhorita-meu-anjo; oponho-me formalmente. As matemáticas não são assunto para mulheres.

– Já tirano!

– Sim, minha querida. Toma da Ciência tudo o que ela tem de agradável, mas não te tornes muito técnica, pois emagrecerias. Estou encantado por saber que não tens horror às cifras, porém não sejas matemática: isso não é indispensável à nossa felicidade.

– Serei o que quiseres. Sabes o que gostaria de ver esta noite? Eu o tenho sonhado mais de uma vez. No ano passado me falaste

de estrelas coloridas, tão belas quanto as pedras preciosas: esmeraldas, safiras, rubis, granates, topázios, ametistas. Apenas as entrevi; queres mostrar-mas?

– Justamente pensei nisso. Quero apresentar-lhe, minha senhora, a estrela R da Lebre e a estrela R do Leão. Atenção: olhe.

– Que coloração estranha sobre esse fundo de céu quase preto! É um rubi, uma gota de sangue luminoso! Quase tenho medo.

– É um sol que se extingue.

– Todas as estrelas ficarão rubras, extinguindo-se?

– Provavelmente.

– Então aquela é muito velha. Não foram criadas ao mesmo tempo em que as estrelas brancas, que a minha bela Vega, por exemplo?

– Ou então envelheceu mais depressa. Mas, tu não crês que todas as estrelas tenham sido criadas no mesmo dia, acrescentou, sorrindo.

– Não. Teus livros me fizeram compreender a eternidade. Conhecem-se muitas estrelas vermelhas?

– Tens diante de ti um catálogo mencionando 766. Formam minoria no céu. Em geral, as estrelas são brancas.

– Não seria uma primeira criação, uma tentativa de resultado mal sucedido?

– Por que resultado mal sucedido?

– Porque já estão quase mortas.

– Mas se elas datam de uma eternidade anterior às outras! De mais a mais, todas as estrelas que vemos no céu estarão extintas um dia, todas, sem exceção.

– E então?

– E então o céu continuará constelado tal qual hoje; apenas não serão mais as mesmas estrelas.

– E quem criará as novas?

– Vem, olha!

Durante esta conversação o astrônomo dirigira a luneta para uma nebulosa, em estado gasoso, que se encontra na constelação

do Dragão, bem no pólo da eclíptica, e a primeira cuja análise espectral demonstrou a constituição gasosa. É, com toda certeza, uma nebulosa, e não um aglomerado de estrelas que a distância torna nebuloso; ali está um universo em formação, uma gênese de mundos vindouros.

– Pálido floco de gás! Disse ela.

– Tendo condensação central; o sol desse futuro sistema.

– É um pouco azulado.

– Sim. É uma névoa cósmica.

– Pequena e pobre.

– Mais vasta do que todo o nosso sistema solar, embora a órbita de Netuno meça perto de nove milhões de quilômetros de diâmetro. Assistimos daqui à sua criação.

– A que distância?

– Desconhecida. A luz talvez gaste algumas dezenas ou milhares de séculos para nos chegar de lá.

– Então nós a vemos tal qual era no momento em que partiu o raio luminoso que nos chega hoje. Talvez agora esteja transformada em sol e em planetas, e, no entanto, vemos o que era então e não o que é hoje.

– Sim. São as vozes do passado que ouvimos.

– Como se conversássemos como um ser que morreu há dezenas de séculos.

– E se seus planetas são habitados, vê-se, de lá, a Terra e todo o nosso sistema solar tal qual foram antes da criação do homem.

– Meu amor, começo a compreender o que dizias, que os espetáculos da Terra não passam de um sonho ante os do eterno Universo. É necessário que te faça uma confissão. Esses abismos do Alto me causam vertigem, igual à que senti no ano passado, no alto do pico Poujastou.

Estava emocionada e trêmula.

– Nunca estive tão longe pelo pensamento, acrescentou.

– Queres ver um quadro mais maravilhoso ainda? Olha!

– Oh! É pasmoso! Que imensidade! É uma nebulosa também? Que maravilha!

– Sim, uma verdadeira maravilha, uma das mais admiráveis da abóbada celeste.

– Também está longe?

– A uma distância desconhecida, no Infinito. Eu te prometi pedras preciosas. Olha aquelas.

– Topázio e esmeralda. Que brilho! É...

– A estrela tripla gama de Andrômeda.

– Vejo mesmo três: uma azul, pequenina, ao lado da verde.

– Olha agora aquela. É a estrela dupla de Albíreo.

– Oh! Exclamou Estela, seria impossível à pintura reproduzir essas luminosas cores... A menos que molhasse um pincel no arco-íris para pintar sobre uma lâmina de marfim translúcido.

– E esta? Chamam-lhe a *pulquérrima*, “a mais bela”. É o nome que a tua madrinha te deveria ter dado.

– Não te agrada *Estela*?

– Muitas vezes associei os dois nomes, pensando em ti e no céu. Não é para mim a mais bela das estrelas?

– Mostra-me outra estrela dupla.

– Eis aqui outra minúscula, muito delicada. É a Eta de Cassíope.

– Oh! A encantadora miniatura! Quanto é lindo!

– Pois bem! Imagina, contemplando-a, que um milhão quatrocentos e cinqüenta mil terras das dimensões da nossa mal representariam o peso desse encantador parzinho, na aparência tão minúscula e tão modesta. De igual modo que a gota de orvalho reflete o Universo, esse pequeno diamante duplo, perdido na imensidade dos céus, resume a universal atração dos mundos e a vida infinita.

Continuaram, nessa primeira noite, a fazer uma viagem pelo mar telescópico, e foi com alegria que o apóstolo do céu desvendou, perante os olhos maravilhados de sua companheira, o opulento escrínio das curiosidades siderais. Depois falaram dessa

infinidade de sóis, dos sistemas que gravitam em torno deles, e a respeito dos seres que podem existir nessas inumeráveis moradas.

Estela se preocupou com esses seres desconhecidos. Já sabia, pelos livros do seu querido autor, que a forma humana terrestre é uma consequência das condições da vida na superfície do nosso globo. Aprendera mais: que a vida começou, na Terra, por uma combinação do carbono com o hidrogênio, o oxigênio e o azoto; que os organismos aqui são todos compostos do carbono, porém podemos imaginar seres de outra constituição, que seriam, por exemplo, combinações de sílica com o oxigênio, formados de células orgânicas absolutamente diferentes das nossas. Interrogou-o sobre os sentimentos extraterrestres de que esses seres pudessem ser dotados. Dargilan falou-lhe da variedade, já tão curiosa, de seres do nosso mundo: das formigas, às quais a Natureza dá asas no dia de suas núpcias e que se elevam na atmosfera eletrizada para amar e morrer; das plantas que, em outros mundos, poderiam ser animadas e pensar; de seres que, formados de amianto, seriam incombustíveis; de paisagens que poderiam ser luminosas, à noite, por fosforescência; de olhos cujo sistema óptico, diferente do nosso, permitiria ver o que não vemos, e não ver o que vemos; etc. Concluíram que os habitantes dos outros mundos não se assemelham aos da Terra. E Estela sentiu algum desgosto.

– Queres ver Júpiter? perguntou Dargilan. Como está passando exatamente pelo meridiano, vou pô-lo no campo da luneta, e poderás examiná-lo à vontade. Seus quatro satélites estão bem colocados, dois à direita, um à esquerda, e, se observares com atenção, um adiante, acompanhado da respectiva sombra negra.

– É sobre esse globo, 1.200 vezes mais volumoso do que a Terra, que eu pesaria 136 quilos, enquanto que 22 em Marte?

– Vês tantas diferenças apenas em três mundos do nosso sistema e sob o só ponto de vista do peso. É preciso nos resignemos com o fato de os habitantes de outros globos não se nos assemelharem, e que mudaremos de feitio, se os habitarmos algum dia.

– Que ruído é esse?...

– É o movimento do maquinismo de relógio.

Um ruído surdo, ligeiramente cadenciado, resultava da marcha do mecanismo do relógio encerrado no pé da luneta. Esta, arrastada por aquele movimento qual uma agulha colossal, girava em sentido contrário ao da rotação da Terra, e conservava o astro imóvel no campo visual. O observador, ocupado com o estudo de um astro, segue esse astro no seu curso aparente e, de certo modo, a Terra gira sob seus pés sem que ele de tal se aperceba.

Esse ruído, monótono, igual ao sussurro da água de um rio, acentua mais do que diminui o silêncio. É a calma, o isolamento, o recolhimento de um santuário. A criatura se sente longe de tudo. Por vezes a observação é penosa e difícil. Trata-se de esperar, em uma posição nalguns casos fatigante, um fenômeno celeste, apanhá-lo de relance, apreciar o momento exato da passagem de um ponto sobre o último fio do retículo da luneta, de medir uma distância infinitamente pequena na aparência, infinitamente grande na realidade. O astrônomo, na plenitude da noite silenciosa, é, ao mesmo tempo, juiz e sacerdote, juiz das leis do Universo, sacerdote do Eterno. Isolado em face do Infinito, vê girar em torno dele os céus e os mundos, e, ensaiando deter seu pensamento sobre a ordem invisível que rege o Cosmos, ele próprio se sente arrebatado no inexorável movimento das coisas. Quando o ruído de relógio cessa, o silêncio absoluto que lhe sucede parece, por vezes, lançar o contemplador na imensidade do Espaço e abandoná-lo ao Nada.

Rafael e Estela saíram ao terraço para observar Júpiter, a olho nu, em meio às estrelas.

– Olha que luz súbita!

– Olha depressa!

– Um bólido. Nunca vi um.

– Observemos, e, principalmente, nem uma palavra!

Um magnífico bólido, com efeito, atravessava lentamente o céu de este a oeste. Tiveram tempo, sem perdê-lo de vista, de vê-lo aumentar ainda, até igualar à quarta parte do diâmetro lunar, mudar de cor, do verde esmeralda para o branco incandescente, e

explodir, após ter lançado um clarão muito vivo sobre toda a paisagem.

– Caluda! fez Rafael, colocando dois dedos sobre os lábios de Estela, que começava a exprimir sua admiração. Escuta. Nem uma palavra!

De repente um ruído surdo chegou aos seus ouvidos, seguido de um longo rufar de trovoada. Via-se ainda, sob a forma de uma leve nuvem branca, o lugar em que o bólido explodira.

– Oitenta e um.

– Oitenta e um quê?

– Oitenta e um segundos. Nesta atmosfera, a velocidade do som é de 330 metros por segundo. O bólido explodiu a 26.700 metros daqui, a 22 quilômetros de altura, aproximadamente.

– Fizeste bem, impedindo-me de falar! exclamou Estela. Meu Deus! Que beleza! Que majestade no percurso celeste! Eu me extasiaria sem termo! Nunca teria ouvido o ruído da explosão. Que é um bólido?

– É, em geral, um bloco de minério em que o ferro predomina, e que, atravessando o espaço celeste, nos encontra em seu caminho e penetra em nossa atmosfera. Sabes que o nosso planeta voga na imensidão com uma velocidade de 30 quilômetros por segundo. A velocidade dos bólidos é de 40 a 50 quilômetros. Quando eles encontram o nosso planeta de frente, as duas velocidades, adicionando-se, representam, pois, 70 a 80 quilômetros por segundo.

– Por segundo! É inimaginável!

– E é isso que causa a explosão, pela espantosa compressão de ar que o bólido determina diante dele. Geralmente explode como acabas de ver.

– Se chegassem até à superfície da Terra, poderiam causar acidentes.

– Há exemplos. O Palácio da Justiça, de Paris, foi incendiado, em 1618, pela queda de um bólido.

– São, algumas vezes, muito grandes?

– Alguns pesam milhares de quilos. Em geral, são pequenos fragmentos. Vou buscar alguns espécimes que possuo na minha coleção.

– Oh! Exclamou Estela, tomando-os religiosamente nas mãos, um após outro; não é sem emoção que toco estes enviados do céu. De onde vêm?

– De diversas fontes, sem dúvida. Da Lua... dos planetas... de antigos vulcões da Terra, pois o cálculo demonstra que, lançados com certa violência, os blocos poderiam projetar-se a distâncias imensas, e não recair senão depois de centenários de séculos e até viajarem eternamente, sem nunca mais voltar a Terra... Talvez também de explosões solares, que observamos aqui, conforme sabes. Alguns podem provir de estrelas, trazendo-nos novidades. Oh! “novidades” antigas. Para vir da estrela mais próxima, um cometa, um bólido, um uranólito, não levaria menos de setenta mil séculos...

– Setenta mil séculos! Oh! Quanto seria bom estarmos deitados ambos em um bólido durante todo esse tempo!... Meu “Solitário” abraça-me. Vós me esqueceis!

XXVI

A vida de casal se perpetua

Estela, rapidamente, e com amor e paixão, se associara de modo completo e sem reservas à vida do “Solitário”, vida laboriosa da qual não tivera antes a mínima idéia e que, de súbito, nela substituíra a ociosidade mundana de outros tempos.

Sentira, a vida afirmar-se, acumular, transbordar na felicidade e na alegria. Pareceu-lhe mesmo que não vivera até então.

Apaixonados no nível de dois loucos, trabalhavam, entretanto como dois sábios. Estela o ajudava nas pesquisas; lia austeros livros de Ciência; tornou-se sua secretária; traduzia para ele memórias científicas inglesas, alemãs, italianas, espanholas, que ele não tinha tempo de folhear; observava com ele; desenhava as curiosidades do céu; achava até prazer em manejar algarismos. Nunca, porém, se tornou mulher sábia, autora pedante, crítica literária. Permaneceu sempre feminina, fantasista, artista elegante, graciosa, sem ambição intelectual aparente, mas seduzida cada vez mais pelas descobertas tão brilhantes e tão rápidas da ciência contemporânea.

Pouco a pouco, no seu espírito, dividiu a Humanidade em duas categorias: a dos que conheciam as noções essenciais da Astronomia, e a dos que as ignorava. Os primeiros, dizia ela, sabem onde estão e vivem na luz; os outros são cegos e toda a Criação é para eles letra morta. Essa divisão era para ela tão absoluta quanto o dia e a noite.

Descobriu que o “Solitário” melancólico do ano precedente possuía um caráter muito alegre, agradável e quase infantil. As nuvens da sua frente se evaporaram com o novo sol. O jovem filósofo era feliz, perfeitamente ditoso. Com efeito, jamais Estela vira em fisionomia humana uma tão luminosa serenidade. Sentia-se que o aborrecimento, a inveja, a ambição, um desgosto qualquer, jamais empanara, sombreara ou engelhara aquela fisionomia pura. É certo que o sonhador ficava às vezes pensativo durante horas inteiras, e ela via passar sob essa frente as idéias

profundas, que nele se associavam sempre à pesquisa do grande problema. Mas essa fronte era calma, esses olhos eram brilhantes e claros, o canto da boca sorria também, e a fisionomia, aberta e tranqüila, porejava a felicidade interior do Espírito – constantemente ocupado em pesquisas de ordem intelectual.

– Fica sabendo, meu Rafael, disse-lhe certo dia, sem mim a Ciência ter-te-ia devorado.

– De que modo?

– Sim. Durante o longo inverno da minha espera pensei nisso muitas vezes. Para os sábios iguais a ti, honestos, desinteressados, para os quais a Ciência é um fim sublime, e não um meio de conquistar lugares e honras, a vida se torna um devotamento perpétuo, uma abnegação absoluta de tudo. Via-o bem. Ela te dominava inteiramente e tu nada fruías da vida.

A Ciência, vês tu, é uma bela mulher, uma admirável mulher, de semblante sedutor, que se faz adorar pelo amante, apaixonado ao mais alto grau, faz que abandone tudo, leva-o a esquecer tudo e tudo desprezar por ela. Ele a ama, e lhe dá sua vida total, suas forças, a sua alma. Um dia, ele sente leve enroscar a seus pés, rodeando-lhe os tornozelos. Esse envolvimento sobe, prende as pernas, o corpo, vai até ao coração, até aos braços, paralisados pelos tentáculos, até os ombros, até ao pescoço, e a serpente, sorridente, constringe o pobre amante, sufoca-o, esmaga-o, tritura-o e a vítima sucumbe hipnotizada, sorrindo ainda ao divino monstro... Meu pobre amigo, se eu não viesse não tardarias a descer aos baixos da terra, sem ter visto o Sol. Tu havias nascido para a felicidade; faltava-te alguma coisa, um nada: eu.

– Meu querido pequenino nada, tu és meu tudo. Veio iluminar e florir o meu deserto.

Tomou-a nos braços, e a cobriu de beijos.

– Meu bem-amado, sou coisa tua. Sim, tu mo fizeste pressentir, o amor é uma escravidão; porém, é bom ser tua escrava.

E assim, constantemente permutavam todas as íntimas impressões. O antigo silêncio do claustro cedera lugar ao gorjeio dos pássaros. Ele e ela pensavam em voz alta. E muitas vezes observaram que seus pensamentos se aproximavam tanto, que se

ouviam sem se falar. E assim também um mesmo sentimento intuitivo pareceu emergir em seus corações: o de já terem vivido, conservado certas idéias, certas preferências adquiridas em uma existência anterior, e de já se haverem conhecido. Uma afinidade misteriosa parecia uni-los por laços predestinados. Estela amava-o sem reservas, tinha-o na alma, no próprio sangue, vivia nele; ele vivia nela. Tornara-se a atmosfera do “Solitário”, o ar que ele respirava. Um dia, algumas semanas depois da chegada, disse-lhe de chofre:

– Querido amor, quando nos casaremos?

– Quando quiseres.

– Na igreja? Na pretoria apenas?

– Conforme preferires. Nos Estados Unidos, na Inglaterra, muitas vezes é suficiente uma curta cerimônia, perante um pastor. Algumas vezes é celebrada em casa à meia-noite. Não há muito, li a narração de um casamento religioso realizado pelo telefone. Muitas vezes, bastam colocar as assinaturas em um livro do consulado. Todas essas convenções são respeitáveis, mas não passam de convenções sociais. Poderíamos também ir um dia casar em Bosost.

– Na Espanha?

– É mais perto do que Luchon.

– Mas... És espanhol?

– Não.

– És francês?

– Certamente; porém, sou antes europeu do que francês; mais cidadão do globo do que europeu – e mais ainda cidadão do sistema solar – e muito mais ainda cidadão do céu. A Terra é pequena, e o nosso sistema solar, no qual o nosso planeta não passa de uma formiguinha, é, ele próprio, bastante medíocre.

– Conheço as tuas idéias internacionais e interplanetárias.

– Para o astrônomo não há fronteiras em nosso globo; não podem existir. De resto, as pretensas fronteiras existem apenas nos mapas, no papel. Os campos não mudam de lugar, nem os cultivadores, nem as aldeias. São os políticos, que vivem de

impostos, os que fazem acreditar em fronteiras. Por nossa parte, nós estamos bem no céu.

– Não podemos, no entanto, ir celebrar nossa união em Marte ou em Vega. Sabes aonde gostaria fossemos um dia?

– Não o adivinho sequer.

– Que pensarias de Ceilão? É o país mais belo do mundo. Chamam-lhe “paraíso terrestre”.

– Nós já estamos no paraíso. Creio não haver nada mais agradável do que isto aqui. A França, a Espanha ou a Índia são iguais, para os enamorados. Farei tudo quanto queira minha querida, e quando o quiseres, principalmente se...

Não completou a frase. Seu pensamento a penetrara com a expressão do olhar. Estela compreendeu e enrubescou. Lançou-se ao pescoço de Dargilan.

– Quanto o amaremos! Exclamou. E como será lindo!

– Seriamente, minha querida, pensaste em... regularizar, como se diz, a nossa posição social?

– Não. Mas eu gosto de conversar contigo e gostaria até de discutir. Infelizmente somos sempre da mesma opinião. Tu me dizes sempre “sim”!

Pois bem! Parece-me que estamos um pouco casados, e muito seriamente e, queres que acrescente todo o meu pensamento?... Muito santamente.

Vivemos na verdade. A nossa religião parece-me mais verdadeira do que a do papa Alexandre VI e de sua filha Lucrecia Bórgia.

Parece-me também incomparavelmente mais digna de estima do que a do Cardeal Dubois, confidente do Regente, do Bispo Cauchon, que fez queimar por herege a admirável Joana d'Arc, e de Monsenhor Talleyrand Perigord, Bispo de Autun.

Teu céu é mais certo que o de Josué e do tribunal pontifício que condenou Galileu e declarou herética a crença no movimento da Terra.

Sinto-me mais próxima do Deus infinito do que os teósofos com a inconcebível audácia de julgar que o criam e o comem.

Posso caminhar com a cabeça mais erguida e o coração mais puro do que a beata rainha Catarina de Médicis, e do que a rainha virgem Elisabeth, da Inglaterra.

E depois, o nosso casamento, tal qual é, tem de particular que... não nos pode vir à idéia de divórcio.

Entretanto, um dia, Dargilan lhe falou das leis necessárias ao bom governo das sociedades, da conveniência de obedecer a essas leis; Estela compreendeu que podia ser, ao mesmo tempo, a amante e a esposa do seu bem-amado, que o seu amor não ficaria diminuído com uma formalidade social, e algum tempo depois o pretor de Luchou os declarou “unidos em nome da lei”, a eles que já o eram precípua e indissolúvelmente pelo coração.

Amavam-se. Diz-se que o amor nasce de um nada e morre por tudo. Sim, quando o fogo que ilumina a celeste centelha é fraco para o seu mister. Mas o verdadeiro amor se alimenta e se renova sem cessar na sua própria fogueira, sem nunca se esgotar. Sentia por ele uma paixão violenta, e por vezes as crispações nervosas de suas mãos, estreitando as dele, parecia entregar-lhe toda a sua alma, toda a sua vida, deixando-a, após um paroxismo de amor, inanimada, feito morta. Acaso não é o amor, perpetuamente, o sol da alma, luz, calor e criação? Ambos estavam emparaisados, viviam em um céu ideal e divino.

Os enamorados não têm sempre um pouco de loucos? A ardente e inextinguível paixão poderia existir sem as mil extravagâncias do espírito e dos sentidos? Deliciosas infantilidades, carícias extravagantes, não sois o que a vida tem de melhor? Para que tantas fadigas no trato das ciências, artes, política, se a vida passa tão depressa e tão facilmente é interrompida? Que vale toda essa confusão? Não é melhor nada fazer, sonhar, amar e colher flores? Tal é, parece, a reflexão que poderia atravessar o espírito de um filósofo epicurista assistindo aos entretenimentos de Rafael e Estela nessas “*hours of idleness*” cantadas por Lorde Byron, o voluptuoso poeta.

Nosso filósofo, outrora austero, tinha tesouros de sensibilidade que se revelavam todos os dias. Era uma natureza terna e carinhosa, até então incompreendida por ele mesmo.

Seus recreios amorosos renovavam-se sem cessar e associavam-se de um modo encantador aos seus trabalhos. Nunca deveriam conhecer o tédio, nem a lassidão. Um dia, após o almoço, à sobremesa, Estela ofereceu-lhe, na ponta dos lábios rosados, uma linda cereja da qual segurava o cabo entre os dentes. O convite era tentador. Envolveu o lindo corpo entre os braços e apanhou delicadamente a cereja com um beijo. E depois outra, e mais outra. Imaginou por sua vez guardar aqueles caroços de cereja para plantá-los! Saíam de sua boca, e pareciam-lhe mais preciosos do que diamantes. E, uma vez firmado nessa idéia, concebeu o projeto de formar, no grande jardim inculto do antigo convento, um pequeno pomar exclusivamente plantado de frutos que houvessem tocado seu corpo, seu corpo adorado! Os caroços de pêssegos e damascos, de cerejas ou rainhas-Cláudia, amêndoas, nozes, avelãs, receberam uma espécie de consagração amorosa, pelo contacto com aquela carne amada, e foram sucessivamente confiados, no decorrer desse primeiro verão, ao seio da terra geradora. Que encanto seria ver essas pequenas árvores saírem do solo na próxima primavera, acompanhar cada ano o seu progresso, crescendo, desenvolvendo-se, e um dia comer os seus frutos!

– Meu Rafael, tu és verdadeiramente um louco completo.

Mas, deixava-o agir; e esses frutos preciosos tomavam, ao contacto do corpo querido, uma espécie de parentesco com ela, e era com recolhimento, com um cuidado zeloso que Rafael procurava no antigo pomar do convento os melhores lugares para semear a terra virgem com essas sementes nupciais. Já via no futuro as cerejeiras, aveleiras, balançando as ramagens verdes ao sopro dos ventos primaveris, darem flores e frutos. Mas, pensou, desejaria ter também um pequeno bosque vindo de Estela, para deitar-me um dia à sua sombra, um “bosquezinho de grandes árvores”! E por uma bela tarde trouxe castanhas e sementes de carvalho, apanhadas na floresta, para receberem também o batismo do seu contacto carnal, e, em outro canto do jardim, plantou-as em um pequeno cerrado. E, sem calcular sequer o tempo necessário para que as árvores atingissem as verdadeiras dimensões, experimentou uma satisfação estranha só em colocar

também, ali, algo de sua bem-amada, que tomaria corpo e viveria no futuro, guardando segredos encantadores, quais as árvores antigas da floresta de Dodona guardam os dos oráculos.

O solo era excelente; escolheu para cada espécie de árvore uma situação apropriada à sua natureza vegetal, deixou os carvalhos e os vegetais mais rústicos na proximidade do Observatório, sobre a fria elevação, e os damascos e pêssegos a um canto abrigado, junto ao riacho, onde o Sol de Espanha certamente os amadureceria. Estela ouvia-o, não sem um secreto prazer; era feliz por sentir que ele queria envolver completamente a vida e a morada com todos os ecos possíveis da sua terna música de amor.

Desde a primavera seguinte, com efeito, viram sair da terra pequenos carvalhos, castanheiros, pessegueiros, pereiras, cerejeiras e aveleiras. E um dia em que contemplava com amor o nascente viveiro vegetal, meditando sobre a sua origem, exclamou.

– *Paraíso!* Sabes que paraíso quer dizer jardim. Jardim de delícias! Este velho convento não tinha mais nome. Chamaremos de “o Paraíso”.

Viviam acima de tudo pelo espírito, pela imaginação, pela arte de amar, preocupando-se pouco com os grosseiros prazeres da mesa, que têm grande importância na vida dos homens em geral, e também não se preocupavam muito com o que se costuma chamar conforto. Embora cuidando da sua pessoa, conservando com zelo o enxoval, aliás, finíssimo, Estela se habituara à simplicidade e frugalidade do “Solitário”. Imitando-o, nunca provara um licor ou café. Não sentiam a falta dessas espécies de exigências modernas.

Continuavam a viver além das nuvens, planando no céu luminoso e infinito. Poder-se-ia acreditar que eram as duas asas de uma só alma.

Mil fatos, na aparência insignificantes, davam aos dois as provas recíprocas e constantes da mais profunda ternura, assim exemplificados: Um dia (de início, ficavam juntos; mas, depois de alguns visitantes, adotaram a colocação comum), enquanto

almoçavam em face um do outro, ela estava assaz alegre e rira durante a refeição, quando de repente sua fisionomia se convulsionou, seus olhos se encheram de lágrimas e ela rompeu em soluços.

– Que tens? perguntou Dargilan. Já observei essas mudanças bruscas de humor, sem poder compreender uma palavra.

– Observava-te, respondeu ela. Vejo o brilho dos teus olhos...

E rompeu de novo em soluços, escondendo a cabeça entre as mãos.

– Tu és extraordinária! exclamou Dargilan.

– Meu amor, trabalha muito! Oh! Esses olhos! Se eu os perdesse! Quando penso que um dia mor...

E não pôde completar a frase. Seu semblante estava inundado de lágrimas.

Algumas vezes, observava-o em silêncio, contemplava-o, por melhor dizer, depois se precipitava sobre ele, apertava-o com violência em seus braços e cobria as faces, seus olhos, sua fronte, de beijos multiplicados.

E ele nunca passava perto dela sem lhe fazer uma terna carícia, e jamais saía, mesmo por uma hora, sem abraçá-la; nunca adormecia, nem despertava, sem que o seu último pensamento da noite, e assim o primeiro pensamento de cada novo dia, não fosse exclusivamente para ela. Tal existência era séria, e se tornava deliciosa, encantada. O amor é verdadeiramente uma luz celestial.

A admirável natureza que os rodeava era um quadro digno daquele blandicioso idílio. Ambos compreendiam e amavam esses grandiosos espetáculos. Em seus passeios sob os arvoredos, os corações cantavam com os ninhos, desabrochavam com os raios do Sol, elevavam-se com os perfumes das plantas e das flores. As formas tormentosas das nuvens que correm pelo céu, carregadas pelas correntes chuvosas do sudoeste, o sadio e penetrante odor das árvores depois da chuva, as rajadas mornas que sopram entre os galhos, a iluminação das paisagens do pôr do Sol, o vento que perfuma e purifica, o murmúrio longínquo das torrentes, o ruído agudo e monótono dos grilos ao cair da noite, o

chamado dos cucos, o grito estridente do pássaro zombeteiro que foge, as borboletas que perseguem, toda essa vida intensa e perpétua da imensa Natureza se associava à deles, e por vezes se sentiam senhores desses soberbos Pirineus – que lhes abriam todos os seus tesouros de vitalidade –, senhores do solo e das Alturas.

Estela amava o luar, luz doce e virginal, que parece reunir a Terra ao Céu e que, saturando a atmosfera de uma espécie de vapor etéreo, derrama encanto misterioso no sono da Natureza. As brancuras são mais alvas; os escuros se tornam mais negros. Figuras fantásticas se desenham nas árvores da estrada; os abismos dormem aos pés dos rochedos. Sobre o caminho esbranquiçado, as sombras de ambos formavam uma só, uma sombra dupla, caprichosamente variável.

Nas noites de verão, o ambiente permanecia aquecido pelo calor do dia, e eles iam silenciosos, ao longo do caminho alvacento, entre as árvores, seguindo os muros, olhando suas sombras móveis, mudando de poses, formando silhuetas diversas.

– Olha, dizia Dargilan, parece que te abraço e, no entanto, não te toco. Aí está a imagem da História. Acredita-se tudo saber, nada se sabe do fundo das coisas.

– Observa como vamos bem unidos! Respondia Estela. Queres que eu fique menor? Basta que me abaixe um pouco. Reconhecer-te-ia de longe, só pelo perfil da tua sombra.

Ele se voltava para contemplá-la. A carne de seu pescoço tinha a alvura do leite; o braço, que ela acabava de levantar, e do qual pendia a manga, valia por um mármore de Paros; os olhos brilhavam, e os pequenos dentes pareciam pérolas iluminadas.

Era preciso parar. O amoroso sábio enlaçava-a e a cobria de beijos. Estela ficava mais formosa àquela celeste luz. Nunca seu belo corpo lhe parecera de tão estonteante alvura. Desejaria vê-la toda, qual Vênus saindo das ondas, naquela claridade.

– Senhor astrônomo, não se pode fazer um passeio sentimental convosco. Vós outros, os homens, nos amais com os sentidos.

– Nós outros, os homens? Dir-se-ia que conhecestes um regimento!

– Rafael!

– Pois bem, sim, somos homens. Não eu: sabes que te amo com a alma.

– Não acredito mais. Tu não podes ficar quieto. Sabes, meu Rafael, que para mim representas todos os homens, em grau mais perfeito. Pois bem, o mais perfeito de entre vós ainda é muito material. Eu não tenho necessidade dessas demonstrações. Seria tão bom irmos assim, de mãos dadas, tranqüilamente sem...

– Sem?... Sem nos abraçarmos?

– Não, abraçando-nos, se queres, porém docemente, gentilmente, sem essa ferocidade que te assalta, às vezes, qual se quisesse devorar-me.

– Minha Estela querida, falas assim porque é mulher. Sabes em que pensava quando te arranquei o broche há instante? Não era em ti. Estás contente agora? Pensava na bela Helena.

– Que dizes?

– Sim. Não sei se ela era tão elétrica, igual a ti; mas, recordo que os gregos davam o nome de elétron a um metal, liga de ouro e prata, e que dele Helena mandara fazer uma taça, moldada na forma do seio, para oferecê-la a Páris.

– Meu poeta, esqueces a Astronomia. Eu não. Olha, as estrelas empalidecem ao clarão da Lua. Porém a minha não esmaece. Vês ali? Nunca me disseste por que lhe chamaram Vega.

– Examina aquela estrela resplandecente com as duas menos brilhantes que a acompanham. Os árabes compararam essa disposição a um abutre que fecha as asas, como se quisesse deixar-se cair, e aí está porque lhe chamavam “caindo, Waki”. Essa palavra se transforma em Wega e depois Vega.

– É bem comparado. Quando Vega está abaixo das duas estrelas, parece um pássaro caindo, com a cabeça para diante e as asas para trás, enquanto que, ao lado, a Águia tem as asas estendidas, planando sobre as margens do rio lácteo.

Em seus passeios, palestras e leituras, Estela se iniciou gradualmente em todas as curiosidades da Astronomia. Depois se tornou, ela própria, excelente observadora. Após ter admirado os

prodigiosos efeitos de luz produzidos sobre as montanhas da Lua, pelo despontar e pôr do Sol, o rendilhado maravilhoso dos círculos lunares, as belas noites em que o quarto crescente recebe a iluminação oblíqua, que tanto relevo dá às paisagens do nosso satélite, quis também observar as manchas do Sol e ensaiou desenhá-las. Certo dia, uma dessas manchas estava tão grande que era possível observá-la sem luneta, bastando proteger a vista com um simples vidro azul enfumaçado. Era um lindo dia de verão e o ardor do Sol era intenso.

– Essa mancha, que parece um ponto, disse ele, é quatro vezes maior do que o diâmetro total da Terra.

– O Sol é quente! Exclamou Estela. Dizes, não é verdade? que estamos a 148 milhões de quilômetros de distância. Os habitantes de Mercúrio, que se acham quase três vezes mais próximos do que nós, devem estar assados. Quando era criança, pedia para tocar a Lua com as minhas mãozinhas. Nunca pediria para tocar o Sol.

– Se tivesses o braço bastante comprido para chegar lá, minha bela, não sentirias a queimadura.

– E por quê?

– A impressão nervosa não é instantânea: ela se transmite ao longo dos nervos com velocidade de 28 metros por segundo. A sensação da queimadura não chegaria ao teu cérebro em menos de 167 vezes 365 dias.

– Realmente, nada iguala à Astronomia, para nos imergir a cada instante nos abismos do Tempo e do Espaço. Mas, escuta o canto dos pássaros: é maravilhoso neste momento.

– Sim, delicioso! E é ainda da Astronomia, porque é o Sol que gorjeia na garganta dos pássaros.

O amoroso sábio, já o vimos, não perdia tempo em pensar nas minúcias da vida material. Absorvido pela sua ciência, e absorvido duplamente pelo seu amor, esquecia preocupar-se com o futuro, e vivia em negligência infantil. Sua jovem companheira não pensava melhor. Talvez houvesse mais apego de um pelo outro nessas situações modestas, do que haveria nas de luxo e abundância.

Certo dia, entretanto, um sentimento doloroso o convidou bruscamente a descer das alturas. Era numa bela tarde de verão. Tinham partido para as montanhas, à procura de fósseis, com que formavam uma coleção. A luz era viva e punha em relevo todos os tons. A Natureza cantava uma adorável sinfonia.

Ao sair da sombra das árvores e chegando ao caminho, o filósofo reparou que as luvas de Estela estavam com orifícios, que o veludo do seu corpete havia desbotado e o cabo da sombrinha estava partido.

Durante toda a noite refletiu, e na manhã seguinte observou outros vestígios que tiveram o dom de perturbá-lo profundamente.

Já alguns meses antes, fora tocado por um ato de abnegação bem comovente. Estela herdara de sua mãe dois esplêndidos brilhantes, que ele lhe vira algumas vezes nas orelhas. Apresentou-se ocasião, certa noite, de fazer uma experiência sobre a refração e ele lhos pediu, para esse fim.

Estela mostrou ficar muito embaraçada, e respondeu, a princípio, que não sabia onde estavam; enrubesceu, perturbou-se. Entretanto, ele sabia perfeitamente bem que lhos traria de boa vontade, mesmo que fosse para queimá-los e até reduzi-los a carbono.

– Ocultas-me alguma coisa! Exclamou.

– Sim.

– ...

– Lembras-te, no inverno passado, do teu grande desejo de comprar, para a tua biblioteca, as “Memórias da Real Sociedade Astronômica de Londres”? Vi quanto a almejavas, e também que renunciaste à compra por motivo do elevado preço da bela coleção.

– Dois mil e quinhentos francos!

– Sim. Pois bem: fiz acreditasses que aquela sábia sociedade tas presenteava. E tu me encarregaste de agradecê-las na qualidade de tua secretária. Isso foi o que eu nunca fiz, por que... fui a Luchon com os meus diamantes. Um joalheiro me ofereceu

exatamente dois mil e quinhentos francos, e ali os deixei. Não foi grande sacrifício, porque eu não os uso mais. Meus diamantes... são os teus olhos.

De outra vez, durante uma doença da jardineira, que reclamava os cuidados assíduos do marido, já velho e alquebrado, junto dela, surpreendera-a escovando as roupas e notara na respectiva prateleira os seus calçados que acabavam de ser lustrados por ela.

Experimentou, pela primeira vez, o sentimento de um novo dever, e sentiu caber-lhe um imperioso encargo maior. Grandes jornais de países estrangeiros lhe haviam, muitas vezes, dirigido pedidos de colaboração, aos quais não dera resposta, preferindo trabalhar nas suas queridas pesquisas científicas, do que aumentar os rendimentos. Pareceu-lhe, agora, que devia resignar-se a consagrar mais algumas horas por mês a esse aspecto, para ele desagradável, dos interesses materiais. Sua Estela, tão amante e tão devotada, sofria talvez, em silêncio, a sua mudança de condição, do que ele, na sua brutal cegueira, não se apercebera. “Anjo adorado! O homem é um monstro de egoísmo.”

Desde esse momento sua decisão foi tomada. Em vez de enviar o artigo mensal apenas a Paris e a Londres, o endereçou, simultaneamente, ao “Novoie-Vremia”, de São Petersburgo; ao “Pesti-Hirlap”, da Hungria; ao “Século”, de Milão; ao “Aftonbladet”, de Estocolmo; a “La Nacion”, de Buenos Aires; ao “Universal”, do México; e, em vez de quinhentos francos, por mês, passou a receber, daí em diante, mil e quinhentos, sem perder mais de três dias nesse múltiplo trabalho. Às vezes, perguntava-se se não errara, recusando uma fortuna; mas, sentia que a obrigação do trabalho é uma lei natural, útil, necessária mesma para manter a atividade do cérebro, e não se lastimou. De resto, sentia-se feliz de ser, por assim dizer, forçado a redigir essas notas sobre os grandes fatos da ciência contemporânea e, ao mesmo tempo, espalhar pelo mundo os conhecimentos científicos e educar os espíritos no culto da verdade pura. Sem embargo, recusou outras solicitações de Berlim, Viena, Atenas, Constantinopla e Amsterdã, achando o seu orçamento mais do que suficiente.

A partir de então, a vida material para ambas foi mais confortável, mais cuidada, mais agradável. Tomou um camareiro e uma cozinheira; ordenou a Estela que renovasse seu guarda-roupa; ocupou-se até com as suas toaletes; quis que ela retomasse a sua antiga revista de modas, e fizesse os vestidos em Paris. Porém a vida intelectual continuou sempre em primeiro plano.

Em lembrança dos diamantes, tão generosa e simplesmente sacrificados à Ciência, ele lhe fez a surpresa de excelente e magnífico piano Ehrard que, um belo dia, Estela encontrou entronizado na biblioteca. Com que alegria retomou sua querida música, absolutamente relegada. No seu esquecimento de tudo, nada lastimara; mas, isso, para ela, valeu por uma nova vida. Sabia interpretar com sentimento apurado as inspirações musicais, que são uma poesia da alma. Dargilan a ouvia com o júbilo interior de quem contempla a harmonia de um lindo poente.

Que horas deliciosas passaram um e outro, na audição das celestes sinfonias dos grandes mestres, que souberam traduzir, em sonoridades maravilhosas, as forças da Natureza e as paixões da Humanidade!

Sua vida científica foi ainda mais embelezada, mais encantadora.

Um grande químico disse que a verdadeira felicidade lhe aparecia sob a forma do sábio, que consagra suas vigílias à penetração dos segredos da Natureza, à descoberta de verdades novas. Tanto quanto o químico, o físico e o naturalista, o geólogo e o astrônomo experimentam tal ventura perfeita; mais profundamente ainda, o primeiro, remontando os cursos das idades; o segundo, avançando no infinito do Espaço, e a sua vida intelectual se estende, por assim dizer, em imensidades sempre renovadas.

Insensivelmente, gradativamente, a felicidade de Rafael se tornou a felicidade de Estela.

– Meu amor, dizia ela com freqüência, se me oferecessem todos os tesouros da Terra, todos os prazeres imagináveis, jamais consentiria em tentar sequer trocar a minha vida pela da rainha mais invejada. O Céu, a Ciência, a Natureza, os escritos dos

homens superiores, nossa afeição – que vem do Infinito e que nos inebria... eis a verdadeira felicidade. É supremamente boa! Às vezes temo que não perdure.

XXVII

Onde se parte de Lourdes para chegar a Deus

O Dr. Bernardo, nos seus passeios pelos arredores de Luchon, ia, de tempos em tempos, passar uma hora com eles, conversar sobre as novidades científicas, levar-lhes também um ligeiro eco do mundo dos despreocupados. Era sempre o céptico que conhecemos, e os mais belos espetáculos telescópicos não lhe faziam vibrar qualquer corda sensível de admiração por uma Causa inteligente. Um dos fatos que tinham mais fortemente agido sobre seu espírito, para reforçar e cristalizar, de algum modo, o seu ateísmo, foi a história de Lourdes, que se passara na sua vizinhança e sob seus olhos. Nivelava as religiões, os sistemas teocráticos que, em todos os países, têm tão longamente subjogado as consciências sem esclarecê-las, com a Religião, com o sentimento religioso em si, com o Deísmo puro. Não podendo ser católico julgava-se, conforme vimos no direito de ser ateu.

Muitas vezes, discutia com o filósofo. Um dia, a discussão se acalorou logo, porque, ao chegar ao aposento dos dois esposos, onde fora recebido familiarmente, percebeu uma obra intitulada “Nossa Senhora de Lourdes”, por Henrique Lasserre.

– Como! Exclamou. A senhora lê dessa qualidade de livros?

– Leio um pouco de tudo. Esse me interessou. Não sou a única. Veja: está no tricentésimo milheiro.

– É o maior êxito de livraria, desde a invenção da imprensa, acrescentou Dargilan.

– E a exploração da aparição da Senhora P. à pequena idiota é um dos melhores negócios comerciais da nossa época, replicou em tom acre o médico.

O oficial é que deve ter rido! acrescentou, principalmente quando viram gravadas em letras de ouro, sobre uma placa de mármore, as palavras de sua amiga a Bernardete: “Vai-te lavar e come erva”, confidência verdadeiramente divina e merecedora de ser conservada religiosamente.

Não achais que a origem de Lourdes lembra um pouco a do romance da senhorita de la Merlière, em La Salette?

– O amor tem muitas vezes desempenhado grande papel nas coisas da devoção, disse Dargilan. Podemos recordar também a história de Maria Alacoque, em Paray-le-Monial, e do Padre de la Colombière, quando da fundação do Sacré-Cœur. Seja como for, a Sra. P... teve uma inspiração que trouxe milhões ao seu país. Deve-se-lhe reconhecimento.

– Certamente. Não se tem sido ingrato para ela, e todo mundo se entende, por meia palavra, sobre esse ponto. Mas, como quereis que os protestantes não ridicularizem abertamente a culto moderno da Virgem Maria? O que se passa em Lourdes é idêntico ao que se passava, há vinte séculos, no templo de Esculápio, em Epidauro. A mesma credulidade, os mesmos fenômenos nervosos, o mesmo alimento à superstição popular pelos sacerdotes encarregados do ídolo.

– A mentira religiosa me revolta, tanto quanto a vós, replicou Dargilan, e é por isso que um homem honesto, fazendo uso da sua razão, não se pode encarcerar nas fórmulas de nenhuma religião, pois em todas a mentira se infiltrou. É humano. E depois, confessemos, a Humanidade gosta de ser iludida. É quase uma necessidade para ela. Precisa de ilusões, e os que lhe mentem prestam serviço. Veja esses bispos que, após a guerra de 1870, fizeram erguer estátuas à Virgem próximo das cidades onde os prussianos não entraram – Langres, Haure, Poitiers, etc. –, asseverando ter sido ela quem as protegeu. Entretanto, eles sabem, tão bem quanto o sabemos nós dois, que isso não é verdade. Veja o “ex-voto” e os círios de Nossa Senhora das Vitórias para os números premiados na loteria e bons resultados nos exames! Essas superstições ingênuas estão ainda tão vivas quanto no tempo da deusa Cibele. Os sacerdotes disso vivem. E a audácia da pretensa “promessa nacional”, em Montmartre!... Porém, esses erros da nossa pobre espécie não impedem acreditar no Deus absoluto e íntegro de Jesus, de São Paulo, de Platão, de Marco Aurélio, Kepler, Newton, Pascal, Linneu, Euler, Hugo, nem tampouco impedem os erros dos adoradores de Buda,

Osíris, Júpiter e tantas outras divindades imaginárias. O Desconhecido paira mais alto.

– A crença é um sentimento. Não é ciência. Lalande e Laplace eram ateus. Vós sois poetas.

– Meu caro doutor, o astrônomo que vê no céu apenas massas e distâncias não suspeita sequer da realidade, pois a realidade é a vida universal, irradiando no Espaço através da eternidade. Recusar à Ciência o sentimento poético é ignorar o coração de todos os sábios que o experimentam; é não ter lido nem Kepler, cujas excelsitudes são tão sublimes; nem Linneu, “vendo a sombra de Deus passar perante a face da Natureza”; nem Euler, que aconselhava aos pregadores fazerem os seus sermões sobre as maravilhas dos céus; nem Pascal, perdendo-se no seio do infinito até à loucura; nem a mor parte dos sábios em todos os ramos da Ciência. Sem dúvida, houve, e há notoriamente hoje, sábios inteiramente cépticos e tão secos quanto madeira morta; há outros que são anti-religiosos, por protesto contra os cultos; há outros também que fazem da Ciência o que se faz com um ramo de negócio, e têm por único fito na vida o dinheiro, os empregos e as honrarias. Que prova isso? Nada contra a Ciência em si, que os afoga na sua grandeza; de igual modo que a declaração fantástica da Sra. P... e o embasbacado da pequena Bernardete nada prova contra o Criador da Via-Láctea.

A Ciência, ao contrário, é a soberana inspiradora, porque engrandece até ao infinito os horizontes do nosso pensamento. A emoção da alma, perante o céu estrelado, é diversamente profunda para o espírito que vê o insulamento do homem e da Terra no seio da imensidade sem limites, povoada por milhares de outros mundos, do que para o olho ignorante que apenas divisa pontos luminosos encravados em uma abóbada. Nem há mesmo comparação possível entre os dois sentimentos. É preciso jamais ter sentido o calafrio do infinito e da eternidade, esse calafrio do qual às vezes nos surpreendemos ter saído vivos – quando nos atravessou, para atrever-se a acusar a Ciência de ser antípoda da poesia.

O estudo do céu me dá de Deus uma idéia mais elevada e mais sublime do que poderiam fazê-lo todas as definições huma-

nas. O Infinito prova Deus. Mas o Deus dos astrônomos não pode ser o Deus dos exércitos, de Filipe II, de Maomé; não derrama sangue, nem em nome da Cruz, nem do Crescente; não conduz às infâmias da Inquisição; não faz queimar vivo um herético; não aprova a matança de São Bartolomeu; não sustenta o erro; não condena Copérnico e Galileu; porque Ele é a Suprema Justiça e a Suprema Verdade, e paira impecável na sua pura luz.

É por acreditar em Deus que não sou cristão. Todas essas inépcias revoltam a minha adoração. Teria sido cristão no tempo das Cruzadas, quando, à voz de Pedro, o Eremita, todos os corações palpitavam pelo túmulo do Cristo; quando o rei São Luís simbolizava, pela candura e piedade, o estado de alma dos crentes; quando, nas irradiações da divina fé, os homens se imolavam com convicção pela posse do Céu. Teria sido cristão no tempo em que a prece elevava no êxtase as arcadas góticas das escuras catedrais e se espalhava qual incenso puro, nos santuários das igrejas. Teria sido cristão com os mártires das catacumbas, quando as aspirações da religião nova santificavam a Humanidade, e a Palavra Divina vinha arrancar as almas à torpeza da decadência romana. Sim, eu seria cristão com Vicente de Paulo, com Francisco de Assis, com Ambrósio de Milão, com Fenelon, com os espíritos superiores e os grandes corações; porém não o sou com São Domingos, o Inquisidor; com o Papa Urbano VIII, que condenou Galileu; com Alexandre VI, o Bórgia; com os massacradores da noite de São Bartolomeu; com o Bispo Cauchon, que acendeu a fogueira de Joana Arc; com o piolhento Benedito José Labre; com os administradores da gruta de Lourdes.

– Mas, replicou o médico, também podíeis ter sido com Napoleão e a Concordata!

– Quereis dizer que a religião pode ser considerada uma organização social, útil aos bons costumes e ao funcionamento de um governo ponderado. É a opinião geral. O papa, os bispos, a disciplina eclesiástica, são útil auxiliar do poder, e a educação cristã das crianças as mantém, por muito tempo, em uma sã concepção do dever. Eu vo-lo concedo. Diz-se: Sejamos católi-

cos na França, protestantes na Inglaterra, muçulmanos no Egito, budistas no Japão e na China, como diríamos. Sejam bons cidadãos e obedeçamos às leis. Mas, para mim, isso não é religião. Trata-se de ser sinceros. Não aprecio, de modo algum, aquele que vai à igreja para mostrar que é “equilibrado”, para ser escolhido pela mãe de uma rica herdeira ou fazer negócios. O interesse é desprezível. Tenho a religião em mais alto apreço do que uma simples decência social. O sentimento religioso reside na aspiração da alma para a Verdade, na sede de conhecer nossos destinos futuros, nas convicções espirituais que a Ciência nos pode fornecer. O sentimento religioso é essencialmente pessoal. É sincero ou não é. E como duas verdades não podem ser contrárias uma à outra, é necessário primeiramente que as nossas crenças estejam de acordo com o que é conhecido, e, mais do que tudo, com o que sabemos sobre a construção do Universo.

Não é absolutamente sob o ponto de vista teosófico que falo, meu caro doutor, mas no de cientista. Tenho o mesmo desprezo vosso pelos homens que especulam com a fraqueza e a ingenuidade humanas, sejam sacerdotes ou políticos; abomino a hipocrisia. Para mim, porém, o espetáculo da Natureza demonstra a existência de um *Espírito dirigente*.

Não existe o acaso. Todo fenômeno é efeito de uma causa.

Os fatos observados, os ninhos dos pássaros, a coragem das mães, a postura dos ovos pelas moscas ou pelas borboletas, o alimento de um mamífero, a atração dos sexos, a organização do corpo humano – tudo prova uma finalidade, um plano no estado atual das coisas terrestres.

A imensidão do céu, o número incalculável de sóis e de sistemas, testemunha uma grandeza ante a qual o homem não é mais do que um átomo.

A justiça existe na mecânica celeste. Nela, erro algum é possível.

A história da vida terrestre, desde as mais antigas épocas geológicas até nossos dias, mostra um progresso gradativo e constante. *Esse progresso é uma lei à qual a Natureza obedece. Essa lei é de ordem intelectual.*

As matemáticas, a geometria, a física, a óptica, que exprimem em fórmulas o estado de coisas existentes, indicam uma organização intelectual do Universo.

Nossa faculdade de contar, abstrair, nosso sentimento do justo e injusto, do verdadeiro e do falso, a bondade, a maldade, não podem ser produtos da química cerebral. O mundo psíquico tem uma existência tão certa quanto o mundo material.

Assim falou o filósofo. Quando abordava o tema, dizia tudo o que tinha a dizer, e, geralmente, deixavam-no falar sem interrompê-lo. Entretanto, o médico manifestara, mais de uma vez, sinais de impaciência.

– Meu caro amigo, disse de jacto, com acintoso ar de desdém, está bem próximo de deixar vossa esposa ir à missa.

– Não sou intolerante. Se ela o desejar...

– Meu Rafael, que estás dizendo? Exclamou Estela.

– É uma convenção idêntica a outra qualquer, replicou docemente o astrônomo. A senhora Littré vai à missa, e Littré, ateu, a deixa ir.

Porém, a linda Estela pareceu revoltada.

– Sim, exclamou, a maioria das mulheres vão à missa, e levam as filhas e os filhos, mesmo sabendo que se acha em contradição absoluta com as idéias dos maridos. Aí está justamente o que impede e impedirá, por muito tempo, o avanço do progresso. Os filósofos trabalham em vão, porque suas próprias companheiras destroem esse labor. Elas menosprezam pura e simplesmente o homem cujo nome usam. Os padres sabem-no bem, e sorriem superiormente. Não sou dessas mulheres. E se eu não tivesse já apreciado a tua extraordinária bondade, tua tese ter-me-ia feito “cair das nuvens”. O amor torna os homens fracos. A mulher deve ser superior ao homem no seu amor.

Aproximou-se dele. Dargilan levantou-se, envolveu-lhe o fino talhe nos braços e pousou os lábios em seu pescoço perfumado. O Sol lançava seus dourados raios através dos vidros, e sua luz parecia aureolar de um nimbo aéreo a cabeleira vaporosa de Estela.

– Tu não me amas somente pelo coração, disse, amas-me também pelo espírito. Estava seguro da tua resposta, porém quis ouvi-la. Meu caro doutor, acrescentou, Vede que somos, todos três, da mesma opinião sobre esse ponto, e que não iremos à missa.

– Dr. Bernardo, ajuntou Estela, meu marido é um anjo. Tenho a sua religião. Não terei outra.

– Não compreendo meu caro doutor, prosseguiu Dargilan, não admitais comigo que o mundo visível é apenas uma aparência, ocultando o mundo invisível. Sabeis, no entanto, que uma bigorna é um conjunto de átomos intangíveis, em movimento, e que não se tocam entre si. O ser humano, verdadeiro, não é o corpo que nós vemos, composto, por sua vez, de partículas invisíveis em circulação perpétua. É uma substância de ordem psíquica, que difere essencialmente dos produtos fisiológicos; que percebe e age diversamente, e que, sem embargo disso, obedece, qual a Natureza inteira, à lei suprema do progresso. Podeis comer bem, beber ou respirar, seja o que for; em hipótese alguma, os efeitos dessa atividade vital darão nascimento a um teorema de geometria, a uma pesquisa metafísica igual às que têm apaixonado todos os grandes espíritos, ou a um ato de devo-tamento. O raciocínio que constata que o quadrado dos tempos de revolução dos planetas está entre si na relação do cubo das distâncias, assim como a análise das faculdades da alma ou o sentimento que, em caso de perigo, faz escolher a morte para salvar um ser querido, nada têm de comum com as secreções orgânicas. É outra coisa.

Objetareis que não se vê a alma. Admito o argumento, porém, repito: não vemos nada do que existe realmente. Vedes a força que sustenta a Terra no Espaço? Vedes a gravitação universal? Vedes o magnetismo cósmico? Vedes o magnetismo humano?

A questão é esta: a alma existe? Sobrevive ela à morte do corpo? Em que se torna? Onde estaremos, que seremos daqui a um século, há dez séculos, durante a eternidade?

Não há outro problema além deste. É o que todas as religiões pretendem resolver. É o grito supremo do coração humano em

todas as eras, em todas as raças. Os teólogos afirmam que a religião cristã resolveu o problema, e que a Ciência faliu na sua missão de resolvê-lo. Estão errados.

Quanto aos sábios que contestam, caem em erro mais profundo ainda. Os primeiros, pelo menos, apresentam o problema e, dogmaticamente, proclamam havê-lo resolvido. Os segundos, que se intitulam representantes da Ciência, nem sequer o apresentam, e parecem ignorá-lo. Admitem que possam estar satisfeitos com os progressos materiais e sociais da Humanidade, e resolvem, a seu modo, os nossos desejos de imortalidade, predizendo uma era de felicidade para os nossos descendentes no cenário do mundo. Que nós saberíamos a esse respeito, uma vez que não existiremos mais? A solidariedade humana, o reinado da justiça no porvir: eis aí, na opinião deles, a grande satisfação moral que a Ciência nos pode dar. É o aniquilamento, de vez que a Humanidade terrestre acabará. Quanto à imortalidade pessoal, ou bem a negam absolutamente, afirmando que a faculdade de pensar não passa de uma função do cérebro e desaparece com a cessação do seu funcionamento, ou então declaram que a ciência positiva nada pode procurar nesse domínio, que lhe estará sempre fechado, domínio do agnosticismo, que declara ser o Absoluto inacessível ao espírito humano.

Aí está o erro, o louco e inqualificável erro dos sábios, quanto dos teólogos. Estes acreditam saber tudo, e tudo ignoram; aqueles sabem um pouco e não imaginam que a Ciência possa ir mais longe. Se considerarmos esses doutrinários em bloco, vemos que os crentes são simples iluminados, admitindo tudo sem provas, e que os científicos são ateus e materialistas, mais ou menos convictos, Porém, a verdade, não a encontro nem entre uns, nem entre os outros.

Se as ciências exatas, a observação, o estudo dos fenômenos, nada nos ensinarem a respeito da existência da Alma e sua imortalidade, nunca saberão mais nada porque – ainda uma vez – só se pode saber o que se aprende. Não existe revelação sobrenatural. Que Moisés, Jesus, Maomé, Brama, Buda, Confúcio, Platão, ou um inspirado qualquer nos afirme tudo quanto queira: um homem sensato só pode admitir tais afirmações quando

estiverem de acordo com o seu saber. Se elas lhe aparecerem inaceitáveis, ele não as aceitará. É sempre necessário, para uma crença qualquer, partir de um primeiro ponto inicial, aceito pela razão. É pois, em última análise, a razão quem julga, e ninguém contestará que a razão esclarecida seja superior à razão ignorante. Ainda que um teólogo ensine, qual se tem feito durante tantos séculos, que o céu é uma abóbada sólida, por cima da qual reina a Trindade, rodeada de anjos e de santos, e que nossas almas vão para lá depois da morte, ou então para o purgatório ou para o inferno, sabemos que semelhante concepção do Universo é falsa e não a aceitamos. Nossas idéias e nossas crenças devem, antes de tudo, estar de acordo com a verdade científica demonstrada. A antiga concepção geocêntrica e antropocêntrica está irremediavelmente condenada em nossos dias. Não há muito tempo, porém, que o debate ficou encerrado.

O problema da Alma é o primeiro de todos. Prima até sobre o da existência de Deus. Entre nossa existência e a de Deus, a que nos interessa mais é a nossa. Vós viveis, é o principal para vós. O mesmo será dentro de dez ou cem decênios. Quanto a Deus, podeis discuti-lo, afirmá-lo ou negá-lo: não o sentireis qual vos sentis a vós próprios. Repito: só existe realmente uma questão capital para nós outros, dominando todas as outras: a do nosso ser pessoal.

Aí está, pois, o que devemos estudar: em primeiro lugar, o ser; em segundo, o Universo.

Como age a alma?

– Se o puderdes explicar, disse o médico, eu farei erigir a vossa estátua em vida.

– Sabeis tão bem e até melhor do que eu, continuou Dargilan, que a eletricidade desempenha um papel imenso, apenas entrevisto, o qual, para o ser humano, começa com a geração... Vós compreendeis...

Uma atmosfera de eletricidade nos envolve. O sistema nervoso não está circunscrito ao nosso cérebro, à nossa medula, aos nossos nervos: irradia em torno. Nosso pensamento age à distância, não somente com a nossa voz ou o nosso olhar, porém muito

mais longe, e silenciosamente. Nossa alma reside em um corpo astral, que se pode desprender do corpo terrestre. Nunca procurastes explicar as simpatias e antipatias? Ações da alma à distância, harmonias ou cacofonias de vibrações.

E os pressentimentos, e os sonhos premonitórios, e os fatos psíquicos, e a telepatia?

A descoberta da atração das sensibilidades e das vontades, da penetrabilidade das consciências, será, no século próximo, bem mais importante e fecunda do que a de Newton para os corpos celestes. E fundará a psicologia científica. A Ciência se purifica.

O ser psíquico desenvolver-se-á nas suas sensações e no conhecimento de si próprio, tal qual ocorreu com o ser físico. Abri as páginas da história geológica da Terra. A princípio a luz brilhava sem que olhos se abrissem para vê-la. Após milhares de séculos, o nervo óptico rudimentar, informe, quase insensível, do trilobita, aparece. Insensivelmente, o órgão se esclarece, apura, aperfeiçoa, até chegar à transparência cristalina do olho humano e à sua potência óptica. Pois bem, a nossa Humanidade é ainda animal, e o nosso ser psíquico apenas desperta. Ele se sente, procura, sonha. É um olho interior, lento no esboçar-se, ainda cego, mas que procura, quer a luz. Irá aperfeiçoando-se sem cessar, e então se mostrará.

Não nos fiemos nas aparências: são falsas e enganosas.

Sem dúvida, parece que a nossa faculdade de pensar nasceu com o corpo, e com ele morrerá. Sim, parece-nos; mas é errado.

Se a lagarta pensasse, acreditaria morrer no sudário necromorfo da crisálida, pois não poderia adivinhar que a borboleta e ela são um só e mesmo ser. Seus olhos chegariam a ver as borboletas?

Dizeis sempre só admitir o que vemos. Então, para que serviriam o espírito, a reflexão, o entendimento, a razão? Sabeis o que vemos, mesmo em Física, em relação à luz? Nada, ou quase nada.

As vibrações etéreas, capazes de impressionar nossa retina e de serem sentidas pelo nosso nervo óptico, estão compreendidas entre dois limites muito reduzidos. Conheceis o espectro solar,

do vermelho ao violeta, e sabeis que todos os raios visíveis aos olhos humanos estão compreendidos nesse espectro. Sabeis também que os raios se prolongam tanto além do violeta, quanto além do vermelho; que os primeiros, invisíveis, porém de grande potência química, são visíveis, para o “olho fotográfico”, e foram fotografados com os seus riscos ou sulcos espectrais; e que os segundos, igualmente invisíveis para nós outros, são caloríficos e foram fotografados também, com o auxílio do bolômetro. Ora, sede, pois, lógico, e confessai que o mundo visível está longe de representar o mundo real. Atentai para o espectro atualmente conhecido: mede um metro. Vedes, ao centro, uma zona branca? É o espectro visível: mede cinco centímetros. Todos os outros raios nos passam despercebidos. Não sejamos, pois, tão “positivistas”.

E por que vemos tão pouco do próprio mundo físico? Porque estamos muito próximos ao Sol.

Nossos olhos, formados nesse meio tão luminoso, são quase cegos; nossa sensação óptica é rude, brutal, grosseira, e a amplitude das vibrações acessíveis ao nosso nervo óptico muito reduzida. Não vemos quase nada do que existe. Quando, saindo da viva luz de um lindo dia de verão, entramos em um subterrâneo, nele nada podemos distinguir. Se os nossos olhos se tivessem desenvolvido no ambiente de uma claridade mais suave, mais temperada, à semelhança do que ocorre em Urano ou Netuno, por exemplo, seu campo de captação seria incomparavelmente mais extenso. Mas, é assim: estamos na Terra. Não é uma corda vibrante de harpa ou de violino a que possui o nosso organismo; é uma barra de ferro. Não vibramos. Nessa condição a que chamamos “noite” está o estado real do Universo. Ardemos com a proximidade do nosso Sol. Observai este escorço do sistema planetário: Enquanto Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e os planetas transnetunianos descrevem com majestade suas órbitas imensas na extensão, Mercúrio, Vênus, Terra e Marte giram, dentro da própria órbita do astro deslumbrante, e é com dificuldade que os distinguimos. Nosso modo de percepção é acanhado e incompleto; a Ciência, porém, o desenvolve, revelando à nossa

razão o mundo invisível, imensidade na qual o mundo visível não passa de ligeira e frágil bolha de sabão.

Paradoxo tão estranho quanto incontestável: a noite é o facho da Ciência. Sem a noite, não conheceríamos o Universo, nunca teríamos visto as estrelas. O dia apaga a imensidão dos céus.

E os nossos olhos, formados nessa luz solar, não vêem nada, quase nada, e, sobre cem vibrações, só sentem algumas.

Sim, o mundo invisível é à base de tudo: mundo real, aberto à Ciência, e não um mundo imaginário ou sobrenatural. O sobrenatural não existe. A religião do porvir será a religião da Ciência, da Ciência que nunca mente!

Aqueles que duvidam da Ciência estão em errado caminho. Só se sabe o que se aprende, e nunca saberemos o que nunca nos foi dado aprender. Para fonte de aprendizagem, seja do que for, só temos a Ciência, e nada paralelo. É uma grande ilusão imaginar outras fontes, reais, de conhecimento.

– Evidentemente, replicou o médico. Só há a Ciência. Não devemos, não podemos afirmar senão o que soubermos. Eis porque não tenho temperamento religioso. Não duvido da Ciência, e digo que ela não nos prova a alma, nem a imortalidade.

– Sua missão não está terminada; apenas começa. É uma ilusão julgá-la pelo que nos tem dado até hoje. A Humanidade é jovem, muito jovem, criança ainda, e tem milhares e milhares de séculos pela frente. Se compararmos sua vida à duração de uma vida humana normal, poderemos estimar sua idade atual em um lustro, no máximo. Atingirá a idade da razão, ou seja, os sete, quando souber pensar. Ainda não chegamos lá. Ama-se a barbárie, a ruína e a miséria. É um prazer para a maioria dos homens. Não se pensa, não se raciocina ainda. Têm-se esse lustro de idade, é muito.

Meu caro Dr. Bernardo, imitais os escritores que pretendem julgar uma raça nessa idade. É um pouco ingênuo.

A consciência, a razão, está ainda em estado rudimentar em nossa Humanidade terrestre. Não podemos formar uma idéia do que será a Humanidade quando, a milhares de séculos, a consciência tenha atingido o seu pleno desenvolvimento. Haverá tanta

distância entre o nosso estado atual e esse futuro, quanto atualmente entre os animais inferiores e o homem.

Não, a Ciência ainda não nos deu o segredo da vida e da morte, porém no-lo dará. Se não chegar a esse ponto, é porque a Humanidade terrestre estará condenada a uma eterna incapacidade. Isso é pouco provável porque, se o nosso saber atual é ainda pobre, confessai que nos dá belos dividendos; que começa a penetrar no Invisível; que seus frutos já são maravilhosos; que temos alguns direitos de contar com o futuro.

A Ciência nos salvará da bancarrota das religiões.

Constato que vos chocais, e assim muitos outros, com essa bancarrota das religiões; mas, é preciso ver as coisas de mais alto. O Céu de Moisés, de Jesus, de Buda, de Maomé, não existe; os dogmas são erros. Que prova isso?

Prova que os homens caíram em engano, que as religiões, prometendo a verdade e pretendendo no-la terem dado, falharam, eis tudo. Porém, isso nada prova contra os nossos destinos.

Não se podia adivinhar a natureza real do céu, a constituição do Universo infinito, antes das descobertas da Astronomia.

A Astronomia é o facho, o único, que pode esclarecer as nossas noções sobre o céu. É, pois, aos astrônomos que compete lançar as bases da religião do futuro.

– Admiro as vossas convicções, replicou o médico. Só me convencerei, porém, da sua veracidade, se mas vier repetir depois de morto, morte que não desejo, nem presumo. Tenho uma vintena de idade acima da vossa.

– Virei eu, interveio Estela. Rafael não morrerá.

– Não falemos disso, minha querida, replicou Dargilan. Retornemos ao que dizíamos. A existência de outros mundos, desconhecidos dos fundadores de religiões, abre às nossas almas os horizontes do invisível. Habitamos atualmente um astro do céu, e prosseguiremos. Cada um de nós é a Parca de si mesmo, e tece o seu futuro. Nossa vida atual é a semente da futura. Sermos o que tenhamos querido ser e merecido ser. Cada consciência sente bem que não pode ser de outra forma.

Vós não quereis levar em conta as aspirações da Humanidade inteira, de todos os tempos e de todas as raças, e não dais explicação alguma da ordem das coisas. Nem razão, nem finalidade na Criação! Pretendeis que quando adormecemos no “bom sono”, conforme lhe chamais, não despertamos mais; que o grande “Talvez” seja um grande “Nada”. Nesse caso, nossa existência seria sem finalidade.

– A finalidade da vida é gozar e procriar. Acreditai-me, acrescentou o médico, examinai bem a Humanidade, e mesmo os animais – ou as flores, se preferis a poesia –, observai bem, pesquisai bem, e verá aí a finalidade da vida, a intenção da Natureza.

– E depois?

– As crianças se tornam adultas por sua vez, e continuam a obra da carne.

– E é tudo?

– Descobris alguma outra coisa? Dizei, se quiserdes, que as gerações sucessivas tragam um progresso à Humanidade.

– O futuro da raça não pode ser uma finalidade, uma vez que a Humanidade acabará com a Terra, e antes dela.

– Pois bem, não há finalidade.

– E admitis que possa ser isso a mesma coisa – naturalmente – para todos os mundos do Infinito?

– Certamente. A lei é a mesma para todos. Se houvesse, em qualquer mundo que fosse, seres dotados do privilégio da imortalidade, poderíamos pretender também com eles a mesma regalia.

– Assim, na vossa opinião, o Universo inteiro não serve para nada?

– Serve para o que existe. O Sol faz germinar as flores, amadurecer os frutos, iluminar a vida terrestre. Os outros sóis iluminam, iluminaram ou iluminarão outras existências. Vive-se por viver, eis tudo. Vede a nossa própria Humanidade. Em que se ocupa? Em disputar seu lugar sob o Sol. Cada um cuida dos seus interesses e só pensa, em geral, no dinheiro, que os representa. Em que passariam os homens a sua vida eterna, não importa em

que mundo? Em lutar pela vida, em fazer negócios, em tosar o vizinho, exatamente tal qual aqui. Isso não vale a pena. Direi até mais. Deus não seria inteligente se outorgasse a imortalidade a seres de nossa espécie, a menos que ele se divirta com a nossa estupidez.

– Não tendes mais o que fazer de um deus qualquer, uma vez que não reconhece plano algum, nenhuma finalidade na Natureza.

– É o meu modo de pensar, vós o sabeis. Dizei-me onde está a Providência, quando o raio mata os fiéis junto dos altares; quando as igrejas flagelam os penitentes; quando as geadas de maio destroem em uma breve manhã todo o trabalho dos lavradores; quando chuvas diluvianas arruínam as colheitas; quando o ciclone semeia a devastação e a morte; quando o mar deglute navios; quando a criança – rósea e sorridente – é arrebatada das mães; quando o incêndio carboniza, em horríveis torturas, uma sociedade mundana reunida para fins de caridade! Admitireis também um deus – Moloque, que exige vítimas inocentes? Vergonha e cretinice! A Providência está longe de ser evidente. Não diviso senão acontecimentos brutais e cegos. Os bons são castigados; os espertos triunfam. Vedes, acaso, outra coisa? Vós amais o mistério.

– Não nego o mistério, acrescentou o filósofo, levantando-se. Existe em tudo. Nossa vida é uma preparação ininteligível para um destino desconhecido, que começa no túmulo. Para julgar disso seria necessário conhecer o conjunto do Universo e das Humanidades. As nossas idéias de formigas são insuficientes.

No meio de um obscuro caos, povoado de sombras incertas, nossa raça procura resolver o enigma do seu destino, e ainda não o conseguiu. Uma claridade, porém, começa a aparecer, anunciando a aurora, dissipando as sombras. Essa luz cresce e prepara o despontar de um sol esplendoroso. Eu saúdo nela a luz da Astrologia, fora da qual a Humanidade viveu na cegueira até aqui, e que é chamada a nos revelar os arcanos da Criação, a descobrir o verdadeiro, a desenvolver perante nossas almas os horizontes celestes abertos à realização de todas as nossas esperanças.

Enquanto os homens se agitam no meio de suas ambições infantis, de suas vãs querelas políticas e de seus interesses efêmeros, a Ciência, calma e tranqüila, prossegue o seu labor e se eleva, de conquista em conquista, rumo ao conhecimento da Verdade.

XXVIII

Pleno céu

Rafael e Estela viviam em pleno paraíso. Sua felicidade era sem nuvens. O Céu, a Ciência e o Amor enchiam suas almas. Um ano passava qual um mês, este qual um dia e o dia qual um minuto. Interessava-se por todas as descobertas, tão múltiplas, tão engenhosas, da ciência moderna, e já lamentavam a brevidade desta vida fugitiva, que os arrastava no seu rápido turbilhão e os impedia de fruir longamente as coisas.

As observações astronômicas os atraíam, toda vez que a pureza do céu era favorável, e, por vezes, espreitavam durante horas inteiras uma clareira no céu, que lhes permitisse observar um fenômeno raro e passageiro; um eclipse de Lua, por exemplo, um desaparecimento de satélites de Júpiter, um mínimo de estrela variante, um cometa deslizando através das estrelas.

Enquanto observavam, conversavam, comunicavam suas mútuas impressões, animavam o céu dos seus pensamentos.

Certa noite de outubro, depois de uma semana de chuva e frio, a atmosfera subitamente se acalmara purificada e até um tanto amornada. Quase fazia calor. A noite estava resplandecente de inúmeras estrelas. As Plêiades, precursoras de constelações de inverno, já se mostravam a leste, trêmulas quais filhotes em um ninho, agrupadas em torno de Alcione. A Via-Láctea atravessava o céu, descendo no oeste, trazendo a cruz do Cisne nas suas nuvens de opala. O astrônomo e sua companheira observavam, sob a cúpula silenciosa, um grupo de estrelas de duodécima grandeza, perdido no Infinito e que se mostrava qual um poço no meio de negro deserto. Um pouco fatigados com as minúcias de uma observação atenta e escrupulosa que haviam terminado, saíram para o terraço e ficaram maravilhados com a luminosidade extraordinária das estrelas.

– Quanto à noite está formosa hoje! Exclamou Estela entusiasmada. Estas estrelas, tão luminosas assim, parecem até próximas de nós. Dir-se-ia que distingo a nebulosa de Andrômeda.

– E a Via-Láctea! replicou Rafael, seus dois ramos se destacam como dois braços de rio, rio de diamantes. Vês a Flecha e o Delfim? Que magnífico brilho esta noite! Mas, em que pensas? acrescentou, passados instantes. Estás tão silenciosa. Em que sonhas?

– Pensava em que a Terra onde estamos é um desses astros, um astro obscuro, minúsculo, e que esse céu estrelado nos rodeia por toda parte; pensava nas estrelas que estão sob nossos pés. Quais são as constelações que brilham lá em baixo neste momento?

– As que estão em oposto a estas. Vês aquela brilhante estrela avermelhada, quase no horizonte sul; é Fomalhaut. Caminhando naquela direção e fazendo a volta ao mundo, encontraremos mais longe, no céu austral, Achernar, que está abaixo do nosso horizonte, o Tucano, o Cruzeiro do Sul, o Centauro, a Hidra, a Virgem.

– Pensava que estivéssemos no meio do céu, que há estrelas abaixo e acima de nós, e que habitamos um astro.

– Sim, como se habitássemos Vênus, Marte, Júpiter ou Saturno. Se estivéssemos em Andrômeda ou nas Plêiades, estaríamos igualmente no meio do céu. Sempre se está no meio do céu. O centro do Infinito está em toda parte.

– Se a Terra fosse transparente, veríamos neste momento as constelações que estão sob nossos pés, e a Via-Láctea nos rodearia qual um turbante. Estamos realmente, absolutamente no céu. Era essa idéia que me preocupava quando me perguntaste em que sonhava.

E estamos, ali, no vácuo, carregados qual se estivéssemos sobre uma barquinha.

Cada uma dessas inumeráveis estrelas é um sol! Nossa situação não pode ser mais modesta. Que imensidão! Será que nesse exército de sóis as estrelas mais brilhantes são as mais próximas?

– Não. Todos esses longínquos sóis diferem uns dos outros em dimensões, em brilho, em natureza de luz, em idade, em força, em potência.

– Conhece-se a distância da minha estrela?

– É uma das que se tentou medir. Achou-se 204 trilhões de quilômetros. É a distância do Sol acrescida de 1.375.000 vezes.

Um trem direto, com a velocidade de um quilômetro por minuto, que levaria mais de dois séculos e meio para chegar ao Sol, correria durante 371 milhões de anos antes de chegar a Vega.

O raio luminoso que recebemos, e que viaja com a velocidade espantosa de trezentos mil quilômetros por segundo... Adivinha a tua idade quando esse raio partiu de sua fonte em nossa direção?

– Sabes que não sou forte em cálculo. Tenho vinte cinco anos.

– Pois bem, quando esse raio que estamos recebendo partiu, estavas no terceiro ano e quatro meses. Esse raio correu no céu em linha reta desde o momento em que partiu até chegar a tocar hoje em teus olhos. É uma das estrelas mais próximas de nós.

Dessa distância, que nos parece espantosa, recebemos sua luz, seu calor. Sua atração se combina com a do Sol, e bem assim com a dos outros sóis, vizinhos, Sírio, Prócion, Aldebarã, Alfa do Centauro, Arctúrus, para constituir de algum modo a base fundamental da nossa região sideral. Os sóis são os pivôs do Universo.

Nosso sol e todos os seus vizinhos se sustentam entre si pela atração mútua, e cada um circula no espaço obedecendo ao conjunto das atrações. Só o nosso planeta é joguete de doze movimentos diferentes. Habitamos um astro móvel igual a todos os outros, balançado no vácuo pela força universal.

– É justamente essa idéia que me impressiona diante desse céu estrelado. *Habitarmos um astro*, acrescentou Esteta, marcando pausadamente cada sílaba. Sabes que se tem necessidade de repeti-lo para ficar convencido. As aparências são tão contrárias à realidade! *Habitamos um astro. Estamos no céu!*

Na luz de todos esses sóis gravitam terras habitadas qual a nossa. Não posso contemplar as estrelas sem pensar nesses seres desconhecidos, nessa vida longínqua e misteriosa, e nessa noite estrelada que se torna viva para minha alma.

Oh! Gostaria de saber de que modo e por quem são esses milhões de mundos povoados! Esses seres desconhecidos podem

assemelhar-se-nos? Têm eles os nossos sentidos? Pensam iguais a nós outros? Quando divago sobre essa vida universal, formidável, fico emocionada. Quanto seria interessante uma comunicação com Marte, tão próximo daqui! Por que não se chega a isso?

Estela falava com o fervor de outros tempos, quando fazia suas preces; sentia-se em comunicação com a Natureza, contemplava as estrelas com amor, e parecia-lhe poder abrir asas e voar até elas. Sua alma vibrava na luz celeste, cujos raios atravessavam a imensidade, e acreditava sofrer também a atração universal. Seus olhos encantados iam de Vega às Plêiades, de Altair à Capela, detendo-se sobre as mais brilhantes estrelas, pousando sobre as constelações, arrebatando o pensamento no abismo sideral, e sentia-se tão longe de tudo, que esquecia até o afeto mais caro, o seu mestre adorado, seu deus terrestre. Depois, ficou silenciosa, meio hipnotizada pelo céu. E calou-se, com os olhos fitos na estrela predileta.

De repente, sem sair do enlevo, repetiu com voz grave, falando a si própria:

– *Estamos no céu!* Que se procura? Ali está, a realidade! A realidade sublime! Ó minhas estrelas queridas! Eu vos vejo, eu vos amo, eu sinto que vos pertencço. Por que procurar à margem da verdade? Por que inventar sistemas? Sou pequena, minúscula, invisível, ignorada; mas também existo, penso e amo. Minha alma brilha; é uma outra luz; vê-se a atração?

Ali está a vida, a vida universal, eterna. Que se procura? Ali estão as moradas da imortalidade. É um arquipélago de ilhas celestes. Já habitamos esse arquipélago. Não estamos à margem do céu, nem fora, nem abaixo; estamos em pleno céu. Se vivermos depois da morte, é lá que viveremos; não se deve inventar fábulas e contos. Se não vivemos, se os habitantes de todos os mundos nascem neles para neles morrer, a vida não tem finalidade e o Universo para nada serve. É uma lanterna mágica, tola e burlesca. Vega, minha Vega! E vós todas, estrelas cintilantes, sóis do infinito, sois os fochos da Eternidade!

Estamos aqui, continuou, poderíamos estar lá, no Cisne, na Águia, na Lira; nosso Sol poderia ser uma dessas estrelas; é

outra, eis tudo; vivemos na irradiação de uma estrela; nosso Sol é uma estrela igual às outras; estamos no céu. A Humanidade é cega! Entretanto, tudo é bem claro, bem evidente, incontestável. Aí está o Universo; não o inventamos.

A Humanidade imagina que não está no céu. Onde tinham os olhos os grandes espíritos que a dirigiram? Que viram então os fundadores de religiões para pôr a Terra em baixo e o Céu em cima, para terem separado o nosso planeta do resto do Universo, a vida cá é a morte lá, e para suporem que o nosso ponto imperceptível nos mundos era a finalidade da Criação? Por que não se desprende do erro vulgar das aparências, para ver simplesmente a realidade?

A vida não se extingue. Não se fará acreditar jamais que a nossa existência seja sem finalidade alguma, e que todas as existências inúmeras, que se sucedem de estrelas em estrelas, através de toda essa imensidade, sejam também sem finalidade alguma. Não. Agora vi a verdade, vi a luz. Sinto mais do que nunca a minha insignificância; porém não é uma insignificância absoluta. Somos os infinitamente pequenos no infinitamente grande!

Estela parou de falar, o olhar sempre mergulhado em plena Via-Láctea.

– Meu amor, acrescentou, quando alço o vôo para essas esferas sublimes, parece-me que a alma vai caminhando sobre poeira de astros!

Rafael a escutara sem a interromper, feliz por ver que a contemplação desse maravilhoso céu a conduzira, qual uma intuição natural, à doutrina religiosa que ele deduzira de suas análises científicas. Aproximou-se suavemente dela, tomou-a com ternura nos braços, e disse, sem procurar esconder a emoção.

– Acabas de fazer uma bela viagem pelo céu, minha querida. Quanto o compreendes já!

– Rafael, respondeu ela, parecendo continuar ainda os seus pensamentos, quer te diga o que me impressiona neste momento, em regresso dessa viagem de que falas? Pois bem, ao partir foi o fato claro, evidente, incontestável de que a Terra é um astro do

céu; ao voltar é... Um outro fato não menos claro, não menos evidente, não menos incontestável...

– Qual?

– A ignorância, a indiferença, a tolice da Humanidade. Que risível raça! Em que pensam todos esses seres?

– Em nada, ou quase nada.

A Terra é um astro do céu; estamos atualmente no céu. Ninguém o suspeita. Ninguém sabe nada. A Terra nos leva no seu curso. Cada manhã, quando o dia recomeça, esse globo fez mais um giro, o pensamento o vê girar. Ninguém se preocupa. Nosso planeta está povoado de criaturas que não sabem onde estão.

– E que não o indagam sequer. É-lhes indiferente!

– Acreditas que os habitantes de Marte ou de Vênus sejam também indiferentes quanto os da Terra?

– A ignorância nativa e satisfeita dos terráqueos deve ser um caso particular, uma espécie de anemia produzida pelo solo, igual à papeira e ao cretinismo na região de certos vales dos Alpes. O fato é que eles vivem sem ter idéia alguma da realidade. Não sabem que habitam na irradiação de uma estrela. Se, por vezes, alguns deles olham para o céu, vêem apenas um teto. A Ciência não existe para eles, e os sábios são uns originais. Note de que modo distribuem eles as honras e a glória? primeiro para aqueles que os matam, depois para aqueles que os divertem, e um pouco, por exceção, para aqueles que lhes são úteis. Poderiam ser ainda muito mais... ininteligentes, por exemplo, realmente cegos.

– A diferença é muito grande?

– Sim. Um dia eles saberão servir-se dos olhos. Podemos desculpá-los, porque seus interesses materiais, seus negócios, segundo dizem, os ocupam tanto, que quase não podem pensar em outra coisa. Passam a vida correndo atrás da fortuna e morrem durante a carreira. É pouco espiritual, sem dúvida, mas, que queres? A vida terrestre é assim mesmo. Os homens não têm tempo de pensar.

– Entretanto, é belo esse grande espetáculo da noite estrelada. Que paz profunda! Que tranqüilidade! Que grandeza! Oh! As Plêiades subiram muito no céu enquanto conversávamos. Cintilam menos do que há pouco, parecem mais calmas. Conto sete.

– Vês aquela que os antigos acreditavam terem visto desaparecer ao tempo da guerra de Tróia. É a mais fraca, e a vista comum não a distingue. Os olhos mais apurados contam oito, nove, dez, às vezes até mais.

– Quantas são na realidade?

– Muitos milhares. O telescópio descobre minúsculas da décima quinta à décima sétima grandeza. A fotografia revela outras mais imperceptíveis ainda, porque o “olho fotográfico”, a chapa sensibilizada, nova retina do astrônomo, ficando em exposição para o céu, durante algumas horas, acaba por ver o que a nossa vista não veria jamais. Essas Plêiades formam um universo.

– Parecem isoladas. Tenho a impressão de que a alma poderia facilmente voar entre elas, qual um pássaro em uma árvore. Algumas vezes imagino que vôo até lá, e que olho em torno de mim o abismo do infinito por vezes, tenho medo. Sinto atravessar-me um calafrio. Pode a alma ter vertigens? Experimentei-as ante a sensação do Infinito, de igual modo que as sentira ante a da Eternidade. Tive de fechar os olhos do meu Espírito, não olhar mais, cessar o pensamento. Oh! O Infinito! Sinto-o, porém não chego a compreendê-lo...

– No entanto, é muito mais fácil concebê-lo do que o finito. Ensaia representar-te um espaço finito, experimenta supor um limite, uma fronteira qualquer a essa imensidade, e não o conseguirás; tua imaginação passará a barreira. O Espaço é infinito.

Vês aquele ponto do céu, lá em cima. Voemos, como dizes, voemos até lá, pelo pensamento. O clarão vai depressa. Pois bem, supõe que viajamos com uma velocidade mais rápida ainda, com a da luz. Ser-nos-á necessário, com essa velocidade de trezentos mil quilômetros por segundo, quarenta minutos para atingir Júpiter; uma hora para chegar até Saturno; quatro horas para tocar em Netuno; sete lustros e mais um ano para atingir a estrela polar; e um século para chegar àquela estrela. Continue-

mos nosso vôo em linha reta, para além daquela estrela, durante mais outro século, e, sempre mais longe, durante dez séculos, cem séculos, mil séculos, sem parar, sempre avante, com a mesma velocidade de trezentos mil quilômetros por segundo. Perdemos de vista a Terra, o sistema solar, o próprio Sol, tornado estrela e, pouco a pouco, desaparecido; também perdemos de vista as principais estrelas que observamos da Terra, e todas as constelações que, gradativamente, se deslocaram pela mudança de perspectiva; atravessamos regiões estelíferas desconhecidas ao nosso planeta; depois, imensos desertos desprovidos de sóis; roçamos, em nosso vôo, por mundos mais maravilhosos do que os anéis de Saturno; fantásticos cometas – morcegos do céu e sóis de clarões fulgurantes, faróis incandescentes lançando todas as cores do prisma através da imensidade; adivinhamos moradas estranhas, povoadas de seres sobrenaturais para nós outros, extraterrestres, extra-solares; porém, nenhuma atração nos deteve, e continuamos nosso vôo, em linha reta, durante dez mil, cinqüenta mil, durante cem mil, um milhão, dez milhões de séculos, sempre com a mesma velocidade de trezentos mil quilômetros por segundo.

Onde estamos? Que caminho percorremos? Onde está, a fronteira? Onde o Universo termina?

Não avançamos um passo! Estamos no vestíbulo do Infinito!

Poderíamos viajar assim, nessa mesma direção ou em outra qualquer, durante a eternidade inteira: não nos aproximariamos jamais do término.

Que existe para além? Novos céus. E mais além? Novos céus ainda. É o *Infinito*. Sem fim. Nem alto nem baixo: o Zênite igual ao Nadir. Nem direita, nem esquerda, nem direção alguma. As estrelas são pontos de referência, espécie de marcos sobre o caminho eterno, sobre os quais podemos fazer uma espécie de triangulação dos céus; mas não há um só ponto fixo na imensidade, ao quais essas posições possam ser relacionadas. Essa viagem que acabamos de fazer, as próprias estrelas a fazem: elas tombam em todos os sentidos com velocidades prodigiosas. Nós mesmos viajamos no Espaço, desde tempos imemoriais, e a nossa viagem não tem fim. Antes de nascer, a Terra já viajava,

uma vez que fazia parte da nebulosa solar, em rumo para o seu destino. Depois do fim do mundo terrestre, as ruínas do nosso planeta continuarão a viajar nas suas novas associações solares. O espaço é infinito; o movimento é indestrutível.

Olha esta estrela, Alfa do Cisne, que caminha em nossa direção e que cai diretamente sobre nós, podemos assim dizer, com uma velocidade de 2 bilhões de quilômetros por ano. Entretanto, nunca nos atingirá, porque vogamos para a constelação de Hércules.

Arctúrus se precipita para o Sol com uma velocidade de 3 bilhões de quilômetros por ano.

Existe, na Grande Ursa, uma estrela que voa com a velocidade de 28 milhões de quilômetros por dia, ou sejam, 10 bilhões de quilômetros por ano.

Tudo isso corre, cai, circula através da imensidade sem limites. É a poeira, a poeira celeste, chuva de diamantes impelida por um sopro divino... E também chuva de almas, pois lá existem populações incontáveis.

E que é o nosso Sol? Um átomo.

E que é a Terra? Um nada.

– E que somos?

– Que somos? Meu amor... Emanações de Deus, quando compreendemos esses esplendores.

Sabes a idéia que me veio a pouco, passeando minha vista por essa multidão inumerável de estrelas?

Parecem tocar-se, na via-láctea, por exemplo. Ao telescópio, as mais pobres regiões do céu se enchem quase que por encanto.

Pela fotografia celeste é suficiente deixar a chapa exposta cinco ou seis horas para que fique coberta de pontos luminosos. Deixando-a bastante mais tempo, obter-se-á uma verdadeira superfície solar, todos os pontos luminosos se tocando.

Pois bem, penso que, na realidade, todas as estrelas estão ligadas umas às outras, vizinhas, contíguas, tal qual as moléculas da nossa carne.

– De que modo, se a mais próxima está a 40.000 bilhões de quilômetros do nosso Sol?

– Essa distância não é nada. Seus raios de luz, de calor, de eletricidade, suas atrações, seu magnetismo, se combinam. Parece-nos que daqui ao Sol há um vácuo de 149 milhões de quilômetros, e daqui à Lua outro vácuo de 384 mil quilômetros; é um erro; o vácuo não existe. O Sol mantém a Terra no Espaço, ilumina-a, aquece-a, fecunda-a. Laços invisíveis unem entre si todos os mundos.

Nosso universo sideral deve formar um grande corpo, um imenso organismo, do qual os sóis e os mundos são as moléculas, os átomos materiais.

Não existe afastamento real entre os mundos. Estão entre si na mesma relação que os átomos de um pedaço de ferro, de uma árvore ou de um corpo humano, que não se tocam e também vibram e se agitam em um movimento perpétuo.

O Universo é um ser vivo. Cada mundo é uma molécula do grande corpo.

E as almas circulam de um mundo para outro, eflúvios animando o Universo. Sem elas, os mundos seriam inanimados. As forças psíquicas, de igual maneira que as forças físicas, atravessam essas distâncias, longitudes que não são o que nos parecem.

Aí está a grande unidade física e psíquica. Olha a Via-Láctea: todas as estrelas se tocam. É o universo sideral visto de longe.

O poeta disse:

*Les mondes dans la nuit que vous nommez l'azur
Se jettent en fuyant l'un à l'autre des âmes.*

(Os mundos, na noite a que chamais o azul,
Circulam, levando de um ao outro as almas.)

E disse ainda:

*Les tombeaux sont les trous du crible cimetière
D'ou tombe, graine obscure en un tenebreux champ,
L'effrayant tourbillon des âmes.*

(A tumba é fenda de crivado cemitério
Onde cai, grão obscuro em tenebroso campo,
O pavoroso turbilhão das almas.)

Esse campo tenebroso é a Noite. As almas o atravessam para passar de um mundo para outro. Esses mundos são os átomos do corpo do Universo. Temos sob os olhos uma grande unidade viva.

– E que é a morte?

– A morte é a porta pela qual a alma chega ao seu destino. Já viste alguma vez um morto? Que inefável sorriso no seu descansado semblante! Não é apenas o repouso dos músculos e dos nervos, no dizer dos médicos. Existe algo mais, uma expressão de alívio da vida, de contentamento íntimo, de desdém pela matéria, de um estado transcendente, que resta na fisionomia logo após a partida da alma. Desprendendo-se, já entreviu a luz etérea. É uma impressão análoga à que o aeronauta experimenta em balão quando chega acima das nuvens: sai do escuro, do espesso, do lodoso, e, encontrando-se de repente em uma luz embriagadora, frui uma alegria penetrante que o enche de felicidade. Não desejaria mais tornar a descer. Assim, e mais desprendida ainda, cintila a alma ao sair desta vida. Em um instante viu a luz, e a impressão permanece por muito tempo sobre o semblante inanimado, enquanto o luto e as lágrimas rodeiam o defunto de lúgubre aparato.

A vida é igual a um sonho. As realidades que acreditamos ver em torno de nós não passam de aparências mentirosas: a Astro-nomia, a Física e a Química o provam. Durante a vida não temos consciência de nossas existências anteriores, de igual modo que, em sonho, não nos lembramos de nossos sonhos precedentes. Mas, saindo desta vida, nos desprendemos do véu sensual e nos lembramos do passado.

O astrônomo se deteve, contemplando silenciosamente a magnífica noite estrelada. Depois, de súbito, voltando-se para a companheira.

– Olha! exclamou, esqueci-me de dizer-te que amanhã, à noite, há uma brilhante reunião no Cassino de Luchon. A Comédia

Francesa deve representar uma excelente peça. É uma ocasião raríssima. Queres ir?

– Rafael! exclamou Estela, fechando-lhe a boca com a mão, não zombes da tua mulherzinha. Vem falar-me no teatro dos homens, quando temos este diante de nós!

XXIX

Ciência – Verdade – Felicidade

Levavam uma vida muito retraída e sua mútua felicidade lhes era suficiente. Apesar disso, o renome universal do “Solitário” atraía por vezes, com especialidade no verão, distrações inesperadas. Sábios ilustres, grandes escritores, filósofos de todos os países, ao fazerem viagem à França ou à Espanha, desviavam-se do seu itinerário para lhe fazer uma visita e passar algumas horas no observatório pirenaico. De certa vez, veio expressamente de Londres um célebre físico inglês para realizar, com ele e Estela, algumas experiências sobre forças ocultas. Em outra ocasião, um dos mais famosos inventores dos Estados Unidos veio consultá-lo a respeito da fundação de um Observatório magnético nos antípodas. Um rei, célebre pelas tendências científicas, quis passar por Luchon e Bosost, no intuito de visitar o autor de “O Domínio do Desconhecido” e palestrar com ele. Em outra oportunidade, um de seus antigos camaradinhos do Aveyron, agora deputado e ministro, viera oferecer-lhe, em nome do Governo, a cruz da Legião de Honra. Dargilan não teria solicitado aquela distinção, porém aceitou, e Estela a reuniu, em lugar especial, às insígnias de Comendador da Estrela Polar e às de uma vintena de outras Ordens.

– Aí está quem me reconcilia um pouco com a política, disse ao seu amigo ministro; estou encantado de ver que podeis ter às vezes uma iniciativa pessoal. Confessai, entretanto, que, habitualmente, as coisas não se passam assim. Li três jornais de tendências diferentes. Parece-me que tanto sob a República quanto sob o Império ou a Monarquia, e no estrangeiro, tanto quanto na França, os ministros são constantemente importunados por uma turba de intrigantes por causa de empregos, honrarias e condecorações, e que essas coisas lhes são arrancadas, sem que eles tenham realmente a liberdade de escolher por si, e procurar recompensar o verdadeiro mérito. Reparai bem, não falo por mim, pois não mereço coisa alguma, e tenho todos os meus desejos realizados, e com excesso, na minha felicidade sem

nuvens. Mas, em geral, vós, os ministros, não me parecem livres, e vos deixais conduzir. Se eu tivesse a honra e a infelicidade de ser Governo, começaria por jamais condecorar aqueles que o pedissem por não dar lugar algum àqueles que acotovelam para chegar primeiro; por suprimir os “pau de sebo” e os bombos de auto-reclame; por tentar descobrir – eu mesmo – trabalhadores, os verdadeiros valores intelectuais. Porém, isso seria lógico, e ides responder-me que a lógica não é deste mundo.

– Espero que a minha administração se distinga das precedentes, sob esse ponto de vista, replicou o ministro, e que saberei encontrar os homens de valor em qualquer lugar onde se ocultem... se ficar o tempo suficiente para tal, acrescentou rindo. Sei bem, quanto a ti, que não dás grande importância a essas espécies de testemunhos.

– Entre nossa gente, essas fitas de diversas cores e essas pequenas placas de prata esmaltada são verdadeiros brinquedos um pouco infantis. A nossa verdadeira recompensa está em nós mesmos.

– No entanto, é ainda o único meio de que podem lançar mão os governos para bem assinalar a estima por um sábio, um artista, um inventor, um grande cidadão, um soldado que derramou seu sangue pela Pátria. Além do mais, é, para a maioria, um estímulo certamente útil ao progresso.

– Uma vez que foram inventadas, deveriam, ao menos, ser equitativamente adjudicadas.

Um dia, o Venerável da Loja de cidade vizinha foi visitá-lo, na missão de embaixador do Grande Oriente de França, e convidá-lo a ingressar na Maçonaria. Recusou, muito simplesmente, declarando que preferia a liberdade de espírito a todos os ritos; que, em nossa época, assiste a cada um o direito de externar o pensamento e de caminhar para frente; que um homem independente não deve ser maçom, nem clerical.

A mais inesperada de todas as visitas foi a que recebeu às primeiras horas da manhã de um lindo dia de verão: a de um sacerdote, facilmente reconhecível, apesar de vestido com hábitos burgueses, o qual declinou, de início, a sua qualidade.

– Meu caro mestre, disse, deixo a França, vou exercer o meu ministério na Suíça, e vim pedir-lhe a sua bênção.

– Minha bênção!

– Sim. Abjurei os meus erros. Reconheci a verdade de que é pontífice.

– Mas eu não sou pontífice de coisa alguma.

– O senhor o é, à semelhança de Jesus. Retorno à religião dos primeiros cristãos.

– Não creio em sacerdotes, nem em cultos. Para mim, a religião do futuro será sem culto.

– É a que Jesus proclamou no poço da Samaritana. Ele também não acreditava em sacerdotes. Expulsou-os, com os outros vendilhões do Templo.

– Não me dizia o senhor ir exercer o seu ministério na Suíça? Continua então sacerdote?

– Sim e não. Inclino-me “para o velho catolicismo” que não tinha a confissão auricular, as indulgências e o purgatório. Se não for o que eu penso, escolherei a religião dos Coptas.

– Que necessidade tem então o senhor de se encarcerar no círculo estreito de um sistema religioso?

– Meu caro mestre, valeis por um Padre da Igreja, e saúdo na vossa pessoa o cardeal de Cusa reencarnado. Vossa religião, que é verdadeira, que é a de Buda e de Jesus, é ainda a eleita por espíritos superiores, por almas esclarecidas e delicadas, que compreendem a Ciência, a Natureza, a grandeza de Deus. Entretanto, aguardando o evento dessa religião pura, o vulgo ainda necessita de ficções e de exterioridades. É um encaminhamento ao qual quero consagrar-me.

Aprendi, acrescentou, pelos meus próprios sermões, que o homem absoluto nos seus julgamentos, que apresenta as questões em tom autoritário, só pode ser um ignorante, pois desde que se analisem as coisas, não se pode mais ter certeza alguma sobre a maioria dos problemas da vida.

Conversaram e discutiram, mas, de repente, o sacerdote se deteve de modo a parecer que não dissera tudo quanto tinha vindo dizer.

Estela acabava de aparecer.

Embora setenta e dois meses já se tivessem passado após a última visita ao seu confessor, ela o reconheceu logo.

– Sim, senhori..., sim, minha senhora, disse, levantando-se e saudando com respeito: Sou eu!

Tenho a religião do vosso marido, acrescentou, e vim confiar-lho. Não sou o único sacerdote no qual a Astronomia, modifica a Teologia.

– Senhor Laferté, disse Estela, eu vos devo muito reconhecimento, A última vez que, solteira ainda, vós me haveis ralhado severamente, naquele sombrio confessionário de Santa Clotilde, aconselhastes que eu mudasse de ares, que viajasse, que fosse respirar a atmosfera pura das montanhas. Foi seguindo esse conselho que vim para cá.

– Soube-o logo, replicou o sacerdote, e também tive conhecimento, no outono seguinte, das vossas veleidades aparentes de entrar para um retiro de freiras e, depois, na primavera, da vossa fuga, que foi um grande acontecimento parisiense. Falou-se a respeito pelo menos durante oito dias! Muitas vezes me perguntei se seríeis perfeitamente feliz e, também confesso, tive a indiscrição de vir constatá-lo pessoalmente.

Pois bem, estão ambos com a verdade, e são recompensados com uma perfeita felicidade.

– Não é mais sacerdote, senhor abade?

– Sim e não. Sabeis senhor Dargilan, que o celibato dos sacerdotes não é uma questão de dogma, e sim de simples disciplina eclesiástica. Confesso que vou imitá-lo. Após ter feito tantos casamentos, à conta de terceiros, faço agora o meu. Desposo uma das minhas antigas penitentes.

– O senhor tem, creio eu, certa independência de fortuna.

– No meu quarteirão todo mundo sabe isso, porém não sou do lenho de que se fazem os bispos.

Conversaram algum tempo ainda. O abade pediu para ver um novo livro filosófico, de grande êxito, que o astrônomo acabara de receber da Alemanha. Enquanto Dargilan foi apanhar o livro na peça ao lado, o abade levantou-se da sua poltrona e veio sentar-se no sofá em que Estela se achava.

– Cuidado, senhor abade! Exclamou Estela afastando-se um pouco e puxando uma almofada de veludo bordado, o senhor estava sentado sobre os cabelos do meu marido.

– Sobre os cabelos do seu marido?

– Sim, essa almofada está cheia dos seus cabelos. Sou eu quem lhe corta o cabelo e lhe faz a barba. Ninguém toca na sua cabeça. Como vê, fiz uma linda almofada. Mas, não tenho mais onde pô-los. São de seiva extraordinária! Crescem velozes!

– Ah! Suspirou ele, tomando a almofada. A idéia é rara. É uma originalidade que a senhora Laferté certamente não terá.

– Tanto mais, senhor abade, continuou Estela olhando para a sua frente calva e o semblante glabro, que não sois muito rico desse material.

– Oh! Replicou o sacerdote sorrindo, minha felicidade não depende de um cabelo. Então é bem verdade que compartilhais de todas as idéias do vosso ilustre marido?

– Sim, absolutamente. Elas estão gravadas em minha alma a tal ponto, senhor abade, que eu, por elas, enfrentaria o martírio, e com verdadeira satisfação, acrescentou de olhar inflamado.

Dargilan voltou, trazendo o livro, que começaram a folhear. Depois, o abade perguntou se poderia visitar o Observatório. Percorreu com maior interesse ainda as estantes da biblioteca. Na ocasião das despedidas, tirou do bolso a última obra do “Solitário”, “As Regiões da Imortalidade”; pediu uma dedicatória na primeira página e rogou à senhora Dargilan que a pusesse também sua assinatura. A carruagem que o trouxera voltava para Luchon. Despediu-se de ambos e apertou fortemente, nas suas, a mão que o astrônomo lhe estendia.

– Esse aperto de mãos, disse, é a bênção que lhe vim pedir.

Fora dessas visitas diversas, bastante raras, aliás, o Observatório permanecia geralmente solitário e digno das contemplações e dos estudos de nossos dois astrônomos, pois, da mesma forma que a irmã de William Herschel, a esposa de Dargilan, conforme vimos, estava possuída de uma paixão absoluta pela Ciência.

A vida de ambos continuou desenrolando-se em pleno céu, no meio das harmonias da Natureza.

E ambos conheciam (o que é raro nas mulheres) a felicidade da bibliofilia. Tomar em mãos um bom livro, de caprichada edição, bem impresso, amplas margens, bom papel, encadernação elegante, gravuras de mestres, não muito pesado para manuseio, e contemplar esse livro antes de encetada a leitura, costas apoiadas em confortável poltrona, lâmpada com a luz projetada de trás para diante, percorrê-lo, avaliá-lo, e depois ler à vontade, saboreando todas as qualidades de pensamento e de estilo; tornar a encontrá-lo mais tarde nas estantes de uma biblioteca aberta, acessível a todos os caprichos da mão, em companhia de muitos outros não menos apreciados, era prazer refinado para o espírito, que tornava sempre muito breves e muito fugitivas as horas passadas na biblioteca. Oh! Quanto os livros são bons amigos! Escolhemo-los ao nosso gosto, consultamo-los, são fiéis, instruem, esclarecem, guiam-nos, consolam-nos. É uma sociedade intelectual, inteligente, distinta, de todos os tempos, de todos os países, que associamos ao nosso espírito em horas de devaneio, de meditação e de repouso.

Durante os primeiros tempos de sua felicidade, não lhes veio à idéia de fazer uma viagem, pequena sequer, além de algumas excursões aos arredores de Luchon, ao vale de Lys, ao lago preto, ao lago verde, ao lago azul, ao lago do Oo, ao porto de Venasque, a Bosost, ao vale d'Aran, à Maladetta. Somente uma vez foram até Cauterets e ao circuito de Gavarnie, e haviam admirado na sua grandeza as montanhas coroadas de bosques, os rios torrenciais, as cascatas impetuosas, o caos dos desmoronamentos pirenaicos, o grande circuito diademado de neve e os cimos soberbos que tentaram atingir, em uma ascensão à brecha de Roland. Porém não chegaram a distanciar-se até Pau, e voltaram ao seu ninho sem o ter perdido de vista.

No quarto ano, decidiram ir até Bordéus, e esquecer o céu durante quinze dias. Pelo mais feliz dos acasos ia dar-se em Luchon uma ascensão em balão. Tomaram lugar na barquinha e viram que o aeróstato os levava naquela direção e os deixava próximo a Baione. Deteve-se em Biarritz, que lhes pareceu um paraíso criado expressamente para os enamorados. Após a cadeia grandiosa dos Pirineus, que, durante o percurso, se desenrolara sob seus pés em toda a luxuriante beleza, chegaram de repente a uma praia maravilhosa, diante de um mar tão gracioso e calmo quanto o Mediterrâneo, na baía de Mônaco, durante os belos dias de primavera. Se Bordéus não fosse o objetivo da viagem, deixariam-se embalar pelo ruído caricioso das vagas, que vinham docemente espriar-se na areia dourada.

Amantes apaixonadas da Natureza, a grande cidade ativa, turbulenta, comercial, interessou menos do que as verdejantes montanhas e o mar. Encontraram ali todo um novo mundo. A imensa ponte sobre o Garona, o rio sulcado de navios, o porto, as ruas, as praças agitadas e os edifícios prenderam sua atenção durante três dias. Uma das coisas que mais lhes feriu a curiosidade foi a visita à sepultura de São Miguel, onde estão expostos uns sessenta cadáveres colocados em pé, contra a parede da tumba, conservados no símile de múmias egípcias, com surpreendentes minúcias. São seres humanos, salvos da decomposição pela propriedade da terra do cemitério onde haviam sido inumados. Foram encontrados quase intactos, decorridos séculos do sepultamento, e expostos ali, a título de curiosidade macabra. A pele, os cabelos, a barba, tudo está conservado. Notam-se, entre eles, velhos, crianças, uma senhora grávida, um homem que deve ter sido enterrado vivo. Essa espécie de exposição fúnebre, de cadáveres amontoados, causou à jovem não só espanto, mas desgosto. Pensou no seu belo corpo, e na noite seguinte sonhou com vermes de cemitério e foi assaltada por um espantoso pesadelo. Quis deixar Bordéus na manhã seguinte; desceram o Gironda, reviram o mar luminoso, respiraram os eflúvios dos bosques de pinheiros, foram visitar a ilha de Yeu e a quase ilha de Noirmoutiers, onde Estela encontrou as origens da família de sua mãe. Depois cuidaram da volta aos livros amados, às suas

observações astronômicas, e só se detiveram na pequena estação de Montrejeau, onde visitaram o local em que, a 9 de dezembro de 1858, caiu do céu uma pedra, da qual o astrônomo guardava preciosamente um fragmento em suas coleções. Foi com um júbilo inteiramente novo que retomaram seus queridos hábitos.

Alguns dias depois, Estela fez testamento no qual pedia fosse o seu cadáver incinerado.

O que eles mais estimavam, depois do trabalho intelectual, que dá ao espírito suas melhores alegrias, era a contemplação da Natureza. Estela se entregava, às vezes, diante do céu estrelado, de um poente, da imensa paisagem que se descortinava ao meio-dia da Torre, a intermináveis devaneios. As formas cambiantes das nuvens que deslizam pela atmosfera, impelidas pelo vento, atraíam seus olhares e seus pensamentos. Contemplava-as em silêncio, vendo elevarem-se no horizonte longínquo. A impassibilidade tranqüila da Natureza, no eterno movimento das coisas, conduz à meditação. A alma se recolhe de algum modo para dentro de si mesmo, e parece obedecer a uma lei fatal. “Que mistério é a vida! Dizia com freqüência, que insondável mistério! As nuvens passam, a Terra gira, as estações e os meses se sucedem, os seres nascem, vivem, se agitam, morrem.” E tudo isso por quê? Que somos nós? Nuvens talvez. E sua alma se perdia em devaneios sem fim.

E assim se passavam os tempos.

Certo dia de outubro, à sobremesa de opíparo almoço, Rafael parecia mais alegre que de costume.

- Que achaste destes pêssegos, meu amor?
- Excelentes, deliciosos. Que suco! Que olor!
- Há um pouco de ti dentro deles.
- Que estás dizendo?
- Não adivinhas?
- Não, de forma alguma. Não são muito grandes, mas, de facto, excelentes.
- São nossos filhos.
- Rafael, falas sempre por enigmas.

– Pensa um pouco...

– Ah! Nossas arvorezinhas? As flores rosadas da última primavera? São elas? Já? Parece que foi ontem, o teu amoroso capricho de batismo de sementes de cerejas e de pêssegos.

– E então? As nossas arvorezinhas têm sete outonos. Sabes quais as que cresceram mais depressa?... Os pessegueiros... os pessegueiros rosados.

– Isso não me admira. Contigo! Parecem mentira, sete outonos! Meu coração diz – sete dias. Comamos aquele entre os dois.

Decididamente o pêssogo é ótimo, é a melhor das frutas. Estes têm um gostinho adocicado bastante curioso. Não acreditas que no paraíso terrestre Eva tenha sido tentada por pêssogos, em vez de maçãs?

– E as nossas outras frutas? Os damascos, as maçãs, as ave-lãs, as amendoeiras, os castanheiros?

– Até agora só os pessegueiros deram flores e frutos. Os outros se reservam para o ano próximo. Já estão todos crescidos. Os pessegueiros estão com 2 metros e meio de altura; as ameixeiras ultrapassaram, porém ainda não floriram; uma noqueira mede 2 metros, o carvalho e o castanheiro 2 metros e meio. Deitando-se ao pé dessas pequenas árvores já se tem bastante sombra. A Natureza caminha e prossegue no seu labor. O Sol, a chuva e o solo nutridor agem sobre o ser vegetal: criam-no e desenvolvem-no. Essas árvores vivem, viverão além de nós sobre esta terra, e nos séculos vindouros, talvez, o viajante, extraviado por estas montanhas, virá repousar ao pé de um velho carvalho de ramagens imensas, sem suspeitar da hora de amor à qual essa árvore secular deveu o nascimento. Contudo, sua sombra sagrada guardará, em seus estremecimentos, alguma recordação do nosso mistério, será meiga e benfazeja ao viajor fatigado. E se algum par amoroso vier sentar-se sob sua folhagem, sentir-se-á tocado levemente por um sopro de volúpia, por nossas sombras etéreas, quando elas vierem rever estas recordações queridas.

– Não fales de morte, meu Rafael. Estamos bem vivos. Não morreremos. Tu não morrerás nunca. Vamos, não mantendas essas idéias tristonhas. Dá-me mais um pêsego.

O amoroso filósofo denominara suas arvorezinhas “árvores estelares”. Tratava-as com amor. No oitavo ano, uma primavera suave e chuvosa as desenvolveu consideravelmente; recolheram-se, além dos pêsegos, damascos e cerejas. As aveleiras, ameixeiras, amendoeiras, castanheiros e noqueiras cresciam conforme sua espécie. No décimo ano já constituíam verdadeiras árvores.

Estela conservara relações com muitas de suas amigas, notadamente com Cecília, Adriana e Solange, que já encontramos no início desta história. Todas três estavam casadas, tendo feito o que se chamam, no mundo, brilhantes casamentos. Desposaram homens ricos, mundanos, sem profissão fixa. O marido de Cecília não tinha outro cuidado senão administrar os haveres, bem elevados; sua vida começava e acabava nos salões da elegância parisiense. O marido de Adriana enveredara nos negócios e nas finanças. O terceiro era um deputado militante, muito em destaque no Parlamento. Mantinham correspondência bastante freqüente com Estela, mesmo depois do início irregular do seu romance; estimavam-na pela sua sinceridade e originalidade, e tudo teriam desculpado nela. Entretanto, havia muito tempo que não recebia notícias dela, quando, por uma coincidência assaz estranha, três cartas lhe chegaram ao mesmo dia. Essas cartas são bastante curiosas, para que deixemos de reproduzi-las aqui.

Os homens que cada uma delas havia desposado eram tipos diametralmente opostos aos que elas tinham sonhado quando solteiras.

XXX

Cecília a Estela (3ª carta)

Paris, sexta-feira.

Minha querida: tenho andado muito aborrecida. Há três meses que não te escrevo por não ter nada interessante a contar. E tu, perversa, por que não me escrever? Tuas cartas são tão encantadoras! Vives realmente em um mundo à parte. A nossa é a vida “fim de século” que conheces. Meu marido mantém sempre o recorde do graúdo. Demos dois grandes banquetes no inverno passado e quatro grandes recepções, mas não coincidindo no mesmo dia, porque é muito fatigante. Todavia, seria mais lógico dar uma brilhante recepção em seguida a um jantar elegante, para divertir as altas personagens que se é obrigada a receber. Entretanto, renunciei a isso. Estaria condenada a ficar a pé firme, ou quase, das cinco horas da tarde às cinco horas da manhã, e com uma espantosa enxaqueca para muitos dias.

Não se pode mais ter confiança nos domésticos. Não pensam em nada, senão neles mesmos; são verdadeiras máquinas, ou ainda menos do que isso. Fui obrigada a mudar duas vezes de camareira e três vezes de cozinheira. Meu marido pensa agora comigo, que não se deve mais admitir servidores casados, porque, se se está contente com um e descontente com outro, fica-se bem embaraçado. E de mais a mais, eles se entendem quais ladrões em feira.

Minha pequenina Georgete sofreu muito com a dentição. É uma péssima invenção do bom Deus. Sofre-se para ter os dentes, sofre-se para conservá-los, sofre-se ao perdê-los. Está-se desenvolvendo muito bem e creio que será muito linda. Saiu ao pai que, como sabes, tem os mais lindos olhos do mundo. Será menos corpulenta do que ele. Amo-o sempre muito. É tão bom! Realmente é o melhor dos homens. Mas a direção da nossa fortuna, com os tempos que correm, ocupa-o muito, embora nada tenha a fazer. Todas as quintas-feiras recebe. Só homens. Fuma-se, conversa-se, passa-se por todos os assuntos. É uma feira.

Recebo com ele. Não é de todo divertido, mas é obrigatório. Algumas vezes Willy e seus amigos vêm. Então rimos à vontade. É sempre desopilante com os seus jogos de palavras insensatas.

Esqueci-me de dizer-lhe que Téo caça uma vez por semana, com o Presidente; recebemos muita caça, que enviamos a todos os nossos amigos. Vamos freqüentemente ao teatro. Não achas que no fundo todas as peças se parecem? Sempre o adultério, tal qual nos romances.

Por mim, nunca seria uma personagem de romance; jamais enganei meu marido e jamais o enganarei. Aliás, não teria grande mérito disso, porque, como lhe diria? não encontro nada de maravilhoso nesse prazer. Enquanto a nossa lua de mel durou, envidei os meus maiores esforços para descobrir em que pode consistir essa sensação tão extraordinária da qual tanto se fala, e com a melhor boa vontade do mundo esperava com toda confiança a inspiração. Não veio. Continuei tão fria quanto antes do meu casamento. Depois do nascimento de Georgete não pensei mais nisso, ou pouco mais do que nada. Não compreendo que se possa enganar o marido. Os homens são tolos e vaidosos. E impertinentes! O melhor amigo de meu marido não me disse em um baile, no inverno passado, que era um desperdício, para a mulher do meu feitio, dar o seio a seu filho! Não demonstrei compreender. E depois, no fundo, não fiquei sabendo ao certo o que ele queria dizer, a menos que imaginasse um homem de quarenta anos, com aquela barba... É burlesco. Dizem que há mulheres mundanas que se divertem muito. Menos eu. Essas conversações são de um vácuo!... Mexericos, modas, criadagem, eis a sua base. Só freqüentamos, é verdade, os colegas do círculo de meu marido.

As ciências, a História Natural principalmente, que me preocupavam tanto, em outros tempos, agora não me interessam mais. Quanto o casamento modifica as moças!

Tens notícias de Adriana? Parece-me que leva uma vida bastante divertida. Deve escrever-lhe, segundo me dizia na sua última carta, que data de um mês.

Sei que prossegues perfeitamente feliz, contrariamente a todas as minhas previsões. Aprovo-te, agora, e te abraço com todo o meu coração.

Cecília

P.S. – Dizem que o Duque de Jumièges foi morto, em uma caçada, pelo amante de sua própria mulher, e que é, parece, o Coronel Lomond.

XXXI

Adriana a Estela

Paris, quinta-feira, 13.

Minha cara Estela, aborreço-me mortalmente. Alfredo me enganou. Tu o conheces. Já te falei nele, ou melhor, confessei o que tinhas adivinhado. Era o companheiro de meu marido, na finança, e já o distinguira antes do meu casamento. Sabes por que série de fatalidades me deixei arrastar. Acreditava-o tão cavalheiresco, tão nobre, tão verdadeiro! E amava-o realmente. Eu era o seu tipo de mulher. Para ele minha cabeleira – asa de corvo –, meus olhos negros, sempre com olheiras, meu talhe esguio, meu nervosismo um pouco fantasista, era o ideal, a mulher ardente por excelência. Nunca meu marido me disse tais coisas. Fomos loucamente felizes durante três meses. Heitor não se apercebeu de nada, pois não há homens mais ocupados do que os financistas. E sabes o que me aconteceu há oito dias?

Ia à casa de minha modista, rua da Paz, em carruagem fechada. Praça do Teatro Francês, grande ajuntamento. Um cupê, com as cortinas arriadas, pára bem junto à minha carruagem. Ouço uma voz, que reconheço logo. Ah! o miserável! Escuto. Não há dúvida. Meu sangue ferve. Ordeno ao cocheiro que acompanhe o cupê aonde for. O ajuntamento continua. Ouço a voz de ambos. Imbecis! Pensavam estar em casa! Nem sei o que me impediu de rasgar a cortina com a minha sombrinha.

Sigo-os. Vejo meus dois pombinhos descerem no Hotel Continental. Era uma loura de cabelos esfiapados, horrorosa, cintura grossa, miúda, um feixe, um monstro. Pele branca, é verdade; não lhe vi os olhos. O oposto de mim. Acredite-se nos homens!

Bem observara, havia algum tempo, que ele me abandonava um pouco, porém atribuía o fato aos afazeres. Três dias após esse encontro marcamos uma entrevista. Não compareci. Na manhã seguinte procurou-me, ar de surpreso. Acreditarás que ele não se rendeu à verdade? Se lhe desse crédito, eu é que me enganara. Era um sósia! Ele nunca estivera no Hotel Continental. Mentiu

com audácia! Que lástima! Podia confessar simplesmente que não mais me ama!

E mais ainda! Negando com apuro imperturbável, e afirmando que o seu amor por mim jamais variara, teve ainda o topete de sustentar uma teoria abracadabrante! Pretende que um homem pode muito bem amar duas mulheres ao mesmo tempo, o que não era o seu caso, que tem aversão às louras por causa da sua insipidez; porém, um de seus amigos tivera, o ano passado, duas amantes, as quais amava apaixonadamente, uma ruiva e outra morena, e não podia passar sem uma, nem outra. Cada uma exercia sobre ele uma influência distinta, agindo até, dizia ele, sobre sentidos diferentes.

Deixei-o expor suas divagações psicológicas, físicas, ópticas ou olfativas, e começo a crer que, em matéria de senso, ele não tem o – senso moral.

Não o amo mais. Não o poderia mais abraçar do modo pelo qual o fazia antes. Não, eu quero um homem só para mim.

Que pode ele encontrar de bom nessa loura deslavada? Deve ter vícios ocultos. As mulheres são velhacas.

Como vê, não me divirto mais. Por alguns instantes de prazer roubados, a vida só oferece desilusões. Compreendo muito bem que se dê um mergulho no Sena.

E depois, no último inverno só tive aborrecimentos com a famulagem. O cocheiro sempre tinha pretextos para não sair: os cavalos estavam cansados; o pavimento das ruas estava muito escorregadio; a chuva perigosa, e não sei mais o quê. A maior parte das vezes era-lhe impossível vir buscar-nos no teatro. Decidimos não ter mais cocheiro e tomar uma carruagem por mês. Pelo menos não se têm preocupações e, se o cavalo parte uma perna, substituem-no. Disseram-me um dia desses que, mesmo alugando um cocheiro muito caro, nem sempre se pode contar com ele à noite, depois do jantar.

Sabes que comecei a andar de bicicleta? É muito divertido. Fomos ontem, quarta-feira, a um concurso de velocidade. Imagina que, após cinqüenta quilômetros de corrida, Rigolô, que estava em terceiro lugar, ganhou por meio pneu! Que sorte!

Recebo todas as quartas-feiras ao meu “five o’clock”. Confesso-te que esses mexericos não me divertem muito. Só se fala de modas, cavalos, criadagem: esse o alicerce das conversas. É verdade que só freqüentamos a finança.

Sempre feliz, tu! Ó grande prêmio da loteria.

Mil beijos.

Adriana

XXXII

Solange a Estela

Lille, quarta-feira, à noite.

Cara galante, devo dizer-te que não acredito mais em política. Meu querido marido, que tem tanto talento e que ia muito bem até o presente, acaba de ser derrotado por um farsista, um intrigante, um impostor da pior espécie, e isso exatamente no momento em que esperávamos um ministério. É de cair das nuvens. Há três meses, por 25 votos discordantes, o Ministério caiu e meu marido fazia parte da nova combinação. Teria a pasta do Comércio ou dos Trabalhos Públicos, da Agricultura ou da Instrução Pública. Todo o mundo conhece e aprecia suas qualidades excepcionais e ninguém tem dúvidas de que ele esteja apto a preencher todos os postos, exceto as Finanças, o Interior, a Justiça e a Guerra, que exigem homens um pouco mais especializados. A Marinha também é acessível a todo o mundo. Acabam de dá-la a um homem de letras, esse jornalista, parente de Victor Hugo, creio eu, que já ocupou a pasta do Comércio e da Instrução Pública. Um célebre químico se tornou, de uma hora para outra, diplomata e ministro dos Negócios Estrangeiros. Nada é mais fácil para os franceses. Na Inglaterra é diferente. Parece que eles escolhem homens especiais, notadamente para a diplomacia; e a sua política exterior não se modificou nestes dois últimos séculos. Na França não há tantos embaraços. É suficiente ser deputado ou senador para estar apto a exercer qualquer alta função. Aliás, conforme Júlio me dizia, os ministros têm seus diretores para fazer tudo. E eis que nas novas eleições nem sequer foi reeleito deputado! É insensato! Acreditar-se-ia que o eleitorado é cego e se deixa conduzir pelo primeiro que aparece. Creio que Júlio andou errado alistando apenas cinqüenta mil. Seu concorrente, que não lhe chega aos calcanhares, que não tem valor algum, conseguiu sessenta e seis.

Vamos desferrar-nos no Senado. Mas, enquanto esperamos, meu marido não é mais nada, ele, tão ativo, tão diligente. Estou

desolada. A culpa é dele. Pela minha parte teria dado tudo, até minha camisa, pois teríamos certamente um ministério no próximo ano.

No último momento, entretanto, em manobra de última hora, tivemos cuidado em guardar um bom-bocado a esses sujos eleitores: fizemos afixar que seu concorrente esteve comprometido, em outros tempos, nos negócios de Honduras; que recebeu luvas de duzentos mil francos pelos fornecimentos do Panamá; que recebeu um cheque de oitenta mil francos na casa de Reinach, e roubou, pelo menos, trezentos mil francos nas minas de ouro do Transval. Pois bem, avalia a corrupção eleitoral! Esse ladrão pretende processar meu marido por difamação! Que topete! Não se prendem mais os gatunos! Breve não se poderá mais guilhotinar os assassinos.

Vamos fundar um jornal.

Como me aborreço! Vou escrever-te mais vezes. E tu, por que não me escreves mais? Será que te sentes bem no teu deserto, sem nunca ver ninguém? Em todo caso, felicito-te por não teres escolhido para esposo um deputado.

Tua velha amiga, que te ama ternamente.

Solange

XXXIII

Viagem de férias

Rafael e Estela viviam assim, desde um decênio, em ventura perfeita, incomparavelmente mais feliz, conforme acabamos de ver por algumas cartas, que, aliás, falavam de males bem conhecidos. Sua felicidade era absoluta. A contemplação da Natureza, o aspecto sempre variável das paisagens, os devaneios perante o Infinito, a observação telescópica dos outros mundos, os desenhos de Marte, Júpiter, Saturno, o estudo de curiosos conjuntos de estrelas, os problemas sem fim da Astronomia, e também, na Natureza terrestre, interessantes observações sobre ninhos de pássaros, sobre as datas de renovação das folhas e floração das árvores, sobre as flores, sobre as estações, e, nas longas noites de inverno, a leitura de autores favoritos, as arrumações na biblioteca, segundo o gosto ou o capricho do momento, a música, na qual Estela sabia animar de grande sentimento as obras-primas dos mestres, haviam ocupado a vida de ambos, já quase inteiramente tomada pelo absorvente sentimento de mútuo amor que encantava perpetuamente seus corações. Viviam na sociedade dos grandes Espíritos que iluminaram a Humanidade, ou se divertiam algumas vezes em leituras profanas que os distraíam das elevadas contemplações do pensamento. A biblioteca se tornava cada vez mais variada. Poder-se-ia observar freqüentes vezes, fora do respectivo lugar, todas as mais belas produções do espírito humano.

Viviam, assim, na atmosfera de seu amor, no meio das flores de um jardim cuidado, sempre ocupados, sem nunca terem conhecido o tédio, a coberto de desgostos e decepções, estranhos a toda ambição e a todo desejo exterior, conhecendo da Humanidade o que ela tem de bom e de agradável, habitando mais no céu do que na Terra. Esse decênio de ventura passara igual há dez dias.

Depois da primeira viagem a Bordéus, habituaram-se a voar, cada ano, durante algumas semanas, para longe de seu ninho dos Pirineus. Visitaram primeiro a Suíça, no intuito de colher uma

impressão comparativa dos Alpes e dos lagos, relativamente às paisagens pirenaicas, com as quais estavam acostumados; sonharam ternos sonhos junto das margens do lago de Como; foram à Itália, permanecendo alguns dias em Veneza, onde inolvidáveis impressões ficaram indeléveis em suas almas encantadas. O balouçar voluptuoso das gôndolas; as serenatas no grande canal; o luar sobre as lagoas; os velhos palácios de mármore, surgindo das águas; a Praça de São Marcos; a basílica oriental, de um misticismo sensual na sua luz multicolor; o elegante palácio dos Doges; a ponte dos Suspiros – fazem de Veneza a moradia expressamente preparada para o prazer dos amantes.

No ano seguinte, visitaram a Espanha, sua vizinha. A seguir, foram à Escócia, com a pitoresca cidade de Edimburgo, os lagos e as montanhas de Ossian, que os atraiu. Em outro ano, preferiram não sair da França e percorreram o Auvergue, as gargantas do Tarn, terra natal de Rafael, e voltaram por Paris, a fim de passar alguns dias no quarteirão onde Estela vivera a infância. Os grandes formigueiros humanos, Paris, Londres, Madrid, Lião, Marselha, havia-lhes-lhes interessado, porém não seduzido. Retornavam cada vez com um acréscimo de felicidade ao seu caro paraíso, onde a contemplação do céu lhes reservava constantemente novas maravilhas.

Nesse décimo ano de sua era de ventura, decidiram fazer uma viagem ao Tirol, visitar as montanhas do Arlberg e do Brenner, Innsbrück, Hall, Salzburg, Ischl, Gmünden, Hallstadt, os lagos e as geleiras da pitoresca região.

Innsbrück os deteve por vários dias. Suas ruas bizarras, tão diferentes das ruas das cidades francesas; sua situação próxima dos Alpes germânicos; seus cantos tiroleses; seu velho castelo de Amras, cheio de antigas armaduras e coleções; a igreja dos Franciscanos, com o seu túmulo de Maximiliano e suas colossais estátuas de bronze, em vestes e armaduras de tempos já idos, desde Clóvis, Teodorico, Artur de Inglaterra, até Carlos, o Temerário, Filipe, o Bom, Eleonora de Portugal e Joana, a Louca, mãe de Carlos V, excitaram ao mais alto grau sua curiosidade. Acharam essa igreja extraordinária e absolutamente fantástica, à noite, ao pálido clarão das lâmpadas das capelas, e pouco se surpreen-

deriam, quando erravam pelos correrres sombrios, se vissem essas heróicas estátuas descendo dos pedestais para despertar Maximiliano em seu túmulo.

Essas viagens eram para ambos um assunto de deliciosa variação em seu eterno tema de amor. Iam pelas ruas, campos ou bosques, montanhas ou praias, sem se preocuparem com o resto da Humanidade, tal se estivessem sós no mundo e em sua própria casa. Vendo passar, acreditar-se-ia em uma viagem de núpcias, sem suspeitar que o noivado durasse havia dois lustros. As horas fugiam para eles rápidas e feéricas. Nunca estavam prontos, a qualquer hora da manhã, para o café ou para o trem; faltavam às caravanas excursionistas; se passeavam um pouco, esqueciam igualmente a hora do jantar – amorosos, apaixonados, frementes, tão encantados de viver e tão jovens quanto no primeiro dia. Quando suas mãos não se tocavam, seus olhos cantavam. Transeuntes voltavam-se à sua passagem, acompanhavam-nos com o olhar, invejavam-nos. Eles não viam ninguém.

Visitaram o Tirol, de igual modo que a Itália, a Espanha e a Escócia, felizes de juntos correrem o mundo; de respirar unidos um ar que parecia sempre feito só para eles; habitar, em comum, novos aposentos imprevistos; contemplar, num simultâneo olhar, novos sítios; viver fundidos em novas molduras maravilhosamente escolhidas para apaixonados, cujos olhos, aliás, embelezam e poetizam tudo. Essa vida a dois era tudo para eles. As cidades e as paisagens ficavam em segundo plano. De Ragatz a Innsbrück, a via-férrea, vinda de Zurich, desce primeiro o vale do Reno superior, dirigindo-se para o norte e lago de Constança, vira depois a leste e sobe pelo vale de III aos declives de Arlberg, que ascende lentamente até ao túnel, a mil e trezentos metros de altura. De um lado e de outro do caminho, existe um extenso vale, muito largo, com belos prados e verdes pastagens na confluência do III e do Reno, e que se vai estreitando gradualmente até ao cimo do Arlberg. À medida que se sobe, espera-se a desapareição das aldeias e habitações humanas; porém, ao contrário, elas se sucedem e estendem ao longo dos riachos e fica-se atônito de ver, até nos planos mais elevados, a exemplo de Santo Antônio e Landech, em regiões onde o inverno reina

três quartas partes do ano, atraente povoações, verdes pastagens, igrejas de torres elevadas, graciosos chalés encravados nas encostas das montanhas. À descida do Arlberg, até Innsbrück, segue-se ainda um vale que se prolonga para além durante muitas horas. O grande vagão da cauda dos trens, que diariamente atravessam sem cessar essa pitoresca região, permite admirar à vontade a suntuosa paisagem, as montanhas longínquas, as cidades que passam os prados, os capoeirões e todas as curiosidades do caminho. O vale do Inn gradativamente se elastece e, depois, deixando-o, se chega a outros vales no meio de abruptas montanhas, e se contorna em seguida a torrente impetuosa do Salzbach, que rui em múltiplas cascatas, e corre com impetuosidade através das rochas desmoronadas. Quedas d'água, riachos e florestas passam. Um velho castelo, pendurado no cimo de imensa rocha a pique, parece mirar de cima as pequenas coisas que passam a seus pés. O vale se expande, abre-se a planície, surge Salzburg.

Nossos viajantes também aí se demoraram. Poucas cidades podem comparar-se a ela, pela beleza da situação. O curso do rio Salzbach, que a atravessa, as duas montanhas do Monchsberg e Capuzinerberg que a flanqueiam de um lado e de outro, sua alta e formidável cidadela, as fachadas esbranquiçadas ao Sol, os jardins floridos, os terraços, as cúpulas de igrejas e conventos, as aléias de árvores seculares, os caminhos que a prolongam para longe, a graciosa grandeza das paisagens debruçadas a alguma distância por soberbas montanhas, e todos os arredores magníficos e pitorescos haviam-nos transportado a uma região de contos de fadas. A alimentação era excelente, e os vinhos de ótima qualidade. Teriam esquecido o céu se não o tivessem levado consigo. Pareceu-lhes, após alguns dias de estada, que tinham tendências Sibaritas.

Ficaram sobremodo encantados com uma excursão ao lago do Rei, ao “Koenigs-See”, na Baviera, quase às portas de Salzburg, o mais lindo lago da Alemanha que rivaliza, pelo tamanho, com os da Suíça e da Itália, apresentando um caráter muito mais selvagem, pois as montanhas que o rodeiam são verdadeiras muralhas infranqueáveis. O imenso lago, de um verde escuro, jaz

ao fundo dessa enorme bacia de rochas que o aprisionam e lhe dão um invariável frescor, mantido também pela profundidade das águas. Um dos declives é menos vertical e coberto de bosques até à superfície do lago. Verdes galhos caem à guisa de cabeleiras que se banham em ondas. Ao fundo, a barca chega a um promontório dedicado a São Bartolomeu, onde se encontra antigo castelo de caça e uma capela, e, atravessando-se pequena língua de terra, chega-se a um segundo lago rodeado por um circuito grandioso, que faz lembrar o circuito de Gavarnie com a sua cascata.

O percurso de Salzburg ao lago foi tão encantador quanto o próprio lago. É um dos mais pitorescos que se podem ver, embora na planície. A aldeia de Berchtesgaden, com as suas casas italianas, seus pórticos, vestimentas de cores fortes, suas lojas de pequenos objetos de madeira e marfim, projeta uma flor luminosa em meio ao verdor dos prados e dos bosques. Detiveram-se na primeira aldeia que atravessaram na Baviera, por motivo de uma velha igreja. Desceram um instante da carruagem, rodearam a igreja, e, vendo na praça um pequeno monumento coberto de inscrições, aproximaram-se. Leram que fora erigido em memória aos soldados do lugar, mortos durante a guerra de 1870. O Sol era radioso no céu azul e crianças brincavam à sombra de um grande portão. Pobre aldeia! Alguns metros de diferença no traçado da fronteira e pertenceria à Áustria em vez de à Baviera, e aqueles seus filhos não teriam ido derramar o sangue por uma causa desconhecida em terra estranha. Alguns átomos de bom-senso e honestidade na cabeça de Bismarck teriam deixado a Europa em paz, e não se teria feito a civilização recuar de um século! Rafael e Estela quase se sentiram impelidos a ajoelhar diante desse pequeno monumento de aldeia, testemunhando o seu pesar pelas vítimas da ambição de alguns malfeitores, e também para rogar a Deus que impedisse, doravante, as guerras em seu primeiro gérmen pelo grão de areia de – Cromwell.

Voltando ao hotel, encontraram, em cima de certa mesa, sem dúvida esquecido por algum inglês, uma obra do sábio Sr. Humphry Davy, cujo título lhes atraiu a atenção: “Os últimos dias de um filósofo”, e, folheando-o, seus olhos se detiveram sobre a

admirável descrição dos Alpes da Ilíria, que Estela começou a ler em voz alta para Rafael.

– Como é curioso! Acrescentou, fizemos a mesma viagem que esse sábio realizou há três quartos de século. Que simpatia! Não há nada a acrescentar, pensamos exatamente iguais a ele.

– Se leres mais algumas páginas, verás que ele esteve para morrer lá. Espero que não o imitemos até ao fim da viagem.

– Por quê? Só lhe faltou morrer, dizes? Ficarias realmente contristado de morrer agora? Sabes que sempre tive a opinião dos antigos, que não desejavam envelhecer, e asseguravam que “os deuses chamam a si os seus eleitos”.

– Estela! Amo-te!

– E não nos amaremos para sempre? Em Marte ou em Vega?

– Um “toma!” vale mais do que dois “te darei!”, diz o provérbio. E eu sei que te *tenho*.

– Oh, sim! Ter-me-ás para sempre, assim o quero!

– Não gostarias de ser homem, em uma existência futura, enquanto eu seria tua mulher; seres eu, por exemplo, enquanto que eu seria tu?

– Não. Estou muito satisfeita sendo tua mulherzinha. Isso me é suficiente. E tu?

– Eu também.

– Então, não tenhamos pressa de mudar de corpos. Sabes, porém, como disseste um dia, que breve chegaremos ao nosso meridiano. Será agradável descer?

– Tu não tens seis lustros, se bem que quase. Tenho oito. É a juventude. E depois, com o nosso amor, envelhecemos algum dia?

– Que astro pode permanecer no meridiano, sem descer? Onde está o Josué que o deterá?

– Josué és tu.

– Sinto que te amarei sempre, e cada vez mais. Porém tu, se não me amasses mais, se me amasses menos! Dizem que os homens não sabem amar igual à mulher. Um dia terei rugas,

cabelos brancos. A juventude não pode ser eterna. Pois bem, se tu me amasses somente um pouco menos, sofreria tanto que preferiria morrer.

– Estela! Por que essas idéias estranhas?

– Porque sou muito feliz. Meu Rafael, eu te amo tanto!

E atirou-se ao seu pescoço. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– Sim, amo-te, prosseguiu, fui e sou muito feliz. E eu sei, sim, eu sei que essa felicidade acabará. Há um segredo que nunca te confessei.

– Um segredo?

– Sim, pois sempre hesitei, renunciei falar-te. Oh! No entanto não é grave. Não te atormentes. É até muito simples. É o seguinte:

Estava ainda no Internato. Tinha dezesseis anos de idade. Em um dia de saída, minha mãe, já atingida pelo mal que deveria abatê-la, foi com minha tia consultar uma espécie de sonâmbula de quem se falava muito então. Pedi, por minha vez, licença para interrogá-la. Pois bem! Predisse minha vida tal como se passou até este momento. Sim. Grande amor. Grande mágoa. Mudança de existência. Vida intelectual. Felicidade perfeita. E...

– E?

– E morte durante uma viagem.

– Acreditas nisso?

– Sim, visto que tudo quanto me anunciou aconteceu ao pé da letra. E tu também, meu querido, acreditas na visão do futuro, em pressentimentos, em sonhos premonitórios. Muitas vezes me disseste que quantos conhecessem as causas das nossas determinações poderiam ver o porvir tão facilmente quanto vemos o passado.

– Certamente. Não há efeito sem causa; porém ela não podia anunciar a época da tua morte. Certamente tu te enganas.

– Não. Ela me anunciou que a minha felicidade terminaria por uma grande viagem. Nunca fizemos uma viagem tão longa quanto esta.

– Oh! E Edimburgo? Se contasses os quilômetros! E, depois, não tencionamos ir ao próximo inverno ao Egito?

– É verdade, disse ela. Estava louca.

– Se tu me houvesse confiado esse famoso segredo, no ano passado, na Escócia, já se acreditarias a pique da véspera da morte.

– Nem tinha pensado. Mas, por que me lembrei disso hoje?

– A culpa é de Sir Humphry Davy.

– Sim. Esqueçamos esses receios imaginários.

No dia seguinte, foram ao lago Traun, em Gmunden.

O curso do rio, tão rápido na saída do lago, o próprio lago, ridente e gracioso na grande bacia de Gmunden, severo e quase triste na pequena bacia de Ebensee; a enorme massa calcária do Traunstein; o caminho, subindo a Traun, do lago a Ischl e o sítio esplêndido de Ischl na sua moldura de colinas, montanhas e geleiras, trouxeram ainda à viagem novas impressões, encantadoras e variadas. Dali acompanhou o Traun, pelo lago de Hallstادت, até Aussee. A via férrea serpenteia através de uma série de sombrios barrancos que parecem encerrá-la a cada instante em um antro, e à medida que sobe nesse estreito vale cavado pela torrente, o viajante acredita afastar-se gradativamente do mundo dos vivos para extraviar-se em regiões inóspitas que a espécie humana ainda não habitou. O desfiladeiro selvagem, no fundo do qual borbulha o Traun, termina por desembocar em um tríplice vale superior, no meio do qual adormece a graciosa aldeia de Aussee. Torna-se a encontrar ali os costumes pitorescos das filhas de Ischl, mas persiste a impressão do prolongamento do fim do mundo.

Ali três lagos atraíram ainda os nossos viajantes: o Grundlsee, que se atinge após a travessia de um bosque, e que se mostra enquadrado em montanhas semeadas de chalés e bordejado de cabanas de pesca e de banhistas; mais adiante, subindo sempre o Traun, o lago de Toplitz, agreste, sombrio, solitário e silencioso; e além, mais perdido ainda na montanha, o pequeno Kammersee, onde o rio tem a nascente.

Não se cansavam de admirar, remirar, divagar particularmente na travessia do melancólico Toplitz, que parece tão longe de tudo, tão estranho a toda animação humana, que se acreditaria estar na Lua e não na Terra.

Na montanha plena de bosques, onde terminam os três lagos, estava-se a uma altitude de 600 metros. Atravessando o Arlberg subiram, até 1300. Em Pilato, permaneceram dois dias, a mais de 2000 metros. O ar leve das montanhas embriaga pela sua pureza, de igual modo que a visão das alturas fascina pela majestade. Muitas vezes, especialmente desde alguns dias, entre os cimos dos montes cerrados de bosques, perceberam a alva geleira do Dachstein, que, nos Alpes do Salzkammergut, eleva sua crista de neve a 2900 metros de altura. Tinham a mais viva ambição de ir até lá, e escutavam com entusiasmo as narrativas dos turistas que desciam. Sua intenção era ir a Hallstadt. Hallstadt é pequena aldeia incrustada no flanco de um rochedo, isolado ao fundo do lago, um pouco semelhante a Veneza em suas lagoas, silencioso e solitário, onde não passa estrada de ferro, e aonde só se chega da estação utilizando barcos. Uma enorme queda d'água se precipita bem no meio da aldeia, por detrás das mui modestas moradias, não longe da igreja e do cemitério, ou melhor, das duas igrejas e dos dois cemitérios, porque esta pobre povoação de mil e quatrocentas almas está dividida entre duas religiões rivais, o Catolicismo e o Protestantismo. Hallstadt é tão singularmente situada ao fundo do lago e ao pé setentrional das montanhas, que não vê o Sol, de 17 de novembro a 2 de fevereiro. Os arqueólogos conhecem o antigo cemitério céltico ali descoberto. Esse lugar é habitado desde muitos séculos, principalmente por causa da exploração das minas de sal.

Ali também naquela solidão alpestre, em face ao lago e às montanhas, desejariam eles permanecer por muito tempo. Mas o tempo estava esplêndido e o ápice nervoso do Dachstein continuava a atraí-los.

Além do mais, uma grave e apaixonante questão astronômica cativava desde algum tempo o pensamento do sábio e era também sonho de sua companheira.

Calculara que as estrelas cadentes de 10 de agosto deviam ser extremamente numerosas naquele ano, e que um cometa, originariamente associado ao terceiro cometa de 1862, devia de novo encontrar a Terra e espargir uma verdadeira chuva de estrelas nas camadas superiores da atmosfera. Era um espetáculo celeste que vira somente uma vez, e em más condições, quando, a 27 de novembro de 1872, estilhaços do cometa de Biela encontraram nosso globo e sulcaram o céu de tal quantidade de meteoros, que se podiam comparar a uma queda de flocos de neve, sendo que certos observadores avaliaram seu número em mais de sessenta mil. Também Estela desejava ardentemente assistir a esse espetáculo. Quanto mais alto estivessem nas montanhas, melhor seria o posto de observação. Ao projeto de ascensão ao Dachstein associou-se logo o da observação das estrelas errantes. Mas, seria possível passar a noite na geleira?

A questão foi examinada com os guias, e, após diversas combinações discutidas e rejeitadas, resolveram levar quatro deles, carregar cobertores, víveres e uma tenda, e instalarem-se no alto da montanha, a menos que o vento e a neve a tal se opusessem em absoluto.

Depois de alguns dias de preparativos, decidiu-se a empreender a ascensão e deixaram Hallstadt antes do alvorecer, acompanhados dos condutores. Em sete horas, pelo Echarn-Thal, o Alte-Herd, o Propfevand, o Thiergarten e o Ochsenwies-Höhe, atingiram o mirante de Simony-Hut, a dois mil metros de altitude. A vista se estendia maravilhosa, sobre todo esse maciço dos Alpes orientais. A ascensão fora fatigante, e decidiram passar ali a tarde e a noite, tanto mais que um vento violento começara a soprar. A barraca em que esperavam dormir foi sacudida pela tempestade, que uivou durante toda a noite, e não lhes permitiu um instante de repouso. Podia julgar no alto de um pico deserto ou em um navio sem refúgio, abandonado em pleno oceano. Levantaram-se pela manhã, antes do Sol, no intento de voltar sem prosseguir a ascensão. No entanto, porque o vento amainasse de um momento para outro e um Sol radioso alegrasse a atmosfera amornada, continuaram a marcha com os guias, atravessaram a geleira de Hallstadt e chegaram em duas horas junto

do Dachsteinwand. Então, com o auxílio de cavilhas de ferro plantadas na rocha e da corda metálica, atingiram o alto em hora e meia de marcha. O panorama desvendou-se esplêndido aos seus olhos maravilhados; a vista se estendia da Schneeberg à floresta da Boêmia, sobre os picos, as montanhas e as colinas. O ar estava muito puro, seco e frio. Permaneceram longo tempo em contemplação, na embriaguez das alturas, mergulhados na mais viva admiração.

O tempo estava realmente esplêndido. O furacão da véspera fugira para longe, e tudo anunciava uma bela tarde e uma noite bem propícia às observações. Os guias cuidaram de instalar uma tenda sob a qual os dois turistas pudessem dormir. Uma ligeira anfractuosidade servia muito bem para tal instalação. Em algumas horas a tenda foi solidamente amarrada, numerosas peles de cabra e de antílopes foram superpostas e forradas, e fogos foram acessos.

O Sol adormeceu em um leito de púrpura e ouro. Seus últimos raios envolveram o imenso panorama em uma iluminação feérica que, suave e insensivelmente, se extinguiu, enviando um adeus da luz à Natureza. A sombra da Terra subiu lentamente no horizonte oriental, trazendo o crepúsculo, e as primeiras estrelas se acenderam. Rafael e Estela estavam sós no alto da montanha; os guias se haviam retirado, antes do pôr do Sol, para um velho abrigo cavado na rocha; um pouco mais abaixo, do lado do levante; comeram por sua vez, estafados que estavam de fadiga, e deviam, na manhã seguinte, antes do nascer do Sol, despertar os turistas, desmontar a tenda e preparar o regresso.

Naquela solidão das alturas e profundo silêncio da Natureza, os dois contempladores, emocionados pela grandeza e magnificência do poente, admirando as maravilhosas nuanças da Terra e do céu que sucediam à desapareição do astro-rei, viram-se envolvidos, em breve, nas trevas da noite, atenuadas por um brando luar, sem se aperceberem da fuga das horas. E apenas tiveram tempo de pensar nas estrelas errantes e no cometa, quando sua atenção foi atraída na direção das constelações de Andrômeda, Cassíope e Perseu por foguetes celestes, prelúdios de fogo de artifício firmamental.

Fulgentes estrelas errantes começaram a atravessar a atmosfera. O astrônomo reconheceu logo que não se enganara em seus cálculos, e que o ponto de irradiação correspondia exatamente às coordenadas da órbita do cometa. De resto, mal anoitecera, um foco de vaga luminosidade foi percebido nas profundidades do céu, precisamente no ponto calculado. O astro cometário, do qual as estrelas errantes eram as desagregações, vinha então em direção à Terra, qual o estado-maior de um exército no meio das suas falanges.

A chuva de estrelas começara, e gradativamente se tornavam tão numerosas que fora impossível contá-las. Apesar do luar, que eclipsava um grande número delas, a comparação com flocos de neve não era exagerada. Unicamente se compreendia que estavam muito longe. Entretanto, algumas se mostravam tão brilhantes que pareciam chegar até à montanha, a ponto de os turistas se perguntarem se uma ou outra não iria cair à Terra.

Deslumbrantes bólidos vinham da mesma região, cresciam, tornavam-se vermelhos e verdes, e estouravam. O núcleo cometário aumentara e invadira uma parte da constelação de Cassiope.

Absorvidos, um e outro, na observação celeste, os dois amantes separaram-se após alguns instantes, procurando, por assim dizer, abranger todo o céu ao mesmo tempo. Não se olhavam um ao outro, lançavam mil exclamações, não afastavam os olhos das estrelas. Seus cérebros estavam superexcitados, sem que de tal se apercebessem, seja pelo espetáculo insólito e extraordinário que se ia desenvolvendo no espaço, seja talvez também por causa da intensa eletrização da atmosfera que fazia passar em suas artérias uma nova corrente de vida. De repente, voltando-se para o lado de Estela a fim de acompanhar a queda de uma estrela que, a guisa de foguete, parecia cair lentamente até à Terra, Rafael gritou:

– Estela! Que tens? Estás em labaredas!

E precipitou-se sobre ela.

– Tu também. Exclamou Estela.

Com efeito, penachos luminosos levantavam-se de suas cabeças, dos ombros, de suas mãos erguidas.

Precipitando-se, instintivamente, sobre ela a fim de apagar as chamas, conseguiu extingui-las, com efeito; porém os penachos luminosos passaram todos para a sua própria cabeça, que ficava mais alto do que a da companheira. Seus cabelos eriçaram, prolongando-se em filetes inflamados, Estela teve medo e pôs vivamente suas mãos sobre a cabeça de Rafael. Essas mãos, por sua vez, se cobriram de chamas, à feição da labareda do ponche, ardendo sobre a cabeça do seu bem-amado.

Contudo, não sentiram calor algum, mas frêmitos lhes atravessaram as carnes. Rafael tomou Estela em seus braços e a beijou sobre a boca. Então, o contacto de seus corpos lhes deu uma sensação nova, jamais experimentada nos auges do seu amor. Cada um deles foi invadido por um imenso desejo de substituição. Estela sentiu que, mais do que nunca, lhe pertencia totalmente; só existia, na felicidade de pertencer a ele; só vivia pela fusão nele. Rafael, que a conservava em seus braços num beijo sem fim, experimentou a mesma sensação de que ela o absorvia e sua personalidade ia desaparecer para fundir-se com ela, a adorada, em um ser único.

Clarões sulcavam a atmosfera. Todo o céu parecia atravessado por palpitações magnéticas da aurora boreal. A neve estava rósea e parecia aquecida. Naquela noite de 10 de agosto produziu-se uma inversão de temperatura, qual, às vezes, acontece nas montanhas. A frialdade baixara à planície e baforadas de calor passavam sobre eles, aumentando ainda a tensão elétrica de seus nervos.

Ao penetrar na atmosfera, o cometa determinara uma eletrização prodigiosa daquele cimo elevado dos Alpes, de alturas aéreas, e dos dois seres sensitivos que pairavam naqueles cimos.

As chamas continuavam a voltear sobre suas cabeças, seus ombros, seus braços e suas mãos.

Foram para a barraca e fecharam-na.

Deitando-se sobre as peles forradas, viram brotar milhares de faíscas. A Natureza inteira estava saturada de eletricidade.

A carne de Estela estava impregnada; clarões fosforescentes percorriam-na; sua cabeleira deslumbrava. Todo o seu corpo,

sobre o qual descobrira, ela mesma, em outros tempos, curiosas manifestações de eletricidade humana, estava em um paroxismo indescritível.

– Meu amor! meu amor! meu amor! exclamou, envolvendo com os braços o pescoço de seu bem-amado e atraindo com violência os lábios de encontro aos seus, nunca te amei tanto quanto nesta noite. Dá-me a tua vida, pois eu te dou toda a minha existência!

O céu estava abrasado e a sua rutilante claridade aparecia avermelhada através dos interstícios da tenda.

XXIV

Espíritos celestes – poeira terrestre

O Dr. Bernardo acabava de almoçar tranqüilamente no Cassino de Luchon, quando, lendo o jornal, as seguintes linhas feriram sua atenção com a intensidade de letras de fogo:

“ÁUSTRIA – A noite extraordinária de 10 de agosto, de que já falamos ontem, e que foi assinalada em todo o Tirol por fenômenos elétricos tão estranhos, relâmpagos de calor sem trovoadas, por uma verdadeira chuva de estrelas e pela aparição de deslumbrante luz nas elevadas camadas do céu, por volta de duas horas da madrugada, também foi infelizmente marcada por um triste acidente.

Dois franceses, um sábio muito conhecido, Rafael Dargilan, e sua jovem esposa, que tinham deixado Hallstadt na antevéspera, para uma ascensão ao Dachstein, foram encontrados mortos no vértice da montanha. Quiseram passar a noite sobre a geleira para assistir ao despontar do Sol. Os guias, que dormiram a uma centena de passos abaixo, encontraram-nos inanimados sob a tenda. Há um labirinto de conjeturas sobre a causa da morte.”

A essa leitura, o médico saltou da poltrona, atravessou feito louco o salão de leitura, desceu a escadaria, chegou ao parque, entrou por uma aléia, depois por outra, voltou sobre seus passos, errou pela estrada, voltou para casa, foi à estação e tomou o trem de Tolosa. Uma vez em caminho, traçou o seu itinerário: Nimes, Lião, Genebra, Zurich, Unnsbruck, Salzburg, Ischl. Calculara bem, e dois dias seguintes à partida chegara a Hallstadt.

Fez que lhe contassem todas as minúcias do acontecimento. O chefe dos guias, tendo chamado, sem receber resposta, penetrou na tenda e, a princípio, os julgou profundamente adormecidos. Aproximando-se, porém, notou que seus olhos estavam abertos. Repousavam um ao lado do outro; o braço esquerdo de Rafael estendido sob a cintura de Estela, e sua mão direita segu-

rando a esquerda da bem-amada. Um pedaço de tela do cânhamo se desprendera da tenda e estava caído sobre eles.

Foram conduzidos a Hallstadt, mas infrutiferamente se tentou desunir as mãos; e, sem separá-los um do outro, colocaram-nos sobre o leito onde, três dias antes, tinham dormido. Piedosa mulher colocara à cabeceira duas velas em pequena mesa, coberta com toalha de altar, trazendo galhos de arbusto bentos. O médico instalou-se perto deles, e quis ficar a sós para velá-los; agradeceu aos hóspedes do hotel os cuidados póstumos que piedosamente dispensaram aos dois infortunados.

Sentou-se aos seus pés e os contemplou com profunda afeição. Se não fosse a macilenta palidez, poder-se-ia acreditar que dormiam. Uma tranqüila expressão de ventura parecia animar suas bocas levemente entreabertas.

Estela estava linda.

Longamente os contemplou assim, unidos em um mesmo abraço, que sobreviveu à morte.

Meditava na rara felicidade do homem amado por alma e corpo virgens, por um ser enamorado tão somente de um mesmo e perpétuo amor; na felicidade daquela mulher por ter sido adorada exclusivamente; e achava que tal existência favorecera, com um raro privilégio, esse par encantador que havia adormecido em plena glória de amor, num ininterrupto noivado, e que parecia sorrir ainda ao seu feliz destino. Não foi possível fechar-lhes os olhos, que permaneceram obstinadamente fixados no céu.

Depois, perante esses restos imóveis, lembrou-se de que precisava agir na missão de executor testamentário. Recordou-se de ter ouvido Estela dizer, por diversas vezes, que havia tomado disposições relativas à sua última hora e fizera um testamento, do qual não se separava. Uma grande mala de viagem estava ali entre as duas janelas do aposento. O médico procurou, encontrou um maço de chaves, e abriu a dita mala.

Continha roupas, fotografias do Tirol, alguns livros publicados recentemente. A idéia de que um testamento pudesse estar ali perdia a seus olhos a probabilidade inicial; mas, tendo começado as pesquisas, continuou, sem grande esperança.

De repente sua mão tocou em objeto bem no fundo da mala. Retirou-o. Era um cofrezinho de pau rosa. Pareceu-lhe haver algo escrito sobre o cofre. Aproximou-se das velas acesas à cabeceira do leito mortuário e leu, traçado em azul pela mão de Estela, estas duas palavras: “Minha fortuna”. Esse pequeno cofre não se separava dela. Conservava-o na gaveta da sua mesa de trabalho, sobre a qual escrevia, e habituara-se a levá-lo nas viagens, à lembrança dos avaros carregando o seu tesouro.

Intrigadíssimo com essas duas palavras, o médico hesitou sobre se devia abrir o cofre ou ignorar-lhe o conteúdo. Lembrou-se da antiga fortuna de Estela e pensou nos dois milhões que, um decênio antes, representava seu dote. Então, escrupulosamente, o recolocou onde estava. Mas, seu espírito achava-se agitado por mil pensamentos contraditórios. Era, no entanto, urgente uma decisão. Devia simplesmente levar esses pobres corpos a Luchon e conduzi-los ao cemitério? Uma voz parecia dizer-lhe que o amigo devia fazer alguma coisa mais. Contemplou os cadáveres, imaginando que talvez algum sinal pudesse manifestar-se nos semblantes adormecidos. Dargilan tantas vezes mantivera comunicações com o Além. Porém, nada. Impassibilidade absoluta. Os dois pálidos rostos permaneciam imóveis, de olhos abertos para a Eternidade.

De súbito ouviu um leve ruído. Voltou à cabeça e notou que o feixe de chaves, deixado na fechadura da mala, oscilava e tilintava. Seu olhar se deteve sobre um ponto brilhante: era uma pequenina chave de ouro. Apanhou o molho. A chave abriu o cofrezinho.

Não havia ali título algum de renda, porém modestas e queridas lembranças: uma rosa e um amor-perfeito entrelaçados, que Rafael lhe enviara após a partida de Luchon, no primeiro ano de seu encontro; uma carteirinha em cetim alaranjado, sobre o qual Estela bordara suas iniciais com cabelos de Rafael – prendendo fragmentos de unhas, algumas relíquias preciosas, uma laranja dessecada, um pequeno ramalhete de centáureas, três retratos de Rafael, um lençinho e outros pequenos nada deliciosos para o seu coração. No fundo do cofre havia um envelope fechado sobre o qual estava escrito: “Este é o meu testamento”.

Rasgou o envelope e leu:

“Amo Rafael.

Só a ele amo no mundo.

Creemos na indestrutibilidade da força psíquica que nos anima; não acreditamos na ressurreição dos corpos: o corpo é pó e volta ao pó.

Espero reencontrar Rafael na existência que é a continuação desta depois da morte, e prosseguir juntos a nossa vida intelectual, feliz e amante; queria também que nossos corpos não fossem separados.

Com o meu bem-amado, na perspectiva da decomposição desses pobres corpos na horrível noite do túmulo, prefiro a incineração. Desejo que nossas cinzas sejam intimamente misturadas e reunidas na mesma urna.

Se eu morrer antes dele – o que peço a Deus todos os dias – rogo a Rafael que faça incinerar meu corpo, conservar minhas cinzas e ordene, por testamento, seja seu corpo também incinerado, conforme intenção a mim manifesta, e reunir suas cinzas às minhas, em íntima fusão, na mesma urna.

Se ele morrer antes de mim, encontrar-me-ão morta algumas horas depois. Sobreviver-lhe estaria acima das minhas forças. Seria então fácil, nesse caso, queimar-nos juntos e satisfazer minha vontade.

Escrito de meu próprio punho, em nosso paraíso terrestre, aos 2 de Novembro de 189...

Estela Dargilan.”

Naquele mesmo cofre, o doutor encontrou pequeno frasco cheio de um licor verde transparente, no qual reconheceu um dos venenos mais terríveis da farmacopéia.

“Pobre filha! – disse – quanto o amava! Que ternura e que sincera simplicidade! Nós, os homens, não sabemos amar assim. E ela teria feito conforme escreveu! Enfim, morreram unidos. Ela não o previu.”

Desde então o médico só se preocupou em executar as vontades tão nitidamente expressas por esse testamento. Passou a noite em claro, velando os dois corpos. Naquele triste silêncio apenas ouvia o embate das águas do lago ao pé da varanda. Relâmpagos longínquos lançavam, de vez em quando, um clarão súbito através das janelas, e surdos trovões já se faziam ouvir. Uma tempestade se aproximava, uma dessas terríveis tempestades das montanhas, cujas trovoadas rolavam com estrondo e repercutiam de eco em eco, sem fim, e que rapidamente transformam todos os riachos em torrentes impetuosas. Os clarões passaram a cintilantes. De repente, iluminaram com uma claridade violáceo-esbatida os dois semblantes pálidos, que pareciam, assim, espelhar a luz de um outro mundo. Um raio desgarrou-se das nuvens e se precipitou em faíscas fulgurantes, seguidas imediatamente por explosões formidáveis. Chuva diluviana caiu sobre o lago. Parecia que o mundo material opunha uma última vez suas forças cegas e violentas ao mundo intelectual, simbolizado na vida e no pensamento dos dois seres que ali dormiam.

Na manhã seguinte, já serenado o céu, o Sol brilhou em todo o esplendor por cima das montanhas. O médico se dispunha a tomar providências para amortilhar os cadáveres, quando bateram à porta.

Era o hoteleiro, acompanhado de dois homens, vestidos de preto, que haviam chegado ao mesmo tempo. Não queriam tomar a dianteira um do outro, e pareciam evitar-se mutuamente.

– Ambos os senhores podem entrar, disse, tanto mais que nada terei a pedir-lhes. Cada um dos senhores é o ministro de uma religião respeitável; mas, meus finados amigos não eram católicos nem protestantes. Não lhes tributaremos cerimônia religiosa alguma.

O padre católico retirou-se logo, sem responder uma só palavra. O pastor ficou.

– Compreendemos, disse, que não se seja católico. Entretanto, pode-se ser cristão. Jesus é a mais nobre figura da Humanidade. Nós não admitimos o culto das imagens, as cerimônias infantis, as superstições romanas. Mas não se pode orar a Deus?

– Aqui não é lugar de entabular discussões, replicou o doutor. As religiões que vieram representar, o padre e o senhor, se aproximam por um sentimento comum, por uma terceira doutrina, mais vasta, pela religião natural, pelo espiritualismo puro, que não reconhece culto algum. Foi a religião dos meus amigos, e devo respeitá-la. Certamente tereis por esses infortunados o mesmo respeito que eu, senhor pastor.

Este compreendeu inteiramente o pensamento do médico, e retirou-se por sua vez.

Os corpos dos dois amantes, sempre inseparáveis, foram envolvidos em uma só mortalha e colocados em um mesmo ataúde. Foi preparada uma barca para transportá-los à outra margem do lago, à estação da estrada de ferro, de onde o doutor resolvera conduzi-los a Zurich e onde poderiam ser cremados. Era o mesmo caminho que eles haviam tomado, tão alegremente, para vir, quinze dias antes. O trem em correspondência com o Expresso Oriental devia passar à meia-noite. Próximo de onze horas, a barca funerária se pôs em marcha. Dois remadores ocupavam cada lado, um bateleiro sentou-se ao leme, e o médico se manteve em pé, a frente descoberta, à cabeceira do ataúde, na parte posterior da embarcação; uma criança, na frente, empunhava uma lanterna.

Um simples pano preto recobria o esquife. O doutor o encimara com um escudo, trazendo, em fundo negro, duas grandes estrelas, talhadas em lâminas de um pedaço de sal da mina próxima, e que, pela alvura, parecia mármore de Paros. A barca avançava em silêncio sobre o lago solitário, iluminado unicamente pela luz avermelhada da lanterna e pela claridade resplandecente da Lua cheia, que se espalhava em mil palhetas sobre as facetas brancas das águas. Dir-se-ia ver deslizar uma estrela dupla de celeste brancura, precedida de um cometa avermelhado.

Os bateleiros remavam silenciosos, num movimento regular e monótono, não ousando elevar a voz, meditando sobre o inexorável poder da morte, que reinava por baixo deles, nas profundidades daquele lago, onde mais de um deles imergira de vez, e por cima, nas geleiras das montanhas, onde se encontra aqui e acolá grosseiras cruces de madeira plantadas em memória de

acidentes. Sobre esse lago sombrio, cujos limites eram marcados pela irregular e longínqua moldura das montanhas negras, a Natureza, calma e recolhida, parecia agora associada ao luto do fúnebre comboio. Nem uma voz se fazia ouvir, nem um canto de pássaro, nem um ruído de inseto, nenhum rumor, além do ritmo cadenciado dos remadores. Assim chegaram à outra margem. O trem saiu dos estreitos desfiladeiros da montanha e se deteve. Piedosamente e sem pronunciar uma palavra, os bateleiros depuseram o ataúde. Quando o comboio novamente se pôs em marcha na noite escura, o médico se perguntou a si próprio se não estaria sendo vítima de um espantoso pesadelo nesses últimos quatro dias.

Em Zurich, após a incineração, recolheu ele mesmo as cinzas de seus dois amigos, misturando-as intimamente, e as colocou em uma urna de prata. A vontade de Estela fora religiosamente cumprida.

Recordou-se do Observatório de Dargilan, da eminência dos montes pirenaicos, denominada seu “paraíso”, dos amenos passeios de tarde que fizeram juntos, da paisagem que preferiam ter diante deles, do pequeno bosque de árvores “estelares” plantado pelo “Solitário”, das horas deliciosas que haviam passado nesse jardim campestre e retirado. Piedosamente conduziu para lá a urna que continha as cinzas.

Um ancião, que parecia abismado em profunda mágoa, estava diante do médico no momento em que este chegou ao Observatório. Era o tio de Estela, o Conde de Noirmoutiers, que Bernardo não reconheceu de início. Ao saber a notícia da morte dos dois esposos, viera ignorando as minúcias da catástrofe. Não tornara a ver a sobrinha após a fuga de Paris; sua mulher recusara responder às cartas que Estela escrevera depois do casamento; ele, porém, nunca deixara de amar aquela criança louca, conforme lhe chamava, e de estimar Dargilan. Agora, vinha abraçar a urna que continha suas cinzas, e também obter do doutor um entendimento no sentido de assegurar a continuação e o desenvolvimento da obra fundada pelo astrônomo, com a renda do capital de três milhões, resultante dos juros acumulados durante uma década à fortuna que a jovem apaixonada abandonara.

Alguns dias depois, encerraram a urna funerária em um cubo de pedra e fizeram incrustar essa pedra em um orifício do rochedo.

Nenhuma inscrição foi gravada; apenas duas iniciais entrelaçadas eram visíveis. As árvores do amor cresceram; o carvalho, próximo do rochedo, tem hoje em dia ramas verdejantes; no seio daquela solidão, a Natureza reina soberana; o vento sopra na floresta; os pássaros cantam junto dos ninhos; o regato murmura; a Criação continua seu curso eterno; o Sol do meio-dia espalha raios tépidos coados pela folhagem e à noite a Lua clara vem acariciar ternamente com seus raios prateados esse pequenino recanto da Terra onde a vida de dois seres felizes escoou em tão perfeita felicidade.

XXXV

Eternidade – Infinito

O pó fica para a Terra. A alma volta para o céu.

No êxtase de um supremo abraço, enquanto a apoteose aérea iluminava a montanha e a Natureza inteira recebia, à passagem do meteoro, uma superexcitação elétrica que pareceu incendiá-la, os dois amantes sentiram-se morrer em um rápido aniquilamento. Mas, suas almas tinham sobrevivido e voado, transportadas, no Espaço, pelo cometa que, tendo apenas tocado o nosso globo, de leve, continuava sua carreira celeste para as constelações. Quais dois pássaros pairando acima dos cumes, e mais intimamente aproximados ainda, enlaçados em um par inseparável, pareciam dormir sonhar, estendido sobre a nuvem deslumbrante que subia para o céu sideral. Rafael foi o primeiro a despertar, e reparou que levava Estela em seus braços. Tinham um corpo semelhante ao corpo terrestre, porém imponderável, substância elétrica, corpo fluídico astral, ao qual o Espírito está ligado e que, durante a vida terrestre, serve de união entre o Espírito puro e o organismo material.

Estela despertou sorridente na aurora que a envolvia, inconsciente da transformação por que acabavam de passar. Nenhum deles soube, aliás, que um cometa os conduzia. Da mesma forma que, na barquinha do aeróstato, viajamos com a velocidade ao vento, sentindo-nos absolutamente imóveis, assim a velocidade do seu vôo celeste continuava desconhecida para eles, que se julgavam voluptuosamente deitados na imobilidade de um sonho eterno.

O astro cometário, cuja cauda havia pouco envolvera a Terra, afastava-se rapidamente do nosso globo e se dirigia para o nosso vizinho, o planeta Marte. Aconteceu que, pela combinação de movimentos celestes, o astro vaporoso rodeou Marte, tal qual cercara a Terra, e foi com grande surpresa que os dois amantes viram aproximar-se deles um mundo que não era o nosso: vastas planícies avermelhadas, grandes linhas de verduras, inumeráveis

canais, habitações aéreas, seres leves – voando nos ares. Sentiram-se descer ali muito suavemente, quais essas estrelas errantes, que, às vezes, parecem tão lentas, e deslizam, deixando na atmosfera um fumo luminoso, quase imóvel.

O corpo astral tem a propriedade, em certos mundos, de condensar os fluidos da atmosfera e constituir com eles novos corpos orgânicos. Uma das vantagens desta faculdade é a de não obrigar os seres a nascerem crianças num seio de mãe. Nasce-se, não criança, e sim em plena adolescência. É lá que vivem atualmente Rafael e Estela. Primeira etapa depois da Terra, Marte lhes deu uma deliciosa moradia. É um mundo pouco diferente, porém mais avançado no progresso, e de residência bem mais agradável do que o nosso, porque não está submetido às intempéries, às tempestades, às revoluções atmosféricas que agitam perpetuamente a Terra e nos distribuem tão violentos contrastes de climas e de estações. O ar é quase sempre puro e sem nuvens; a atmosfera, nutritiva. Ali não se come, não se mata. Os dias e as noites se sucedem tal qual aqui, mas os ciclos anuais decorrem quase duas vezes mais lentamente, e as condições gerais da vida são mais suaves e mais generosas.

Às vezes, ambos contemplam de lá o nosso planeta, brilhante estrela da noite, seguindo lentamente no céu o Sol após o ocaso. Lembram-se de aqui haver vivido, porém não lamentam a partida. Seus corpos terrestres eram roupagens que abandonaram. Sentem, sabem que a vida é eterna e que os mundos são as etapas dessa existência sem fim, cuja transformação é infinita quanto a própria eternidade.

De lá também, reconhecem Vega, sua brilhante estrela, e pressentem que um dia viverão juntos, longamente, em um paraíso mais perfeito ainda. Vega é para eles o símbolo da felicidade eterna.

Há verdades superiores à Terra; há sentimentos superiores à vida. A felicidade de contemplar o Universo, de estudar a Natureza, é sentida nos outros mundos no mesmo grau do nosso, e a Ciência reina lá quanto aqui. O Amor, vitorioso da Morte, se perpetua nas existências sucessivas, e continua a brilhar além da

Terra, numa luz inextinguível. A vida terrestre passa qual sombra.

As religiões responderam às aspirações das nossas almas, cada uma segundo sua época e com a sua ignorância. Nascidas e desenvolvidas antes da descoberta da verdade astronômica, da imensidade dos céus, da insignificância do nosso planeta, elas acreditaram que a Terra e o homem eram o centro e o fim da Criação, e foram edificadas sobre esse erro fundamental. Elas só puderam preparar a verdadeira religião, que será mais elevada, mais ampla, mais pura do que os velhos sistemas, e em perfeito acordo com a Ciência e a Razão.

Jesus foi um precursor. Se ele tivesse vindo a este mundo depois de Copérnico e Galileu, talvez nos tivesse verdadeiramente aberto o Céu. À medida que o saber aumentar sobre o nosso planeta, a Religião se esclarecerá e desenvolverá. Grandes Espíritos surgirão no futuro para o progresso da Humanidade. Só há uma verdade: a verdade astronômica, a realidade universal dos mundos e dos seres. A religião do porvir será a religião da Ciência; reunirão em seu seio todos os seres pensantes; serão a mesma sobre a Terra, sobre Marte e todos os mundos habitados.

Rafael e Estela sabem-no hoje.

FIM

Notas:

¹ Os que conheceram Ferd. Hoefler, o eremita da floresta de Senart, poderão talvez reconstituir em parte a personagem de quem se trata aqui.

² Eis a *brejeirice*, em francês:

Bien que je sois austère,
J'apporte un soin jaloux,
Je le dis sans mystère
Aux choix de mes dessous.

Si l'on fait une chute
Et qu'on ait à rougir,
Avoir des d'essous très pschutte
Ça fait toujours plaisir!

³ Dois versos *futuristas*, intraduzíveis, pois dizem, num esforço de tradução:

Um ignorado vale de virgens situado
entristece, predestinado! a estação sem mudanças.

(Nota do tradutor.)

⁴ Esse disparate, rimado em francês, é praticamente intraduzível e dá, no ingrato metro de oito sílabas, mais ou menos o seguinte:

Introduzir-me em tua história
É para herói algo assustado
Que o calcanhar tenha tocado
Alguma letra de terreno.

Contra geleiras atentar
Não sei, se bem que tal pecado
Não deves ter embaraçado
De rir bem alto na vitória.

Diz se não sou um divertido,
Trovões, rubis em gema d'ovo
A ver no ar que o fogo fura

Com seus impérios esparsos
Qual morre em púrpura na roda
A vesperal dos meus transportes.

(Nota do tradutor.)